BAILADOS

HOMENAGEM AO DIA DO TRABALHO - 1 DE MAIO DE 1954

Sábado, dia 1° de Maio, às 16 horas

CONCERTO E ESPETÁCULO DE BAILADOS

HOMENAGEM AO DIA DO TRABALHO

OFERECIDO PELA SECRETARIA GERAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA, EM CUMPRIMENTO À DETERMINAÇÃO DO EXMO SNR PREFEITO DO DISTRITO FEDERAL

PROGRAMA

1ª Parte

1°	— Sinfonia do GUARANI	Carlos Gomes
2°	— Canto de Outono	Francisco Braga
3°	— a) Serenata	Henrique Oswaldo
	b) Elegia	
4°	— Prometheu — Poema Sinfonico	Leopoldo Miguez
5°	— Alvorada	Carlos Gomes

REGENTE: **HENRIQUE SPEDINI**

2ª Parte

1°	— Lago dos Cisnes	Tchaikowisky
2°	— Batuque	Alberto Nepomuceno

REGENTE: **MARTINEZ GRAU**

DIREÇÃO COREOGRÁFICA DE TATIANA LESKOVA

ORQUESTRA E CORPO DE BAILE DO TEATRO MUNICIPAL

LAGO DOS CISNES

(Poema Coreográfico em 1 ato)

Música de P. TCHAIKOWSKI — Coreografia de PETIPA e IVANOFF — Cenário de MARIO CONDE

PERSONAGENS:

Rainha dos Cisnes:	TAMARA CAPELLER.
Principe Ziegfrid:...	JOHNNY FRANKLIN.
Amigo do Principe:	DAVID DUPRE.
Feiticeiro:	REGINALDO VAZ.
Cisnes:	JOSEMARY BRANTES — INEZ LITOWSKI.
Outros Cisnes:	Marlene BARROSO — Yoni BELLINE — Thais BELLINE — Sima CHADRINA — Gloria COELHO — Oneide CRAVEIRO — Dicléa FERREIRA — Ezi GARRO — Marcia HAYDEE — Zeni LACERDA — Shirley MENEZES — Helba NOGUEIRA — Estella REIGAS — Antonio BARROS — Geraldo CAVALCANTI — Yamuna KIRTI —
Caçadôres:	Antonio BARROS — Geraldo CAVALCANTI — Yamuna KIRTI — Pitagoras LOPES — Renato MAGALHÃES — Jonas SANTOS.
Pas de quatre:	SIMA CHHADRINA — GLORIA COELHO — ONEIDE CRAVEIRO — ARLETTE SARAIVA.

Foi a primeira composição para bailado de Tchaikowski e, segundo sua própria confissão, para ganhar dinheiro e também porque há muito desejava escrever algo para ballet. A coreografia procede Marius Petipa e seu primeiro colaborador LEV IVANOFF. Foi representada pela primeira vez em St. Pettersburgo em 1876, sem grande exito, até que vinte anos mais tarde voltou a obter grande sucesso.

Argumento: Famoso principe, em companhia de amigos, vai à caça de cisnes no lago da Floresta. Só por instante, aparece-lhe a Rainha dos Cisnes, lindissima jovem que perverso feiticeiro transformára em ave donairosa e que só à noite readquiria a sua personalidade. Implora proteção para ela e outros cisnes expostos às flexas assassinas do caçadôr. Enamorado da jovem, convida-a o principe a fugir da floresta, mas, o feiticeiro surge e faz desaparecer a jovem. Nada podendo contra o sortilegio, ele se desespéra e cai morto.

BATUQUE

Música de A. NEPOMUCENO — Coreografia de YUCO LINDBERG.

Com: EZY GARRO — SEBASTIAN ARAUJO.

ZENI LACERDA — PITAGORAS LOPES — LAURO SILVA — DENNIS GRAY. Marlene BARROSO — Yoni BELLINE — Thais BELLINE — Sima CHADRINA — Gloria COELHO — Oneide CRAVEIRO — Dicléa FERREIRA — Shirley MENEZES — Yvonne MEYER — Helba NOGUEIRA — Estella REIGAS — Elbha WILL — Raul SOARES — Aldo LOTUFO — Jonas SANTOS — Reginaldo VAZ.





LAGO DOS CISNES

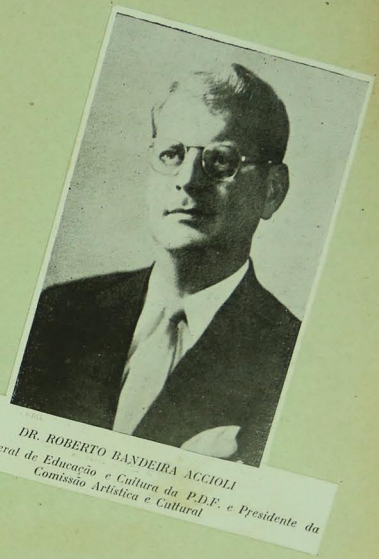


ARTHUR FERREIRA - M.ANGÉLICA



S. EXA. O SR. CORONEL DULCIDIO DO ESPIRITO SANTO CARDOSO
Prefeito do Distrito Federal





DR. ROBERTO BANDEIRA ACCIOLI
Secretário Geral de Educação e Cultura da P.D.F. e Presidente da Comissão Artística e Cultural

COMISSÃO ARTÍSTICA E CULTURAL

PRESIDENTE

Professor Roberto Bandeira Accioli
Secretário Geral de Educação e Cultura

VICE-PRESIDENTE

Doutor Rubens de Araújo
Diretor do Departamento de Educação de Adultos

SECRETÁRIO GERAL

Doutor Edmundo Barreto Pinto
Chefe do Serviço de Teatros e Diversões

MEMBROS

Eurico Nogueira França
Tomás Santa Rosa Júnior
Carmen Gomes
Maria Magdala da Gama Oliveira
Murilo Miranda
Francisco José Freire Júnior



Marjorie Tallchieff



Serge Golovine

"GRAND BALLET du MARQUIS DE CUEVAS"

Diretor Geral: MARQUIS DE CUEVAS

com

ROSELLA HIGHTOWER — GEORGE SKIBINE
MARJORIE TALLCHIEF — SERGE GOLOVINE
WLADIMIR SKOURATOFF — JACQUELINE MOREAU
DENISE BOURGEOIS — LUTYS DE LUZ

Os Artistas do "Grand Ballet" por ordem alfabética

MAUREEN ANDREWS — MONIQUE BERNACHOVA — ARLETTE CASTANIER — BEATRIZ CONSUELO — NICOLE DEHAYS — ANNA-MARIA DRISI — SOLANGE GOLOVINA — TANIA KARINA — ANDREA KARLSEN MARTINE LAURENCE — ANDREE LELIEVRE — OLGA MAKCHEEVA — BEATRICE MOSENA — TATIANA OUSPENSKA — JEAN QUICK VIRGINIA RONCAL — LILIANE VAN DER VELDE

RICHARD ADAMA — WLADIMIR ARAPOFF — GEORGE GOLOVINE — LEON GRIEG — JOSE LOBAO — VERNON LUSBY — PAUL MAURE — MICHEL NUNES — INDA PARDINA — LEON DE PIAN — MICHEL REZNIKOFF — OLEG SABLINE — DANIEL SEILLIER — DON SPOTTSWOOD

CHRIS VOLKOFF
Maître de Ballet

ANDRÉ GIRARD
Directeur de la Musique

MICHEL KATCHAROFF
Répétiteur du Ballet

SONIA STEIN
Pianiste



André Girard



Michel Reznikoff



Wladimir Skouratoff



Jacqueline Moreau



Tania Karina



Daniel Seillier



Denise Bourgeois



Oleg Sabline



ROSELLA HIGHTOWER



MARQUIS GEORGE DE CUEVAS



GEORGE SKIBINE



Andrea Karlsen



Solange Golovina

PRIMEIRA RÉCITA DE ASSINATURA

16 DE JUNHO DE 1954

"GRAND BALLET DU MARQUIS DE CUEVAS"

QUARTA-FEIRA, 16 DE JUNHO DE 1954, AS 21 HORAS

1ª RECITA DE ASSINATURA

PROGRAMA

I — "CONCERTO BARROCO"

Música de J. S. BACH — Coreografia de GEORGE BALANCHINE
Vestiário de KARINSKA

Concerto de J. S. BACH em RE' MENOR para 2 Violinos
Solistas: EDMUNDO BLOIS e SALVADOR PIERSANTI

Jacqueline MOREAU — Tania KARINA — Richard ADAMA
Karlsen, Macheeva, Golovina, Mosena, Andrews, Laurence, Drisi, Van de Velde

II — "IDILIO"

Libreto, cenários e vestiário de Alwyne CAMBLE — Música de François SERRETTE — Coreografia de George SKIBINE

Poldra Branca, Cavalo Negro
Amar-se num prado ternamente.
Cavalo de Circo aparece
Envergando traje de gala.
Poldra Branca e seduzida
Mas o efemero deslumbramento
Desvanece-se numa noite.
Poldra Branca
Arrependida
Para junto de seu amor
Retorna ao amanhecer.

Ela	Marjorie TALLCHIEF
O outro	George SKIBINE
Ele	Wladimir SKOURATOFF

III — "A SILFIDE"

Ballet romantico em dois atos e três quadro — Argumento e coreografia segundo Bournonville — Adaptação de Harald Lander — Música de Herman LOEVENSKIOLD — Telão, cenários e vestiário de Bernard DAYDE — «Mise-en-scène» de Harald LANDER.

Por autorização especial de Maurice LEHMAN, Administrador Geral da Junta de Teatros Liricos Nacionais da França

Num castelo da Escóssia, prepara-se o casamento de James e Effie. Entretanto, James está apaixonado por uma Silfide, que tambem o ama e se mostra constantemente a êle. Durante a festa em comemoração ao noivado, James escapa para a floresta, à procura de sua Silfide. Encontra-a e o par de namorados vive um belo sonho, enquanto todas as Silfides dançam ao seu redor. Porém a feiticeira Magda, a quem James ofendera por tê-la expulsado diante detodo o mundo, vinga-se agora cruelmente. Lança sôbre as espáduas da Silfide uma tela mágica, que faz caírem-lhe as azas. Assim morre ela, nos braços do namorado, e em seguida suas irmãs levm-lhe o corpo.

A Silfide	ROSELLA HIGHTOWER
James	SERGE GOLOVINE
Anna (sua mãe)	Tania Ouspenska
Effie (sua noiva)	DENISE BOURGEOIS
Magda (a bruxa)	Beatrice Mosena
Gurn	Wladimir Arapoff
Os dois amigos	Richard Adama e George Golovine
A pequena ingenua	Mónica Bernachova

PRIMEIRA ATO

ENTRADA E DANÇA ESCOCEZA

As duas criadas	Senhoritas: Van de Velde e Jedlinska
As jovens	Senhoritas: Andrews, Lelievre, Castanier, Consuelo, Dehays, Drisi, Laurence, Makcheeva, Quink, Roncal.
Os rapazes	senhores: Richard Adama, George Golovine, Daniel Seillier, Paul Maure y de Pian, Grieg, Lobao, Nunes, Pardina Lusby.

VARIAÇÕES

1. RICHARD ADAMA — 2. SERGE GOLOVINE

SEGUNDO ATO

As bruxas	Daniel Seillier y Grieg, Nunes, Pardina
As Silfides	Andrea Karlsen, Tania Karina, Solange Golovine e senhoritas: Andrews, Bernachova, Castanier, Consuelo, Dahys, Drisi, Laurence, Lelievre, Makcheeva, Quink, Roncal, Van de Velde.

VARIAÇÕES ANDREA KARLSEN



CONCERTO BARROCO







LA SILFIDE





CONCERTO BARROCO



IDILIO



TEATRO MUNICIPAL — "GRAND BALLET DU MARQUES DE CUEVAS"

O Marquês de Cuevas foi adotado por Paris. Apesar de sul-americano de origem, chilena e escandinavia (é chileno), a sua projeção nos meios artísticos internacionais é notória. Mais do que isso, em exercício, as suas grandemente vistosas, mercê das atitudes caprichosas, como é de todos sabido.

Discutidíssimo, é forçoso convir em que é, entretanto, indiscutível o seu merecimento como criador e mantenedor deste "Ballet", gênero de organização normalmente deficitária, sempre sob a direção difícil, dado o feitio psicológico especial dos profissionais de ballet, como, enfim, dos artistas em geral, os quais vivem sôbre a sua corda bamba e sempre multidanosa sensibilidade. Sensível como os seus artistas, o Marquês de Cuevas consegue o equilíbrio indispensável à eficiência. Num mundo em que a Arte figura com simples superestrutura, em que as grandes orquestras sinfônicas, os grandes corais e o ballet são um luxo muito louvável a corajosa determinação do Marquês de Cuevas de insuflar vida num dêsses delicados organismos, floração de espírito e de beleza, que justificam e ornam a Civilização.

Perante uma sala de alta expressão mundana e social, focorrido o veiário para uma primeira apresentação da companhia, ante-ontem, no Municipal, em 1ª récita de assinatura.

Dois solistas (prefs. Edmundo Blois e Salvador Piersanti), acompanhados pela orquestra, deram início ao Concerto em Re menor para dois violinos, de Bach. Der figuras femininas, duas das quais solistas, e um bailarino. Vestiário sóbrio, de Karinska. A coreografia de mestre Balanchine, estritamente musical. Gesto nenhum, do qual não testemunhas de várias soluções felizes. A linguagem de Bach, a mais alta expressão do barroco em música, sugere, à sua simples menção, uma nobreza sem rigidez, equilíbrio sem frieza, imensa variedade sem inquietação. A coreografia de Balanchine é variada, e entretanto dá impressão de monotonia. A severidade e antes separate, quebrada por "sobressaltos" um pouco pueris e por uma excessiva preocupação de "efeitos" de movimentos de mãos finas, até mesmo duma elegância que beira o rococó, mais adequado a Mozart do que a Bach. Delicados motivos periódicos, muito expressivos, não conseguiram dar interêsse maior a um conjunto de tanta mônoto. nia. "Ballet", libreto, cenários e vestiário de Cambie, coreografia de George Skibin. Personagens: uma Poldra Branca, um Cavalo Negro, um Cavalo de Circo. A idéia primeira que dá em arte a intervenção de um cavalo é inevitavelmente excessiva. Só com esforço nos lembramos dos maravilhosos cavalos dos frisos do Partenon, de Atenas; os antigos da basílica de São Marcos, de Veneza; os de Chichy, elegantíssimos, na Avenida dos Campos Elíseos, de Paris. Esses títulos de nobreza não impedem o choque de pudor estético, exceto quando a intenção é deliberadamente humorística ou característica. Os bailados americanos de todos os dias nos têm habituado a êsse feitio, a seu modo, de vaudeville. Desta vez, porém, os cavalos são o essencial. Resultado: uma idealização que pode parecer forçada, de tão humanizada. Quando atribuímos a gestos, atitudes, sentimentos cavalares, fazemo-lo para insultá-los. Entretanto, os cavalos são apenas animais, e não homens cuja animalidade põe-nos basáxo dêstes. Não se pode comparar dois animais. Será justo não comparar os cavalos a tantos homens para os quais a comparação parece cabível. Sobretudo por que, plástica e dinamicamente os cavalos são um deleite, ou os aristocratas dos hipodromos, são de uma perfeita beleza e elegância. Lembro-me bem dêsse, dos primeiros coloridos, que focalizava cavalos soltos. A larga e expressiva musicalidade dos movimentos era mais do que evidente. Alegre Cambie também um idílio de cavalos. A coreografia do nosso conhecido Georges Skibin vem trazer-lhe justificação. O enredo é tão humano que devem fazer parte, de certo, inteligentes corsas-feiras, das bizarrias mais elementares da natureza humana. A Poldra Branca e o Cavalo Negro amam-se. Um desalumbrante Cavalo de Circo, ricamente adornado, tenta a Poldra. Resistência. Esta arrebatada a uma impetuosa carreira os adornos brilhantes do Cavalo de Circo. Verifica-se, então, que eram elas que atraíam a Poldra, como um Cadillac ou um ídolo. Resultados: o Cavalo Negro desespera e o Cavalo Negro. O desempenho foi excelente. O próprio coreógrafo, Skibin, e Wladimir Skoutzoff detalharam finamente a larguesa despachada e flexível de movimentos, as extremecimentos musculares típicos de espécies eqüinas, com discreção, afastados de qualquer ridículo pela evidente ironia da imitação. A bailarina Marjorie Tallchief houve-se com graça e sobriedade, despertando os primeiros aplausos bem marcados da noite com a sua agilidade.

O mais importante número do programa era "A Silfide". Trata-se, não do eterno "As Silfides", de Fokin, com música de Chopin, mas de outro, um dos poucos bailados românticos, criado em 1832. Inspirado num conto de Charles Nodier, com música de Schneitzhoefer, e coreografia de Philipe Taglioni, teve na célebre Maria Taglioni a sua sensacional protagonista. O que ainda existimos agora, é uma adaptação de Harald Lander, com música de Herman Loevenskjold. Cenário escocês típico, grandemente expressivo, no estilo. Um moinho, nas vésperas de ser destruído e reduzido por uma silfide, que por fim o arrebata, até que, perdidas as asas desta, em consequência de vingança de uma feiticeira, morre nos prestigiosos braços de seu bem-amado. Evidentemente nascida dessa "A Silfide", pois além dessa evidência, há o fato de Taglioni, autor do estudo de Giselle, ter estudado e estudiarmado pela "A Silfide", ascendente, assim, de numerosos bailados românticos, inclusive "As Silfides". "O Lago do Cisne", "As bôdas de Aurora", etc. O desempenho harmonioso de Rosella Hightower, a eminente artista que criara, para nós, a estupenda "Inês de Castro", com a sua nobreza e autoridade, a sobriedade de posturas, e seu bom gosto, Rosella Hightower encontrou em Serge Golovin um parceiro notável. Golovin dominou uma técnica leve, sem insistência, a serviço de atuação chispante de espírito juvenil. Com Richard Adams, dançou apaixonadamente vaporosa, ainda que já se impusesse à nossa platéia, dançou apaixonadas variações no final do 1º ato. No 2º ato, as variações estiveram a cargo de Andrée Rachel e transcorreram entre muitos aplausos. O 1º ato é, sem dúvida, o mais substancioso e variado. Tania Bourgenieva, no papel na dança da Mãe; a grotesca Nina Gueorguenska, no papel da camponesa sem atrativos, como a Bruxa; Wladimir Arapoff, o pretendente infeliz; e Maria Bernachova, foram elementos eficientes de valorização do bailado. O corpo de baile, discreto não deu decisivas provas de sua qualidades de conjunto. Como no bailado "Concerto Barroco", certas vacilações e inseguranças pareceram fruto do cansaço da viagem recentíssima. A música, de Herman Loevenskjold, bastante dissonante, é insignificante. O mesmo não acontece com a de "Idílio", tirada de trechos de ópera, com instrumentação para banda; no caso, entretanto, orquestra. A boa apresentação cênica não conseguiu vencer certo enfado originado nos outros fatores. A orquestra do Municipal, sob a direção de André Girard, contribuiu eficazmente para o que houve em brilho, nesta estréia da famosa companhia de Marquês de Cuevas, na atual temporada.

O. REVILACQUA

A COMPANHIA DE BAILADOS DO MARQUÊS DE CUEVAS

O público de bailados é, entre nós, o mais vibrante, o mais apaixonado das atividades para os espetáculos noturnos estando do corrente, de todas, a estréia do Grand Ballet du Marquis de Cuevas se realizou com o Teatro Municipal sua grand completo, não faltando, nos corredores e no «foyer», o desfile de lindíssimas toilettes.

Aberto o pano, achava-se no palco um grupo de bailarinas, envergando malhas com pequeninas túnicas. O fundo era formado por cortinas.

A música de Bach é de caráter que não admite seja seu ritmo aproveitado para danças. No caso, o que vimos em cena foi mais eginástica ritmadas, dando a impressão do que se praticam nos estádios, para adestrar o corpo. A interpretação do «Concerto em ré menor», de J. S. Bach para dois violinos, pareceu-nos inteiramente afastada da coreografia de Balanchine. Número bastante longo, não obstante, prendeu a atenção pelo especialmente na harmonia dos movimentos, redundou em falta de unificação, tornando-se monótono e fatigante, mesmo para os apreciadores da ferocia do bailado.

Seguiu-se «Idílio», com música de François Serrette e coreografia de Skibine. A curiosidade vinha sendo despertada

Seguiu-se «Idílio», com música de François Serrette e coreografia de Skibine. A curiosidade vinha sendo despertada com várias notas publicadas em jornais e revistas, dando a impressão de que se praticava nos ensaios uma potrinha, em sugestão — segundo nos informaram — da eterna história de Pierrot, Arlequim e Colombina... A idéia, porém, não nos pareceu feliz, principalmente em sua efiguração. As roupanas e as guarnições de cabeça, de Alwyne Cambie — responsável igualmente pelo libreto e os cenários — davam bem mais a impressão de pés inchados, vestidos mesmo quando o cavalo de circos a plumagem vermelha, parecendo a cristã. A coreografia fis é inexpressiva, e raríssimas atitudes dos bailarinos fazem lembrar os movimentos característicos dos quadrúpedes que deram motivo ao bailado. A música de François Serrette não é de teor a verdar sugerir. A música de François Serrette não é de teor a verdar sugerir. Foram interpretes desse bailado, merecer comentário especial. Foram interpretes desse bailado, merecer comentário especial. Foram interpretes desse bailado, Marjorie Tallchief e Skibine, outros, Skouratoff «Elle»,

SEGUNDA RÉCITA DE ASSINATURA

18 DE JUNHO DE 1954

SEXTA-FEIRA, 18 DE JUNHO DE 1954, ÀS 21 HORAS
SEGUNDA RÉCITA DE ASSINATURA

PROGRAMA

I — "A PRINCESA AURORA"

Música de TCHAIKOWSKY — Coreografia de Bronislava NIJINSKA, segundo PETIPA — Trajes confeccionados por KARINSKA

A Princesa Aurora ..... MARJORIE TALLCHIEF
O Principe Encantador ..... GEORGE SKIBINE
Majordomo DON SPOTTSWOOD

POLONESA E «PAS-DE-SEPT»

Tania Karina, Solange Golovina, Beatrice Mosena, Martine Laurence, Andrea Karlsen, Anna-Maria Drisi, Van de Velde, Quick, Castanier, Ouspenska, Richard Adama, Leon de Pian, Michel Nunes, Michel Reznikoff, Paul Maure, George Golovine, Pardina, Arapoff, Grieg.

VARIAÇÕES

Tania Karina — Andrea Karlsen — Marjorie Tallchief
CHAPEUZINHO VERMELHO
Olga Makcheeva e Leon de Pian
PASSARO AZUL
SOLANGE GOLOVINA e SERGE GOLOVINE
CHINESES
Beatriz Consulco, Virginia Roncal, Richard Adama
OS TRÊS IVANS
Daniel Seillier, Wladimir Arapoff, Inda Pardina (Coreografia de Bronislava Nijinska)
«GRAND PAS-DE-DEUX»
MARJORIE TALLCHIEF e GEORGE SKIBINE
FINAL — TODA A COMPANHIA

II — "ANNABEL LEE"

«Ballet» e coreografia de George SKIBINE
Baseado em um poema de Edgard ALLAN POE
Música de Byron SCHIFFMAN
Cenários e trajes de André DELFAU

Com MARJORIE TALLCHIEF, GEORGE SKIBINE, Richard Adama, Michel Nunes, León Grieg
Melodia interpretada por HELIO PAIVA

III — "GRAND PAS-DE-DEUX CLASSIQUE"

Música de AUBER — Coreografia de Victor GOZOVSKY
Trajes de Armand DUBLANC
Com JACQUELINE MOREAU — WLADIMIR SKOURATOFF

IV — "ISCAS DE LUZ"

«Ballet» em três quadros de Philippe HERIAT, da Academia Goncourt
Música de Jean-Michel DAMASE — Cenários e telão de Felix LABISSE
Traje e accessórios de André LEVASSEUR, confeccionados por KARINSKA
As mascaras das mariposas foram ideadas pela Sra. Maria MOLOTKOFF
Coreografia e «mise-en-scene» de John TARAS

Às vezes, sentenciados evandidos das prisões conseguem embrenhar-se na floresta virgem. Aí, organizam pequenas «repúblicas» sem esprança de retornar à civilização, onde os espera o rigor da lei. Para subsistir, comerciam com os povoados mais próximos, trocando alimentos e outras utilidades pelo produto de suas caças: despojos de serpentes, de largatos, de pássaros, de borboletas exóticas. O tema do bailado inspira-se nessa existência à margem do mundo; a cena é passada em um desses campos de sentenciados.

Um jovem presidiário junta-se a um grupo de foragidos. Desce a noite, e lançam-se as armadilhas luminosas para atrair as mariposas crepusculares, que acorrem, das mais variadas especies, vindas da floresta. A mais ligeira, um Ifias, e a mais bela, uma Morfida, retardam-se juntos. Mas o próprio amor é impotente para desviá-los da mortal atração da luz. Começa o massacre, em tôrno das iscas de luz lançadas pelos presidiários. O jovem recém-chegado consegue apoderar-se da Morfida. Para salvá-la, o Ifias sacrifica-se. A bela mariposa escapa veloz, e o jovem caçados apenas retem nas mãos o polem de suas azas, que o torna semelhante aos insentos volantes.

NO CAMPO DOS PRESIDIÁRIOS

Os cincos caçadores de mariposas: Paul Maure, Leon Grieg, Michel Nunes Leon de Pian, George Golovine

O observador ..... Daniel Seillier
O presidiário terceiro ..... Paul Maure
O chefe dos presidiários ..... Don Spottswood
O jovem presidiário ..... WLADIMIR SKOURATOFF
Os demais presidiários ..... Inda Pardina, Vernon Lusby, Wladimir Arapoff, José Lobao

NA SELVA

Os Ios, as Etereas, as Morfidas, etc. — Corpo de Baile
Os quatro Hepiais ..... Solange Golovina, Olga Makcheeva, Monique Bernachova, Andrée Lelievre
O Ifias ..... SERGE GOLOVINE
A Grande Morfida ..... ROSELLA HIGHTOWER

TERCEIRO QUADRO
TODA A COMPANHIA



ISCAS DE LUZ



ANNABEL LEE









A PRINCESA AURORA





MUSICA

Ayres de Andrade

TEMPORADA DE BAILADOS — 2.ª RECITA

D/ 26

Ao abordar a segunda récita desta estréia, a crítica da companhia verificou-se na segunda récita de assinatura. A primeira, a estréia oficial, foi apenas para constar. Na segunda é que o Ballet do Marquês de Cuevas iria revelar a sua fisionomia real, afirmando as suas verdadeiras possibilidades artísticas. O resultado não se fez esperar. O espetáculo constituiu um autentico sucesso. O programa superou nitidamente o da primeira récita, no seu conteúdo e na sua realização. Antecipando a primeira novidade da noite, "A Princesa Aurora", com sua coreografia original (de Petipa) retocada por Nijinsky, tinha todos elementos de imediata sugestão no apuro da indumentaria e no tratamento dispensado ao cenario, com seus panejamentos sintéticos, feitos em harmoniosos coloridos, substituindo o hediondo interior de papel pintado, onde se costuma fazer evoluir os personagens dessa obra tradicional do repertorio coreografico. O desempenho apresentou um episodio de superior significado artistico-o "pas-de-deux" de Marjorie Tallchief e George Skibine. A distinção da estilo e a fina acabamento da técnicas sofisticados pelas manifestações de uma permanente vibração emocional, fazem de Marjorie Tallchief uma bailarina de personalidade atraente e inconfundivel. E' um elemento que não se deixa superar por nenhum outro da companhia. Quanto a George Skibine a sua qualidade com que pratica a dança de escola em todas as suas particularidades acusa uma técnica evoluida da qual ele se serve com inteligencia e demonstra um senso seguro de linha corporal.

Na realidade, sob certos aspectos, ele ultrapassam um trabalho notavel. Dificilmente se terá observado naquele coreografia de Petipa tanta segurança e uma tão exata coordenação de ritmos e movimentos. Os interpretes dos demais numeros que formam o longo quadro mantiveram-se num elevado plano de eficiente colaboração. A nossa Beatriz Consuelo, ex-primeira bailarina do corpo de baile do Municipal, foi efusivamente festejada como participante do episodio mais importante. Somente, o episodio é insignificante.

A primeira novidade da noite foi "Annabel Lee", ballet e coreografia de George Skibine, baseado em um poema de Byron Gerard Schiffman, cenario e trajes de André Delfau. A atitude mesma do bailarino-coreografo em face da obra inspirada por Edgar Poe, revelando-se grande interprete, já depreciou o valor de seu trabalho. Tendo como elemento principal a dificuldade forma, ambos se tornaram alvo de justa admiração. Wladimir Skouratoff, "o jovem premiado" no concurso de Lausanne, é o grande mariposa que lhe cseaps, deixando-lhe apenas o polem de suas asas, nas mãos. Diversos elementos do conjunto apresentam como presidiários e inestos, em colaboração eficiente. Os cenários estiveram lindos e a música bastante sugestiva.

Antes desse número, Jacqueline Moreau e Wladimir Skouratoff conquistaram os aplausos dos apreciadores do gênero, no "Grand pas-de-deux classique" com coreografia de Coszovsky, com música de Adam. Foi que a Orquestra Municipal com tão firmada tradição, se venha apresentando sem o devido preparo e desafinada, especialmente no setor dos instrumentos de sôpro.

O maestro André Girard tem empunhado a batuta.

R. B.

A 2.ª récita de assinatura no Municipal

O 2.º espetáculo da companhia organizada pelo Marquês de Cuevas, na temporada em transcurso no Municipal, apresentou melhor nível que o primeiro, onde, a não ser a parte central, as duas externas foram relativamente frageis de significação, embora por bailarinos de "performance" sempre consideravel. Já o 2.º programa teve maior interesse. Iniciado com "A Princesa Aurora", já conhecida coreografia de Nijinsky, segundo Petipa, com designação "Bodas de Aurora" (porque a mudança?), graças à sua composição, uma larga margem para bons conjuntos e numerosos "divertissements", pôs em destaque valorosas figuras que a companhia traz, se não na totalidade, em grande maioria, a ponto de ser inutil estar a citar cada uma, de per si. Sem dúvida, no caso, o "Grand Pas-de-Deux", antes do conjunto final, com Marjorie Tallchief e George Skibine, foi o número mais sensacional, porque sensacional é, de fato, a virtuosidade de Marjorie, tão bem amparada por Skibine. Como uma das chinesas figurou a nossa Beatriz Consuelo, que, entretanto, aí, não teve margem para que, em devido destaque, pudesse a nossa platéia matar saudades de suas últimas atuações.

A 2.ª parte, com "Annabel Lee" baseado no poema de Poe, tem na música de Byron Schiffman um elemento util de colaboração, ainda acentuada na melodia cantada, com expressivo êxito e boa voz por Helio Paiva. E' concebida a coreografia já em caminho para a simbolismo estonteante e que estamos habituados no "ballet" quando de intenções marcadas de teatro. No caso, contudo, bem "ballet" ainda e de "intenções" claras. O mesmo par, Tallchief-Skibine, manteve o alto nível de execução nas figuras principais.

O "Grand Pas-de-Deux Classique", música de Saber, com Jacqueline Moreau e Wladimir Skouratoff, foi o que costuma ser esta classica composição coreográfica, "sonata" dos bailarinos, com par de primeira linha. Número sempre agradavel e de sucesso.

"Iscas de luz", a 4.ª parte do programa, e última, esta, foi bem do tal simbolismo a que me referi, quando detalhes da ação exigem circunstanciada explicação no programa impresso para poderem ser bem entendidos. Fagundes Instalação magnificamente em plena natureza, dão-se ao luxo, e mau gosto de cacar, matando uma fauna muito mais digna de ser caçturada viva. O simbolismo, entretanto, dou margem a composição coreográfica muito interessante, a culminar naquela marcha final para entrega das caças (!) organizada com variedade de poses verdadeiramente rica.

Bem melhor o 2.º espetáculo da temporada da famosa companhia de Marquês de Cuevas.

O. BEVILACQUA

OS BAILADOS DO MARQUÊS DE CUEVAS

Terminamos nossa crítica sôbre a estréia da companhia de bailados do marquês de Cuevas, vaticinando que, por certo, outros espetáculos justificariam o renome desse conjunto e a confiança a que se vinha impondo o empresário Dante Viggiani, por seu tino artístico e comercial. Vimos plenamente confirmada aquele nosso pensamento, na segunda récita da série noturna, cuja realização, salvo ligeiras restrições, pôde ser considerada excelente.

"A Bela da Aurora", sob a designação de "Princesa Aurora" — não encontramos motivo para a alteração — de início constitui uma festa para os olhos, uma sucessão de composições com cenários, em atraente combinação de côres. Marjorie Tallchief, "Prince la Aurora", e George Skibine, "Principe Encantador", tiveram uma esplêndida "performance", secundados por todo o corpo de bailé, e alguns números destacados, entre os quais o dos "Chineses", dando ocasião ao aparecimento de nossa patrícia Beatriz Consuelo, com avultado número de fãs no recinto, se fazendo sentir no calor dos aplausos.

Não só pelo físico extremamente gracioso, mas pela leveza e elegância dos movimentos, Marjorie Tallchief deixou magnífica impressão de sua escola.

Com a indumentária muito sugestiva Solange Golovina e Serge Golovine interpretaram "Pássaro Azul". Se não primaram pelo virtuosismo, atingiram ponto muito alto pela harmonia estabelecida na justeza dos movimentos.

O número dos "Três Ivans", de importância técnica bem inferior, foi confiado a Daniel Seillier, W. Arapoff e I. Parsinec Olga Makcheva se mostrou mui graciosa em "Chapéuzinho Vermelho", com o "Lobo", Leon de Pian.

"Annabel Lee", baseado em poêma de Edgard Poe, com música de Schiffman bastante expressiva e coreografia de Skibine, foi uma novidade para a platéia do Municipal. E um episódio dramático focalizando o amor e a morte — já tantas vêzes explorado — valorizado apenas pela interpretação imposta pelos interpretes. Marjorie Tallchief assumiu atitudes convincentes de mulher apaixonada, tendo como "partenaire" o próprio Skibine, secundado por Adam, M. Nunes e L. Grieg. O aproveitamento da voz humana como fator emotivo é de resultado certeiro concorrendo positivamente para o êxito dêsse bailado, tendo sucedido que Helio Paiva, que vinha se tornando ao baritono Hélio Paiva, quando veio ao proscênio, embora não houvesse deixado perceber o idioma em que cantava, o fêz com tal vigor e emissão de voz, que a platéia, de timbre é agradável, merecendo aprimoramento técnico.

"Iscas de luz", não nos satisfez como tradução de "Piege de lumière", de autoria de Heriat, com música de Jean Michel e coreografia de John Tarras. Esta nos pareceu, de início, um tanto confusa. Tratando-se de uma festa em que vultos de vários feitios, fantasiados, pareceu-nos descabido estarem a brincar de "santemouton", como se fôssem crianças em férias. Em compensação, de grande efeito foi o final do segundo ato, quando os presidiários transporam as falenas mortas, por não haverem resistido à atração de uma luz artificial, e, finalmente dêste bailado à atração de uma luz artificial, e, finalmente dêste bailado à atração de uma luz artificial, e, finalmente dêste bailado

TERCEIRA RÉCITA DE ASSINATURA

21 DE JUNHO DE 1954

SEGUNDA-FEIRA, 21 DE JUNHO DE 1954, AS 21 HORAS

TERCEIRA RECITA DE ASSINATURA

PROGRAMA

I — "DONA INÊS DE CASTRO"

Ballet de Ana Ricarda — Música de Joaquim Serra — Cenários e trajes de Célia Hubard — Coreografia de Ana Ricarda — Trajes confeccionados por Karinska — Perucas de «Wig Creations»

O amor de DOM PEDRO por Dona Inês de Castro é tão violento que êle recusa o casamento projetado por seu país, o rei de Portugal, com a Infanta de Espanha. Persuadido por seu conselheiro, o Rei decide que Dona Inês deve morrer. Logo, o remorso o dissuade de tal intento, porém é tarde demais. Em desespero, o Rei morre de desgosto. Louco de aflição, Dom Pedro exige que sua bem-amada seja coroada depois de morta, e que a côrte lhe renda homenagens de rainha. Dom Pedro enlouquece realmente e, descobrindo o assassino de Dona Inês, o mata.

Dona Inês de Castro	Rosella HIGHTOWER
Dom Pedro	George SKIBINE
A Infanta de Navarra	Lutys de LUZ
O conselheiro	Leon de PIAN
O Rei de Portugal	Michel REZNIKOFF
Damas de honra de Dona Inês .	Beatrice Mosena, Martine Laurence, Jean Quick
Ninfas do Mondego	Monique Bernachova, Olga Makcheeva, Maureen Andrews, Anna Maria Drisi
O séquito da Infante	Beatriz Consuello, Virginia Roneal, Inda Pardilha
Os dansarinos mouros	Andrea Karlsen, Daniel Seillier, Wladimir Arapoff
Senhores e Damas da corte ..	Beatriz Consuelo, Virginia Roneal, Inda Pardina tanier, Jean Quick, George Golovine, Leon Grieg, Michel Nunes, VernonLasby
Os monstros	Daniel Seillier, Inda Pardina, José Lobao, Wladimir Arapoff os artistas da Companhia

1º Quadro O Jardim das Lagrimas

2º Quadro O Palacio do Rei de Portugal
3º Quadro O Jardim das Lágrimas
4º Quadro Diante das muralhas do Palacio
5º Quadro A sala do Trono

II — "LE SPECTRE DE LA ROSE"

Quadro coreografico de Jean Louis Vaudoyer, segundo o poema de Th. Gauthier — Música de Weber — Coreografia segundo Michel Fokine, marcada por Bronislava Nijinska

«Soulève ta paupière close
Qu'effleure en songe virginal,
Je suis le spectre de la rose
Que tu portais hier au bal.»

A moça	Andrea KARLSEN
O espetro da Rosa	Serge GOLOVINE

III — "RONDÓ CAPRICIOSO"

Estudo coreográfico de Bronislava Nijinska — Música de Saint-Saens — Trajes de Jean Robier

O Passaro do Paraíso	Rosella HIGHTOWER
O Principe	Richard ADAMA
Os dois caçadores	Michel NUNES, Leon GRIEG

IV — "LE BEAU DANUBE"

Ballet característico de Leonide Massine — Música de Johann Strauss, arranjada e orquestrada por R. Desormière — Libreto e coreografia de Leonide Massine — Cenários e trajes segundo Constantin Guys

A ação passa-se em um jardim público, em 1860, que se enche de gente endomingada. Chega um «hussard», que encontra uma moça. Atores e saltimbancos exibem-se. E' quando uma dansarina das ruas, avistando o «hussard», reconhece nele o seu antigo amoroso. Uma cena violenta desenrola-se entre a moça e a dansarina; a primeira, que nutre ternos sentimentos pelo «hussard», desmaia, e seus pais a levam para casa. O jardim vai-se tornando pouco a pouco deserto. O «hussard» retorna para o antigo amor.

Cena de amor, durante a qual a moça, que se evadira de casa, volta ao jardim e surpreende os dois namorados. Trava-se nova querela entre as duas jovens. O «hussard», emocionado pelos sentimentos da moça, volta para ela.

O drama é esquecido, e todo mundo deixa-se transportar pelo ritmo da quadrilha e pela alegria de viver

A Dansarina das ruas	JACQUELINE MOREAU
Uma moça	DENISE BOURGEOIS
O «hussard»	Wladimir SKOURATOFF
O guarda	Wladimir ARAPOFF
O «manager»	Wladimir ARAPOFF
O atleta	Michel REZNIKOFF
A «partenoire»	Tania KARINA
O rei dos dandys	Richard ADAMA
O pintor	Inda PARDINA

Empregados, modistas, costureiras, coquettes, dandys, etc., pelos Artistas da Companhia



DONA INÊS DE CASTRO



RONDÓ CAPRICIOSO



LE SPECTRE DE LA ROSE









DONA INÊS DE CASTRO





MUNICIPAL — 1636

BALLET MARQUES DE CUEVAS. 3ª récita — DONA INÊS DE CASTRO — ESPECTRO DA ROSA — RONDÓ CAPRICIOSO — LE BEAU DANUBE.

Repleto o teatro, mereceram aplausos animadas o espetaculo. Je nos havia dado há dois anos o "De Cuevas" dois dos bailados do programa: "Dona Inês de Castro", coreografia de Ana Ricarda, musica de Joaquim Serra, e "Le beau Danube", de Leonide Massine, arranjo da musica de Johann Strauss e tambem orquestração de B. Desormière. Os outros dois foram "Espectro da rosa", de Jean Louis Vaudoyer, que Nijinsky imortalizou e "Rondó Capriccioso", composição coreografica de Bronislava Nijinska, sobre a conhecida página melodica de Saint Saens.

A mesma impressão de beleza causada quando exibidos pela primeira vez por "Dona Inês" e "Danubio". De novo Rosella Hightower teve, através da sua dança de desenho imprevisto, o "engano de alma lelo e cego" da candida amorosa e comoveu no momento no assassinato, como excepcional artista-bailarina que é. Skibine tambem impressivel, vigoroso na crueldade e na pintura do desespero que enlouquece, de Don Pedro.

A infanta que a propria Ana Ricarda viveu há dois anos, foi interpretada pela bailarina espanhola Lutys de Luz, que lhe impos feitio severo, hieratico e procurou humanizar pelo sentido emocional e fala das castanholas, perfeita. Poderia haver mais plasticidade na sua dança senhoril, correta sem duvida como o momento exigia.

Bela a dança das Ninfas do Mondego, de linha classica, dos Mouros, o do Sequito da Infante e esplendidos Reznikoff, na majestade do Rei de Portugal e Leon de Pian, no conselheiro perfido. Impressionantes o cortejo funebre e tragico final.

Coube a Serge Golovine evocar Nijinsky e o fez com brio. O alto-todo pela janela, magistral, provocando palmas, menos feliz o final, quando o "Espectro" se vai. Toda a dança, rigorosamente ortodoxa, os belos saltos largos, os rodopios vertiginosos, confirmaram a alta classe do bailarino que foi chamado e ovacionado, no final, mais de meia duzia de vezes. Sua "partenaire" foi Andréa Karlsen, figurinha de sonho, casta em seus movimentos, gracioso, de ideal lancas.

De novo Hightower maravilhou a assistencia no "Rondó", usando da sua tecnica insuperavel magnificamente austida por Richard Adams, cujos saltos impressionam: ambos fizeram explodir tudo ardentemente, ela superando-se em audacias coreograficas, uma vez que domina todos os passos, os mais difeceis, os leva do equilibrio e os da gravidade; ele, elastico, formidavel, elegante, pirii.

E' como um refugio em mundo melhor a evocação da Viena de há cem anos, que se diverte embalada pelas composições de Strauss. Nessa composição de Massine, de traço caricatural aparecem figuras tipicas da epoca. A "Dançarina das Ruas", na criação de Jacqueline Moreau e uma figurinha obra-prima, pela estreita aliança da correção coreografica — e quanto é gracioso Jacqueline! — da maneiras debuxadas da criatura vulgar.

Denise Bourgeois, deliciosa no seu lirismo e elemento considerável na arte que abraçou, figura muito interessante e que decendera ainda, por certo.

Skouratoff reproduziu o Hussard, empertigado na sua "tenue" militar, desempenou, na desenvoltura e segurança de sua dança.

As demais figuras plenamente satisfatorias: os cancatos "Manager", de Arapoff, "Rei dos Dandys", de Adrea, e o "Atleta", de Reginboff; a figurante e bordadeira "Fortenaire" de Tania Karina.

Parte importante nesse bailado são as danças em conjunto. o corpo de baile louase-se com a petulancia, o garbo e o entusiasmo dignos do seu merito real. — *MARIO NUNES.*

DONA INÊS DE CASTRO



MUSICA e Ballet

Sula Jaffe

"GRAND BALLET DU MARQUIS DE CUEVAS"

1636 (TERCEIRO ESPETÁCULO)

Não se justifica que após o último espetáculo do "Grand Ballet du Marquis de Cuevas", pleno de valores e de nivel bastante superior ao da réstia de estréia, se tenha apresentado a mesma companhia na treira récita da temporada, que teve lugar segunda-feira última, no Teatro Municipal, de maneira tão mediocre, abusando desta forma da boa fé do numeroso público que superiormente as dependências de nosso principal teatro, Récita mediocre pelo programa escolhido de artistas da classe de Skibine, Golovine e Rosella Hightower — repertório pobre. à altura de escolas de ballet sem a repercussão internacional da mencionada companhia.

O público, amante de competições acrobáticas e de velocidade, deixa bem o valor artistico e entusiasmase por "truques treinados", que pouco ou nada exigem da grande massa. esquecendo de exigir o nivel cultural e artistico de um conjunto que nos chega com as pretensões do "Grande Ballet du Marquis de Cuevas". Uma bos companhia é um conjunto com personalidade próprio. No "ballet" não ha lugar para "vedettes" — só a primeira bailarina e o seu correspondente masculino merecem uma posição a parte. O que o Marquês de Cuevas nos tem apresentado nada mais é do que uma exibição de técnica por parte de bons elementos do conjunto, mas à pobreza de seu repertório, alia-se uma absoluta falta de disciplina de conjunto.

"Dona Inês de Castro", ballet de Ana Ricarda, música de Joaquim Serra, cenários e trajes de Célia Hubard, coreografia também de Ana Ricarda, conta-nos a história do trágico amor de Dom Pedro e Dona Inês de Castro, por Dona Inês de Castro. Rara mescla de escolas, êste "ballet", com tendências indefinidas, apagadas por vistosos trajes de côres fortes, estilos indeterminados, com alguns de bom, e outros de mau gôsto. A coreografia fraca, desmerecendo a história plena de beleza, e o antigo romance perde seu atrativo.

Rosella Hightower, situando como "Dona Inês de Castro", se restringe a românticos "tours" que se sucedem em o último quadro em que, morta, assiste ao fim do bailado em posição de estátua. Sobre. à altura de escolas de ballet sem a repercussão internacional da mencionada companhia.

O público, amante de competições acrobáticas e de velocidade, deixa bem o valor artistico e entusiasmase por "truques treinados", que pouco ou nada exigem da grande massa. esquecendo de exigir o nivel cultural e artistico de um conjunto que nos chega com as pretensões do "Grande Ballet du Marquis de Cuevas". Uma bos companhia é um conjunto com personalidade próprio. No "ballet" não ha lugar para "vedettes" — só a primeira bailarina e o seu correspondente masculino merecem uma posição a parte. O que o Marquês de Cuevas nos tem apresentado nada mais é do que uma exibição de técnica por parte de bons elementos do conjunto, mas à pobreza de seu repertório, alia-se uma absoluta falta de disciplina de conjunto.

"Dona Inês de Castro", ballet de Ana Ricarda, música de Joaquim Serra, cenários e trajes de Célia Hubard, coreografia também de Ana Ricarda, conta-nos a história do trágico amor de Dom Pedro e Dona Inês de Castro, por Dona Inês de Castro. Rara mescla de escolas, êste "ballet", com tendências indefinidas, apagadas por vistosos trajes de côres fortes, estilos indeterminados, com alguns de bom, e outros de mau gôsto. A coreografia fraca, desmerecendo a história plena de beleza, e o antigo romance perde seu atrativo.

Rosella Hightower, situando como "Dona Inês de Castro", se restringe a românticos "tours" que se sucedem em o último quadro em que, morta, assiste ao fim do bailado em posição de estátua. George Skibine, em "Dom Pedro", foi a figura máxima dêste "ballet", aliando à sua fulgurante técnica. a plástica expressiva requerida pelo personagem que lhe coube, brilhando em movimentos puros que, de certo modo, contribuiram para dar mais unidade e segurança ao conjunto. Personificando a "Infanta de Navarra", tivemos um elemento novo. na pessoa de Lutys de Luz, que expressava seus sentimentos de dôr e desespêro com acompanhamento de castanholas..

Como segundo número do programa, foi apresentado "O Espectro da Rosa", quadro coreográfico de J. L. Vaudoyer, segundo o tema de Th. Gauthier, sôbre música de Weber e coreografia de Fokine, marcada por Bronislava Nijinska.

Esta composição, no estilo do bailado romântico, está ligada à sua maravilhosa criação por Vaslav Nijinsky, (1911), e, segundo Beaumont, sua rara beleza não pode ser concebida por aquêles que nunca viram o original e no qual se inclúia o famoso salto que Nijinsky dava à entrada e à saída, pulo tão maravilhoso que se pensou ser resultado de sapatos adrede preparados ou de qualquer artifício mecânico. Admiràvelmente interpretado por Golovine, cujos saltos foram verdadeiramente impressionantes, como impresionantes foram as suas exibições de técnica, a que dá muita margem o referido bailado. O papel feminino, de menor importância. confiado a Andrea Karlsen, foi interpretado com a graça e o encanto requeridos.

"Rondó Capriccioso", estudo coreográfico de Bronislava Nijinska sôbre música de Saint Saens, como o próprio nome indica, é um trabalho coreográfico de técnica e plasticidade. De uma forma clássica inesperada de pureza selvagem, teve em Rosella Hightower uma intérprete admirável por suas extraordinárias qualidades técnicas. de um virtuosismo fulgurante. em um constante desafio ao pêso. Rosella Hightower transformou-se verdadeiramente no "pássaro do paraíso". Discreto Richard Adama, como "Principe", embora um pouco inseguro em seus saltos e "tours". Bastante medíocre a atuação de Michel Nunes e Leon Grieg, nos "dois caçadores".

Como último número, "Le Beau Danube", ballet característico de Massine com cenários de coreografia do mesmo, sôbre música de Johan Strauss, arranjada e orquestrada por Roger Desormière, cenários e trajes segundo Constantin Guys. Espectáculo de gôsto duvidoso, "ballet" sem valor nem técnica, cujos recursos não ultrapassaram o nivel de um show de "café-concert". Inclúido certamente com o intuito de divertir o público, constitui-se em um ultraje ao bom gôsto do mesmo. Por várias vêzes notou-se um grande desiquilibrio de conjunto, como também, grande falta de disciplina. Atuaram discretamente Jacqueline Moreau. Denise Bourgeois, Skouratoff e outros.

Orquestra ainda fraca, o que mais se evidenciou em Weber e Saint-Saens, onde o compre ressaltar a correção com que se houve o "Spalla" Edmundo Blois, na execução de difíceis solos.

Int.

TEMPORADA DE BAILADOS

Seria lícito antever, com segurança, conforme se sucedeu, que o recital-festa da temporada do Ballet de Marquês de Cuevas, ontem à noite, no Municipal, se alcaria a plano superior ao dos espetáculos anteriores, já pela circunstância de se abrir o programa com Inês de Castro, que constituiu memorável sucesso do mesmo conjunto, na temporada que nos apresentou em 1952. Verificar-se-ia tão que o repertório da companhia de Cuevas não se renovou, como seria desejável. A bilear, entretanto, pelos aplausos que ontem ausdaram Inês de Castro, foi grande o interêsse despertado com essa reapresentação. A coreografia de Ana Ricarda, sôbre música de Joaquim Serra, fez passar um frêmito, no público, pelo ritmo crescente da sua dramaticidade. "O caso triste e digno de memória", do verso de Camões, tem si uma interpretação vigorosa, embora bastante lenta de início, quando certo entusiasmo e vivacidade que não deixa de considerar, nas primeiras cenas, bem mais ricos os contrastes variados do ballet e coreografia.

No decorrer da ação, entretanto, o bailado se configura, e adquire intensidade irresistível.

A entrada dos astuciosos, a bela morte de Inês, a procissão de tochas, no prosêguio, conferiram ao espetáculo um justo realce. Em uma de Rainha, morta, no próximo, se faz objeto de uma sonêto de vassalos que, inclusive, dançam com danças de feição macabra, até que Dom Pedro — George Skibine — a segure pela mão e ela se abate no solo. Não mereceu grandeza, entretanto, a cena anterior, quando o amante a encontra morta. Dêsse momento, Skibine absorveu tôda a técnica aliada a talento, como veículo de profundo sentimento expressivo. Nada se perdeu, entretanto, na obra, à própria Inês, desde as cênas iniciais, na interpretação de Rosela Hightower. Ião magistralmente viva, e também quando morta — a Inês que está na lenda, na literatura, na poesia, no teatro e no cinema, e também no ballet, dançado — gênero a que, em definitivo, pertence esta obra do repertório do ballet do Marquês de Cuevas.

Tivemos mais célebre "pas-de-deux" do repertório coreográfico, o "Espectro da Rosa", que Jean-Louis Vaudoyer, em Paris, deslumbrado pelo Ballet Russe, imaginou sôbre o poema de Théophile Gautier.

"Je suis le spectre d'une rose
Que tu portais hier au bal."

— dançado pela primeira vez por Nijinsky e Karsavina, com a música de Weber que Vaudoyer sabia ser da predileção de Gautier, resurgiu ontem no Municipal, na interpretação de Serge Golovine e Andrea Karlsen, segundo a coreografia original de Fokine, marcada por Bronislava Nijinska. O contraste entre a graciosa virtuldade, o arrebatamento juvenil da dança de Golovine, é o sonho, o êxtase amoroso da dança de Andrea Karlsen foi excelentemente obtido. Aos vigorosos saltos, quase vôos, de Golovine, ao entrar e sair de cêna, ao seu "ballon", aos seus "entrechats", se contrapunham a palpitação da feminilidade de Andrea Karlsen, os seus desenhos, com a rosa, nas cênas tão poéticas do começo e do fim da obra, e todo o inebriamento dos instantes em que desliza, sutil, pelo palco ao lado do seu par. A orquestra, que já dera sinais de melhora em Inês de Castro, estêve bem sob regência de André Girard, ao executar "L'invitation à la Valse".

Em "Rondó Caprichoso", música de Saint-Saens, dançado ontem pela estrêla Rosella Hightower e Richard Adam, com Michel Nunes e Leon Grieg, há o emprêgo de uma técnica acadêmica, que conduz a um considerável rendimento exterior. Não há fantasia simbológia específica da dança, imaginação fértil, a êsse "estudo coreográfico" que Bronislava Nijinska. A única observação restritiva a fazer é que, a partir do certo ponto, onde os motivos de interêsses coreográfico se sucedem, escasseando ao máximo a atenção do espectador, o compromisso da música faz com que o ballet se alongue um pouco, excessivamente; ganharia em concentração de maior eficácia se a música tivesse menos algumas dezenas de compassos. Mas inerável a fôrça superativa de dança pura que ostenta, com um admirável senso plástico de conjunto — além do lôgo fluente de figuras dos intérpretes principais — unindo-se decorativamente, o "Pássaro do Paraíso" e o "Príncipe" ao fundo dos "Dois Caçadores", que mantêm uma lerda fatva. Interpretação magistral de Hightower e Adam, no cinema, e também no ballet, segundo-se, ainda, Michel Nunes e Leon Grieg.

Alegre, divertido, na sua jovial inconsequência, como fecho costumeiro do programa — a orquestra, com vez mesmo abandonou-se ainda o ballet de Massine, "Le Beau Danube", sôbre valses de Strauss, com Jacqueline Moreau, Denise Bourgeois e Skouratoff entre as figuras principais. Um lere fim de espetáculo para a récita mais substanciosa que até agora tivemos.

EURICO NOGUEIRA FRANÇA

SEXTA-FEIRA, 25 DE JUNHO DE 1954, ÀS 21 HORAS

QUARTA RÉCITA DE ASSINATURA

PROGRAMA

I — O ANJO SOMBRIO

Balet do Marquis de CUEVAS

Música de Claude DEBUSSY (Suite Bergamasque)

«Clair de Lune» Orquestrado por André CAPLET

«Prélude» «Menuet» e «Passe-Pied» Orquestrado por Gustave CLOEZ

Cenários e Costumes de SEBIRE - Coreografia de George SKIBINE

Uma mulher vive na lembrança de seu amor perdido... no Transcurso de uma festa, surge a visão de sua filha ao lado do seu amoroso, despertando a imagem de seu próprio passado...

A Duqueza	Marjorie TALLCHIEF
A sombra do seu amor	George SKIBINE
Sua filha	Beatriz CONSUELO
O noivo	Michel NUNES
Os galante	Anna-Maria DRISI
	Liliane VAN DE VELDE
	George GOLOVINE
O Anjo Sombrio	Richard ADAMA
Os dois amigos da filha	Jean QUICK

II — "PAS DE TROIS CLASSIQUE"

Inspirado em PAQUITA — Música de MINKUS — Coreografia de Georges BALANCHINE — Trajes de Pierre BALMAIN

Jacqueline MOREAU — Denise BOURGEOIS — Serge GOLOVINE

III — "GISELLE"

Ballet - pantomima em dois atos de SAINT-GEORGES, T. GAUTHIER e CORALLI — Música de Adolphe ADAMA — Coreografia de PETIPA — Cenários de ALEXANDRE — Traje de Jean ROBIER

Giselle	ROSELLA HIGHTOWER
Principe Alberto	GEORGE SKIBINE
O Duque	Leon Grieg
Hilário	Oleg Sabline
Berta, mãe de Giselle	Tatiana Ouspenska
A princesa Bathilde	Jean Quick
Wilfrid	Paul Maure
A Rainha das Willis	JACQUELINE MOREAU
As amigas de Giselle, as Willis, etc..	Tania Karina, Andrea Karlsen, Arlette Castanier, Anna Maria Drisi, Martine Laurence, Beatrice Nosena e Artistas da Companhia

RESUMO:

1º ato — Giselle, cândida camponesa, apaixona-se ardentemente pelo aldeão Loys que, na realidade, não passa de Albrecht, rico proprietário de terras. Na sua inocência, não procura saber disso, repelindo o amor sincero de Hilarion, caçador profissional.

Na festa da Vindimia, a filha do Duque de Courland, noiva de Albrecht, encontra Giselle; Hilarion, cheio de despeito, como vingança, revela à camponesa, diante de todos, quem é Albrecht, e com quem ela, dada a sua posição social, jamais se poderia casar. Surpresa e amargurada, Giselle procura afogar sua decepção numa dança frenética, que a mata de fadiga.

2º ato — Em torno da sepultura de Giselle, as Willis — moças que faleceram na véspera do casamento e que, como vingança, procuram enlouquecer os rapazes — bailam para iniciar a morta nos mistérios da sua irmandade. Albrecht vai ter ali, lançando-se desesperado sôbre a campa. Giselle está prestes a lhe conceder perdão, quando a rainha das Willis manda que ela o enfeitice. O dia raia, porém, e Giselle volta à sepultura. As Willis se esvaem, e Albrecht cai desfalecido nos braços dos companheiros que o foram buscar.



ANJO SOMBRIO





QUARTA RÉCITA DE ASSINATURA

25 DE JUNHO DE 1954



PAS DE TROIS CLASSIQUE





GISELLE



Dois números breves, "O Anjo Sombrio" e "Pas de Trois Classique, e o bailado em dois atos "Giselle", compuzeram o programa da quarta récita de gala do Ballet do Marquês de Cuevas, no Municipal.

O maior interesse da noite esteve no primeiro número, não só por se tratar de primeira audição no Rio, como ainda por salientar Beatriz Consuelo, em papel de maior projeção.

"Lauve Gris", é mais um bailado que traz entre outros números de Debussy, êsse sempre delicioso "Clair de Lune". Skibine marcou e criou a coreografia, diga-se, sugestiva e de rara imaginação, cabendo a responsabilidade do "Pas-de-deux" a Skibine e Marjorie Tallchief. Inovações de marcação com tendências modernas, e efeitos que fogem ao ordinário dos passos, sentimos a Tallchief perfeita nos braços de seu "anjo cinza", recordação, devaneio.

Beatriz Consuelo, firmou-se como solista, com segurança, autoridade e relêvo. Progrediu. Digamos firmou-se em nos referindo a um conjunto de renome como o que ora integra, uma vez que no ballet nacional é uma das primeiras bailarinas.

O "Pas-de-Trois Classique", música de Minkus, coreografia de Balanchine, foi bem lançado por Jacqueline Moreau, Denise Bourgeois e Golovine Musica brilhante, trajes coloridos, desempenho louvável, onde, por fôrça, devemos destavar Golovine.

"Giselle", que agóra também apreciamos no repertório do Corpo de Baile do Teatro Municipal, decorreu bem, com os conjuntos bem marcados, sem contudo despertar grande entusiasmo. Protagonizado por Rosella Higtower, gostamos ainda mais dessa atuação que a do ano passado. Skibine como sempre tira bastante partido, pela grande experiência de palco e em suas incursões no primeiro ato, quer em sólo quer em dois foram dignos de elogio. — M. A.

QUINTA RÉCITA DE ASSINATURA

28 DE JUNHO DE 1954

SEGUNDA-FEIRA, 28 DE JUNHO DE 1954, ÀS 21 HORAS

QUINTA RECITA DE ASSINATURA

I — "AS SILFIDES"

Ballet romântico de Michel Fokine — Música de Chopin, orquestrada por Maurice BARON — Coreografia de Michel FOKINE, marcada por Bronislava NIJINSKA — Cenários de COROT, por Eugenio DUNKEL.

Noturno	Rosella HIGHTOWER, Jacqueline MOREAU, Denise BOURGEOIS, Serge GOLOVINE e o Corpo de Baile
Valsa	Jacquecline MOREAU
Mazurka	Rosella HIGHTOWER
Mazurka	Serge GOLOVINE
Preludio	Denine BOURGEOIS
Valsa	Rosella HGHTOWER e Serge GOLOVINE
Valsa brilhante	Rosella HIGHTOWER, Serge GOLOVINE, Jacqueline MOREAU, Denise BOURGEOIS e o Corpo de Baile

II — "UMA TRAGEDIA EM VERONA"

Ballet de George Skibine — Música de Tchaikowsky — Cenários e traje de André Delfau

«Dois amantes nascidos sob uma má estrêla»...

Romeo	Wladimir SKOURATOFF
Juliette	Andréa KARLSEN
Montaigu	Richard ADAMA, George GOLOVINE
Capulet	Maureen ANDREWS, Beatrice MOSENA, Arlette CASTANIER, Liliane VAN DE VELDE, Martine LAURENCE, Jean QUICK Michel NUNES, Wladimir ARADOFF, Leon GRIEG, Leon DE PIAN
Un Noine	José LOBAO

III — "O CISNE NEGRO"

Grande **Pas de deux** (seleção de «O lago dos cisnes») — Música de TCHAIKOWSKY — Coreografia de Marius PETIPA — Trajes de Pierre BALMAIN.

Rosella HIGHTOWER e Serge GOLOVINE

IV — "O PRISIONEIRO DO CAUCASO"

Ballet folclórico de George SKIBINE, segundo um poema de PUSHKINE — Música de Aran KACHATURIAN (seleção do bailado «Gayaneh»), adaptação de Nicolas STEIN — Coreografia de George SKIBINE, secundado por Ch. ABACHIDZE para as danças folclóricas — Cenários e trajes de DOBOUCHIDZE.

Primeira cena — UMA BATALHA EM UM DESFILADEIRO DE MOTANHA

O chefe dos guerreiros	Michel REZNIKOFF
O guerreiro russo	George SKIBINE

Segunda cena — O CAMPO DOS CAUCASIANOS.

O chefe dos guerreiros	Michel REZNIKOFF
O jovem guerreiro	Daniel SEILLIER
Tcherkechenka	Marjorie TALLCHIEFF
O guerreiro russo prisioneiro	George SKIBINE
As jovens e mulheres caucasianas	Artistas femininos da Companhia
Os guerreiros caucasianos	Artistas masculinos da Companhia

Terceira cena — NOS ARREDORES DA ALDEIA CAUCASIANA.

Uma águia	Leon DE PIAN
Tcherkechenka	Marjorie TALLCHIEF
O prisioneiro russo	George SKIBINE e os guerreiros caucasianos

O PRISIONEIRO DO CAUCASO





AS ARTES ★ Antônio Bento

1 2

Há muito tempo que não vimos tanta satisfação na platéia e aplausos tão demorados como na última récita (5.ª de assinatura) do Ballet Cuevas. No programa, "Les Sylphides", "Tragédia em Verona", "O Cisne Negro" e "Prisioneiro do Cáucaso". Do ponto de vista do desempenho, foi a maior noite da Companhia, em sua atual temporada. E não há mesmo exagêro em dizer-se que nunca o Ballet do Marques de Cuevas se apresentou tão bem no Rio, apesar da excelente impressão deixada em 1952. Fosse êsse o programa de estréia e ninguém diria, por certo, que a Companhia não é hoje a mesma de há dois anos, como foi observado.



Em "Les Sylphides", todo o corpo de baile teve atuação harmoniosa, distinguindo-se também os solistas: Rosella Hightower, Denise Bourgeois, Jacqueline Maureau e Serge Golovine.

Sob o fundo de uma paisagem de Corot, dançam as silfides, na "suite" tão conhecida que reune mazurcas, valsas, prelúdio e noturno de Chopin. Seria ocioso falar da beleza da coreografia. Limitamo-nos a observar que o desempenho de todos os artistas esteve acima do padrão comum visto nos últimos anos, no Municipal. A "Tragédia em Verona" foi igualmente muito aplaudida pela platéia, com Skouratoff e Andréa Karlsen como Romeu e Julieta.

A coreografia de Skibine ajusta-se bem à música de Tchaikowsky e o decor é sugestivo. Mas, a sensação da noite seria o eletrizante **pas de deux** de Serge Golovine e da Hightower no "Cisne Negro". Difícil encontrar-se maior vivacidade do que na atuação do bailarino, realmente sensacional, sobretudo na série de balões e na parte conclusiva do número. De notável perfeição de estilo foi, por sua vez, o desempenho da bailarina. Ambos estiveram insuperáveis. E os aplausos do público foram triunfais; não nos recordamos de outros tão insistentes e calorosos no Municipal.

O último bailado, "O Prisioneiro do Cáucaso" é uma tentativa feliz de Skibine no sentido de retomar a tradição oriental do antigo ballet russo, com danças características e os trajes decorativos do folclore dêsse país.

A música de Khatchaturian, pela sua rítmica variada e brilhante, empresta interêsse à obra, que tem vitalidade própria, não sendo um reflexo académico de algumas peças do repertório russo, divulgado desde o começo do século. Bom o corpo de baile, com Skibine e Marjorie Tallchieff em relêvo especial.

SEXTA RÉCITA DE ASSINATURA

2 DE JULHO DE 1954

SEXTA-FEIRA, 2 DE JULHO DE 1954, ÀS 21 HORAS

SEXTA RÉCITA DE ASSINATURA

PROGRAMA

I — "LAGO DOS CINES"

Música de TCHAIKOWSKY — Coreografia segundo Marius Petipa e Leon Ivanoff, marcada por Bronislava NIJINSKA — Trajes de Jean ROBIER.

Durante a caça aos cisnes selvagens, um jovem príncipe vê com estupefação uma das aves transformar-se em uma jovem de grande beleza. Mas o Gênio do Mal está vigilante, e separe os dois novos amorosos. O Príncipe sucumbe, desesperado.

A Rainha ..... Rosella HIGHTOWER

O Príncipe ..... Wladimir SKOURATOFF

O amigo do Príncipe ..... Richard ADAMA

O Gênio do Mal ..... Don SPOTTSWOOD

Os cines ..... Tania KARINA, Andréa KARLSEN, Solange GOLOVINA, Beatriz CONSUELO, Monique BERNACHOVA, Olga MAKCHEEVA e Corpo de Baile

II — "DOM QUIXOTE"

Pas de deux do «Dom Quixote» — Coreografia de PETIPA — Trajes de CLAVE — Música de MINKUS.

Marjorie TALLCHIEF e George SKIBINE

III — "A SONAMBULA"

Música de Vittorio RIETI, segundo Vicenzo Bellini — Coreografia de George BALANCHINE — Cenários e trajes de André DELFAU, confeccionados por KARINSKA.

Um baile...

O Barão ..... Oleg SABLINE

A sonambula, sua mulher. Marjorie TALLCHIEF

O poeta ..... George SKIBINE

A coquette ..... Denise BOURGEOIS

Os convidados ..... Artistas da Companhia

Divertissement

Pastoral ..... Beatriz CONSUELO, Anna Maria DRISI

Os negrinhos ..... Solange GOLOVINA, Richard ADAMA

Os acrobatas ..... Olga MAKCHEEVA, Andrée LELIEVRE, Daniel SEILLIER

IV — "PETRUCHKA"

Cenas burlescas em quatro quadros de Igor STRAVINSKY e Alexandre BENOIS — Cenas e danças compostas por Michel FOKINE, marcadas por Bronislava NIJINSKA — Música de Igor STRAVINSKY — Cenários e desenhados por Alexandre BENOIS — Confecções KARINSKA.

A ação é passada em São Petersburgo, em 1830.

I — Dia de sol, no inverno. Feira livre, no meio da cena, a barraca do teatrinho de marionettes do Charlatão. Em meio ao regosijo geral, o velho charlatão apresenta os seus bonecos animados — Petruchka, a Bailarina e o Mouro, que dançam freneticamente.

PETRUCHKA





II — Por sua magia, o charlatão comunicou a Petruchka todas as paixões humanas, e o boneco considera, com amargura, a crueldade de tal ato de seu senhor, reconhecendo-se sumamente ridículo. Busca consolação no amor da Bailarina, e está a ponto de acreditar num sucesso, quando a bela lhe escapa, estranhando suas maneiras bizarras.

III — Na sua caixa, o Mouro brinca com um coco. Ele é tolo e mau. Mas seu aspecto suntuoso seduz a Bailarina, que procura cativá-lo de todos os modos. No clímax da cena de amor, chega Petruchka furioso de ciume, mas o Mouro o atira pela porta afora.

IV — A festa carnavalesca atingem o clímax. De repente, partem gritos aflitos do teatro do Charlatão. Os bonecos animados escapam, correndo, do teatro, e o Mouro fere Petruchka com um sabre. Petruchka, miserável, morre sôbre a neve, rodeado da multidão em festa. O Charlatão apressa-se a tranquilizar todo o mundo, e em suas mãos Petruchka transforma-se novamente em um boneco. O povo dispersa-se. Ficando só, o charlatão percebe, com terror, o espetro de Petruchka, que lhe faz caretas de ameaça.

A Bailarina ..... Jacqueline MOREAU

Petruchka ..... Serge GOLOVINE

O Mouro ..... Richard ADAMA

O charlatão ..... Don SPOTTSWOOD

Primeira nutriz ..... Tania OUSPENSKA

Primeiro cocheiro ..... Michel REZNIKOFF

Conheiros, domésticas, dansarinos de rua, palafreneiros, policiais, travestis, mascarados, etc.: ARTISTAS DA COMPANHIA.

A SONAMBULA



DOM QUIXOTE



MUSICA e Ballet — Sula Jaffe'

"Grand Ballet du Marquis de Cuevas" (Último Espetáculo)

163b

A sexta e última récita de assinatura noturna da Temporada Oficial de Bailados, que teve lugar sexta-feira ultimo no Teatro Municipal, constituiu-se em mais uma decepção para todos aquêles que ainda esperavam algo de bom da companhia de "ballet" do Marquês de Cuevas. Mais uma vez constatou-se grande desequilíbrio de conjunto, pobreza de repertório, pouca originalidade na elaboração do programa, muitas falhas por parte da orquestra e, inclusive, certa apatia por parte de bons elementos, como sejam Rosella Hightower e o próprio Golovine. Um triste fim de uma temporada muito cheia de altos e baixos, um adeus que não deixa saudades.

"O lago dos cisnes", "ballet" romântico sôbre música de Tchaikowsky, coreografia segundo Petipa e Leon Ivanoff marcada por Bronislawa Nijinska, apresenta alternadamente danças de caráter e danças "clássicas", o que imprime a êste bailado um espírito de "divertissement". Representa a última palavra do século XIX e o prenúncio de um renascimento da dança. Rosella Hightower viveu "A Rainha" de maneira fria e inexpressiva, malgrado a perfeição técnica que caracteriza tôdas as suas apresentações. O mesmo podemos dizer de Vladimir Skouratoff que, encarnando "O Príncipe", não conseguiu transmitir ao público emoção alguma, contentando-se em realizar belos "tours" e "entrechats". Completaram o elenco, atuando de maneira medíocre, Richard Adams, Spottswood, Tânia Karina, Andrée Karlsen, Solange Golovina, Beatriz Consuelo e outros. Conjunto muito irregular, destituído de disciplina. Interpretação fria, não alcançando o clima romântico do bailado, Orquestra traquinista, brindando o público com constantes desafinações.

Bem melhor o segundo número do programa, um "Pas-de-deux" do "Dom Quixote", coreografia de Petipa e Marius de Mikhikas, brilhantemente interpretado por Marjorie Tallchief e George Skibine. Magnífica exibição de técnica a que não faltou vibração e calor. Admirável por uns momentos de elegância e personalidade, Tallchief revestiu sua "performance" de uma perfeição inigualável.

"A Sonâmbula" de Balanchine, sôbre música de Vittorio Rietti, segundo Vicenzo Vivaldi, constituiu o ponto alto do programa. Decepcionante em sua primeira parte pela futilidade das danças e mau-gôsto dos trajes, atinge um clima de rara beleza desde o momento em que a "Sonâmbula" (Marjorie Tallchief), momento êste em que se inicia um belíssimo jôgo coreográfico, com a participação do "poeta" (George Skibine). Pena que uma tão grande criação de Balanchine, A música de Rieti, sem ter qualidades extraordinárias, fornece, em seu desenvolvimento, os elementos necessários ao desenrolar de uma coreografia que se apropria ao "Scherzo da Primavera", onde a sua versão, incomparável, tôda de maciez e perfeita, fazendo corresponder, a cada frase musical, a cada compasso, uma fase do bailado, da forma mais natural e mais justa. Encontramos também em "A Sonâmbula", valores plásticos surpreendentes, verdadeiros jogos de recursos bem aproveitados, exemplo do alcance da confusão da técnica com os valôres estéticos. Marjorie Tallchief esteve incomparável com suas danças ao mesmo tempo fluidas e automáticas. Denise Bourgeois deu-nos uma convincente "coquette", plena de graça, ótimo Skibine no papel do poeta enamorado.

*"Petrouchka", conhecido bailado com música de Igor Stravinsky, encerrou o programa, e assim sendo constituiu-se em verdade uma grande temeridade foi temporada, em verdade uma grande falha. Grande temeridade foi apresentar obra de tão difícil execução musical com orquestra da categoria da Orquestra do Teatro Municipal, de tão poucas execuções uma orquestra oficial poderia apresentar tão poucas execuções uma orquestra oficial poderia apresentar tão poucas execuções uma orquestra oficial poderia apresentar

25 DE SETEMBRO DE 1954



NOITE DE BELEZA E ENCANTAMENTO

Fala uma entusiasta do espetáculo de bailados realizado, há pouco, no Municipal — Números bem interpretados

Despertou interêsse nos meios artísticos e culturais o espetáculo de bailados realizado no Teatro Municipal pela professora Enid Calaza Sauer e suas 200 alunas da escola que dirige, a de Dança e Ginástica Rítmica. A respeito dessa mostra de arte, assim se manifesta uma entusiasta daqueles movimentos, a professora Luiza Maria Brasil Torres, técnica de educação e musicista da Prefeitura do Distrito Federal:

— «Essa demonstração deslumbrante de ritmo e beleza foi patrocinada pela senhora ministro Cândido Mota Filho em benefício da «Campanha Nacional da Criança». Juntando ao nobre gesto de amparar a criança pobre o gôsto apurado de uma esteta, a ilustre dama, proporcionou à seleta assistência uma tarde diferente e encantadora.

A «Escola de Dança e Ginástica Rítmica» possui mais de 200 alunas, atualmente, já tendo feito várias representações públicas. Necessário se torna que não só se observe o adestramento que possuem as suas intérpretes dentro dos ritmos suaves ou bárbaros, mas, também, que se analise e sinta a profundidade e o encantamento de suas lendas.

Assistindo ao espetáculo de Bailados de Enid Calaza Sauer, posso dizer que são lendas musicais lindíssimas, cujos personagens são jovens extraordinàriamente belas e sadias, com indumentária rica e aprimorada à altura de exigente platéia. Seu corpo de baile não apresenta a monotonia dos conjuntos de bailados que muitas vezes titubeiam diante dos espectadores. Todos os quadros cujos cenários são decorados e criados por Enid Calaza Sauer revelam a precisão, a originalidade e o talento desta jovem e infatigável professora.

Seus métodos de ginástica e bailados comportam orientação diferente, e, por esta razão, a apresentação física das alunas e motivo para encantamento visual, pois, em seus corpos esculturais, não encontramos traços fortes de musculatura, o que masculiniza a bailarina depois de certo tempo de treinamento.

Suas alunas orientadas sem a preocupação profissional dos palcos, vivem seus números para deleite de seu espírito e requinte da arte. Vendo-as, compreendemos logo porque não podem ser profissionais. E' que a arte tem que ser vivida com o espírito pairando ácima da materialidade da vida.

Acredito, mesmo, que todo o sucesso de Enid Calaza Sauer provenha desta forma sublime de raciocinar, que, desprezando os lucros e vantagens materiais como apologista da arte, se reune a um grupo de jovens talentosas, proporcionando dentro deste mundo tristonho, algumas horas de deleite espiritual.

Seus números variados constando de bailados clássicos, regionais, folclóricos e ginástica rítmica arrancaram aplausos, sendo alguns números bisados delirantemente.

Um dos pontos altos do espetáculo foi a «Canção praieira e «Macumba» sendo êste último bisado para arrebatamento dos espectadores que puderam apreciar dentro da fantasia musicada uma seita misteriosa oriunda da Africa.

«A dança das velas», baseada na lenda de um príncipe que perdeu o anel da felicidade, foi magistralmente interpretada, e, o conjunto denominado «Pássaros Negros», interpretado, também, pela professora Enid Calaza Sauer, imprimiu ao bailado uma impressão patética demonstrando a revoada dos pássaros que pressentem a chegada do caçador.

Empregando um cunho todo limpo ao «Simple Melody», bailou grande número de alunas vestidas à moda de Tio Sam, as quais, com seu ritmo americano, empolgaram a platéia.

Foi, pois, uma demonstração de arte e de gala para os espectadores dos bailados de Enid Calaza Sauer, estando de parabens a senhora ministro Cândido Mota Filho, por tão edificante e encantadora idéia».

29 DE OUTUBRO DE 1954

TEATRO MUNICIPAL

RIO DE JANEIRO

PRO ARTE BRASIL

Maria Dolores

RECITAL DE BAILE ESPAÑOL

PROGRAMA

I

CADIX	Albeniz ★	danza y piano
MALAGUEÑA	Albeniz ★	piano
VALENCIANA	Popular ★	danza y piano
DANZA ESPAÑOLA N.º 5	Granados ★	piano
SOLEARES	Popular ★	danza y guitarra
GRANADINAS	Popular ★	guitarra
PANADEROS	Joaquim Grant ★	danza y piano
CONCHITA SUEÑA y CARNAVAL DE LOS NIÑOS	Turina ★	piano
DANZA DEL TERROR *"El amor brujo"*	Manuel de Falla ★	danza y piano

II

INTERMEDIO *"Goyescas"*	Granados ★	danza y piano
IMPRESIÓN ESPAÑOLA *"primera audición"*	Delvair Silva ★	piano
LAGARTERANAS	J. Guerrero ★	danza y piano
ROSAS	Popular ★	guitarra
ALEGRIAS	Popular ★	danza y guitarra
DANZA DEL RITUAL DEL FUEGO *"El amor brujo"*	Manuel de Falla ★	piano
LA DOLORES	T. Bretón ★	danza y piano

PIANISTA: Delvair Silva

GUITARRISTA: Manolo Navarro

CREACIONES COREOGRAFICAS: Maria Dolores

Lagarteranas y Danza del Terror. Cenografia de Vaslav Veltchec

Vestuário idealizado por Maria Dolores

Realizado por Adela Ferris E. Haouche y Brito Filho

Zapatos: Nelson

29 de Octubre, a las 21 horas

MARIA DOLORES E SEU TRIUNFO NO TEATRO MUNICIPAL

O recital de baile espanhol realizado por Maria Dolores no Teatro Municipal constituiu sem dúvida o maior sucesso da temporada da Associação Brasileira de Cultura Pro Arte. As interpretações magistrais, a técnica de castanholas, sua graça extraordinária transformaram o espetáculo em uma verdadeira apoteose do bailado e em uma glorificação artística de Maria Dolores.

A elite carioca, representada pelas mais expressivas personalidades lá compareceu para aprecia-la e aplaudi-la calorosamente. O entusiasmo com que a platéia exigiu por cinco vezes sua volta à cena testemunhou o êxito excepcional "desta flor dos jardins da Espanha", para usar a expressão do grande compositor e pianista Frio nosso Viana.

O adido cultural à Embaixada Espanhola, assim se manifestar sobre a artista: Ver bailar a Maria Dolores es reconciliarse con todo lo que tiene la vida de leve y sutil. Su danme es inmvisible y breve como debe ser el pitepo". E o Sr. Aizpurua de Sousa Quarim pronunciou-se desta forma: "Maria Dolores é uma grande artista que estiva na interpretação das suas danças específicas pela personalidade e um imenso. Tudo é bom em Maria Dolores; suas castanholas, sua technica, os estilos puros das danças, e sua graça; mas o que me impressionou de maneira extraordinária foi a sua expressão, a sua mímica. Em cada dança põe a delicadeza desta expressão e de sua alma".

O ambiente no Municipal era de encantamento. O professor Emilio Mira y López escreveu-lhe as seguintes palavras: "Maria Dolores consegue em sua dança uma bela síntese de seus componentes mais típicos del alma espanola em seus movimentos expressa a la vez toda la fuerza cerrada y toda la finura sublimación del caracter hispano. Bailarina y a la vez mimica: es pasional sin ser sensual; es galanteria sin ser servil; viva es gracioza sin ser chabacana. Domina el ritmo y la medida, identificada íntimamente con el "pathos" del bailador y el "ethos" de la danza, en arte nos recuerda el de la gran "Argentina". E a Sra.



MARIA DOLORES E SEU TRIUNFO NO TEATRO MUNICIPAL

E. G. Fontes declarou que jamais havia encontrado maior encantamento artístico que em Maria Dolores".

Seu triunfo se deve naturalmente às qualidades espirituais com que foi dotada pela natureza. Seu bailado dá-nos a impressão de estar impregnado do sopro divino da vida e da criação. Ela é a própria Espanha resplandecente e agitada, é a alma apaixonada e sensível da terra de Cervantes; é uma verdadeira revelação de beleza plástica e artística da raça, da mocidade e do vigor criativo dos povos latinos.

Alfredo Tomé, diretor de "Revista Magazine" assim se pronunciou: — "Maria Dolores conseguiu empreender nova expressão estética no bailado espanhol, tão tradicional e acadêmico. Já é a consolidação do começo de uma carreira através de uma contribuição pessoal, rigorosamente pessoal". E Paulo Jorge escreveu: "Maria Dolores — a expressão plástica do pensamento partindo através da dança. A serenidade dos impressos nitidamente captadas e vividas na medida rítmica. Depois, a juventude, da arte apreciável pureza e estilo, cuja jovem juventude ela só dirige em harmonia para um belo acerto.

Da técnica à essencia e "Maria Dolores" é uma artista consagrada, ela o jogo fascinante e prodigioso através da música de Maria Dolores".

A artista espanhola satisfez plenamente a platéia carioca que, aliás, é tida como uma das mais exigentes do mundo. E as manifestações de importantes personalidades espanholas aqui registadas confirmam, de certo modo, o elevado grau de sensibilidade artística e de conhecimentos dotes de beleza e inteligência de Maria Dolores.

O Rio de Janeiro, como Buenos Aires e Montevidéu teve, afinal, a grata oportunidade de conhece-la e decidir-se com a sua grande arte, somente comparável à de Antonia Mercé "La Argentina", conforme o aplaudido Manoel Vellozo, cujo emocão ao pé-la interpretar a dança da Vida Breve, ao-se quase incontrolável.

Maria Dolores é uma grande artista, uma grande artista que dedicou. E' uma nota altiva para o bailado de Espanha.

25 DE SETEMBRO DE 1954

TEATRO MUNICIPAL

FESTIVAL DE BAILADOS

Enid Calaza Sauer

e suas alunas



1954

EM BENEFICIO

- DA -

OBRA

- DE -

FRATERNIDADE

- DA -

MULHER BRASILEIRA

25 e 26 DE SETEMBRO DE 1954

ENID CALAZA SAUER



APRESENTA
SUAS ALUNAS
NO
FESTIVAL DE BAILADOS
1954

AUXILIARES



Neide Calaza Marcondes



Cristina Maria Calaza Sauer



Eros Domingues Brandão



Léa Giffoni Mendes



Yone Zambelli Sobral



Noecyr Saraiva Ramos



Neyde Santos de Figueiredo



Maria Heyd da Silva

I

A ESTRELA QUE CAIU DO CÉU...

Bailado — pantomina em 3 quadros

1.º quadro: "UMA ESTRELA CAI DO CÉU..."

Perdida, cheia de aflição a estrelinha vê-se de repente no meio de um bosque. Assiste a dança das abelhinhas que fogem ao perceberem sua presença. Logo depois surge um colibrí que, interessando-se pela sua sorte, oferece-lhe numa pétala o nectar que colhe das flores. Uma doce aragem passa sôbre elas movimentando-as delicadamente. A estrela, vendo-se só e abandonada desespera-se, implora aos céus que a levem de novo para as nuvens. Chora, e exausta cai a um canto, soluçante até que adormece...

A estrelinha perdida: Norma Valle de Carvalho.

As abelhinhas: Ana Cecilia Sauer Rupp — Angela Maria da Silva — Claudia de Oliveira Andrade — M. Christina de Carvalho Hamann — Sonia Maria de Moraes Sauer — Teresa Christina Calaza Bokel — Zenaid Baiocchi.

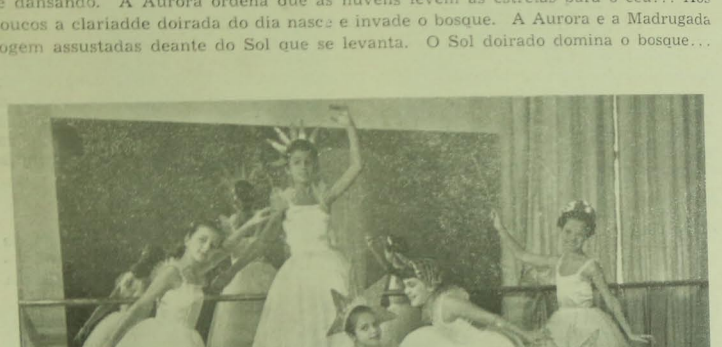
O Colibrí: Marilia Rocha e Souza.



As Flores: Alcina Maria Pires Jardim — Beatriz Miranda Jordão — Denise Maia Cerf — Daizy Nogueira — Elsa Soares Gouvêa — Heloisa Helena Motta de Miranda — Helena Maria Manhães — Isa Baiocchi — Marcia Regina e Silvia Lucia de Queiroz — Lilia Wagner — Gloriamaria Dantas Ribeiro — M. Lucia Falciano — M. Edith Pinheiro Guimarães — M. Elizabeth C. Espinola — M. Helena Bandeira — M. Isabel Motta Ribeiro — Lillian Casaes — Edith Theresa Frischgessel — Ruth Maria Jalles Monteiro — Sonia S. Paulo Garcia — Sandra de Macedo Wellisch — Sylvia Helena Rocha e Souza — Sylvia Marques de Azevedo — Vanya Kautz — Lucia Helena dos Reis Fontes — Regina Lins e Silva — M. Teresa Guinle — Lila Marques Correia.

2.º quadro: O DESPERTAR DA ESTRELA

Quando a estrelinha desperta, surge a fada da Madrugada que se aproxima. Promete salvá-la. Chama a Aurora que vem seguida de suas nuvens róseas... Com elas aparecem duas estrelinhas que ao encontrarem a irmã desaparecida, regosijam-se dansando. A Aurora ordena que as nuvens levem as estrelas para o céu... Aos poucos a clariadde doirada do dia nasce e invade o bosque. A Aurora e a Madrugada fogem assustadas deante do Sol que se levanta. O Sol doirado domina o bosque...



A Madrugada: Elena Maria Calaza Sauer.

A Aurora: Sonia Valle de Carvalho.

As 3 estrelinhas: Anna Myriam Rothberg — Solange Peluso de Carvalho e Clarisse Palatnik.

As nuvens: Daizy Nogueira — Denise M. Cerf — Lillian Casaes — Lucia Helena dos Reis Fontes — M. Isabel da Motta Ribeiro — Sylvia Helena Rocha e Souza — Sylvia Marques de Azevedo — Sonia S. Paulo Garcia.

O Sol: Gloriamaria D. Ribeiro.

3.º quadro: AS ESTRELAS NO CÉU

"Grand port-de-bras" — Todo o conjunto

Músicas de: Mayerbeer — Ivor Novello — Jerome Kern



II

PÁSSAROS NEGROS

Música de: Morton Gould

Um bando de pássaros negros pressentindo a presença do caçador traiçoeiro, foge em louca revoada...

Enid Calaza Sauer e: Alice Gammon Coriolano — Cristina Maria Calaza Sauer — Eros Domingues Brandão — Edith Côrtes — Léa Giffoni Mendes — Lucia Maria Rodrigues — Lygia Teresa de Magalhães Coutinho — Noecyr Therezinha Saraiva Ramos — Taciana de Lacerda Coutinho — Yone Zambelli Sobral — Vera Maria de Mello Pedrazzi — Maria Heyd da Silva — Neyde Figueiredo.



III

HORAS FELIZES

Folclore braisleiro — Arranjo musical de Paulo Tapajoz (para principiantes)

Êles : Anna Helena Quinet de Andrade — Clarisse Palatnik — Estela Maria Musiello — Fernanda Cecilia Matarazzo Dale — Leonora Acatauassú — Vera Lucia Peixoto de Alencar — M. Lucia Bittencourt Sauer — M. Isabel Arthou Nydia Puig Serra — Neila Maria Luzzi Rosauro — Nara Maria Luzzi Rosauro — Vera Lucia Freire — Lydia Basile Dias — Vera Maria Maurity de França — Izabel de Sá — Honorina Boaventura — Marialice Cunha — M. Cristina Loureiro de Almeida.

Elas : Anna Myriam Rothberg — Angela Maria Bosisio — Claudia Maria Joppert Carlos Pinto — Helena M. Bittencourt Pinto — M. Isabel Faria — Daizy Guedes — Leila Calaza Marcondes — Lucia Maria Musielo — Patricia Antunes de Freitas — Maria do Carmo Dutra — Maria Elisa da Motta Sauer — Letícia Machado da Silva — Yvone Grimberg — Lyzia Beatriz Ferraz Alves — Maria Cristina Freire — Solange Peluso Carvalho — Claudia Acatauassú.



IV

HOLZSCHUHTANZ

Música de Lortzing

Cristina Maria Calaza Sauer —Vera M. Pedrazzi — Yone Z. Sobral.



V

INDISCRETAS

Música de Lucien Porret

Surpreendida pelas suas irmãs, Sonia resolve pregar-lhes uma peça.

A menina da cartinha : Sonia Maria de Moraes Sauer.

As indiscrétas : Claudia de Oliveira Andrade — Marilia Rocha e Souza — Norma Valle de Carvalho.



VI

INTERPLAY

Música de Siegel

Carmen Mansini Brown — Ana Maria Nicolacci Costa — Daisy de Lima e Silva — Ivone de Barros Maciel — Gilza M. Rocha — M. Elizabeth Damasio — Joana D'Arc Mansini Brow — Lucia Calaza Marconde — M. Luiza Pinto — M. Lucia Rocha e Souza — Regina G. Rocha — Nilza Carvalho da Costa — Sandra Kalume Pires — Yole Antunes de Freitas — M. Cristina Lustosa — M. Cristina de Faria Telles.



VII

A DANÇA DAS VÉLAS

Ti-om-kim

Uma lenda oriental contá-nos a história de um jovem príncipe que pede aos seus amigos que o ajudem a procurar o Anel da Felicidade, que sua noiva perdera...

Eros D. Brandão — Gélia Ashton — Jenny Sauer Spinola Dias — Léa Giffoni Mendes — Lourdes Levy — Célia Borba — Carmem Lenita Pinto — Elsa Buarque Goulart — Helena Marques de Azevedo — Noecyr Ramos — Maria Lucia Rodrigues — Isa da Silva Munhóz — Vera Maria de Mello Pedrazzi — Dulce de Castro — Marisa Gonçalves.



VIII

JEUNNES, JEUNES FILLES...

Música de Oscar Strauss

O rapaz do Realejo: Alice Coriolano.

Elas: Lilian Casaes e M. Isabel da Motta Ribeiro.

As outras: Regina M. Lins e Silva — Sonia V. de Carvalho — Sylvia Helena Rocha e Souza — Sylvia Marques de Azevedo — Véra Lucia Gomes — Lucia Helena dos Reis Fontes — Elena Maria Calaza Sauer — Lucy Murray Suplicy — Marilia Rodrigues.



IX

CENAS DE ENSÁIO

Música de Melachrino — David Rose — Victor Young

Num vai e vem de ensáios, um papel é esquecido sôbre uma cadeira. . Ao toma-lo entre os dedos, a jovem hesita... mas, o destino cruel forçando a sua curiosidade abate por terra, brutalmente, o maior sonho de sua vida. Nunca mais poder dançar. Desespera-se deante da cruel verdade... Debate-se nas garras da loucura...

A Jovem: Enid Calaza Sauer.

1.ª turma: Alda B. Campbell — Eros Brandão — M. Heyd Silva — Neyde Figueiredo — Noecyr S. Ramos — Yone Zambelly Sobral.

2.ª turma: Edith Côrtes — Léa Giffoni Mendes — Lygia Thereza Magalhães Coutinho — Marlene e Nilmar Ferreira Caldas — Vera Maria de Melo Pedrazzi — Taciana de Lacerda Coutinho — Yolanda de Oliveira Andrade — Iza Muñoz — Carmem Lenita Pinto — Elsa B. Goulart.

1.º — Scherzzo e Adágio
2.º — Rondó Caprichoso
3.º — Tema
4.º — Vivaces
5.º — Final de Ensáio



X

HOLIDAY

Seleções de Sucessos Americanos

Elena Maria Calaza Sauer — Lilian Casaes — Lucia Helena dos Reis Fontes — M. Isabel da Motta Ribeiro — Norma Valle de Carvalho — Sonia Valle de Carvalho — Sylvia Helena Rocha e Souza — Sylvia Marques de Azevedo — Regina Maria Lins e Silva.



XI

CALYPSO

Música de Wayne e Walcott

Bailado moderno em dois movimentos

1.º Quadro: Calypso — Enid Sauer — Alda de Castro Bellinha Campbell — Eros Domingues Brandão — Edith Córtes — Lygia Magalhães Coutinho — Léa G. Mendes — Marlene e Nilmar Caldas — M. Heyd da Silva — Noecyr Ramos — Neyde Figueiredo — — Lucia Maria Rodrigues — Vera Maria Pedrazzi — Taciana L. Coutinho — Yone Zambelli Sobral.

2.º Quadro: Fantasy — Enid Sauer — Alda B. Campbell — Eros Brandão — Neyde Santos de Figueiredo — Noecyr Saraiva Ramos — M. Heyd da Silva — Yone Zambelli Sobral.



INTERVALO

2.ª Parte

XII

VITRINI

Ballet — Veaudeville — Pantomima em três partes

Música de Anderson e Arranjo clássico de Melachrino

1.ª Parte: "AU BOULEVARD MARTIGNOU"



O Guarda:
A dona do Bar: Eros Brandão.
A dona da Loja: Noecyr Ramos.
O Gostosão: Yone Sobral.
As 3 amigas: Alda Campbell — Neyde Figueiredo — M. Heyd Silva.
A moça do lenço: Edith Côrtes.
A gran-fina: Taciana de Lacerda Coutinho.
A chapeleira: Lucia Maria Rodrigues.
A florista: Cristina Maria Calaza Sauer.
Um casal: Alice Coriolano e Marília Rodrigues.
Passantes: Gilda Santos — Vera Lucia Gomes — Marisa Gonçalves — Dulce de Castro — Véra M. de Mello Pedrazzi — Léa Mendes.

2.ª Parte: FLIRT

Ela e Êle: Noecyr Ramos e Yone Sobral.
Eros Brandão — M. Heyd Silva — Neyde Figueiredo e Edith Côrtes.

3.ª Parte: AS BONECAS DA VITRINE

La fée dragée: Sonia Valle de Carvalho.
Mademoiselle: Sylvia Marques de Azevedo.
Clowns: Alcina M. Pires Jardim — Denise Cerf — Heloisa Helena Motta de Miranda — Lilia Wagner — Teresa Cristina C. Bokel.
Stepanek: Lilian Casaes — Regina Maria Lins e Silva — Lucia Helena dos Reis Fontes — M. Isabel da Motta Ribeiro — Lucy Murray Suplicy.
O Cisne-Branco: Sylvia Helena Rocha e Souza.
Chu-chin-chau: Daizy Nogueira — Helena Manhães — Marília Rocha e Souza — Vanya Kautz — Sandra de Macedo Wellisch.







Copellia: Elena Maria Calaza Sauer.
Pas de deux:
Êle: Cristina Maria Calaza Sauer.
Ela: Norma Valle de Carvalho.

XIII

A HISTÓRIA DO SABIÁ

Arranjo do Conjunto Continental

Pantomima folclórica para crianças de 3 a 6 anos (principiantes)

Anna Myriam Rothberg — Angela Maria Bosisio — Ana Cecilia Sauer Rupp — Claudia de Oliveira Andrade — Clarisse Palatnik — Leila Calaza Marcondes — M. Isabel Faria — M. Lucia Bittencourt Sauer — M. Elisa Motta Sauer — Nidia de Carvalho Puig Serra — Patricia A. Freitas — Sonia Maria de Moraes Sauer — Solange Peluso de Carvalho — Teresa Cristina Calaza Bokel — M. do Carmo Dutra — Ana Helena Quinet de Andrade — Leticia Machado da Silva.



XIV

TANGO

Música de Lercy Anderson

Enid Calaza Sauer e: Alda Campbell — Eros Brandão — M. Heyd Silva — Neyde Figueiredo — Noecyr Ramos — Yone Zambelli Sobral.



XV

SIMPLE MELODY

Música de Mellin

Anna Maria Nicolaccy da Costa — Carmen e Joana Mansini Brown— Claudia Acatauassú — Daizy Guedes — Daizy de Lima e Silva — Fernanda Cecilia Matarazzo Dale — Gilda Braga de Carvalho Vianna — Gilza Maria e Regina Guiomar Rocha e Santos — Helena Maria Bittencourt Pinto — Ivone de Barros Maciel — Lucia Calaza Marcondes — Lydia Basile Dias — Maria Cristina Lustosa — M. Luiza Corrêa Pinto — M. Cristina de Faria Telles — M. Elizabeth Damasio — M. Lucia Rocha e Souza — Nilza Costa — Nara e Neila Rosauro — Sonia Rego Barros — Sandra K. Pires — Yole Antunes de Freitas — M. Alice Azevedo Alves — M. Cristina L. Almeida — Vera Maurity França — Leila Renato dos Santos — Izabel de Sá Lopes — Mercedes M. Viegas.



XVI

MAZURKA

Música de Josef Strauss

Elena Maria Calaza Sauer — Denise Cerf — Gilda Santos — Lucia Helena dos Reis Fontes — Lucy Murray Syplicy — Lilian Casaes — Regina M. Lins e Silva — Sonia Valle de Carvalho — Sylvia Marques de Azevedo — Sylvia Helena Rocha e Souza — Maria Isabel da Motta Ribeiro — Sonia S. Paulo Garcia.



XVII

CHOCUNA BLANCA

Música de Lincke (Número de principiantes)

1.º grupo : Elsa Maria Soares Gouvêa — Beatriz Miranda Jordão — Claudia de Oliveira Andrade — Isa Baiocchi — Ana Cecilia Sauer Rupp — Ruth Maria Jalles Monteiro — Teresa Cristina Calaza Bokel — M. Teresa Martins Guinle — M. Christina de Carvalho Hamann — Sonia Maria de Moraes Sauer.

2.º grupo : Angela Maria Costa e Silva — M. Edith Pinheiro Guimarães — Marcia Regina e Sylvia Lucia N. de Queiroz — M. Lucia Falciano — Zenaide Baiocchi — Edith Theresa Frischgessell — Maria Elizabeth Espinola.

3.º grupo : Sandra de Macedo Wellisch — Alcina Maria Pires Jardim — Daysi Nogueira — Heloisa Helena Motta Miranda — Helena Manhães — Lilia Wagner — Vanya Kautz — Marília Rocha e Souza — Norma Valle de Carvalho.

4.º grupo : Ana Myriam Rothberg — Clarisse Palatnik — Solange P. Carvalho e Maria Elisa Motta Sauer.



XVIII

RAPSODIA HÚNGARA N.º 2 DE LISZT

Música de Liszt

Bailado em duas partes, baseado num tema de Naruna Sutherland

Coreografia de Enid Sauer

CAMPO VERMELHO

Chefe : Eros Domingues Brandão.

Guerreiros : Alda Bellinha Campbell — Edith Côrtes — Gélia Ashton — Jenny Sauer Spinola Dias — Lucia Maria Rodrigues — Marlene Caldas — Noecyr Saraiva Ramos — Neyde Santos de Figueiredo — Taciana de Lacerda Coutinho — Vera M. de Mello Pedrazzi — Dulce Castro — Nilmar Caldas — Wilma Correia.

CAMPO AZUL

Chefe : Yone Zambelli Sobral.

Guerreiros : Alice G. Coriolano — Cristina M. Calaza Sauer — Célia Borba — Carmen Lenita Pinto — Elsa Buarque Goulart — Léa Giffoni Mendes — Lygia Teresa de Magalhães Coutinho — Marília Rodrigues — Marisa Gonçalves — Maria Heyd da Silva — Isa da Silva Muñoz — Yolanda de Oliveira Andrade — Gilda Santos.



FINAL

Todos os têmas dos Bailados, Coreografias e fantasias são criações da professora Enid Calaza Sauer.

Colaboraram neste espetáculo, na confecção das toilettes, as senhoras : Amanda de Moraes — Esmeraldina Brandão — Esmeralda de Miranda Mattos — Alice Fausto — M. Augusta Ferreira.

Nas máscaras dos pássaros e na "mise-en-scène" : Snr. B. Silveira.

No programa : R. Sauer.

Nas fotografias : Romeu Sauer.

A todos que colaboraram no espetáculo, os agradecimentos de Enid Calaza Sauer e suas alunas.

Festivais de Bailados realisados pela professora Enid Calaza Sauer e suas alunas

1 — 18 de Dezembro de 1950 — Natal do Educandário Santa Maria.
2 — 1 de Outubro de 1951 — Obra de Fraternidade da Mulher Brasileira.
3 — 29 de Outubro de 1951 — Providência dos Desamparados.
4 — 18 de Agôsto de 1952 — Cancerosos.
5 — 1 de Setembro de 1952 — Cancerosos.
6 — 30 de Setembro de 1952 — Associação Cristã Feminina.
7 — 12 de Junho de 1953 — Casa da Amizade.
8 — 5 de Setembro de 1953 — Associação Cristã Feminina.
9 — 6 de Setembro de 1953 — Obra da Fraternidade da Mulher Brasileira.
10 — 9 de Outubro de 1953 — Festa da Amizade.
11 — 29 de Outubro de 1953 — Assistência de Proteção ao Tuberculoso.
12 — 11 de Setembro de 1954 — Associação Atlética do Banco do Brasil.
13 — 25 de Setembro de 1954 — Obra da Fraternidade da Mulher Brasileira.
14 — 26 de Setembro de 1954 — Obra da Fraternidade da Mulher Brasileira.







"CONFLITOS"
Número moderno de interpretação mímica
por Enid Sauer



DANCING IN THE RAIN
Número de ginástica rítmica

SUCESSOS DE 1953



FREVO



SUMACQUEANA
Bailado exótico



ESTUDO
Número de ginástica ritmica moderna

CURSO DE DANÇA ENID SAUER

Bailados clássicos modernos, regionais, folklóricos, ginástica rítmica, corretiva e pantomima.

RUA LAURO MÜLLER N.º 1 - A. S. E. S.
Informações pelo telefone: 25-3427

AVENIDA ATLANTICA N.º 4.264 A. A. B. B. (ex-Casino Atlântico)
Informações pelo telefone: 47-1398 com a Professora D. Neid Calaza Marcondes

ou pelo tel. 26-8587 com a secretária do curso D. Léa G. Mendes.

31 DE OUTUBRO DE 1954

TEATRO MUNICIPAL

★

Domingo, 31 de Outubro de 1954
ás 16 horas

★

Escola Cultural de Arte

★

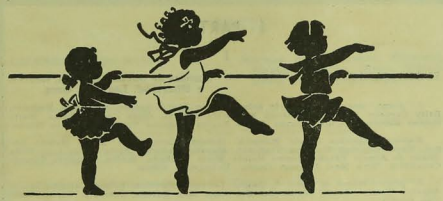
Festival de Bailados

em beneficio do Ambulatório Preventivo
do Cancer Genital Feminino da Policlinica
Geral do Rio de Janeiro

★

Alunos, Professores da Escola
e convidados especiais

7 DE NOVEMBRO DE 1954



VESPERAL
DE
BAILADOS
DAS ALUNAS DE
KLARA KORTE

TEATRO MUNICIPAL
DOMINGO, 7 DE NOVEMBRO DE 1954
ÀS 15 HORAS

13 DE NOVEMBRO DE 1954

TEATRO MUNICIPAL
RIO DE JANEIRO

★

Espetáculo de Bailados

CURSO DE DANÇAS CLÁSSICAS
DO CLUB MUNICIPAL

★

Orientação da Professora
Noêmia Edelman

★

Homenagem ao 22.º Aniversario da Fundação do Club Municipal.

SABADO ★ 13 DE NOVEMBRO DE 1954 ★ ÀS 16 HORAS

31 DE OUTUBRO DE 1954

TEATRO MUNICIPAL

★

Domingo, 31 de Outubro de 1954

ás 16 horas

★

Escola Cultural de Arte

★

Festival de Bailados

em beneficio do Ambulatório Preventivo do Cancer Genital Feminino da Policlinica Geral do Rio de Janeiro

★

Alunos, Professores da Escola
e convidados especiais

PROGRAMA

I PARTE

Suite Clássica ..... Música de Chopin
(Coreografia de Sandra Dieken)

1ª Bailarinas: *Eliana Maria Boamorte e Katia Rodrigues Cetrim.*
Solistas: *Vera Lúcia Saba e Vera Maria Silveira*
Corpo de Baile: *Beki Bassan, Clara Vitória Hasson, Eliana Meyer, Eliana Mendlowicz, Eliana Levy, Hilary Hogg, Marina Stella Verlangieri, Maria Magdala Stoltemberg, Rosa Maria Rezende, Vera Lúcia Dall' Oppio.*

La Poupée ..... Música de Poldini
(Coreografia de Sandra Dieken)
★) *Josephina Maria Carvalho*

Valse ..... Música de Chopin
(Coreografia de David Dupré)
✻) *Regina Maria Vasconcelos*

Les Filles au Jardin ..... Música de F. Monpou
(Coreografia de Sandra Dieken)
★) *Lenise Fracalanza, Suany Fracalanza, Norma Fracalanza, Wanda Aguinaga, Rosália Maria Verlangieri.*

O Jornaleiro ..... Música de Debussy
(Coreografia de David Dupré)
✻) *Alice Hargreaves*

Prelúdio ..... Música de Chopin
(Coreografia de Sandra Dieken)
★) *Maria Cristina da Costa Pinto*

Cigana ..... Música de Devorak
(Coreografia de Sandra Dieken)
★) *Eliana Maria Boamorte*

Minueto ..... Música de Mozart
(Coreografia de Sandra Dieken)
★) *Lygia Maria Boamorte, Sônia Rodrigues Cetrim, Josephina Maria Carvalho, Marina Stella Verlangieri.*

Reverie ..... Música de Debussy
(Coreografia de Sandra Dieken)
★) *Francisca Maria Penalva Goulart*

Escocesa ..... Música de Chopin
(Coreografia de Sandra Dieken)
★) *Rosália Maria Verlangieri.*

Baby Polka ..... Música de J. Bayer
(Coreografia de Sandra Dieken)
★) *Vera Maria Silveira*

Dansa Húngara ..... Música de Brahms
(Coreografia de Sandra Dieken)
★) *Katia Rodrigues Cetrim*

Clair de Lune ..... Música de Debussy
(Coreografia de David Dupré)
✻) *Sônia Faria*

Valse ..... Música de Brahms
(Coreografia de Sandra Dieken)
★) *Liana Varela*

Tarantela ..... Música de Rossine
(Coreografia de David Dupré)
✻) *Vera Lilian Medeiros, Gilda Guillobel*

(Ao piano Prof. ROBERTO PAULO NASCIMENTO)

Inspiração ..... Música de Chopin
(Coreografia de Sandra Dieken)
★) *Vera Lúcia Saba.*

Pizzicato ..... Música de Ribalowsky
(Coreografia de David Dupré)
✻) *Regina Maria Vasconcellos, Alice Hargreaves e Sônia Laquintinie.*

Copélia ..... Música de Delibes
(Coreografia de Sandra Dieken)
★) *Huguette Genzburger*

Pas de Trois ..... Música de Schubert
(Coreografia de Sandra Dieken)
★) *Katia Rodrigues Cetrim, Eliana Maria Boamorte e Francisca Maria Penalva Goulart.*

II PARTE

Professores da Escola e Convidados Especiais

Pássaro Azul ..... Música de Tchaikowski
(Coreografia de Petipas)
Pas de Deux
1ª Variação
2ª Variação
Coda
Sandra Dieken e Johnny Franklin

Intermédio de las Goiescas ..... Música de Granados
(Coreografia de Maria Dolores)
Maria Dolores
(Ao piano *Delvair Silva*)

Variaçoã Clássica ..... Música de Tchaikowsky
(Coreografia de Petipas)
David Dupré

Gigue ..... Música de Bach
(Coreografia de Nina Verchinina)
Sandra Dieken

Grand Pas de Deux ..... Música de Tchaikowsky
(Casse Noisettes) (Coreografia de Petipas)
Tatiana Leskova e Aldo Lotufo
(Ao piano *Otto Jordan*)

Variaçoã Clássica ..... Música de Chopin
(Coreografia de Johnny Franklin)
Johnny Franklin

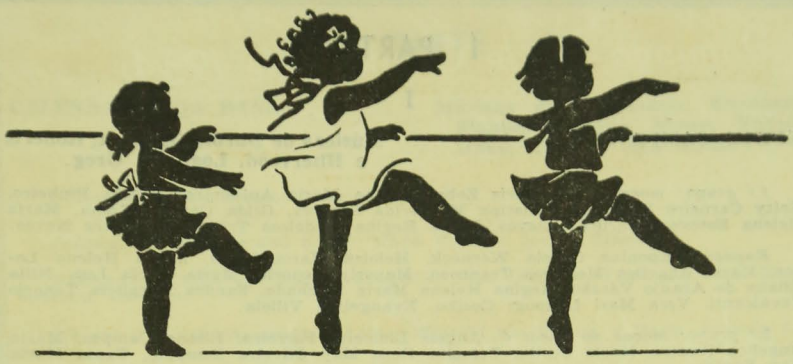
Dansa do Sabre ..... Música de Kachaturian
(Coreografia de Nina Verchinina)
Sandra Dieken

La Dolores ..... Música de F.Bretón
(Coreografia de Maria Dolores)
Maria Dolores
(Ao piano Delvair Silva)

Dansa ..... Música de F. Viana
(Coreografia de Nina Verchinina)
Sandra Dieken

CLASSE DOS PROFESSORES:
★) Sandra Dieken
✻) David Dupré

7 DE NOVEMBRO DE 1954



VESPERAL

DE

BAILADOS

DAS ALUNAS DE

KLARA KORTE

TEATRO MUNICIPAL

DOMINGO, 7 DE NOVEMBRO DE 1954

ÀS 15 HORAS

I PARTE

I

SURTE CAMPESTRE ..... **Músicas de Durbin, Herbert, Roberts e Hhervood, Loanner, Greg.**

1.º grupo: moças: Ana Maria Zobarar, Ana Maria Automare, Angela Pinheiro, Betty Carneiro Verissimo, Cristina Margarida Saraiva, Gilda Castillo Gama, Maria Helena Esteves, Marlice Esteves, Maria Regina Medeiros Trancoso, Sandra Neves.

Rapazes: Eponina Garcia Werneck, Heloisa Maria Mello, Maria Helena Lopes, Maria Angelica Medeiros Trancoso, Mayerly Tenorio, Maria Lucia Luz, Nilia Eliana de Araujo Vassão, Regina Helena Maria Machado, Sandra Natalicia Tenorio Cavalcanti, Vera Mari Limougi Coelho, Evangelina Villela.

2.º grupo: moças do tricot — Angela Limoeiro Ferreira, Eliana Campos, Maria Angelica Rizzini, Maria Cecilia Teixeira Rosa May Oliveira Sampaio, Tania Maria Van Erven.

Rapazes: Elizabeth Fleury de Castro, Deana Bernardes, Gerda Moraes Pierre de Oliveira, Lilian Whright da Silveira, Mariza Marquez ,Suzana Martins Fialho.

1.º Dueto: Francisca Sylvia Borghoff e Sylvia de Carvalho.

Bébés: 1.º grupo: Ana Maria Cubas, Ana Cristina Magalhães San Roman, Beatriz Maria Costa Santos, Berthe Leitão da Cunha, Celia Regina Andrade, Maria da Graça De Carli, Maria Regina Leite Perena do Carmo, Stela De Carli, Rosa Maria Aquino Aranha.

Bébés: 2.º grupo: Beatriz Parreiras Horta, Celia Angelica de Castro, Liana Rheinganhz Moniz, Gizele Maria de Freitas, Lourdes Bernardes, Maria Cristina Martins Amaral, Suzan Findlay, Simone Leitão da Cunha, Vera Oswaldo Cruz, Elizabeth Ramos Barros, Eliane Morpurgo.

Solo: Eliana Andréa Basbaum.

c.º grupo: Ana Angelica Trancoso, Ana Maria Whright da Silveira, Claudia Drumond Murray, Cleusa Conceição dos Reis, Claudia Regina Cabral de Menezes, Diana Lucy Comber, Diana Faria Souto, Ieta Popovitch, Lia Bernardes, Leila Nicolai Braga, Leila Vidigal, Maria do Carmo Xavier, Maria Angelica De Carli, Maria Lucia Castro Junqueira, Rizza Xavier, Rosa Maria Mariz, Sonia Lobo, Simone Wester, Sonia Maria Lee, Sonia Maria Cascão, Ursula Reich.

Dueto — Mercedes Pinheiro e Diana Paredes Cardoso.

II

AVIÕES VITORIOSOS ..... **Música de Beethoven.**

Os aviões: Gloria Souza Barros, Joyce Millar, Wanda Millar.

Noite: Cybele Magalhães Cordeiro, Celia Pires Ferreira, Regina Montinho, Sonia Maranhão, Vera Cardoso, Wilma Calazans.

Tempestade: Julinha Carvalhedo Magalhães, Nadia Kastrup, Vyvyan Jessica White.

Fogo: Adahyl Brandão de Barros, Maria Helena Villela, Vera Lucia Sodré.

INTERVALO

PROGRAMA

II PARTE

CALENDÁRIO DA DANSA ..... **Músicas de Schumann, Eilenberg, Manoel Espírito Santo, Vernon Duke, Strauss, Rea Gade.**

O tempo: Celia Carvalho Rodrigues.

Janeiro: (O pequeno ano novo): Maria Cristina Soares Ribeiro.

Fevereiro: (Carnaval): Regina Moutinho, Vera Cardoso, Wilma Calazans, Yandi Sobreira Cardoso.

Março: (Os dois namorados): Lilian Whright da Silveira e Maria Augusta Laporte.

Abril: (Sol e chuva): Beatriz Velloso Pinto, Gilda Maria dos Reis, Maria Rita Oliveira Sampaio, Maria Regina Vasconcellos Torres de Mello ,Silvia Castro, Sonia Regina Arueira de Meirelles.

Maio: (Dansa da primavera): Diana Capello, Diana Paredes Cardoso, Lucia Limoeiro Ferreira, Maria Dolores de Almeida, Mayerly Tenorio, Maria Tereza Martins do Amaral, Maria Tereza Medeiros Trancoso, Sandra Natalicia Tenorio Cavalcanti.

Junho: (11 de Junho. Festa da Marinha): Ana Lucia Vivacqua Cardoso da Costa, Eliana Andréa Basbaum, Maria Carmen Gomes de Oliveira, Mercedes Pinheiro, Maria Regina Pimentel Duarte, Marlene Heronildes de Souza, Maria Lucia Martins do Amaral, Olga Martins Perdigão, Suzy Hermana Ayres Costa.

Julho: (4 de Julho — American Day): Maria Rita de Oliveira Sampaio.

Agosto: (Festa no jardim).

Solo: Cybele Magalhães Cordeiro.

Ensemble: Gizela Leibold, Myrna Pinto Rocha, Lenice Silva Costa, Ursula Leibold.

Setembro: (Colheita): Deise Bezerra de Menezes, Martha Maria Lopes Pontes, Maria Lucia Luz, Maria de Lourdes Alcântara Gomes, Maria Helena Esteves, Maria Regina Soares Ribeiro, Suzana Bouças Velloso.

Outubro: (12 de Outubro de 1492, descoberta da América): Maria Helena Villela.

Novembro: (19, Dia da Bandeira): Angela Cardoso Bardi, Adahyl Brandão de Barros, Evangelina Villela, Maria Luiza Kremer, Nadia Kastrup, Ilma Pacheco Barros, Romelita Ferreira Leite, Vyvyan Jesseca White, Wally Leonor Borghoff, M. Tereza Martins do Amaral, Lenice Silva Costa, Lucia Helena M. Cordeiro.

Dezembro (Natal):

As crianças: Gerda Moraes Pierre de Oliveira, Rosa May Oliveira Sampaio

Os anjos — Angela Limoeiro Ferreira, Maria Cristina Laporte.

INTERVALO

Coreografia KLARA KORTE

Ao piano: Herta Kensing Push

Exceto FÉE DRAGÉE DE IVANOW

Croquis: Lully de Carvalho

31 DE OUTUBRO DE 1954

TEATRO MUNICIPAL

III PARTE

FRIZO EGYPCIO ..... **Música de Guy Carosells.**

Duetto: Maria Lucia Martins do Amaral, Vera Cardoso.

Ensemble: Gizela Leibold, Romelia Caldas, Romelita Ferreira Leite, Ursula Leibold.

LA CHASSE ..... **Música de Rossini.**

Gloria de Souza Barros.

RÊVE D'AMOUR ..... **Música de Liszt.**

Vyvyan Jessica White.

BRIGA DE GALOS ..... **Música de Prokofieff.**

Joyce Millar — Wanda Millar.

INTERMEZZO ..... **Músicas de Provost e de Leone.**

Solo: Celia Pires Ferreira.

Eusemble: Adahyl Brandão de Barros, Maria Luiza Kremer, Yandi Sobreira Cardoso e Maria Carmen Gomes de Oliveira.

FÉE DRAGÉE ..... **Música de Tschaikowsky.**

Sonia Maranhão.

ORIENTAL ..... **Música de Woodford Finden.**

Nadia Carneiro Kastrup.

VALSE SCHERZO ..... **Música de Kern.**

Vera Lucia Sodre.

TRIO ..... **Música de Beethoven.**

Angela Cardoso Bardi, Maria Regina Pimentel Duarte, Sonia Regina Arueira de Meirelles.

DUETTO ..... **Música de Elgar.**

Ana Lucia Vivacqua Cardoso da Costa, Julinha Carvalhedo Magalhães.

PIZZICATO POLKA ..... **Música de Strauss.**

Solo: Lucia Helena Magalhães Cordeiro.

Quartetto: Beatriz Velloso Pinto, Lucia Limoeiro Ferreira, Martha Maria Lopes Pontes, Sylvia Castro.

SUITE ESPANHOLA ..... **Músicas de Granados, Jimenez, Metrá, Moskowsky, Miro.**

1.º grupo: (Jota): Cybele Magalhães Cordeiro, Gloria de Souza Barros, Joyce Millar, Sonia Maranhão, Vera Cardoso, Wanda Millar.

1º Duetto: Maria Helena Villela, Vera Lucia Sodré.

2.º Duetto: Cybele Magalhães Cordeiro, Regina Moutinho.

Valsa: Vera Cardoso.

Bolero: Gloria de Souza Barros.

Ensemble: Gloria de Souza Barros, Vera Cardoso, Joyce e Wanda Millar, Sonia Maranhão, Celia Pires Ferreira, Maria Helena Villela, Vera Lucia Sodré, Regina Moutinho.

JORNAL DO COMMERCIO — Rodrigues & C. — Av. R. Branco, 117 — R. de Janeiro — 1954

13 DE NOVEMBRO DE 1954

TEATRO MUNICIPAL

RIO DE JANEIRO

★

Espetáculo de Bailados

CURSO DE DANÇAS CLÁSSICAS DO CLUB MUNICIPAL

★

Orientação da Professora

Noêmia Edelman

★

Homenagem ao 22.º Aniversário da Fundação do Club Municipal.

SÁBADO ★ 13 DE NOVEMBRO DE 1954 ★ ÀS 16 HORAS



PROFESSORA NOÊMIA EDELMAN

O Club Municipal tem a grata satisfação de oferecer ao quadro social mais um espetáculo de bailados da Prof. Noêmia Edelman.

★

HOMENAGENS

Exmo. Sr. Prefeito do Distrito Federal

Dr. Alim Pedro

Exmo. Sr. Secretário Geral de Educação e Cultura

Dr. Haroldo Lisbôa da Cunha

Exmo. Sr. Chefe do Serviço de Teatro e Diversões

Sr. Rodrigo da Silva Torres

★

PROGRAMA

1.ª PARTE

"Sonho de uma Florista"

Ballet infantil — Coreografia da Prof. Noëmia Edelman sôbre as músicas de Adam, J. Offembach e Tchaikovsky.

Florista — Snrta. Sylna Maria da Silva Meanda.

Vento — Snrta. Carmen Lúcia Silva

Borboletas — Snrtas. Sônia Maria Queiroz Brener e Eliane Sampaio de Souza.

Flores principais:

Rosa — Snrta. Maria Lúcia Cunha Menezes

Papoula — Irany Mariano da Silva

Dália — Eliane Costa Rodrigues

No Lago

Vitórias Régias:

Solista — Snrta. Jocy Rodrigues de Albuquerque
Snrtas. Marilúcia Moreira Sanctos, Vera Lúcia G. Ferreira e Ana Edelman.

Outras Flores:

Snrtas. Jane Sampaio de Souza, Vera Lúcia Rodrigues, Sônia Maria Cury Neto e Yeda Edelman.

Resumo :

Era uma vez... uma pequena Florista que queria saber como surgem as Flores.

Um dia, ao passeiar pelo bosque, extasiada com tamanha beleza começa a dançar.

Cansada, senta num banco e avista duas borboletas alegres, que rodopiam em volta de umas flores.

A noite vai caindo! O vento chega e começa a embalar as flores, e as borboletas, com medo, se escondem atrás de uma árvore. Já noite, cansada da luta com o vento a Florista adormece. Despertada por um encanto, ela vê as flores desabrocharem e dançarem com as borboletas. Por fim, ela também dança alegremente, colhendo algumas flores, voltando à sua casa.

INTERVALO

Variações

1 - Boneca Bailarina — Snrta. Sônia Maria Queiroz Brener

2 - As Camponezinhas — Snrtas. Sylna Maria Meanda, Eliane Costa Rodrigues, Maryla Duse de Araujo Campos.

3 - Tarantela — Snrta. Jocy Rodrigues de Albuquerque.

4 - Três Parisienses Granfinas — Snrtas. Eliane Sampaio de Souza, Sônia Maria de Queiroz Brener e Vera Lúcia Rodrigues.

5 - "Rêve" — Snrta. Maryla Duse de Araujo Campos.

6 - Bahianinhas — **Cena - Numa festa, vendedoras de cocadas.**

Vendedoras - Snrtas. Sônia Maria Brener, Eliane Sampaio de Souza, Vera Lúcia Rodrigues, Jane Sampaio de Souza, e Vera Lúcia Ferreira.

Solista - Snrta. Marilúcia Moreira Sanctos.

2.ª PARTE

"La Creation"

(A Creação)

Ballet clássico moderno. Coreografia em 2 quadros da Prof. Noêmia Edelman sôbre a música - Estudos Sinfónicos de Schuman.

1.º Quadro — Ensaio Coreográfico.

2.º Quadro — Nascimento de um novo ballet.

Personagens :

Coreógrafo - Prof. Noêmia Edelman

Bailarino - Snrta. Maria Ruth de Souza

Ideal - " Gilda Mergulhão Magioli Maia

Incerteza - " Stella Zattar

Idéia - " Stella Maria Zattar

Tentação - " Elma Castro Fernandes

Duas bailarinas - Snrtas. Helena Zenóbio Al.es de Vasconcellos e Eliane Magioli Roifé.

Bailarinas na Barra:

1. Grupo — Snrtas. Carmen Lúcia Silva, Maria Regina Barreto de Almeida, Maria Angela Zenóbio Barreto de Assumpção.

2.º Grupo — Snrtas. Maria Alice Nunes Lopes, Lenice Costa Rodrigues, Marcia Lúcia Bottrel da Silva e Marilúcia Moreira Sanctos.

2.º Quadro - Os mesmos intérpretes.

Resumo :

O coreógrafo cria o ballet no silêncio de seu espírito. É a procura, sem cessar, de uma linha desconhecida e o nascimento de um novo ballet.

1.º quadro - ensaio coreográfico - Coreógrafo entra em cena e procura criar um ballet; palco as escuras. Em dado momento aparece, primeiro um Bailarino, segundo o Ideal, terceiro, vaga pela sua mente a Incerteza, quarto, a Idéia nova, quinto, Tentação da nova idéia, seguida por duas belas bailarinas. Finalmente, procura criar com todos êsses elementos um ballet, no ensaio coreográfico.

2.º Quadro — A criação do novo ballet. As bailarinas dançam até a realização final do sonho do coreógrafo.

INTERVALO

"Divertissement" Músicas de diversos autores

1 - Dança da Fada — Snrta. Sylna Maria da Silva Meanda

2 - Clair de Lune (a pedidos) — Snrtas. Stella Zattar, Stella Maria Zattar, Eliane Magioli Roifé, Helena Zenóbio A. de Vasconcellos, Gilda Mergulhão Magioli Maia.

Posés — Snrtas. Maria Angela Zenóbio B. de Assumpção, Maria Regina B. de Almeida, Elma Castro Fernandes, Irany Mariano da Silva, Maria Alice Nunes Lopes, Maria Ruth de Souza.

3 - Serenata — Snrta. Eliane Costa Rodrigues.

4 - Poema Clássico — Snrta. Helena Zenóbio Alves de Vasconcellos.

5 - Pas de Quatre — Snrtas. Gilda Mergulhão Magioli Maia, Elma Castro Fernandes, Stella Maria Zattar, Stella Zattar.

6 - Variação Clássica — Snrta. Maria Lúcia Menezes.

7 - Degas — Snrtas. Maria Angela Zenóbio Barreto de Assumpção, Maria Regina Barreto de Almeida, Carmen Lúcia Silva, Jocy Rodrigues de Albuquerque.

8 - "Ballet Classique" — **Solista:** Prof. Noêmia Edelman.
Príncipe: Snrta. Maria Ruth de Souza.
2 bailarinas: Snrtas. Irany Mariano da Silva e Eliane Magioli Roifé.

Conjunto - Snrtas. Helena Zenóbio A. de Vasconcellos, Stella Zattar, Stella Maria Zattar, Sylna Maria Meanda, Eliane Costa Rodrigues, Maryla Duse de Araujo Campos.

3.ª PARTE

1 - Modernístico — Snrtas. Prof. Noêmia Edelman e Maria Ruth de Souza.

2 - Ballet Cômico

"Banhistas de 1850"

Cena — Um escândalo passado na praia por motivo de uma banhista haver usado um maillot, deixando as pernas de fora.

O Guarda — Snrta. Maria Ruth de Souza

A Escandalosa — Snrta. Gilda Mergulhão M. Maia

A Granfina — Snrta. Stella Zattar

O Rapaz — Snrta. Elaine Magioli Roifé

Nas barracas — Snrtas. Helena Zenóbio A. de Vasconcellos, Maria Alice Nunes Lopes, Stella Maria Zattar, Elma Castro Fernandes.

A filinha — Snrta. Sônia Maria Queiroz Brener

Acrobatas — Snrtas. Irany Mariano da Silva, Maria Regina Barreto de Almeida, Eliane Costa Rodrigues, Maria Lúcia Menezes, Carmen Lúcia Silva.

O Baleiro — Snrta. Marcia Lúcia Botrell

Entrando — Snrta. Lenice Costa Rodrigues

Banhistas em geral — Snrtas. Sylna Maria Meanda, Vera Lucia Ferreira, Marilúcia Moreira Sanctos, Jocy R. de Albuquerque, Sônia Maria Cury Neto, Maryla D. de Araujo Campos, Ana Edelman.

Ensaios acompanhados pela Snrta. BETRIZ VOCURCA
Orquestra sob a direção do maestro HENRIQUE NIREMBERG

O Ballet simboliza a música em seus movimentos. Ballet é uma arte divina, composta de música, ritmo e movimento.

Prof. Noêmia Edelman

A Prof. Noêmia Edelman, agradece a gentil colaboração das Exmas. Famílias de suas graciosas almas.

CURSO DE DANÇAS CLÁSSICAS
E GINÁSTICAS RÍTMICAS

CURSO DE INICIAÇÃO AO BALLET
PARA CRIANÇAS DE 3 a 5 ANOS.

INFORMAÇÕES: 54-1880

25 DE NOVEMBRO DE 1954

PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL

TEATRO MUNICIPAL

DIREÇÃO DA COMISSÃO ARTÍSTICA E CULTURAL



Sob os auspícios da
AMERICAN NATIONAL THEATRE AND ACADEMY
A EMPRESA VIGGIANI apresenta

JOSE' LIMÓN
E SUA
COMPANHIA DE DANÇAS MODERNAS
com PAULINE KONER

PROGRAMA OFICIAL — GRATIS



Pauline Koner



José Limon

JOSÉ LIMÓN E SUA COMPANHIA DE DANÇAS MODERNAS

QUINTA-FEIRA, 25 DE NOVEMBRO DE 1954, ÀS 17 HORAS
UNICA VESPERAL

VARIATIONS AND CONCLUSION FROM "NEW DANCE"

Música de: **Wallingford Riegger**
Coreografia de: **Doris Humphrey**

Intérpretes: JOSE' LIMÓN — RUTH CURRIER
PAULINE KONER — LAVINA
LUCAS HOVING — CHARLES CZARNY
BETTY JONES — ALVIN SCHULMAN

Composto em 1935 como um conjunto de 5 solos e trios e duetos contra um fundo de contraponto rítmico, concebido num espírito de flutuação e brilhância, vale esta obra como um credo da dança americana, a libertação dos modos convencionais do passado, um novo e vital emprêgo do corpo e uma aplicação arquitetural do desenho e do ritmo. Recriado para a Companhia de José Limón em 1954.

THE MOOR'S PAVANE (PAVANA DO MOURO)

Música de: **Henry Purcell** (de várias suites orquestrais)
Coeografia de: **José Limón**
Trajes: **Pauline Lawrence**

Dançado pela primeira vez no Festival de Dança Americana, em 1949, com música arranjada por Simon Sadoff. A coreografia data de 1949.

Intérpretes: O Mouro ..... JOSE' LIMÓN
Seu amigo ..... LUCAS HOVING
A espôsa de seu amigo .. PAULINE KONER
A espôsa do Mouro .... BETTY JONES

Variações sôbre o tema de «Otelo». Este ballet, com coreografia de José Limón, conquistou o prêmio do «Dance Magazines» para a mais importante criação no setor da dança moderna norte-americana. O bailado tem por tema a trama básica de Otelo, completamente descrita sob a forma dançante. Os quatro intérpretes permanecem em cena durante todo o transcorrer do bailado. Retrata-se aqui a tragédia de um homem qualquer quando atingido pelas tramas de uma vida trágica. O tema e a ação se passam portanto, em qualquer lugar e em qualquer época.

NIGHTSPELL (NOTURNO)

Música: **Priaulx Rainier** — Coreografia (1951): **Doris Humphrey** — Cenário: **Charles Oscar** — Trajes: **Pauline Lawrence**

O que dorme: **José Limón.**
Visões noturnas: **Lucas Hoving, Betty Jones, Ruth Currier.**

1. Os terrores desconhecidos do sonho:
   JOSE' LIMÓN
2. Misteriosa aparição:
   RUTH CURRIER, BETTY JONES, LUCAS HOVING
3. Ilusão romântica:
   JOSE' LIMÓN, RUTH CURRIER
4. Encontro final:
   JOSE' LIMÓN, RUTH CURRIER, BETTY JONES, LUCAS HOVING.

Aquêle que, no recesso escuro da mente, é assomado por terrores desconhecidos, luta para expulsar o fantasma que, quando se desfaz, revela ternura e amor. Segue-se então uma luta e perseguição confusas e, finalmente, a luz.

RITMO JONDO

Música baseada em cantos e danças dos ciganos espanhóis (1952), de autoria de **Carlos Surinach.**
Coreografia (1953): **Doris Humphrey**
Cenário (baseado numa pintura de Charles Oscar): **Jean Rosenthal**
Trajes: **Pauline Lawrence**

Intérpretes: JOSE' LIMÓN — PAULINE KONER
LUCAS HOVING — BETTY JONES
CHARLES CZARNY — RUTH CURRIER
ALVIN SCHULMAN — LAVINA NIELSEN

Homens — Mulheres — Encontros e despedidas

1. Homens: **José Limón, Lucas Hoving, Charles Czarny e Alvin Schulman.**
2. Mulheres: **Pauline Koner, Betty Jones, Ruth Currier, Lavina Nielsen.**
3. Encontros e despedidas: **José Limón, Pauline Koner** e tôda a Companhia.

Tanto a música quanto a dança, neste bailado, são invenções livres baseadas em características espanholas, sem qualquer tentativa de autenticidade. Temos, antes, um comentário sôbre a agressividade e fôrça física dos homens em contraste com a fragilidade e mística delicadeza das mulheres e, finalmente, a côrte e irônica separação de ambos. Tudo uma fantasia, sob paisagem imaginária.











JOSÉ LIMÓN E SUA COMPANHIA DE DANÇAS MODERNAS











UM CENTRO AMERICANO DE ARTES TEATRAIS

José Limon em seu bailado "Lamento por Ignacio Sanches Mejias", uma das varias dansas modernas que ele criou baseado em material folclorico Mexicano. José Limon, nascido no Mexico e educado nos Estados Unidos, lecionou dansa em colegios norte -americanos e foi o primeiro bailarino de varias comedias musicais apresentadas nos teatros de Nova York. Em 1949, juntamente com sua companhia, passou a fazer parte do conjunto de dansa moderna do Centro de Musica e Drama da Cidade de Nova York.---(FOTO USIS) (PF-251)--

A/A.-

UM CENTRO AMERICANO DE ARTES TEATRAIS

José Limon, nascido no Mexico e considerado por muitos criticos como o maior bailarino de sua geração, apresenta-se em "Danzas Mexicanas", baseadas em material de indios mexicanos. José Limon é um dos pricipais artistas do Teatro Dansa da Cidade de Nova York, conjunto recentemente formado e que realizou sua primeira temporada em dezembro de 1949. O Teatro de Dansa faz parte do Centro de Musica e Drama da Cidade de Nova York.---(FOTO USIS) (PF-251)--

A/A.-

AS ARTES ★ Antônio Bento

O BALLET DE JOSÉ LIMON

1636



O maior de Limon, na coreografia de sua criação, foi o de dança apenas com duas bailarinas. Sôbre a música pura do mestre veneziano Limon compôs uma coreografia que, respeitando a atmosfera do barroco, procura renovar a velha coreografia, mediando a invenção de outras piruetas, movimentos e sequências não catalogadas nos manuais acadêmicos.

O ballet «Cassandra» (coreografia de Pauline Kroner e música de Aaron Copland) mostra-nos a profetiza, de Troia sofrendo a desgraça de não ser compreendida pelos seus patrícios. É a trágica história de uma mulher perfeita, como o da arte grega no renascentismo. Em No Rio, como em Paris, Londres ou Nova York, o público pode gostar de algumas novidades. Mas, em matéria de bailado, o que desencadeia os grandes aplausos e atrai o público é o espetáculo com os passos clássicos «fiéis» ou «Les Sylphides», entre outros números obrigatórios.

A platéia do Municipal, na temporada de José Limon, foi pequena, mas o sucesso artístico de suas representações foi indiscutível. Contra esse artista e coreógrafo a querer que a dança seja também as transformações que as outras artes estão experimentando em nossa época, mantendo nêsse sentido uma atitude corajosa e necessária.

Pena é que um conjunto de artistas seja pequeno, não lhe dando a possibilidade de grandes espetáculos de conjunto, como aquêles a que nos habituou o empresário Dante Viggiani no sentido de renovar os espetáculos de sábado e domingo, que tanta tropeço no Brasil mais encontra.

Entretanto o "ballet" clássico idealiza o ser humano procurando ocultar o esfôrço dependido pelos bailarinos em movimentos de difícil realização, a dança moderna americana pretende ser uma manifestação do homem como êle é na realidade em relação ao momento histórico da vida moderna. É a emoção sintetizada, expressada sem palavras e sim usando o próprio corpo. Sabendo-se "a função da dança é comunicar a experiência emocional por meio do movimento abstrato. "Por êste motivo, nunca Limon sua inspiração nas lutas íntimas dos homens, na experiência emocional baseada comum a todos êles.

Doris Humphrey, uma das maiores coreógrafas da época atual, revela claramente na verdadeira acepção da palavra. Em sua coreografia não encontramos a preocupação de mudar por meio do movimento abstrato. "Por êste motivo, nunca Limon sua inspiração nas lutas íntimas dos homens, na experiência emocional baseada comum a todos êles.

Dizer que José Limon possa ser considerado como o renovador da dança seria faltar com a verdade. Se neste espetáculo de estréia, tivemos a prova de que a sua Companhia é de fato um conjunto de valor e da mais alta categoria, tornou-se também evidente que José Limon apenas manteve as já clássicas tradições, de pioneiros de vinte anos atrás. A originalidade, porém, de José Limon, característica principal, reside em sua marcante personalidade, graças à qual o artista desenvolveu um estilo coreográfico pessoal e u'a maneira própria na dança.

O chamado "grande trio da dança moderna americana", os revolucionários Martha Graham, Doris Humphrey Weidman, estudaram a famosa e também revolucionária "Denishawn School and Company". Abandonando as concepções de seus mestres, individualizou-se a uma nova concepção de expressão na dança, encontrando o fonte do movimento não na tradição, mas em si mesmos. Assim o movimento deixou de ser mecânico. Tornou-se também, necessário, o que tornou simpático o labor de José Limon é o seu empenho de renovar a dança, constituindo-a vida de um povo sem tropeço ao Brasil mais um reflexo do empresário Dante Viggiani no sentido de renovar os espetáculos de bailados.

José lets vistos habitualmente no Rio.

1636 Stella Jaffe

ESTRÉIA DE JOSÉ LIMON

Precedido das mais elogiosas referências da crítica americana, considerado por muitos "o melhor bailarino de seu tempo", estreou José Limon com sua Companhia de Danças Modernas, no Municipal, têrça-feira última.

A grande expectativa que se havia formado em tôrno da apresentação de José Limon ficou plenamente justificada pelo número de espectadores que, na noite de têrça-feira, lotou as dependências de nossa principal casa de espetáculos. Reagindo com aplausos entusiásticos após o primeiro número, em um "decrescendo" intensificado à medida que o público ao fim da récita com aplausos frios e entusiasmo nulo.

Dizer que José Limon possa ser considerado como o renovador da dança seria faltar com a verdade. Se neste espetáculo de estréia, tivemos a prova de que a sua Companhia é de fato um conjunto de valor e da mais alta categoria, tornou-se também evidente que José Limon apenas manteve as já clássicas tradições, de pioneiros de vinte anos atrás. A originalidade, porém, de José Limon, característica principal, reside em sua marcante personalidade, graças à qual o artista desenvolveu um estilo coreográfico pessoal e u'a maneira própria na dança.

O chamado "grande trio da dança moderna americana", os revolucionários Martha Graham, Doris Humphrey Weidman, estudaram a famosa e também revolucionária "Denishawn School and Company". Abandonando as concepções de seus mestres, individualizou-se a uma nova concepção de expressão na dança, encontrando o fonte do movimento não na tradição, mas em si mesmos. Assim o movimento deixou de ser mecânico. Tornou-se também, necessário, o que tornou simpático o labor de José Limon é o seu empenho de renovar a dança, constituindo-a vida de um povo sem tropeço ao Brasil mais um reflexo do empresário Dante Viggiani no sentido de renovar os espetáculos de bailados.

José lets vistos habitualmente no Rio.

1636

MUNICIPAL — 1636

BAILADOS JOSÉ LIMON — "INICIAÇÃO" — "PAVANA DO MOURO" — "NOTURNO" — RITMO JONDO

Autêntico expoente de arte da dança moderna, as criações coreográficas de José Limon possuem, como êle próprio proclama e o título indica, o caráter de completa independência, não obedecendo a leis estabelecidas nem se filiam a corrente alguma precedente. Servem-se, isso sim, com absolutas liberdades, daqueles dois elementos de expressão de tôdas as formas da dança, das acadêmicas sistematizadas (as escolas) às expontâneas, naturais e plebéias.

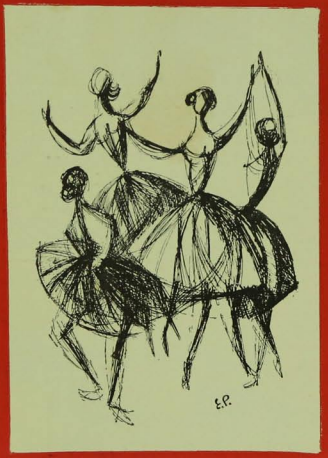
*Sente-se, vendo-o dançar e aos da sua grei, todos no gênero excelentes, que seus músculos foram disciplinados e enriquecidos pelos exercícios — ginástica e ritmo — impostos pelo aprendizado da dança clássica tradicional; que infiuem sua suas atitudes e movimentos os princípios que são eternos, por êle codificados, exaltadores da graça e da beleza do corpo humano. Mas sente-se também a influência de nossa época, utilizando os elementos de expressão de tôdas as formas da dança, das acadêmicas sistematizadas (as escolas) às exponta



S. EXA. O SR. DOUTOR ALIM PEDRO
Prefeito do Distrito Federal

TEATRO MUNICIPAL

FESTIVAL DO RIO DE JANEIRO



TEMPORADA DE BAILADOS
1954

COMISSÃO ARTÍSTICA E CULTURAL

PRESIDENTE

Professor Haroldo Lisbôa da Cunha
Secretário Geral de Educação e Cultura

VICE-PRESIDENTE

Doutor Murillo Almeida dos Reis
Diretor do Departamento de Educação de Adultos

SECRETÁRIO GERAL

Rodrigo da Silva Torres
Chefe do Serviço de Teatros e Diversões

MEMBROS

Maria Magdala da Gama Oliveira
Murillo Miranda
Francisco José Freire Júnior
Carmen Gomes



Dennis Gray



Marila Gremo



Tatiana Leskova



Nina Verchinina



Mario Condé



Fernando Pamplona



PROF. HAROLDO LISBÔA DA CUNHA
Secretário Geral de Educação e Cultura
e
Presidente da Comissão Artística e Cultural

ELENCO ARTISTICO

por ordem alfabética dos sobrenomes

Regentes

Edmundo BLOIS — Afonso MARTINEZ GRAU — Henrique NIRENBERG

Coreógrafos

Dennis GRAY — Maryla GREMO — Tatiana LESKOVA — Nina VERCHININA

Cenógrafos

Mario CONDE — Fernando PAMPLONA — Henrique PEYCERE' — Santa ROSA

Diretor de cena: CARLOS MARCHESE

Bailarinas e Bailarinos

Marlene ADAMO
Clara ANTUNES
Sebastian ARAUJO
Mercedes BAPTISTA
Antônio BARROS
Flavia BARROS
Marlene BARROSO
Thais BELLINE
Yoni BELLINE
Mary BINDER
Manoelita BORGES
Vera BRAGA
Tamara CAPELLER
Edmundo CARIJO'
Geraldo CAVALCANTI
Rejan CAVINA
Sima CHADRINA
Jacque CHAURAND
Glória COELHO
Tereza D'AQUINO
Sandra DIEREN
David DUPRE'
Arthur FERREIRA
Diciléa FERREIRA
Johnny FRANKLIN
Wanda GARCIA
Esi GARRO
Dennis GRAY
Zeni LACERDA
Tatiana LESKOVA
Fernando LIMA
Ruth LIMA
Helga LOREIDA
Aldo LOTUFO
Renato MAGALHAES
Alda MARQUES
Shirley MENEZES
Zenilene NAVAZ
Helga NOGUEIRA
Leny PEREIRA
Estella REGAS
Thais RICCI
Julia RODRIGUES
Bertha ROSANOVA
Arlette SARAIVA
Marta SISSON
Raul SOARES
Irina TSHESTNAKOVA
Cecilia WAINSTOK
Ebba WILL



Edmundo Blois



A. Martinez Grau



Henrique Nirenberg



Henrique Reycerê



Santa Rosa

PRIMEIRA RÉCITA CUMULATIVA | 17 DE NOVEMBRO DE 1954

QUARTA-FEIRA, 17 DE NOVEMBRO DE 1954, AS 21 HORAS
1ª DAS TRES RECITAS CUMULATIVAS

1ª PARTE

PROTEU

Música de CLAUDE DEBUSSY (Danças e Profanas) — Coreografia de DAVID LICHINE — Cenografia de WILSON e CATELLI

Personagens:
Proteu ..... ALDO LOTUFO.
Ninfas ..... Yoni BELLINE — Dicléa FERREIRA — Ruth LILMA — Irina TSHESTAKOVA — Cecilia WAINSTOK.

Resumo: — Um grupo de jovens, em meio de preces, suplica a graça do aparecimento de Proteu, divindade mitológica, filho do Oceano e de Tétis. Valendo-se do seu poderio de transformar-se segundo os seus desejos, surge Proteu, em meio do extase dos seus adoradores. Entretanto, na presença do vidente dos mares, os jovens procuram apenas resposta à ânsia dos seus interêsses pessoais, solicitando tôda sorte de profecias. A atitude dos suplicantes desgosta Proteu que transforma os seus movimentos e retorna para o fundo do mar.

PAQUITA

(Pas dé Trois)

Música de MINKUS — Coreografia de BALANCHINE
Com TATIANA LESKOVA — BERTHA ROSANOVA — DAVID DUPRE'

2ª PARTE

PEDRO E O LOBO

Música e Ballet de SERGE PROKOFIEFF — Coreografia de TATIANA LESKOVA — Cenografia e Costumes de FERNANDO PAMPLONA.

Personagens:
Pedro: DENNIS GRAY. — Lôbo: JAQUE CHAURAND. — Passaro: ARLETTE SARAIVA. — Pato: WANDA GARCIA. — Gato: DICLEA FERREIRA. — Avô: SEBASTIAN ARAUJO. — Caçadores: Antonio BARROS — Geraldo CAVALCANTI — Renato MAGALHAES. — Fernando LIMA.

Resumo: Através de invisivel voz, as personagens da história e os instrumentos da orquestra vão sendo apresentados. O ambiente mostra um trecho de um campo e uma grande árvore dominando a região. Há a casa do jovem Pedro, o início de uma densa floresta e uma poça dágua. Brincam, em meio de habituais discussões, Pedro, o pato, o passarinho e o gato. Surge o avô de Pedro, advertindo a presença da feroz Lôbo nas imediações, e consegue levá-lo para o interior da morada. Contudo, ainda assim consegue Pedro um recurso afim de observar os acontecimentos.

O Lôbo surrorende o gato, o passarinho e o pato e, após diversas peripécias, consegue engulir, de uma só vez, o pobre pato.

Entretanto, por ainda se encontrar vivo, em seu ventre, o pato provoca continuos e divertidos solticos. Não satisfeito, esconde-se atrás da árvore a fim de eliminar qualquer outro de que se desconfie. Do seu posto de observação, Pedro idealisa um plano a fim de salvar os companheiros. Depois de pitorescas situações, consegue laçar o Lôbo, no mesmo instante em que chegam ao local os caçadores de animais ferozes.

E o próprio Pedro que pede clemência para o Lobo, sugerindo que, em lugar da morte seja o animal conduzido ao Jardim Zoológico. Todos cumprimentam Pedro pela sua coragem o qual, entretanto, divide as honras do feito com o passarinho e o gato, embora, êste último, segundo as considerações de Pedro, o tenha auxiliado, apenas, moralmente. Apesar dos cuidados do avô de Pedro, forma-se um cortejo a fim de conduzir o Lôbo ao zoos. Em virtude de o pato ter sido engulido, de uma só vez, fácilmente consegue retornar, aumentando, assim, a alegria geral dos participantes do desfile final.

3ª PARTE

O ESPANTALHO

Música de FRANCISCO MIGNONE — Coreografia de TATIANA LESKOVA — Cenários e figurinos de SANTA ROSA — Libreto de VERA PACHECO JORDÃO.

Personagens:
1º Quadro — Crianças: ARLETTE SARAIVA — Marlene BARROSO — Yoni BELLINE — Sima CHADRINA — Dicléa FERREIRA — Wanda GARCIA — Esi GARRO — Zeni LACERDA — Ruth LIMA — Shirley MENEZES — Cecilia WAINSTOK — Antonio BARROS — Geraldo CAVALCANTI — David DUPRE' — Dennis GRAY — Edmundo CARIJO' — Fernando LIMA — Renato MAGALHAES.
O Prêto: RAUL SOARES. — A Ceguinha: EDDA WILL.
2º Quadro — As Mulheres Pavão: RUTH LIMA — CECILIA WAINSTOK. — O Homem Foco: Abutres: Antonio BARROS — Edmundo CARIJO' — Fernando LIMA. — Dicléa FERREIRA — Shirley MENEZES. — As Rapozas: Yoni BELLINE — DAVID DUPRE'. — Mulheres Levianas: — O Homem transformado em ouro: ARTHUR FERREIRA. — O Aleijado e a Mendiga: ESI GARRO — ZENI LACERDA. — O assassino: DENNIS GRAY. — O Homem, a Mulher e a Morte: SEBASTIAN ARAUJO — SIMA CHADRINA. — O Homem, a Mulher e a Morte: GERALDO CAVALCANTI — MARLENE BARROSO e WANDA GARCIA.

O ESPANTALHO, que na primeira audição, em São Paulo, a 9 de janeiro de 1942, vinha subintitulado de «IMPRESSÕES SINFONICAS» para um bailado inspirado por dois quadros de CANDIDO PORTINARI, é uma composição que se divide em duas partes de projetado bailado. Na primeira o ESPANTALHO, motivo pictórico caro à obra de Portinari. Aparece numa paisagem ensanhada, onde predominam côres cruas, azul e amarelo; crianças brincam e uma carro de bois travessa a cêna. Na segunda a paisagem evocada é de entorno sombrio, tendo em vez do ESPANTALHO uma caveira de boi espetada num pau (motivo também frequente na pintura de Portinari). Animais e sêres monstruosos aparecem no quadro, em vez das crianças; lá se acha, como antes, o carro de bois. A alegria, a exuberância jovem e feliz do começo, o plano do bailado faz seguir a ação depressiva do segundo, em que as crianças, transformadas pelas vicissitudes da vida em sêres carícatos ou repelentes, tentam, em vão, encontrar nos folguedos de outrora, a coordenação, o bom entendimento, a harmonia de movimentos que haviam caracterizado o primeiro quadro. Finalmente a cegunha, que viajava no carro de bois a todos redime, transformando-se numa Virgem Maria de gineejamento barroco, em atitude de bênção, com os bracos extendidos. Essa gradação pessimista, da jovialidade para o desespero, da movimentação inconsequente para a mímica terrivelmente dramática, posta em correlação com a arte do grande pintor brasileiro, era uma idéia que acompanhava o compositor e havia de frutificar, anos depois, numa outra composição que se divide em duas partes de a ter grandiosa realização cênica; o bailado dáras. O ESPANTALHO não chegou a ser dançado; e, mesmo em forma de concerto, é uma das obras menos conhecidas de Francisco Mignone, nunca tendo sido executada no Rio de Janeiro. Nessa obra, como nos QUADROS AMAZÔNICOS, o artista leva a solução extremas uma técnica de composição que imaginou, rompendo totalmente com o principio da repetição temática. Não há motivos geradores, nessas partituras; mas uma sucessão de elementos novos que, com a perícia habitual, o compositor evita que se dispersem, se contradigam ou se convertam em informe amontoado de fragmentos desconexos. A tentativa era perigosa; mas Mignone, com êsse projeto de rompimento com as formas tradicionais, experimentando-o, parcialmente em diversas obras. Nas duas citadas partituras, porém, arriscou a sua integridade; e deu-nos algumas obras de uma grande complexidade em que às inovações de estrutura juntam-se os efeitos orquestrais raros e cena busca incessante de técnica original, fruto de uma inquietação espiritual que já foi constatada nestas páginas.

1º QUADRO

Um grupo de crianças, no limiar da adolescencia, entrega-se aos folguedos com a alegria própria da idade. Passa um carro no qual viaja uma cegunha levando uma purunga com agua e um bolo. Curiosas, as crianças convidam-na a descer para brincar, mas o sentimento de sua própria superioridade leva-as a ridicularizar a pobre creatura. O orgulho, a dureza de coração, encerraram a fase da inocência. Terminaram os folguedos. A vida vai começar, arrastando cada qual para seu destino. Frases musicais traduzem os vários chamados do Destino. A cena se esvazia à medida que cada um ouve seu chamado e corre para a vida.

Interlúdio musical simbolizando o passar do tempo.







O ESPANTALHO



2º QUADRO

A mesma cêna do primeiro quadro, transformada pelos anos que passaram. Voltam as personagens, deformadas pela vida, marcadas pelas suas paixões e pelos seus átos. As mulheres transformam-se em valdosos pavões, em rapôsas matreiras, em lêmanas sedutoras. Uma delas é cadaver sem alma. Os homens são abutres ávidos, animais grosseiros, mutilados e assassinos.

Reconhecendo o local, querem voltar aos antigos folguêdos, mas o tempo destruiu tudo. A volta à infância é impossivel. Numa última tentativa, estendem as mãos para uma roda e então, ao contemplar os companheiros, cada um tem a revelação de sua própria miséria. Nesse momento de horror e desespêro ouve-se uma melodia lírica: é a cêguinha que volta.

Cândida e humilde, só ela atravessou a vida sem se contaminar. Maravilhados, todos a rodeiam, querem tocá-la e beber da água fresca que ela traz. Quando bebem recuperam seu verdadeiro sêr, e a cêguinha prossegue seu caminho num rastro de luz.

PEDRO E O LOBO

MAGDALA DA GAMA OLIVEIRA

TEATRO



Ruth Pereira Lima, Arthur Ferreira e Shirley Menezes "O espantalho" de Mignone.

Festival do Rio de Janeiro: Temporada de Bailados

Eis que surge em cartaz, quase ao findar do ano de 1954, o Corpo de Baile do Teatro Municipal, para curta temporada. E o espetáculo de estréia, embora indeciso, demonstrou a vitalidade dos bailarinos e os esforços dos responsáveis para a recuperação do valoroso conjunto. Vejamos algumas das providências que indicam novos rumos ao Corpo de Baile: *a)* entre onze "ballets" programados para a presente temporada, oito são inéditos no repertório; *b)* além da coreógrafa Tatiana Leskova, a colaboração de uma coreógrafa convidada, Nina Verschinina e de coreógrafo brasileiro, Dennis Gray; *c)* pela primeira vez foram feitos ensaios gerais de orquestra, cenários, costumes; *d)* a parte cenográfica e de luzes mereceu cuidados especiais, em ritmo de renovação. Outra providência, das mais louváveis, é a permanência de Santa Rosa como cenógrafo contratado, tendo terminado seu mandato de membro da Comissão Artística e Cultural. Santa Rosa colabora decisivamente com o atual coordenador do Corpo de Baile, Murilo de Almeida Reis, a cujos esforços se deve a atual temporada, notando-se que, há mais de um ano, o Corpo de Baile do Municipal não se apresentava em espetáculos exclusivos. Trazendo estas minúcias ao conhecimento geral, estou construindo alicerces para que as promessas de agora não se dispersem em ruínas.

Sôbre o espetáculo de estréia, pouca matéria para análise. Não vi "Proteu", primeiro bailado do programa, pois o *lotação* que me levou de Copacabana ao Municipal foi dêsses que a Prefeitura, em boa hora, precisa recolher ao *cemitério* de carros imprestáveis. "Sessenta minutos de viagem. Cheguei tarde, e Leskova, Rosanova e Dupré iniciavam o *pas de trois* de "Paquita", música de Minkus e coreografia de Balanchine. David Dupré e Tatiana Leskova, nos *solos*, tiveram atuação brilhante. Berta Rosanova estava irreconhecível, pesada, gorda, e sem aquela técnica admirável que tanto a recomenda como estrêla máxima do "ballet" nacional. A explicação veio depois. Berta estava doente, com febre; mas o público, não podendo adivinhar a causa, sentiu a produção mediocre de Rosanova. Em "Pedro e o Lôbo", bailado para crianças que ainda não sabem o que é arte, apareceram um pato gorduchinho (Wanda Garcia), um gato muito magro (Dicléia Ferreira) e um lôbo negro, que o "speaker" afirmou ser cinzento (Jacques Chaurand) e outras figuras engraçadas. Só Dennis Gray se evidenciou como ótimo artista. A música de Prokofieff é ótima. O bailado nada vale, e perturba a beleza da partitura. Deve ser excluído do repertório do Corpo de Baile do Municipal, ou guardado para espetáculos de menor responsabilidade. Obra que ficará, é "O espantalho", com música de Francisco Mignone, coreografia de Tatiana Leskova, cenários e figurinos de Santa Rosa e libreto de Vera Pacheco Jordão. Convém informar que os ensaios da presente temporada iniciaram-se há menos de um mês. E o resultado artístico de "O espantalho" foi maravilhoso, como música e cenários, como coreografia e bailado. Mignone, inspirado em quadros de Portinari, aproveitou com talento motivos folclóricos. Algumas falhas de luz não prejudicaram o conjunto, bastante expressivo. E a maior figura de "O espantalho" foi Dennis Gray, no "Assassino". Dedicando-se, agora, aos trabalhos de coreógrafo da Escola de Dança do Teatro Municipal, Dennis conserva, de maneira magnífica, seus predicados de bailarino. O público recebeu com entusiasmo a estréia de "O espantalho", aplaudindo demoradamente o autor e seus colaboradores. Êxito absoluto. A orquestra do Municipal atuou com invulgar eficiência, sob a batuta do maestro Henrique Nuremberg, elemento novo, mas que se impôs às exigências da platéia e aos incentivos da crítica.





MARIO CABRAL

CORPO DE BAILE DO TEATRO MUNICIPAL

1636

A SÉRIE de espetáculos coreográficos que o Municipal está apresentando e cuja primeira récita, sob grande expectativa, deu-se há semana passada, não pode ser apreciada objetivamente, sem uma apreciação preliminar das circunstâncias que forçosamente terão de influir nessas apresentações. E' que, obrigado a uma absurda inatividade, durante tôda a temporada, seu corpo de baile viu-se, de repente, na contingência de ser incluído no Festival do Rio de Janeiro, sem o período preparatório e sem se achar tecnicamente habilitado para essa iniciativa.

Mesmo assim, a energia e a indiscutível competência de Tatiana Leskova, valorizaram ao máximo o excelente material humano de que dispõe o corpo estável do teatro, e o espetáculo de estréia deu uma idéia do que se poderá realizar, em futuras temporadas, quando a Comissão Artística, e especialmente o sr. Murilo de Almeida Reis, coordenador do corpo de baile e homem capacitado para essa função, empregarem nessas apresentações os cuidados, as verbas e os desvelos que eis agora só foram generosamente despendidos nas temporadas líricas.

"Proteu", música de Debussy, coreografia de David Lichine e cenário de Wilson e Catelli, foi o primeiro número apresentado, tendo Aldo Lotufo como protagonista e, como ninfas, Woni Belline, Dicléia Ferreira, Ruth Lima, Irina Tshestnakova e Cecília Wainstok. O autor de "Francisca da Rimini" e de "Baile dos Graduados", sabe-se, para êste bailado mitológico, duma partitura de Debussy, de difícil transposição coreográfica, com a tentação de seus andamentos, mas em que êle sublimou a sedução deliberadamente condicionada à música, com rara sensibilidade, obtendo a obra musical êsses quadros de distante significação de maneira bem pessoal, satisfatória e clara. Nem sempre, entretanto, magnífico e cheio de poesia, desenvolve-se o bailado, dançado com apuro e arte pelo Ballet do Teatro Municipal.

Por assim dizer, tomou parte nesse número, todo o elenco. E uma harmoniosa e compreensiva realização, unia os intérpretes, evidenciando para esse trabalho o primeiro lugar, entre os demais que se exibiram.

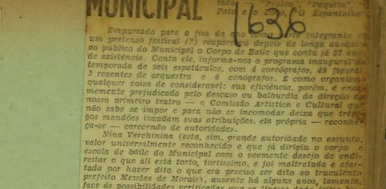
Nesse número, porém, que o nosso corpo de baile prouriu de. Malogrado os contratempos por que tem passado, sua arte se avoluma, graças aos esforços e aos ideais dos seus componentes. Só tudo quanto de melhor podemos dizer, reservando, ainda uma palavra de louvor ao maestro Henrique Nuremberg e seus comandados da Orquestra Municipal.

D'OR

* * *

Com o número seguinte, de atmosfera contrastante, tivemos a virtuosismo brilhante do "Pas de Trois", de Paquita", de Minkus. Número de formação clássica, com a sucessiva apresentação da dança de conjunto, dos solos e da coda final, destacando-se nesta a graciosidade de Tatiana Leskova, artista que, absorvida pelo magistério, ainda mantém suas excelentes qualidades interpretativas, secundado por Berta Rosanova, elemento, nesse gênero, dos mais destacados de sua escola, e de David Dupré, um jovem que promete ilia a dia, substituído, na vesperal de domingo, por Artur Ferreira.

Em outra oportunidade, para não nos alongarmos neste comentário, apreciaremos "Pedro e o Lobo", o número seguinte do programa, encantadora história infantil, com música de Prokofieff, e "O Espantalho", a nota nacionalista do programa, com belos cenários de Santa Rosa, partitura de Mignone e enrêdo de Vera Pacheco Jordão.



BAILADO DO TEATRO MUNICIPAL

INTEGRANDO a série de realizações do Festival do Rio de Janeiro, teve lugar um espetáculo pelo Corpo de Baile do Teatro Municipal, que é hoje, sem dúvida, das coisas mais interessantes que se fazem, entre nós, em matéria de arte. E muito mais ainda está êle fadado a produzir, assim não lhe faltem nunca os recursos artísticos e materiais, já que não poupa o público os seus aplausos a essa espécie de realização estética, pela qual demonstra decidida preferência.

Não foi, no entanto, o programa de estréia, feito de maneira a poder se apreciar o corpo de baile oficial, na sua medida das suas possibilidades. Não incluiu um trabalho de maior fôlego, de mais sugestiva apresentação e capaz de exibir os elementos, que em vão, quer em conjunto, dentro do alto espírito da técnica moderna ou da antiga. Pairou no meio têrmo, no trivial e, mesmo êste, nem sempre teve o desempenho equilibrado que era justo se esperar dos inegáveis qualidades dos componentes da grupo.

"Proteu", a interessante coreografia de Lichine, sôbre os "Danças Sagradas e Profanas", de Debussy, não constituiu um malôgro, mas não merece, tampouco, que se a classifique como um êxito absoluto.

Aldo Lotufo imprimiu suficiente "aplomb" às suas atitudes viris, mas não conseguiu impôr ao salto final ao abismo acadêmico a emoção que se aguarda dêsse lance, que antecede o cair do pano.

As "Ninfas" foram desempenhadas por Ioni Belini, Dicléia Ferreira, Ruth Lilma, Irina Tshestnarova e Cecília Wainstok, umas mais, outras menos precisas na técnica das "pontas", sem lhes faltar, contudo, propriedade no arranjos dos pôses estáticas que harmoniosamente se emaranham em todo o decorrer do trabalho.

"Paquita" é um "pas de trois" que Balanchine concebeu para uma série de páginas de Minkus. Cabe o desempenho a Tatiana Leskova, Berta Rosanova e Dan Dupré, todos lhe cendo jus às palmas que receberam, mais pela atuação isolada de que, realmente, pela ação em conjunto, esta nem sempre em perfeita disciplina.

Outro ponto a referir é o guarda-roupa de mau gôsto, com que estão se apresentando.

Em "Pedro e o Lôbo", todavia, sobressaiu a boa forma dos dançarinos participantes do espetáculo. A ajudam se poderá negar o elogio a que têm direito, pois cada qual, dentro do seu papel, se conduziu com o desejado equilíbrio e precisão.

Seria fastidioso enumerar um por um dos elementos. Queremos, no entanto, salientar Dennis Gray, no principal papel, a que deu muita vida.

"O Espantalho", de Francisco Mignone, era o número para o qual se voltavam as atenções naquela noite, visto tratar-se de trabalho desconhecido, inclusive musicalmente.

O maestro patrício realizou nesta obra velhos sonhos, de uma independência de ação que só a maturidade lhe daria. Nela empenha todo o arrojo de seu estro criador, desprezando-se das tradições, para entregar-se aos seus pendores sonoros.

Concepções rítmicas e harmônicas, Mignone conduz a extremadas soluções, indiferente a que as contradições se apresentem em côres fortes e desconcertantes.

Nos cenários que simplesmente emolduram páginas sinfônica essa produção consiga impressionar. Há nela uma certa desproporção que para o espectador apenas atento a parte visual, vem a chocar em demasia. Como elemento condutor de uma variada coreografia, êste entanto, "O Espantalho" age com intenso poder de significação expressiva e comunicativa.

Baseado num dos mais sugestivos elementos pictóricos de Portinari, em tôrno do qual Vera Pacheco Jordão imaginou um estudo psicológico de vibrante aspecto, a música de Mignone, com acentuações folclóricas, apresenta-se, no primeiro ato, em constante, viva, alacre e movimentada forma, movendo com felicidade a variedade de folguedos infantis e de singelas emoções que se vêm suceder. Já no segundo ato tudo é angústia, te[illegible] crescendo de temas expressivos e ritmos te[illegible]. Na final, porém, volta a paz, o ar [illegible] bons tempos da mocidade.

PROMETEU

MUNICIPAL

1636

Preparado para o fim da [illegible] um interessante e um precioso festival (?) coreográfico, que se longa exibição ao público do Municipal o Corpo de Baile que conta já 27 anos de existência. Conta ele, informa-nos o programa inaugural da temporada de seis espetáculos, com 4 coreógrafos, 48 figurinos, 3 regentes de orquestra e 4 cenógrafos. É como organismo qualquer coisa de considerável; sua eficiência, porém, é enormemente prejudicada pelo descaso ou pela balburdia da direção do nosso primeiro teatro — o Comissão Artística e Cultural que não sabe se impor e para a qual não se incomodam dezoito que trabalhos mandões trocadam suas atribuições, ela própria — recomenda-se — entregando de entorpecidas.

Nina Verchinina (esta, sim, grande autoridade no assunto, valor universalmente reconhecido e que já dirigiu o corpo de escola de bailo do Municipal com a eficiência dentro de cada recitar o que ali está torto, tortíssimo, e foi maltratada e ofendida por haver dito o que era preciso ser dito ao truculento prefeito Mendes de Morais), ausente há alguns anos, lamentavelmente face às possibilidades verificadas que se tivesse dado feitio bocrescimo e atividade essencialmente artística e que deve ser olhada como uma religião, um voto, e não como um função de repetição na decadência de horário certo.

Discamos-lhe do mesmo que contra esse disgrate nos batemos (bailarino-funcionário público). O resultado é o pequeno rendimento artístico dos salários do corpo de baile. Por outro lado, jolta-lhes estímulo. O corpo de baile deve realizar temporadas regulares embora curtas, três ou quatro vezes por ano, para a apresentação de seus elementos, mantidos em forma os principais figurinos e incentivando o progresso dos demais, tanto mais que não lhe falta público e entusiasmo.

Porque não empreende a Comissão a reestruturação? Poderá Verchinina prestar o concurso proveitoso de sua experiência, sinti-lo ao da esforçada e pouco ouvida Tatiana Leskova, que ali mantém o fogo sagrado e transformar o que hoje é mais uma fonte de despesas para o Municipalidade que uma realização artística, em uma atividade que nos envaideça e exalte por que nos dela participem projeção honrosa à altura de seus méritos.

Tudo isso se pensa e se pensa assistindo a espetáculo como, através de tremendas dificuldades desencorajantes, foi realizado quarta-feira no Municipal.

Começou com Proteu, música de Debussy, inspiradora na sua imaterialidade da coreografia de Lichine, mundo estranho e seres de feitio umtológico, exquisita confusão de impulsos que se estiliam, fogem à condição animal e atingem na angustia de um desejo que não se define. E assim a música de Debussy e é assim o bailado. Aldo Lotufo no semi-Deus, e nas ninfas, Yoni Belline, Dicléa Ferreira, Ruth Lilma, Irina Tchestnarova, Cecília Wainstok, traduziram na simetria dos movimentos de desenho clássico, frio mas expressivo, o espírito da dança, que teve bonita e correcta execução.

Paquita (pas de trois), música de Minkus, coreografia de Balanchine, por Tatiana Leskova, Berta Rosanova, David Dupré, foi quanto à danea clássica tradicional, o momento alto da noite. Foram os três dançarinos aplaudidos e pela sua segurança se equivaliam, arriscando-se, mesmo, a algumas brilhaturas.

A partitura de Prokofieff do ballet Pedro e o Lobo, toda sembehe da ingenuidade característica da alma russa que agita sentimentos profundos. Descritiva figura cada instrumento a um personagem. A coreografia de delicioso sabor, composta por Leskova, obtém dos menores propósitos excelente resultado nos intérpretes. Denis Gray, Pedro; Jacque Chaurand, Lobo; e Arlette Saraiva, Passaro, os principais, excelentes. Afoguem com graça pateos coreográficos, empregando-lhes tons de virtuosidade, à psicologia das personagens: Gray é satisfação garota; Chaurand, a ferocidade cevarde; Arlette, a provocante e ágeil. Interpretaram bem o Pato e o Gato, gracejo, o Avô.

O cenário e os costumes de Fernando Pamplona, agusto de traço alegre e campesino encanto, rico de flagrante propriedade, realçam o feitio bucólico da história.

Festival inútilos bem mais difícil o prendado o bailado O Espantalho, sôbre música de Francisco Mignone, libreto de Vera Pacheco Jordão, cenários e figurinos de Santa Rosa, coreografia de Tatiana Leskova e fê. obra artística considerável. E deverar interessante a concepção, e ao seu mérito corresponderu à execução. Há em toda ela a atmosfera transdente da irrealisação material dos vapos, e todavia fatais, destinos humanos e que se expressam através de símbolos. A música dos prometeus acorrentados pela redenção que adiantam.

A música é assim. A impressão de um lotgo e muito boa, agrada-nos plenamente. Sôbre ela, porém, falará com muito maior autoridade, o crítico musical desta folha, o Maestro Renato Masarani. O final da música. A coreografia de Santa Rosa, muito simples, mas de valioso conteúdo artístico.

Evidenciou Leskova sua permeabilidade à influencia das correntes modernizadoras no campo do bailado clássico, o que não é mais do que a libertação de modelos fixos em formas eternas da beleza. Na dança que compõe, por vezes sôbre tristezas esparsas, fugidios, empolgantes, consegue com desenvolta audácia e encontrou nas suas discípulas com compreensão e eficiência não só quanto aos conjuntos como nas danças individuais. Belas as performances de Tatiana Leskova, Berta Rosanova e Dennis Gray, expressivos, com personalidade; Antonio Barros, Edmundo Cirijo e Hamilton Correia, bailarinos; como Ruth Lima, Cecília Wainstok e, de um modo geral, os demais

Bonita o bailado do ponto de vista plástico, com disposições das figuras, consorcio de tonalidades, cores predominantes e efeitos de luz, ambientando psicologicamente a ação.

Assim se exprime o notável Maestro Renato Masarani acerca da música:

"O espantalho, notavelmo bailado de Francisco Mignone, foi escrito em 1941 e se inspira em dois quadros de Portinari: *Enterro na rede* e *Os Retirantes*. Ambos são contrastantes: tes entre si, em que as filiotipias e os símbolos do terceiro ato acabam afortunadamente perdendo-se na forga genuina da música, cuja substância — o folclore — é tratada com realissimas expressões. Na primeira são aproveitadas, com saborosa em importantes resultados, algumas canções de roda. O intermezzo, que liga as duas partes, já toma uma bem maior consistência e dá ao espectador apenas atenta a parte visual, que basta para criar o ambiente trágico do segundo quadro. Aqui, há alguns episódios — como aquele construído sôbre um ritmo indio — bastante obscuros para o ouvinte. Mas o fugado nos quais Mignone orgue-se até uma forga dramática que não são conhecemos nele. Nesse quadro consegue Mignone ter-se senso e belissimo, cedendo um pouco apenas no final, quando uma simples e popular canção religiosa é exposta cada de respente, sem que se consiga esconder a artificialidade do efeito. Obra de muito relevo, que a orquestra, regida por Henrique Nirenberg, tocou otimamente. Obra nascida para o "ballet", bem mais do que "Pedro e o Lobo", o admiravel conto sinfônico de Prokofieff, que — apesar do seu entusiasmo claro e prestosissimo e nostetmente por chegar depois da realização definitiva de Walt Disney — parece apenas um mal cenografia e interpretações pantomímicas".

O Municipal obteve um espetáculo e a assistencia foi prodiga em aplausos.

MARIO NUNES

SEGUNDA RÉCITA CUMULATIVA

24 DE NOVEMBRO DE 1954

QUARTA-FEIRA, 24 DE NOVEMBRO DE 1954, ÀS 21 HORAS

SEGUNDA DAS TRÊS RÉCITAS CUMULATIVAS

1ª PARTE

RONDO' CAPRICHOSO

Música de SAINT-SAENS — Coreografia de MARYLA GREMO — Cenários e trajes de SANTA ROSA.

Personagens:

Os Amantes ... TATIANA LESKOVA — ALDO LOTUFO.
A Menina ..... TAMARA CAPELLER.
Flora ..... HELGA LOREIDA.
As Graças ..... Marlene BARROSO — Ruth LIMA — Irina TSHESTNAKOVA.

Uma cêna de amor, sob a proteção de Flora, simbolizando a Primavera, e das três Graças.
(Solo de Violino: EDMUNDO BLOIS)

NARCISO

Música de MAURICE RAVEL — Coreografia de NINA VERCHININA, Cenário de HENRIQUE PEYCERE'.

Narciso: JOHNNY FRANKLIN

As três Ninfas: SANDRA DIEKEN, YONE BELLINI, DICLÉA FERREIRA

(Continua)

2ª PARTE

BACHIANAS N.° 1

(A Seca)

Música de H. VILLA-LÓBOS — Coreografia de MARYLA GREMO —. Cenários e Trajes de FERNANDO PAMPLONA

Personagens:

Os Noivos ..... TATIANA LESKOVA — ARTHUR FERREIRA.
O Explorador .. DENNIS GRAY.
A Mãe ..... EBBA WILL.
Os Filhos ..... ARLETTE SARAIVA — RENATO MAGALHÃES.

As Crianças ... Marlene ADAMO — Yoni BELLINE — Glória COELHO — Dicléa FERREIRA — Wanda GARCIA — Shirley MENEZES.
Os Retirantes .. Flávia BARROS — Marlene BARROSO — Helba NOGUEIRA — Marta SISSON — Irina TSHESTNAKOVA — Cecilia WAINSTOK.
Sebastian ARAUJO — Antonio BARROS — Edmundo CARIJO' — Fernando LIMA — Aldo LOTUFO — Raul SOARES.



GALOPE MODERNO

Os retirantes, cansados e desiludidos, voltam ao acampamento onde deixaram as esposas, os filhos. Daí expulsam um vagabundo que lhes acenara com promessas vãs. Ao sentir a miséria total, as esperanças se esvaem. Assistindo a morte da noiva de um companheiro pensam na sua que, talvês esteja também próxima.
Porém, para distraí-los estão ali as crianças, que lhes falam de terras distantes e de dias melhores.
Assim, confortados, êles partem novamente.

3ª PARTE

FLOCOS DE NEVE

Música de TCHAIKOWSKY — Coreografia de PETIPA

TAMARA CAPELLER — JOHNNY FRANKLIN

GALOPE MODERNO

Música da Suite-Ballet de GEORGE RIBALOWSKY — Coreografia de DENNIS GRAY — Cenários de PEYCERE'
DENNIS GRAY
DICLÉA FERREIRA — WANDA GARCIA
ARLETTE SARAIVA — CECILIA WAINSTOK
Trata-se de um tema abstrato, baseado na fusão de várias cores.

ORQUESTRA DO TEATRO MUNICIPAL
Regente: AFONSO MARTINEZ GRAU
Cenotécnico: MARIO CONDE — Diretor de cena: CARLOS MARCHESE



FLOCOS DE NEVE



TAMARA CAPELLER — JOHNNY FRANKLIN



NARCISO





RONDO CAPRICHOSO





TERCEIRA RÉCITA CUMULATIVA
30 DE NOVEMBRO DE 1954

TERÇA-FEIRA, 30 DE NOVEMBRO DE 1954, ÀS 21 HORAS

TERCEIRA RECITA CUMULATIVA

PROMETEU AGRILHOADO

1ª Parte

Música de **LEOPOLDO MIGUEZ** — Coreografia de **TATIANA LESKOVA** — Cenários de **MARIO CONDE**

Personagens:

Prometeu encadeado	SEBASTIAN ARAUJO
O poder	ESI GARRO
A força	JULIA RODRIGUES
Hephaistos	EDGARD SANT'ANA
A águia	DENNIS GRAY
As oceanides	Clara ANTUNES — Marlene BARROSO — Thais BELLINE — Vêra BRAGA — Zeni LACERDA — Helba NOGUEIRA — Estela REIGAS — Maria SISSON — Irina TSHESTNAKOVA.
Prometeu creador	ARTHUR FERREIRA
Pallas Athenas	HELGA LOREIDA
A mulher	TAMARA CAPELLER
O homem	JOHNNY FRANKLIN
Hermes	ALDO LOTUFO
Povo	Marlene ADAMO — Alda MARQUES — Thereza D'AQUINO — Wanda GARCIA — Antonio BARROS — Geraldo CAVALCANTI — Renato MAGALHÃES — Raul SOARES — Jaque CHAURAND — Fernando LIMA.

Resumo:

Prometeu era um martir, benfeitor da umanidade. Foi Prometeu quem deu ao homem o fogo, símbolo da inteligência. Por isso foi cruelmente punido por Jupiter. Os Gregos antigos consideravam os primeiros homens como nascidos da terra, sob a acção da água. Feitos de inteligência, levavam uma vida vegetativa. Prometeu, filho de Japet, um dos Titãs vencidos por Jupiter, roubara ao Olimpo uma fáisca do fogo celeste, com a ajuda de Pallas Atenas. Modelou um homem de argila e deu-lhe por alma essa faisca do fogo divino, tornando-o a primeira criatura humana dotada de inteligência. Jupiter, indignado pelo roubo do fogo, mandou agrilhoar Prometeu no cume de uma montanha do Cáucaso, onde um abutre la cada dia alimentar-se com seu fígado que renascia, cada noite, para o suplício do dia seguinte. Prometeu tornou-se a personificação da força criadora e civilizadora.

A tragédia de Esquilo «Prometeu Agrilhoado», mostra o herói punido por se ter devotado ao bem dos homens.

Nela é baseada a acção do ballado em quas diferentes cenas:

1ª — Prometeu levado ao suplício pela Força e o Poder, seguido por Hefaistos, obrigado a fazer o carrasco. — 2ª O abutre. — 3ª As Oceanides. — 4ª Prometeu explica às Oceanides a razão pela qual Jupiter o condenou ao suplício. — 5ª Hermes, mensageiro de Jupiter. — 6ª Prometeu fulminado.



TATIANA LESKOVA

2ª Parte

RAIMONDA

Música de **A. GLAZOUNOW**, orquestração de **F. MIGNONE** — Coreografia de **PETIPA** e **L. EGOROVA**

TATIANA LESKOVA — ARTHUR FERREIRA



TATIANA LESKOVA — ARTHUR FERREIRA

PAVANE POUR UNE INFANTE DEFUNTE

Música de **MAURICE RAVEL** — Coreografia de **MARYLA GREMO** — Cenários e figurinos de **FERNANDO PAMPLONA**

Personagens:

O principe	JOHNNY FRANKLIN
A infanta	EBBA WILL
As damas	Marlene BARROSO — Rojan CAVINA — Dicléa FERREIRA — Ei GARRO

Resumo: — O principe lamenta a morte da sua bem amada. Damas procuram consolá-lo. Inconsolável, revive na recordação, como que em febre, os instantes de felicidade passados ao lado dela. A visão desaparece, e ele encontra-se em face da triste realidade — A solidão.

OS SETE PECADOS CAPITAIS

Música de **MAURICE RAVEL** — Coreografia de **TATIANA LESKOVA** — Cenários, figurinos e libreto de **THAMAR DE LETAY**

Personagens:

O homem	ARTHUR FERREIRA
O orgulho	JOHNNY FRANKLIN
A preguiça	RUTH LIMA
A gula	DICLEA FERREIRA
A luxuria	HELGA LOREIDA
A colera	SANDRA DIEKEN
A inveja	CECILIA WAINSTOK
A avareza	ARLETTE SARAIVA
Homens	Sebastian ARAUJO — Antonio BARROS — Edmundo CARLO' — Jaque CHAURAND — Geraldo CAVALCANTI — Fernando LIMA — Aldo LOTUFO — Renato MAGALHÃES
Mulheres	Marlene BARROSO — Yoni BELLINE — Rojan CAVINA — Gloria COELHO — Zeni LACERDA — Shirley MENEZES — Helba NOGUEIRA — Irina TSHESTAKOVA

Resumo:

Num salão de baile, um jovem entra pela mão do Orgulho. Lá, êste o entrega a todos os outros pecados. De início, êle não percebe a armadilha e deixa-se seduzir. Todos os gozos do mundo estariam a seu alcance. De repente êle sente o seu êrro. Seu coração se enche de angústia e êle tenta fugir. E' tarde demais. Ele cai vencido pelos sete pecados.





OS SETE PECADOS CAPITAIS

3ª Parte

RHAPSODY IN BLUE

Música de GEO GERSHWIN — Coreografia de **NINA VERSCHNINA** — Cenário de **MARIO CONDE** — Solo ao piano: **OTTO JORDAN**

Personagens:

Os namorados	TAMARA CAPELLER — DAVID DUPRE'
A mulher fatal	NINA VERSCHNINA
As belas naturnas	Helba NOGUEIRA — Estella REIGAS — Julia RODRIGUES — Maria SISSON — Irina THESTNAKOVA — Ebba WILL
Os flirts	Marlene BARROSO — Dicléa FERREIRA — Esi GARRO — Zeni LACERDA
As amigas da namorada	Yoni BELLINE — Gloria COELHO
Cortêjo dos namorados	Flavia BARROS — Vera BRAGA — Rojan CAVINA — Shirley MENEZES — Thereza D'AQUINO — Sebastian ARAUJO — Antonio BARROS — Geraldo CAVALCANTI — Fernando LIMA — Aldo LOTUFO — Raul SOARES

Numa noite, em Nova York, a felicidade dos namorados foi perturbada com a aparição da uma mulher fatal.

ORQUESTRA DO TEATRO MUNICIPAL
Regente: EDMUNDO BLOIS
Diretor de cena: CARLOS MARCHESE
Cenotécnico: MARIO CONDE

RAPSODY IN BLUE



NINA VERSCHININA

PAVANE POUR UNE INFANTE DEFUNTE



EBBA WILL

JOHNNY FRANKLIN

1636 Suia Jaffe

Temporada Nacional de Bailados

Em prosseguimento ao "Festival do Rio de Janeiro" teve lugar quarta-feira última, no Teatro Municipal a segunda récita de bailados pelo Corpo de Baile do Teatro Municipal.

"Rondó Caprichoso" com música de Saint-Saens coreografia de Maryla Gremo, cenários e trajes de Santa Rosa constituiu a primeira número da noite. Trabalho coreográfico de técnica e plasticidade teve, por parte das intérpretes, realização mediocre, pecando principalmente pela falta de homogeneidade de conjunto. Se Tatiana Leskova (a Amante) conseguiu impressionar pelo brilho de sua técnica e pela expressividade de sua interpretação, Aldo Lotufo (o Amante) teve novamente muito insegura e pesado. Tamara Capeller, por seu turno, apresentou-se em grande forma, muito convincente como A Mentira, plena de graça e elegância. Helga Loreida, Marlene Barroso, Ruth Lima e Irina Tchetchelnitzka completaram o elenco, atuando discretamente, faltando-lhes porém disciplina de conjunto. Finalizando a Orquestra do Teatro Municipal que, sob a regência do maestro Martinez Grau deu-lhe inteiramente a bela obra de Saint-Saens. No difícil solo, salu-se bastante bem o "spalla", violinista Edmundo de Biota.

"Narciso", com música de Ravel, coreografia de Nina Verchinina e cenário de Henrique Peycere foi uma mimy Franklin, tia papel-título, um interprete a altura. Atlanhando um pouco, porém a plástica expressiva requerida por seu papel, brilhou Johnny Franklin em movimentos puros. Muito interessante e agradável em sua concepção a coreografia de Nina Verchinina. Gracioso as três Ninfas — Sandra Dicken, Yone Bellini e Dicéia Ferreira — embora falhas no que se refere ao equilíbrio de conjunto. Belo o cenário de Peycere.

"Bachianas n.º 1", sôbre música de Villa-Lobos, coreografia de Maryla Gremo, cenários e trajes de Fernando Pamplona, marcaria o ponto alto da noite. Tema de grande interêsse "os retirantes, cansados e desiludidos, voltam ao acampamento, onde deixaram a espôsa e os filhos. Daí expulsam um vagabundo que lhes dizia com promessas vãs. Ao sentir a derrota total, as esperanças se evasem. Assistimos a uma cena rápida de um companheiro pensando na sua que talvez esteja também arrasada", Margot Fonteyn soube aproveitar muito bem a música de Villa-Lobos, fazendo corresponder a cada frase musical, a cada compasso, uma fase do bailado, da forma mais natural e graciosa. Muito sugestivo também os cenários e trajes de Pamplona. Ótimo o trabalho de Tatiana Leskova, pleno de calor e expressividade. Pouco consistente Arlette Ferreira. Brilhante a atuação de Dennis Gray, destacando-se também Arlete Saraiva, conjunto regular, orquestra ainda uma vez prejudicada.

Como penúltimo número da terceira parte, tivemos "Floras do Prado", bailado ao estilo romântico, com música de Tchaikowsky e coreografia de Petipa. Escorreito conjunto, perfeitamente enquadrado dentro do classicismo, teve o "pas-de-deux" (que Lifar qualifica de "truques acrobáticos") boa realização por parte de Tamara Capeller e Johnny Franklin. Este, embora muito seguro, parece ainda não ter alcançado o equilíbrio que exige sua posição de "porteur" para um perfeito "pas-de-deux".

"Galope moderno", último número da noite, marcou a estréia de Dennis Gray como coreógrafo. Com música de George Bibalowsky (de muita vulgaridade) e cenário de Peycerê, apresenta "Galope Moderno" uma coreografia de concepção moderna e sumamente interessante, revelando Dennis Gray imaginação fértil e viva. Dançado pelo próprio Dennys Gray e Dicéia Ferreira, Arlete Saraiva e Cecília Wainstock, teve êste ponto alto no "pas-de-deux" e nos números de grande classe de Arlete Saraiva, uma promessa de nossos bailados.

Dennis Gray, por seu turno, estêve impecável, logrando alcançar expressivo êxito.

A Orquestra do Teatro Municipal, que tão bem se apresentara na precedente récita, ofereceu desta vez um baixo nível de execução no decorrer de tôda a récita. A sua frente, atuou o maestro Martinez Grau.

Hoje à noite, terá lugar a terceira récita pelo Corpo de Baile do Teatro Municipal, com novo programa.

Bailado do Teatro Municipal

1636

3.ª RÉCITA

VOLTAMOS a ver o Corpo de Baile do Teatro Municipal, no seu último programa da temporada.

A impressão que nos deixou foi melhor do que quando da estréia. Os números obedeceram a uma concepção coreográfica mais ampla e sugestiva, sem, contudo, surpreender por uma imaginação realmente elevada.

A lenda sôbre o enrêdo mitológico de "Prometeu", com música de Leopoldo Miguez, foi o pretexto para o trabalho, que iniciou o programa, com coreografia de Tatiana Leskova.

Sugere a página literária de Esquilo uma interpretação rica em manifestações dançantes, a fim de enriquecer as situações criadas à sombra dos interessantes histórias do erá politeista.

Leskova fês por onde ambientar sua obra, segundo essas exigências, mas não chegou a atingir o "clímax" necessário numa movimentação mais intensa das massas e na transfiguração psicológica das personagens tôdadas.

Houve buracos, vasios que deturam cotr o interêsse do bailado, malgrado o razoável desempenho de todo o elenco, o qual, realmente, deixa sentir evolução técnica e um razoável gorantimento de possibilidades apreciável, mercê do sangue novo que vai recebendo da Escola de Dança do Teatro, como uma reserva de mocidade e de entusiasmo que transparece a cada passo.

Os mais antigos, porém, como Artur Ferreira, Tamara Capeller, Johny Franklin, Edgar Aluisio, Aldo Lotufo, êstes são a viga mestra que sustenta a cúpula do bailado oficial, sendo justo lhes dar o lugar de realce que merecem no principal espetáculo de cada temporada.

"Pavane pour une enfant defunte", bailado concebido por Maria Gremo, também não nos impressionou suficentemente.

Haverá arte nessa criação que, afinal, se origina de descrição da música de Ravel, que a regulou e estimulou. Bem sabemos, porém, que o tudo final perturba o desenrolar da história, curta mas emocionante.

Há figuras de mais, intervindo num drama íntimo e que melhor se ambientaria no salão de uma recêiva. Ela o que dissolve o poder sugestivo do trabalho de Maria Gremo, que resultou fastidioso e cansativo, pois, além do mais, o desempenho não esteve à altura.

Não faltou entusiasmo, destreza, boa técnica, ação pronta e decisiva, em "Raimonda", "pas de deux", realizado por Tatiana Leskova e Artur Ferreira, que foram grandemente aplaudidos.

Como coreógrafa, no entanto, essa ilustre dançarina mata uma vez mais as esperanças de uma nóvisa. Ela o que dissolve o poder sugestivo do trabalho de Maria Gremo, que resultou fastidioso e cansativo, pois, além do mais, o desempenho não esteve à altura.

Como coreógrafa, no entanto, essa ilustre dançarina mata uma vez mais as esperanças de uma nóvisa. Ela o que dissolve o poder sugestivo do trabalho de Maria Gremo, que resultou fastidioso e cansativo, pois, além do mais, o desempenho não esteve à altura.

A leveza dessa página musical, a vivacidade, a malícia, a graça que transbordam nas reminiscências de uma noite de sentimento, deveriam ter sido postas em evidência, ante a improvisação de uma idéia coreográfica pesada e pensa. Foi-se o riso de uma cena sentimental e transcendental, para dar lugar a sentimentos temerosos e sobressaltados, cheios de interrogações angustiadas pela impossibilidade e dúvidas de uma decisão. Mamisses.

Baseado noutra música, noutro gênero, Leskova teria se projetado através de uma evocação sugestiva aos dogmas cristãos. O tema musical que escolheu, entanto, não foi o ahado que procurava para o seu enganhoso trabalho, que teve na interpretação de Artur Ferreira, Johny Franklin, Edte Lima, Dicéia Ferreira, Helga Loreida, Sandra Dicken, Cecília Wainstok, Arlete Saraiva e outros, uma realização vibrante.

O último número da noite foi, sem dúvida, o mais interessante. Para a conhecida "Rapsody in blue" de Gershwin, Nina Verchinina apresentou uma coreografia cheia de movimento e côr, fazendo ela própria o principal papel, com a agilidade e a mestria que se lhe reconhecem e lhe grangeeram justo renome.

Tamara Capeller e Davi Dupré vieram, a seguir, colaborar, com excelente espírito artístico, nessa criação que prende a assistência e que constitui o maior sucesso dessa curta temporada do bailado oficial da Prefeitura.

A Orquestra Municipal, com um ou outro descuido, colaborou sob a direção de Edmundo Biota, cabendo ao pianista Oto Jordan a parte cabida na página de Gershwin.

Cabe-nos obressair os bons e expressivos cenários, bem como o guarda-roupa criado...

D'OR

MÁRIO CABRAL

Temporada oficial de bailados

O ÚLTIMO espetáculo coreográfico apresentado pelo **Festival do Rio de Janeiro** constou da apresentação de um programa difícil, e mesmo um tanto pretensioso, tendo-se em vista as circunstâncias em que foi organizada essa série de espetáculos, a cargo do corpo de baile do Municipal. Fôssem outras essas circunstâncias, houvesse um período preparatório suficiente para essa realização, e o conjunto, que mesmo assim mostrou progressos sensíveis, teria produzido impressão mais lisonjeira.

"PROMETEU", assunto já explorado por vários coreógrafos (Lifar, Milloss), teve coreografia de Tatiana Leskova, mas desta vez com música de Leopoldo Miguez, cujo poema sinfônico não constitui material muito atraente para um bailado mesmo de proporções. Cremos mesmo que a sua inclusão no programa tenha resultado de uma imposição patriotéira, a que a coreógrafa teve de se submeter.

Se Tatiana Leskova não teve, neste número, oportunidade de confirmar os seus méritos de mestra, em outra ocasião, em que dissolve o poder sugestivo do trabalho de Maria Gremo, que resultou fastidioso e cansativo, pois, além do mais, o desempenho não esteve à altura.

Não faltou entusiasmo, destreza, boa técnica, ação pronta e decisiva, em "Raimonda", "pas de deux", realizado por Tatiana Leskova e Artur Ferreira, que foram grandemente aplaudidos.

Como coreógrafa, no entanto, essa ilustre dançarina mata uma vez mais as esperanças de uma nóvisa. Ela o que dissolve o poder sugestivo do trabalho de Maria Gremo, que resultou fastidioso e cansativo, pois, além do mais, o desempenho não esteve à altura.

Segulu-se a "Pavana", com base na partitura de Maurice Ravel, número também já objeto de concursos e exercícios, ante a improvisação de uma idéia coreográfica pesada e pensa. Foi-se o riso de uma cena sentimental e transcendental, para dar lugar a sentimentos temerosos e sobressaltados, cheios de interrogações angustiadas pela impossibilidade e dúvidas de uma decisão. Mamisses.

Baseado noutra música, noutro gênero, Leskova teria se projetado através de uma evocação sugestiva aos dogmas cristãos. O tema musical que escolheu, entanto, não foi o ahado que procurava para o seu enganhoso trabalho, que teve na interpretação de Artur Ferreira, Johny Franklin, Edte Lima, Dicéia Ferreira, Helga Loreida, Sandra Dicken, Cecília Wainstok, Arlete Saraiva e outros, uma realização vibrante.

O último número da noite foi, sem dúvida, o mais interessante. Para a conhecida "Rapsody in blue" de Gershwin, Nina Verchinina apresentou uma coreografia cheia de movimento e côr, fazendo ela própria o principal papel, com a agilidade e a mestria que se lhe reconhecem e lhe grangeeram justo renome.

Tamara Capeller e Davi Dupré vieram, a seguir, colaborar, com excelente espírito artístico, nessa criação que prende a assistência e que constitui o maior sucesso dessa curta temporada do bailado oficial da Prefeitura.

A Orquestra Municipal, com um ou outro descuido, colaborou sob a direção de Edmundo Biota, cabendo ao pianista Oto Jordan a parte cabida na página de Gershwin.

Cabe-nos obressair os bons e expressivos cenários, bem como o guarda-roupa criado pela C. A. C.; a participação de elementos do corpo de baile, que revelaram apuro técnico em papeis adequados às suas qualidades interpretativas; além de Tatiana Leskova, a mestra sempre admirada, que reaparece em plena forma; os alunos Aldo Lotufo, excelente na interpretação de "Narciso", Arthur Ferreira e Dicéia Ferreira (os amantes do "Rondo Caprichoso") e Dennis Gray, revelando-se como coreógrafo ("Galope Moderno"). A estréia que, se não é de absoluta originalidade, mostrou que o jovem bailarino, em outras oportunidades, poderá consolidar as apreciáveis qualidades que recolhe nesse setor.

Cite-se, ainda, o "pas-de-deux" interpretado por Tamara Capeller e Johnny Franklin ("Flocos de Neve", com música de Tschaikowsky e coreografia de Petipa), números que, se não teve brilho virtuosítico muito acentuado, como é das suas preferências do nosso público, mas com a vantagem de serem duas interpretes bailarinas, na "Valsa" sendo ainda atuou de maneira satisfatória como bailarina, na "Valsa de Meriito", de Liszt. foi, desta vez, a coreógrafa de "Rondo Caprichoso" e da "Bachianas" n.º 1, em que reafirmou o seu talento coreográfico, mostrou ainda se poderá fazer nesse setor. O resto é consequência.

MÁRIO CABRAL

TEMPORADA DE BAILADOS

Colaboração de Verchinina (coreógrafa), Peycerê e Pamplona (cenógrafos) e Lotufo (bailarino)

COM a segunda récita da temporada de bailados incluida no Festival do Rio de Janeiro, consolidou-se a metamorfose por que está passando o corpo de baile do Municipal, embora êste ainda tenha a falta de ensaios, e outros fatores lecam ainda a falta de ensaios, e outros fatores lecam ainda a falta de ensaios, e outros fatores que impedem de maiores progressos, dentre os quais, esperamos, serão afastados, em temporadas futuras, da salutar política que está nos propósitos da direção do teatro.

A verdade é que podemos apontar como elementos que mais concorreram para o lado positivo da representação: a estréia de Nina Verchinina como coreógrafa, nas experiências como "Narcisse" (música de Ravel); a colaboração de cenógrafos como Santa Rosa ("Rondo Caprichoso"), artista já consagrado, e Henrique Peycerê Fernando Pamplona ("Bachianas" n.º 1) e Henrique Peycerê ("Narciso" e "Galope Moderno"), elementos de comprovado talento, dos quais muito se pode esperar, neste setor tão importante na "mise-en-scène" dos espetáculos, ale agora desprezado

MUNICIPAL

FESTIVAL DE BAILADOS — "Rondó Caprichoso", "Narciso", "Bachiana n. 1", "Flocos de Neve", Galope Moderno"

Mais uma demonstração de possibilidades até hoje mal aproveitadas vem realizando o corpo de baile do Teatro Municipal. Não se compreende como criado o instituto que dispõe de inigualáveis condigna, de instrutores, de cenógrafos e costureiros e também de coreógrafos, tudo pago normalmente pelos cofres municipais de acôrdo com verbas orçamentárias regularmente votadas, e ainda de teatro — o melhor da Cidade — para exibir-se, nada mais consiga a Comissão Artística e Cultural (saco de gatos) do que realizar no fim do ano, mofinas e apressadas temporadas que evidenciam o atabalhoamento do preparo e a patente carência de ensaios!

Que há vinte e tantos anos Maria Olenena, a fundadora da escola e criadora do corpo de baile, que de coisa alguma disgunha e não ser a arte com barra que a boa vontade do saudoso diretor do patrimônio municipal, Raul Cardoso, facilitou, tudo improvisasse, está certo, louvaminos o esforço considerável e benemérito. Mas hoje, apreciadas as condições atuais, tamanha displicência e indiferença são imperdoáveis! Pode a comissão, se o quiser — o momento é de recuperação e reestruturação moralidarora — dar vida ao corpo de baile, fixar suas atividades anuais, traçar-lhe um programa em que o constante aperfeiçoamento artístico produzisse o aperfeiçoamento intelectual e do conjunto, como dos elementos auzilares. A condição principal para que tal se consiga é, e sempre será, o respeito ao espetáculo público, a realização de espetáculos de três em três meses, por exemplo. É claro que, com a multidão de datas e grandezas a serem utilizadas e tomadas, e que ocuparão seu lugar no planejamento a ser efetuado e que não pode ser mais adiado, se a Comissão não se achar com forças para realizar a tarefa, ainda fácil — ela dispõe de tudo, inclusive autoridade — convoque seu antecessor, ordene seus métodos e lugar a outros mais capazes. Sabemos, porém, perfeitamente que esse não é o caso: o que tem havido é inércia — ninguém quer se incomodar, e, depois, aporta-se ao cômodo e pode trabalhar com a certeza de que os esforços não serão perdidos. Ante tal estado de coisas, o secretário-geral de Educação e Cultura, professor Haroldo Lisboa da Cunha, presidente da Comissão é ao vice-presidente Dr. Murilo Miranda dos Reis, diretor do Departamento de Educação de adultos para que se considere de modo prático e eficaz o problema do corpo de baile do Municipal, que conta já 27 anos de existência.

O interesse do público pelos espetáculos é enorme, enche o teatro, aplaude com calor, mostra melhor gosto artístico e intento. Aplaudiu a assistência com benévolo entusiasmo. E o que fazem os bailarinos, tendo-se em consideração a constantes causas contidas no que acima dissemos.

Adapta-se bem à delicadeza musical do "Rondó Caprichoso", de Saint-Saens, a coreografia de Maryla Gremo, tão lúcida por Maryla Gremo, que nos dá outra prova suspeitosa do seu talento criador nas "Bachianas n. 1", de Villa-Lobos, de caráter diverso.

Aldo Lotufo é já um autêntico valor, seguro vigoroso, belas virtudes; foi uma perfeita Tatiana a Nina Verchinina real. Tamara Capeler melhorou bastante, readquirindo a segurança de seu "tour", constante em outros momentos, em boa forma clássica. Bastante graciosas, leves, alígeros Helga Loreda, Marlene Barroso, Ruth Lima e Irima Tchetchelnitzka.

"Narciso", música de Ravel, expresso de poesia interior, pede desenho coreográfico mais puro, irreal, o que a Nina Verchinina e a que deram execução satisfatória Johnny Franklen, Sandra Dicken, Yone Bellini e Dicéia Ferreira, a última em uma feia tentativa de interpretação psicológica, elas graciosas, gentis.

"Bachianas n. 1", cena de tristeza e desolação nordestina, foi vivido com destaque por Tatiana e Artur Ferreira, o par principal, que demonstrou brilho e autoridade; por Dennis Gray, muito interessante; Arlete Saraiva, valor que cresce e se esforça, destemeroso, de passos audazes, além de Ebbe Wilde Renato Magalhães, rasoáveis. O conjunto portou-se bem, tanto mais que cada bailarino representa seu papel, alguns bastante bem.

"Flocos de neve", música de Tchaikowsky e coreografia de Petipa, foi um dos momentos mais altos do espetáculo: puderam Tamara e Johnny, ora juntos ou em sólos evidenciar seu preparo e possibilidades, realizando com êxito, brilhaturas. Foram grandemente aplaudidos.

Em "Galope Moderno", suite-ballet de George Ribalowsky, música Denis Gray como coreógrafo, compõe "Polka" engraçada à vista, gracioso, de simétrico dinamismo e que ele próprio dançou, rodeado por quatro pequenos encantos encoquantes. Dicéia, Wanda, Garcia, Arlete e Cecília Wanstok.

Belos os cenários de Santa Rosa (Rondó), Henrique Peycerê (Narciso), Fernando Pamplona (Bachianas) e deveras interessante, com efeitos de luz.

O violinista Edmundo Biota foi chamado à cena pela sua execução primorosa do solo do Rondó.

Não seria justo exigir muito mais ou apontar deficiências e defeitos dos bailarinos e bailarinas, outras fossem as condições de trabalho é certo que produziriam muito mais — MÁRIO CABRAL

Nesse mesmo ambiente de desenvoltura e improvisação decorreu a apresentação de "Os Seis Pecados Capitais", com os seguintes figurinos de Thamar de Lethay e com a música (La Valse") de Ravel. Número também prejudicado pelos defeitos de iluminação que bem aplicada, teria valorizado a bizarra indumentária dos seis personagens e a sugestiva coreografia de Tatiana Leskova.

Esperamos que Thamar de Lethay, que prepara em S. Paulo a montagem do "Tartufo", de Molière, sob o patrocínio de Sérgio Cardoso, tenha também aqui, em futuras temporadas, oportunidade de afirmar o seu talento como pintora, num setor que também lhe é familiar, já que, em Paris, sob a direção de Egrovva, desenvolveu um proveitoso aprendizado como bailarina.

MUNICIPAL

Corpo de Baile do Municipal — "Coppelia" apresentado" — "Ballet Classique" — "Pavane pour une infante défunte" — "Chasquey in blue"

Causou a melhor impressão e despertou os maiores aplausos o último dos três espetáculos do Corpo de Baile do Municipal — o Festival do Rio de Janeiro. Programa gostoso, execução satisfatória, apresentação correta, mais uma vez demonstrou possibilidades auspiciosas para vitoriosa elevação de nível que coloque definitivamente no plano, o nosso, dos mais perfeitos conjuntos coreográficos existentes no mundo.

Apelamos, apoiados por essa convicção, para o senso de responsabilidade da Comissão Artística e Cultural: a ocasião é propícia, estamos às portas de um novo ano, um planejamento deve ser efetuado para cumprimento a partir de janeiro e com o propósito de vitalizar o Corpo de Baile, revigorando-o e aperfeiçoando-o, dando oportunidade a todos os seus componentes e elementos artísticos acessórios. Por que não se faz isso, uma vez que nada falta, em relação aos aspetos material e artístico, para o sucesso? O nosso Governo está agindo da máquina administrativa o máximo rendimento. Goza atualmente a Comissão Artística e Cultural de uma tranquilidade plena e não será o Prefeito Alim Pedro, grande trabalhador, atividade omnímoda, — e para o assunto chamamos esclarecida atenção de S. Excia. — que se oporá a qualquer ato que tenda a realizar cabalmente o que a lei prescreve e assegura à Municipalidade: a realização de espetáculos excelentes.

Revemos a bela concepção coreográfica de Tatiana Leskova da tragédia de Eschylo "Prometeu acorrentado", com um espetáculo inteiro digno de Maria Olenewa, a verdadeira criadora do corpo de baile destacando-se Artur Ferreira, seguro de si, dança expressiva; Helga Gray, com seu belo timbre lírico; Tamara Capelar, Johnny Franklin, Aldo Lotufo, Helga Loreida, Julia Pamplona, Esi Garroa e Edgard Santana. Perfeita a adaptação musical da bela partitura de Leopoldo Miguez.

"Raimunda", música de A. Glazounow, que Mignone organizou, revelou, ainda uma vez, a segurança e a precisão de movimentos de glória. Puderam patentear seu virtuosismo, ensaiando de dificuldades os passos que executou, "tour" bem lançados, de ágil, leve, magnífico efeito, e foi uma festa em "pair". A esta aplaudiu com entusiasmo.

A "Pavane", de que apreciamos já duas edições de coreografia inteiramente diversa, a de Maryla Gremo, e a do Ballet que apresenta uma terceira forma, a de Maryla Gremo, diferente), Vila e Primavesi, Vila e Primavesi, Vila e Primavesi (Ebba Will) assistida pelas damas do paço, solenes, bem acusadas em êstase, de que a infante sai da dança, com encantadora graça e não se desmerece o são de Damas, (Arlene Barroso, Rojan Cavina, Dicéia Ferreira, Esi Garroa pe naltadas que o conforam. Bonita a idéia e as danças com apontos Desperaram os dois principais aplausos da assistência já, pela forma contida de seus passos elegâncos, corretos, harmoniosos. Valdeí pela sua expressão artística, pureza de linhas e nobreza de atitudes, o cenário de Fernando Pamplona.

Sôbre a partitura Vinha Valsa de Ravel e libreto de Tu amar Letay compôs Leskova a dança de "Os sete pecados mortais". Sem maiores pretensões que recriar permite a diversas bailarinas fque Artur Ferreira e Johnny Franklin, que bem se apresperam em dança desenvolta em que introduzem passos audazes), evidenciar seus méritos técnicos e de interpretes. Não foi como preferir, são leves, ágeis, sugestivos, elegantes: Sandra Dicken, Arlete Saraiva, Dicéia Ferreira, Cecília Wainstok, Helga Loreida, Ruth Lima. E todo o corpo de baile nos parece que valsam, tomam parte, harmoniosos, elegantes, sedutores.

Nesta última, finalmente, apresentou sua "Chasquey in blue", rapsody in blue, inspirada na conhecida e já clássica na genero, música de Gershwin, a nova tentativa de uma empresária: forcos acadêmicos a ritmos e melodias de origem africana, evidente sua influência na música moderna norte-americana.

Do ponto musical em que se entrechoca as tendências estéticas revolucionárias, rafadas de sensualismo frenético e de uma irreprimível nostalgia nos mundo e se constitui Verchinina seu saboroso tumultuário e todavia expressivo poema coreográfico. Qualquer coisa de considerável no assunto, com a qual se harmonizas o cenário, muito bom, de Mario Conde, New York, a aluctmante. Acentua a justa posição da dança e da música.

Nina, ela própria, encaixa o bailado, e o que conseguiu dos nossos bailarinos dia de seus méritos, dos seus possibilidades esplendidas. E' uma dança em que todos têm o que fazer e cujo sucesso e belezas dependem da ação eficaz de cada um e da perfeita articulação do conjunto. O triunfo da mestra e seus comandados foi absoluto. Um "brano" em unisono estrupiu no final por todo o salão ao Municipal não se achava o Prefeito... Por que? Teria sido tão bom que S. Excia. tivesse comparecido.

Nina encarnou a principal figura, a Mulher Fatal e o fez de maneira impecável, diabólica, precisa na sua dança colorida, de passos seguros, elásticos, nervosos e belos. Tamara, por sua vez, em um dos seus grandes dias, emprestando seu reconhecido valor técnico da criação das notas, magnificamente secundada por David Dupré, seu par, ambos num índice de muito que conseguimos já. Outros pares portaram-se com a mesma galhardia e outras figuras. Mereceram todos, como Verchinina, a criação, os repetidos chamados à cena glorificadora com que se encerrou o Festival — MARIO NUNES.

3 DE DEZEMBRO DE 1954

PEEFEITURA DO DISTRITO FEDERAL

TEATRO MUNICIPAL

DIREÇÃO DA COMISSÃO ARTISTICA E CULTURAL

FESTIVAL ARTÍSTICO
DA

ESCOLA DE DANÇA DO TEATRO MUNICIPAL

com a

ORQUESTRA DO TEATRO MUNICIPAL

SEXTA-FEIRA, 3 DE DEZEMBRO, ÁS 21 HORAS

1954



ESCOLA DE DANÇA DO TEATRO MUNICIPAL



CONCERTO ROMÂNTICO



3 DE DEZEMBRO DE 1954

PEEFEITURA DO DISTRITO FEDERAL

TEATRO MUNICIPAL

DIREÇÃO DA COMISSÃO ARTÍSTICA E CULTURAL

FESTIVAL ARTÍSTICO
DA

ESCOLA DE DANÇA DO TEATRO MUNICIPAL
com a

ORQUESTRA DO TEATRO MUNICIPAL

SEXTA-FEIRA, 3 DE DEZEMBRO, ÁS 21 HORAS

1954



3 DE DEZEMBRO DE 1954

SEXTA-FEIRA, 3 DE DEZEMBRO DE 1954, ÀS 21 HORAS

PROGRAMA

1ª PARTE

"CONCÊRTO ROMÂNTICO"

(Concêrto nº 2, em fá menor, para piano e Orquestra)
Música de George Ribalowsky — Orquestração de Guilherme Matto
Solista ao piano: o autor

1º **Movimento:**
I — **Grupo** — Precilda Pinotti — Luzia Garro Moura — Antonia Shirley de Oliveira — Eloisa Oliveira Menezes — Mariza Fonseca e Marly Alves Leal.
II — **Grupo** — Irene Orazem — Alca Maria Costa — Anna Maria Pereira — Helena Oliveira Lobato e Isa Amorim Silva.
III — **Grupo** — Caliopi Venieri — Raquel Kohen — Jorgeanna Guedes Corvello e Judis Litowski.
IV — **Grupo** — Mauro Fonseca — Oswaldo Senra Junior e José Wense Pinto.

2º **Movimento:**
Eleonora Oliosi e Armando Nesi.

3º **Movimento:**
Solistas e todo o conjunto.

INTERVALO

2ª PARTE

"DIVERTISSEMENTS"

1 — «O ARLEQUIM TROVADOR» ..... Música de Moszkowski
por Therezinha Moreira Goulart.
2 — «ROMANCE» ..... Música de A. Rubinstein
por Marília Oliveira Chaves e Oswaldo Senra Junior.
3 — «O SONHO» ..... Música de R. Gliere
por Luzia Garro Moura — Marly Alves Leal e Eloisa Oliveira Menezes.
4 — «PAS DE QUATRE» ..... Música de G. Rossini
por Caliopi Venieri — Jorgeanna Guedes Corvello — Helena Oliveira Lobato e Judis Litowski.
5 — «AS NEGRINHAS» ..... Música de Frutuoso Viana
por Isa Amorim Silva — Anna Maria Pereira — Alca Maria Costa — Raquel Kohen e Cléia Nogueira de Carvalho.

INTERVALO

3ª PARTE

Música de Joseph Lanner — Orquestração de Francisco Mignone

"CINDERELA"

PERSONAGENS:
CINDERELA: Yara Soares Barbosa.
A MADRASTA: Precilda Pinotti.
AS FILHAS: Irene Orazem
AFADA: Caliopi Venieri.
O PRINCIPE: Erivaldo Cavalcanti.
DOIS PRINCIPES: Oswaldo Senra Junior e Mauro Fonseca.

OS PAGENS: Marília Oliveira Chaves — Denise Dinis Cerqueira — Clélia Nogueira de Carvalho e Maria Angela Ribeiro.
AS DAMAS: Irenice Azevedo Lima — Maria das Dores Mattos — Alda da Cunha Valle — Roseneide Souto Maior — Isa Amorim Silva — Raquel Kohen — Judis Litowski — Therezinha Moreira Goulart — Helena Oliveira Lobato — Jorgeanna Guedes Corvello — Eleusis Defrayer da Silva e Anna Maria Pereira.

«Cinderela» — enredo:

A história de Cinderela (ou a **Gata Borralheira**) é lida e sabida por tôdas as crianças do universo. Nêste bailado, o coreógrafo tomou a liberdade de aproveitar a história, baseando-se, porém, em alguns fatos, compondo para a Escola de Dança do Teatro Municipal, fragmentos do último ato de **Cinderela:**

«São passadas as três noites dêsde que Cinderela perdeu seu chale, o leque e o sapatinho. Desesperada, por não acreditar mais na vinda do Principe Encantado, Cinderela implora ao Espelho Mágico que faça sua Madrinha, a Fada, aparecer. Enquanto isto, imagina vêr na vassoura o Principe Encantado. Eis que a Fada aparece, e diz-lhe: — «Pelo seu sofrimento e bondade de coração, o Príncipe está a caminho desta casa em busca da Bem-amada.» E a Fada desaparece dentro do Espelho Mágico. Enquanto isto, a Madrasta anda à procura da pobre Cinderela e traz consigo as duas filhas para zombarem da jovem. Em dado momento, surgem três cavalheiros da côrte do Principe Encantado, para avisar à Madrasta que prepare uma grande festa, pois Sua Magestade está a caminho, afim de revistar a última casa que lhe resta, pensando encontrar a eleita do seu coração, dona do sapatinho perdido. Chegam o Príncipe e seus Pagens. As Damas da Côrte, pouco a pouco, vão entrando no salão para experimentar o sapatinho. Mas, nem as Filhas da Madrasta, como as outras donzelas, possuem pé em que caiba o formoso e já célebre sapato. O Príncipe, aborrecido, procura apagar as tristezas no colorido das danças que seguem. Em dado momento, sente vontade de beber, e pede que o vinho seja servido. A Madrasta, que tudo fizera para esconder Cinderela, chama-a para trazer a bebida. O Príncipe, ao vê-la, reconhece a linda criatura que tanto o fizera sofrer de amor, e pergunta-lhe se aquele sapato é seu. Cinderela responde: — «Meu Senhor, meu querido Príncipe Encantado, sou apenas uma pobre criada, sem lar, sem ter alguém que me queira; e, mesmo que fôsse meu êste sapato, Vossa Magestade não ousaria escolher-me para eleita do seu coração.» Exclama o Príncipe: — «Nada disto existirá se o sapato lhe pertencer; vejamos...» Cinderela calça o sapatinho que lhe cabe como uma joia. Faz-se o milagre. A Fada aparece, Cinderela é transformada em Princesa. Deslumbrado, o Príncipe ordena que recomece a festa, e anuncia o casamento; ao mesmo tempo, expulsa a Madrasta e suas Filhas. Cinderela, porém, pede ao Bem-amado que lhes conceda perdão. E acrescenta: — «O tempo saberá o que fazer com elas...» A Fada abençôa os noivos, e o baile continua, como a felicidade de Cinderela e do Príncipe Encantado.

Goreografia de DENNIS GRAY

Regente: Maestro — HENRIQUE NIREMBERG

«Regisseur» — AMÉRICO PEREIRA

Diretor de Cena — CARLOS MARCHESE

Cenotécnico — MARIO CONDE

«Croquis» dos vestuários de Antonio Barros

Vestuários confeccionados no atelier de Mme. Maria Rocha

Pianistas ensaiadores: George Ribalowsky e Hermelindo Castello Branco

«O Alequim Trovador» e «Romance», orquestrações de José Del Valle

Os produtos de «Maquillage» e «Maquilladores» foram cedidos gentilmente por HELENA RUBINSTEIN

CONCERTO ROMÂNTICO















ESCOLA DE DANÇA DO MUNICIPAL

O corpo de dança do Teatro Municipal realizou um festival artístico, apresentando programa e a colaboração da orquestra do teatro sob a direção de Henrique Nivemberg.

Sem dúvida, esta escola do teatro deu uma louvável prova de eficiência. Cenas cheias de "brotinhos", revelaram, entretanto, uma organização, um trabalho que, é sabido, para dar tais resultados, deve ter sido pertinaz e bem conduzido. O "Concerto Romântico", composto coreograficamente sobre obra de um dos pianistas ensaiadores, aproveitável para tal fim, em que foi solista, ao piano, o mesmo George Ribalowsky, teve aspecto muito agradável, pela juventude do conjunto e habilidade e correza como evoluia em cena, revelando técnica já avançada; para não se falar da graciosidade da maioria dos elementos, individualmente. Eleonora Oliosi, por exemplo, a executante de um "pas de deux", no 2º Movimento, tendo como "partenaire" Armando Nesi, lá dá impressão de ser muito mais que uma simples boa aluna. Nada lhe falta para iniciar uma carreira, com sucesso, onde evoluirá, amparada em técnica inicial, para ser bem mais, mesmo, que simples bailarina clássica. Outras solistas, entretanto, fizeram, também, as melhores e encantadoras revelações — Therezinha Moreira Goulart, Marilia Oliveira Chaves e tantas companheiras de alto nível dos outros "Divertissements"; tão numerosos, infelizmente, para poderem ser citados nominalmente. Na "Cinderella", bem exposta e montada, Yara Barbosa e Calliopi Venieri, venceram, de fato, com facilidade, pelos seus dons naturais e artísticos as expressivas "Madrasta" e "Filhas".

Henrique Nivemberg conduziu com segurança a orquestra. Quanto à parte relativa à cena, perfeitamente elogiável. Enfim, um espetáculo escolar de êxito.

O. BEVILACQUA.

ESCOLA DE DANÇA DO MUNICIPAL
ESPETÁCULO DE BAILADOS

Oferecendo a Escola de Dança do Teatro Municipal [illegible] uma grossa dose de [illegible] seu fecundo labor [illegible] dia 3, espetáculo muito aplaudido em que tomaram parte os alunos dos últimos anos do curso.

Foi boa a impressão causada e com relação à Escola repetimos aqui o que vimos reclamando quanto ao Corpo de Bailado, frequente e estimulador contato com a platéia, para que se desfaça a impressão de que aquela "repartição publica" absorve vultosa verba e nada produz: só o Concerto romântico, a primeira parte do programa, a mais "erudita" desmente por completo a insidia.

O desenho coreográfico do Concerto Romantico (n. 2 em fá menor para piano e orquestra de George Ribalowsky, fez os solos de piano o autor da orquestração, o maestro Guilherme Matto) apresenta quatro grupos de bailarinas que dançam em conjunto, sendo traço de ligação um par de solistas — Eleonora Oliosi e Armando Nesi. Apoia-se na simetria e no emprego dos passos clássicos básicos.

Portaram-se as jovens bailarinas e bailarinos com louvavel correção que não esclui a graça e os frenitos de personalidade que deseja se revelar. A harmonia dos conjuntos, a relativa firmeza dos passos, o donaire pessoal, a segurança dos remates, despertaram merecidos aplausos. A solista Eleonora e seu suporte Armando além da violencia das palmas, foram repetidas vêzes chamados á cena. Ela possui qualidades para a ascenção ao estrelato: a figura é graciosa, os gestos (posição dos braços) em harmonia com os movimentos ágeis e leves do corpo. Tudo depende agora do seu esforço e devotamento "religioso" á arte que a empolga e de que será digna expoente em dias futuros, proximos relativamente.

Os "Divertisements" que exigem conhecimentos coreográficos concretos, vivem, por sua fantasia, da graça pessoal dos intérpretes. Encantadissima Terezinha Morena Goulart no Arlequim, Trovador. Bela execução o Pas de quatre de desenho original, por Calliopi Veniert, Jorgana Guedes Curvelo, Helena Oliveira Lobato e Judit Litinschi. Bonito Romance por Marilia Oliveira Chaves e Osvaldo Serra Junior; como Saltinho coreograficamente louvavel, Lucia Garro Moura, Maria Aben Leal e Eloisa Oliveira Menezes. E — já se sabe — Zezeco, Negrilhas, Ina Amorim Silva, Ana Maria Pereira, Alca, Maria Costa, Raquel Rohen e Cleia Nogueira de Carvalho.

Não vimos Cinderela, coreografia de Berta Gray. Não nos foi possivel, mas sobremaneira do agrado integral que produziu.

A Escola possui seis professoras de dança: Edith de Vasconcellos, Gertrudes Wolff, Julieta Yanakieva, Leda Yussi, Renée Fausiela de Toso Wells e Yara Marilia Bennett; e uma de historia da dança e interpretação, Maria Clara de Vidal Benevides. Jús de parabens Avante! — MARIO NUNES.

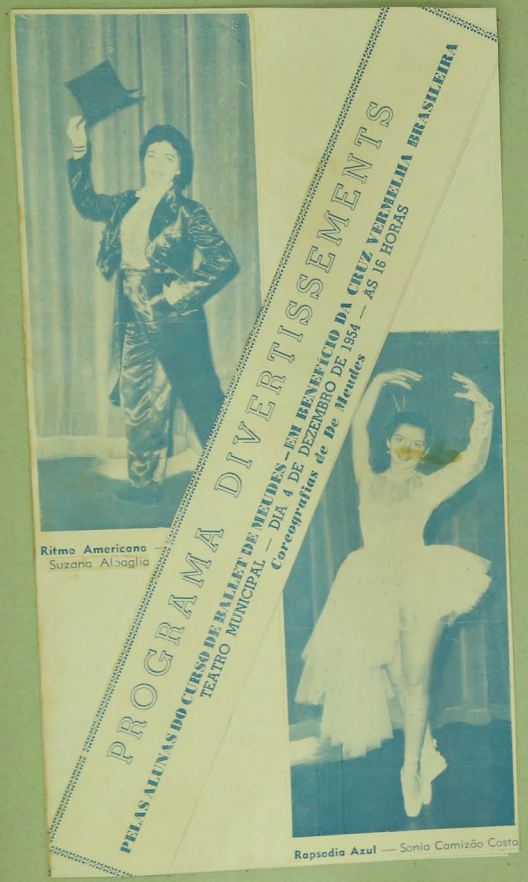
CINDERELA







4 DE DEZEMBRO DE 1954



11 DE DEZEMBRO DE 1954

TEATRO MUNICIPAL

RECITAL DE DANÇA

DAS ALUNAS

DE

ANA BALISKA

DIA 11 DE DEZEMBRO DE 1954
ÀS 16 HORAS

12 DE DEZEMBRO DE 1954

TEATRO MUNICIPAL

SEMANA DA MARINHA

HOMENAGEM DA
P. D. F.

RIO DE JANEIRO, D. F. • 1954

4 DE DEZEMBRO DE 1954

PROGRAMA DIVERTISSEMENTS

PELAS ALUNAS DO CURSO DE BALLET DE MEUDES — EM BENEFÍCIO DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

TEATRO MUNICIPAL — DIA 4 DE DEZEMBRO DE 1954 — ÀS 16 HORAS

Coreografias de Pe Meudes



Rítmo Americano — Suzana Albaglia



Rapsodia Azul — Sonia Camizão Costa

I PARTE

RATINHOS VALSANTES: (MUS. DE BLASCO) — Margareth Mendonça, Lúcia Faro, Edna Morais, Maria Clarice Tartucci, Maria Regina Oliveira, Regina Celia Calçada, Sonia Rodrigues, Elizabeth Holzer, Marilia Dias.

GATOS PRETENSIOSOS: (MUS. DE ARNDT) — Lourdes Barros Medeiros, Katia Stamato, Moema Figueiredo Leite, Gilda Lucia Caselli, Maria Augusta Vilella, Cecilia Saldanha da Gama, Vera Lucia Mello, Heloisa Helena Calado, Maria Cristina Moura Lopes, Deana Medina e Eliane Ferreira.

DANÇA GUERREIRA: (MUS. E ARRANJO DE QUESADA) — Anita Brandt.

VALSA TRISTE: (MUS. DE SIBELIUS) (COR. JORGE LIVERT) — Sonia Estrêla e Edmundo Carijó.

LA RASPA: (MUS. DE N. GARCIA) — *Meninos*: Angela Pimenta, Gilda Lucia Caselli, Tania Barros Maciel, Cecilia Saldanha da Gama, Rita Danon, Vera Lucia Mello, Deana Medina.
Meninas: Katia Stamato, Moema Figueiredo Leite, Heloisa Helena Calado, Monica Barros Maciel, Maria Cristina Moura Lopes, Eliane Ferreira e Lourdes Barros Medeiros.

RECORDAÇÕES: (MUS. DE LIZST) — Beatriz Rosalia Gomes da Silva.

INSPIRAÇÃO: (MUS. DE CHOPIN) — Chopin — Jorge Livert.
Nota musical — Marilia Pièrre.
Por ordem de entrada:
Inspiração — Sonia Estrêla.
Nota musical — Marilia Pièrre.
Tentação — Anita Brandt.
Ilusão — Maria Regina Barcellos.
Estudo — Regina Coeli Cupello, Lucia Maria Ferreira, Maria Claudia Lamego e Regina Maria Faro.
Mazurka — Sonia Maria Cavalcanti.
Noturno — Tereza Cristina e Sonia Camizão.
Valsa — Roselee T. Ribeiro e Beatriz Rosalia G. Silva.
Prelúdio — Leila Jabur e Regina Helena Padilha.

Tema principal e cor. de Chopin e nota musical: Jorge Livert. Montagem, desenvolvimento e demais cor. De Meudes.

Em seu estúdio Chopin, inspirado pela magia da nota musical, compõe seus maravilhosos poemas sonoros e quando a inspiração foge, êle se sente só e abandonado.

II PARTE

MAR NEGRO: (MUS. DE RODI) — Sonia Maria Vieira Cavalcanti, Sonia Camizão Costa, Roselee Torres Ribeiro, Beatriz Rosalia Gomes da Silva, Tereza Cristina Müller, Suzana Albaglia e Regina Coeli Cupello.

ABSTRACIONISMO: (MUS. DE SAINT-SAENS) — *Vermelho*: Sonia Estrela.
Branco: Marilia Pièrre.
Verde: Maria Regina Barcellos.
Preto: Anita Brandt.

PRIMAS BALLERINES: (MUS. DE DELIBES) — Por ordem de entrada: Maria Cristina Moura Lopes, Heloisa Helena Calado, Mônica Barros Maciel, Katia Stamato, Gilda Lucia Caselli, Vera Lucia Mello, Angela Pimenta, Moema Figueiredo Leite e Lourdes Barros Medeiros.

RÍTMO AMERICANO: (MUS. DE PARMIN - LE) — Suzana Albaglia.

DANÇA ORIENTAL: (MUS. DE KETELDEW) — *Solista*: Sonia Maria Vieira Cavalcanti.
Conjunto: Lucia Maria Ferreira, Maria Claudia Lamego, Regina Coeli Cupello e Regina Maria Faro.

GRAND PAS DE DEUX: (MUS. DE GLADYS CAVALCANTI — GOUNOT - LAHNER E TCHAIKOWSKY) — Sonia Estrêla e Edmundo Carijó.

1.ª Variação (Cor. Petipas) ..... Edmundo Carijó.
2.ª " ..... Sonia Estrêla.
Coda ..... Sonia Estrêla e Edmundo Carijó.

KRACOVIAKA: (MUS. E ARRANJO DE QUEZADA) — Regina Helena Padilha e Sandra Mara Gouveia.

GITANAS: (MUS. DE J. N. ABREU) — Beatriz Rosalia Gomes da Silva, Sonia Maria Vieira Cavalcanti e Roselee Torres Ribeiro.

O BEZOURO: (MUS. DE RIMSKY - KORSAKOW) — Marilia Pièrre.

DANÇA DE CAMBODGE: (MUS. DE DELIBES) — Maria Regina Barcellos.

O CISNE: (MUS. DE SAINT-SAENS) — Sonia Estrêla.

RAPSODIA AZUL: (MUS. DE WILDMAN) — Suzana Albaglia, Tereza Cristina Müller, Beatriz Rosalia Gomes da Silva, Sonia Maria Vieira Cavalcanti, Roselee Torres Ribeiro, Sonia Camizão Costa e Regina Coeli Cupello.

VARIAÇÃO ACROBÁTICA: (MUS. DE KREISLER) — Leila Jabur.

A MENINA DOS SAPATINHOS VERMELHOS: (MUS. GLADYS CAVALCANTI E TCHAIKOWSKY) — Sonia Estrêla.

Juntar dinheiro para a compra de uns sapatinhos vermelhos era o seu desejo ardente... Conseguira. A praga de um feiticeiro fê-la dançar ininterruptamente. Diz a lenda que a jovem não conseguindo livrar-se dos sapatinhos enfeitiçados, desesperada, exaustа, pediu a um soldado que lhe cortasse os pés...

THE HAPPY SAYLOR: (MUS. DE LUDOWIC) — Anita Brandt.

DESFILE DE ATRAÇÕES: (MUS. DE WAGNER - ROSSINI E HORNEZ) — *Amazona*: Tereza Cristina Müller.
Os cavalinhos: Leila Jabur, Maria Regina Barcellos, Regina Helena Padilha e Sandra Mara Gouveia.
Balisa: Roselee Torres Ribeiro.
Marilia Pièrre e Edmundo Carijó.

BREJEIRO: (MUS. DE NAZARETH) (COR. SEG. MARILA GREMO)

CONGA: (MUS. DE LECUONA) — Roselee Torres Ribeiro, Sonia Maria Cavalcanti, Beatriz Rosalia Gomes da Silva, Tereza Cristina Müller, Sonia Camizão Costa, Suzana Albaglia e Regina Coeli Cupello.

RUSSOS: (MUS. DE QUESADA) — *Meninas*: Anita Brandt, Maria Regina Barcellos, Regina Helena Padilha e Sandra Mara Gouveia.
Rapazes: Marilia Pièrre, Leila Jabur, Sonia Estrêla e Sandra Mara Gouveia.

Orquestra a cargo do maestro Max e supervisão da professora Gladys Cavalcanti — Orquestração: Maestro Morpheu Belluomini
Secretária do Curso: Mlle. Aurea Jones Cortez — Guarda roupa: Idealização e figurinos da Sra. De Meudes
Execução: Atelier da Sra. Irma Moukarzel

TODAS AS MALHAS, SAPATOS, SAPATOS DE PONTAS E SAPATILHAS, FORAM ADQUIRIDAS NA "BALLERINA", A SEDUTORA LOJINHA DO BALLET — TEL: 37-4116

Fotografias: FOTO HORACIO

Idealização e impressão da EDITORA JORNAL DAS MOÇAS LTDA.

4 DE DEZEMBRO DE 1954



11 DE DEZEMBRO DE 1954

PROGRAMA

1. O GATO E OS RATINHOS ..... B. SMETANA

Gato: Maria Helena Silva Costa.

Ratinhos: Atk Silviano Brandão, Angela Maria Goulart Leitão, Angela Maria de Magalhães, Anna Zaporski, Claudia de Souza Campos, Cristina Degens, Diana Claudia Bunús, Elza Maria Murtinho Terreri, Gotomar Vega Acosta, Jaimira Viviane da Costa Carvalho, Jennifer Herzog, Linda Marie Cardoso, Lucia Maria Alquéres, Maria Clara de Souza Leão, Monica Belda, Regina Maria de Carvalho, Silvia Regina Roesler, Sonia Haidinger, Tania Chaves Moraes.

2. — SERENATA OP. 13 N.º 1 ..... M. MOSZKOWSKI

Regina Botto de Barros.

3 — DANÇA TIROLÊSA ..... G. ROSSINI

Meninas: Carmen de Almeida Duvivier, Lilian Eugenia Krebs, Maria Cristina da Fonseca Bittencourt, Maria Cristina Hermes da Fonseca, Monica Barbosa da Costa, Regina Bronstein, Regina Maria Guimarães.

Meninos: Ana Eva Heuberger, Arminda Maria Albuquerque, Elisabeth Dale de Souza Gomes, Elizabeth Degens, Elizabeth de Niemeyer Wright, Ester Silvia Soriano, Heloisa Maria Senise, Lucia Helena Marques de Sá, Marcia Moreira da Rocha, Maria Helena Paranaguá, Monica Tichauer, Paula Ayers, Sonia Maria Fowler, Virginia Doyle Louzada.

4 — BAGATELLE ..... LUDWIG VON BEETHOVEN

Thereza Cristina Werneck

5 — MINUET ..... LUDWIG VON BEETHOVEN

Damas: Inga Janér, Ivana Correia Duarte.

Cavalheiros: Eliodora de Lima Souza, Elza Maria Oliveira Cristóvão.

6 — CANÇÃO DA PRIMAVERA, OP. 62 N.º 6.... F. MENDELSSOHN

Neusa Cotrim Paes Leme.

7 — DESPEDIDA DA NOIVA - Mazurka op. 33 n. 4..... CHOPIN

Noiva: Regina Lucia Moreira da Rocha.

Amigas da Noiva: Ana Maria Daniel Rudge, Elisabeth Helena de Barros Barreto, Inga Janér, Junia Margaret Stephen Blum, Lucia Maria Torres Vallim, Maria Cecília Pessôa de Queiroz, Maria Christina de Castro, Maria Leticia de Souza Campos, Maria Lourdes da Silva, Maria Helena Fialho Pereira, Silvia Cordeiro Rudge, Silvia Maria Barbosa da Costa, Sonia Machado Ramalho, Sonia Maria Cardoso de Oliveira, Sonia Maria Fialho Pereira, Vera Maria Nazareth Murtinho.

INTERVALO

8 — DESCANSO DO PAPAI NOEL ..... G. ROSSINI

La Boutique Fantasque

Papai Noel: Maria Helena Fialho Pereira.
Anjo: Denise Silveira Amado.
Diabo: Patricia Bethlem.

* * *

Noite de Inverno: Roselane Serra Castro.

* * *

Brinquedos —

Urainho da pelúcia: Elisabeth Adler.
Gatinhos angorá: Vera Cristina Roesler, Vera Burlamaqui.
Patinho: Marilia Cotrim Paes Leme.
Lift-boy: Lucia Maria Baptista de Oliveira.
Palhaços: Elizabeth Rodrigues Müller Machado, Maria Antonia Muniz Müller, Maria Luiza de Castro Muniz, Tamara Taxman.
Boneca mecânica: Maria de Fátima Salles.
Bailarinos: Ana Marisa Castello, Maria Regina Labarthe e Vera Maria Baptista de Oliveira.
Patinadora: Vivianne Dagmar Kestenbaum.
Cossacos: Gabriela Villela de Andrade, Heloisa Abad, Lucia Maria Sarti Caldas.
Bonecas francesas: Maria Beatriz Chagas Lôbo, Marilêa Heusi de Miranda.

9 — RÊVERIE ..... DEBUSSY

Violeta Cheniaux.

10 — SCHERZO, op. 16 n.º 2 ..... F. MENDELSSOHN.

Jane Bachner.

11 — A OVELINHA TRAVÊSSA E OS PASTORES

Scare-Dance ..... C. CHAMINADE.

Ovelinha: Lucia Amelia Valentim de Mello Varella.

Pastôres: Adriana Amelie Diner, Almita Soares de Vilhena Brandão Ana Maria de Almeida Leite, Cleide Helena Menezes Direito, Dina Moreinos, Elisabeth Dale de Souza Gomes, Laís Teixeira Victor, Lucia Braga Faria, Lucia Cotrim Gérin, Maria Aparecida de Mello Rocha, Maria Helena Azevedo Whyte, Maria Junqueira Viera da Silva, Maria Lucia Soares Valente, Maria Regina Azevedo Whyte, Maria Selma Vergara Lopes, Martha Maria Soares Valente, Neusa Zacharias, Nicole-Anne Bernheim, Selka Elisa Dale de Souza Gomes, Sonia Maria de Mello Rocha, Sonia Maria Vergara.

12 — VÔO DO BESOURO ..... RIMSKY KORSAKOW.

Marina Marques de Sá.

13 — XÓTE DAS MENINAS ..... LUIZ GONZAGA.

Ely Cohen.

14 — VOLTA DAS ANDORINHAS, op. 138..... C. DE CRESCENZO.

Andorinhas atrasadas: Maria Heloisa Burlamaqui, Gilda de Paula Eiras, Celina Taques Horta.

Andorinhas: Ana Lucia de Campos Daniel, Ana Lucia Rodrigues Lopes, Ana Maria Falaschi, Ana Maria Pereira da Motta, Anna Thereza Magalhães, Barbara Moorby, Cecilia Graça Couto, Corina Cordeiro de Farias, Cristina Maria Albuquerque, Cristina Maria Gonzaga Rammelt, Lilian Mary Whyte, Linda Ana Alameda, Maria Cecilia de Mello Flores, Maria Cecilia Vidal Vieira, Maria Christina Marinho Cunha, Maria Tereza Marques, Patricia Capriles, Silvia Klein, Theresa Cristina Werneck.

INTERVALO

15 — VALSA DE MASQUERADE SUITE ..... A. KHACHATURIAN.

Meninas de amarelo: Denise Silveira Amado, Duse Matos Teitelroit, Elisabeth de Lima Vieira, Guaraciaba Nunes de Faria, Hilda Maria Pessôa de Queiroz, Priscilla Dave, Vera Regina Castello.

Meninas de verde: Ana Lucia Goulart Leitão, Claudia Hermes da Fonseca, Edna Braga Fabian, Eliane Adler, Lucia Canetti, Maria Carolina Oliveira Cristóvão, Vera Maria Baptista de Oliveira.

Meninas de lilá: Catarina Linhares, Lucia Amelia Valentim de Mello Varella, Maria Heloisa Burlamaqui, Neusa Cotrim Paes Leme, Olivia Villela de Andrade, Patricia Bethlem, Regina Botto de Barros.

16 — CLAIR DE LUNE ..... C. DEBUSSY.

Christina Schulz.

17 — HUMORESQUE, op. 101 n.º 7 ..... A. DVÓRAK.

Moça: Lilian Mary Whyte.

Soldados: Guaraciaba Nunes de Faria, Olivia Villela de Andrade, Vera Regina Castello.

18 — NOTURNO op. 9 n.º 2 ..... SCRIABINE.

Beatriz Roméro Franco.

19 — GRANDE VALSA ..... A. ADAM.

Ely Cohen

20 — NO FUNDO DO MEU QUINTAL ..... F. MIGNONE.

Marina Marques de Sá.

21 — SOB O CÉU DE PARIS ..... H. GIRAND.

Moças: Christina Schulz, Daphne Lynch, Eliodora de Lima Souza, Ely Cohen, Elza Maria Oliveira Cristóvão, Ivana Correia, Duarte, Maria Helena Silva Costa, Marina Marques de Sá, Roselane Serra Castro, Vania Monteiro da Silva.

Homens: Ana Lechowski, Beatriz Roméro Franco, Catherine Desseau, Elizete Nunes da Costa, Gulnara Rosa e Silva Cerne, Isolda Vieira Amazonas, Jane Bachner, Maria Teresa Silva Costa, Selce Mattos Teitelroit, Violeta Cheniaux.

FIM

Coreografia ..... ANA BALISKA
Pianista ..... MARYSA ANGELO MAIA
Vestidos idealizados por ..... ANA BALISKA
Vestidos de conjuntoa, executados por ..... "FINETTE".

RIO DE JANEIRO, D. F. • 1954



4 DE DEZEMBRO DE 1954



Ritmo Americano — Suzana Albaglia

PROGRAMA DIVERTISSEMENTS

PELAS ALUNAS DO CURSO DE BALLET DE MEUDES - EM BENEFICIO DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

TEATRO MUNICIPAL — DIA 4 DE DEZEMBRO DE 1954 — AS 16 HORAS

Coreografias de De Meudes



Rapsodia Azul — Sonia Camizão Costa

11 DE DEZEMBRO DE 1954

TEATRO MUNICIPAL

"Presente desde o instante em que a bandeira do império escolheu para primeiro aceno de Independência o mastro de um navio, integrando numa só Pátria as providências abaladas pela separação do reino, defendendo a soberania nacional nos conflitos que sacudiram o continente e o mundo, levando ao redor do globo a afirmação da civilização brasileira, mantendo nos mares a vigília incessante da paz, sempre pronta a servir e a lutar, a Marinha de Guerra pode ostentar bem alto na glorificação de Tamandaré, a tradição de abnegação e patriotismo do Marujo Brasileiro".

JOÃO CAFÉ FILHO

12 DE DEZEMBRO DE 1954



DR. JOÃO CAFÉ FILHO
PRESIDENTE DA REPÚBLICA

4 DE DEZEMBRO DE 1954



Ritmo Americano — Suzana Albaglia

PROGRAMA DIVERTISSEMENTS

PELAS ALUNAS DO CURSO DE BALLET DE MEUDES — EM BENEFICIO DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

TEATRO MUNICIPAL — DIA 4 DE DEZEMBRO DE 1954 — AS 16 HORAS

Coreografias de De Meudes



Rapsodia Azul — Sonia Camizão Costa

11 DE DEZEMBRO DE 1954

TEATRO MUNICIPAL



VICE-ALMIRANTE
EDMUNDO J. AMORIM DO VALLE
MINISTRO DA MARINHA

"Tão universal é, através da História, a associação do Poder Marítimo à prosperidade e ao prestígio nacionais, que se poderia dizer existir uma Lei inexorável afirmando que as nações só se engradecem na medida que asseguram, ampliam e reforçam o seu domínio sôbre o Oceano. Não pertencendo a ninguém, o Oceano não se reparte; é possuído pelas nações na ordem quantitativa de seu poderio; paga dividendos proporcionais à amplitude da posse; e recompensa, dêste modo, as nações mais poderosas com a maior quota de prosperidade."

EDMUNDO J. AMORIM DO VALLE

12 DE DEZEMBRO DE 1954



"Por imposição de nosso determinismo geográfico, somos um povo marítimo.
No mar estão a nossa segurança presente, a nossa glória no passado e os nossos destinos no futuro."

ALIM PEDRO

DR. ALIM PEDRO
PREFEITO DO DISTRITO FEDERAL



"Quando meditamos sôbre o legado de nossos antepassados, constituido por esta grande Pátria, e percorremos, com os olhos sôbre o mapa, seu desprotegido litoral de tão magníficas proporções, é que sentimos a grandiosidade da missão que cumpre à nossa gloriosa Marinha de Guerra."

HAROLDO LISBÔA DA CUNHA

PROF. HAROLDO LISBÔA DA CUNHA

4 DE DEZEMBRO DE 1954



Ritmo Americano — Suzana Albaglia

PROGRAMA DIVERTISSEMENTS

PELAS ALUNAS DO CURSO DE BALLET DE MEUDES — EM BENEFÍCIO DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

TEATRO MUNICIPAL — DIA 4 DE DEZEMBRO DE 1954 — AS 16 HORAS

Coreographias de De Meudes



Rapsodia Azul — Sonia Camizão Costa

11 DE DEZEMBRO DE 1954

TEATRO MUNICIPAL

12 DE DEZEMBRO DE 1954

A COMISSÃO DO IV CENTENÁRIO DA CIDADE DE SÃO PAULO

APRESENTA

EM HOMENAGEM À MARINHA BRASILEIRA

O "BALLET DO IV CENTENÁRIO"

SOB A DIREÇÃO ARTÍSTICA DE

AURÉLIO M. MILLOSS

COM A PARTICIPAÇÃO DA

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

POR ESPECIAL CESSÃO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DA PREFEITURA DE SÃO PAULO

SOB A REGÊNCIA DE

NINO STINCO

PROGRAMA

PRIMEIRA PARTE

PASSACAGLIA

Hino coreográfico de ..... *Aurélio M. Milloss*
Sôbre a música homônima de ..... *Johann Sebastian Bach*
Instrumentada por ..... *Ottorino Respighi*

Coreografia de ..... *Aurélio M. Milloss*
Cenário e trajes de ..... *Candido Portinari*

Grupos dispersos de dançarinos acordam com a luz, seus tormentos lentamente esvaem-se, e são conduzidos à harmonia sempre mais solenes... — Hino à Dança!

INTÉRPRETES

Edith Pudelko ..... (EM BRANCO)

Ady Addor, Alzira Máttar, Maria Helena Freire, Noemia Wainer, Oriete Barros, Susanna Faini ..... (EM AMARELO)

Anette Monteiro. Isabel Fernandes, Márika Gidáli, Myriam Hirsch, Sioma Fantauzzi, Yara Lindenau ..... (EM ROSA)

Cecilia Nardelli, Eleonor Orlando, Helena A. Weber, Neyde Rossi, Tatiana Iewlewa, Yoko Okada ..... (EM VERDE)

Elizabeth Sewell, Eveline Barée, Marisa Magalhães, Raymonde Carnewall, Vera Maia, Yolanda Verdier ..... (EM VERMELHO)

4 DE DEZEMBRO DE 1954



Ritmo Americano — Suzana Albaglia

PROGRAMA DIVERTISSEMENTS

PELAS ALUNAS DO CURSO DE BALLET DE HELDES — EM BENEFÍCIO DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

TEATRO MUNICIPAL — DIA 4 DE DEZEMBRO DE 1954 — AS 16 HORAS

Coreográficos de De Meudes



Rapsodia Azul — Sonia Camizão Costa

11 DE DEZEMBRO DE 1954

TEATRO MUNICIPAL

Acir Giannaccini, Djalma Brasil, Eduardo Sucena, Francisco Schwartz, Juan Giuliano, Michele Barbano, Norberto Neri, Oderagy Magnani, Paulo Leandro, René Chomette, Ricardo Abellan, Victor Aukstin ..... (EM PRETO)

Assistente de direção coreográfica ..... *Lia Dell'Ara*

Éste ballet foi criado por *Aurélio M. Milloss*, como simbólica expressão, para a inauguração das manifestações do Ballet do IV Centenário de São Paulo

★

SEGUNDA PARTE

PÉTROUCHKA

Cenas burlescas em quadros de .... *Igor Strawinsky* e *Alexandre Benois*
Música de ..... *Igor Strawinsky*
Versão coreográfica de ..... *Aurélio M. Milloss*
Cenários e trajes de ..... *Roberto Burle-Marx*

"Também as marionettes têm a sua própria vida e não morrem nunca."

Nenhuma palavra poderia traduzir tão bem o mistério do boneco Pétrouchka, como êste profundo pensamento de Heinrich von Kleist.

INTÉRPRETES

Lia Dell'Ara ..... (A bailarina)
Juan Giuliano ..... (Pétrouchka)
Eduardo Sucena ..... (O Mouro)
Paulo Leandro ..... (O Charlatão)
Noemia Wainer, Alzira Máttar (As Dançarinas Ambulantes)
Márika Gidáli, Cristian Uboldi (Os Acrobatas)
Raymonde Carnewall ..... (A Ama Imperial)
Cristian Uboldi ..... (O Cocheiro Imperial)
Michele Barbano ..... (O Mercador Rico)

12 DE DEZEMBRO DE 1954

Eleonor Orlando, Maria Helena Freire, Oriete Barros ..... (As Ciganas)
Cecilia Nardelli, Eveline Berée, Marisa Magalhães, Neyde Rossi, Rachel Wainer, Susanna Faini, Tatiana Iewlewa, Yara von Lindenau ..... (As Amas)
Djalma Brasil, Michel Weber, Norberto Neri, René Chomette, Ricardo Abellan, Victor Aukstin (Cocheiros)

Todo o Corpo de Baile (Aquêles que comemoram o Carnaval)
Solista de piano ..... *Piera Brizzi*
Assistente de direção coreográfica ..... *Edith Pudelko*

A presente versão coreográfica destas "cenas burlescas", cenas que se tornaram famosas no Ballet Russo de Serge De Riaghilew, foi criada por *Aurélio M. Milloss* em 1933 na Opera Real de Budapeste, não em desrespeito à primeira realização coreográfica (obra do grande Michel Fonchine em 1911) mas sòmente levado pela vontade de tentar uma forma mais musicalmente ritmada do que teatralmente ilustrativa como foi a obra do grande mestre russo. O próprio Strawinsky em "Crónicas da Minha Vida", reclamava um mais rigoroso entrelaçamento entre a coreografia e a música, a fim de evitar que a parte mímica do ballet ficasse apenas como ação cênica em vez de ser, como êle mesmo desejava, uma expressão completamente ritmada. A nova versão de *Aurélio M. Milloss* foi apresentada também em outros teatros, como nas Operas do Estado de Viena, Berlim e Dresde. Na Opera Real de Roma, no Scala de Milão, no Colón de Buenos Aires, etc.

Para a presente reprise no Ballet do IV Centenário, *Roberto Burle-Marx* criou cenários e trajes de concepção essencialmente apropriados a êste novo aspecto do drama das marionettes russas.

★

TERCEIRA PARTE

INDISCRIÇÕES

Pequeno espetáculo coreográfico de . *Edoardo Anahory* e *Aurélio M. Milloss*

Em margem à execução da música "Divertissement" de ..... *Jacques Ibert*
Coreografia de ..... *Aurélio M. Milloss*
Cenário e trajes de ..... *Edoard Anahory*

4 DE DEZEMBRO DE 1954



Ritmo Americano — Suzana Abaglia

PROGRAMA DIVERTISSEMENTS

PELAS ALUNAS DO CURSO DE BALLET DE MEUDES — EM BENEFICIO DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

TEATRO MUNICIPAL — DIA 4 DE DEZEMBRO DE 1954 — AS 16 HORAS

Coreographias de De Meudes



Rapsodia Azul — Sonia Camizão Costa

11 DE DEZEMBRO DE 1954

TEATRO MUNICIPAL

Que resta a fazer senão apagar os lumes quando se é imbecil?...

— E o marechal verde marcha vitorioso entre as jovens esposas que sonham com a felicidade e que já trazem em si o luto...

INTÉRPRETES

Ady Addor	(A noiva em branco)
Lia Marques	(A noiva em preto)
Raul Severo	(O noivo)
Cristian Uboldi	(O marechal)
Ismael Guiser, Norberto Neri, Eveline Barée, Marisa Magalhães, Neyde Rossi, Susana Faini, Yara Vizzoni, Yolanda Verdier, Djalma Brasil, Francisco Schwartz, Gil Saboya, Paulo Leandro, Ricardo Abellan, Victor Aukstin	(Os assistentes às lágrimas)
	(O mundo circular)

Assistente de direção coreográfica ..... *Lia Dell'Ara*

Este ballet irônico foi improvisado expressamente para o repertório do Ballet do IV Centenário de São Paulo

★

QUARTA PARTE

FANTASIA BRASILEIRA

Ballet alegórico em um ato, de	*Souza Lima* e *Aurélio M. Milloss*
Música de	*Souza Lima*
Coreografia de	*Aurélio M. Milloss*
Cenário e trajes de	*Noemia Mourão*

A festa do povo. O Bumba meu Boi: morte e lamentação. Retôrno à dança: êxtase e cinzas. Ressurreição do Boi. Aleluia!

INTÉRPRETES

RONDÓ

Raul Severo	(Cavalo Marinho)
Juan Giuliano	(Bumba meu Boi)
Alzira Máttar	(Mulher do Povo)
Noemia Wainer	(Pastora)
Cecilia Nardelli	(Catarina)
Helena A. Weber	(Negra)
Cristian Uboldi	(Mateus)
Mozart Xavier	(Vaqueiro)
Elizabeth Sewell, Raymonde Carneuall, Ruth Rachou, Vera Maia Yara Vizzoni, Yolanda Verdier, Djalma Brasil, Hamilton Oliveira, Ismael Guiser, Norberto Neri, Olympio de Araújo, Victor Aukstin	(Mulheres e Homens do Povo)

LAMENTO

Aladia Centenaro, Anette Monteiro, Eleonor Orlando, Isabel Fernandes, Lúcia Vilar, Maria Helena Freire, Márika Gidali, Myriam Hirsch, Oriete Barros, Rachel Wainer, Sioma Fantauzzi, Yoko Okada, Acir Giannaccini, Alvaro Ribeiro, Carlos Villar, Francisco Schwartz, Michele Barbano, Paulo Leando	(Negras e Negros)

SCHERZO

Ady Addor	(Princesa Serena)
Edith Pudelko	(Mulher dos Pássaros)
Lia Dell'Ara	(Mulher das Flôres)
Neyde Rossi	(Princesa Brilhante)
Eduardo Sucena	(Politico Desequilibrado)
Raul Severo	(Cavalo Marinho)
Ricardo Abellan	(Mendigo bem Equilibrado)

SAMBA E FREVO

Marisa Magalhães, Susanna Faini, Tatiana Iewlewa, Yara von Lindenau	(Baianas)
Alberto Ribeiro	(Dançador de Frevo)
Oderagy Magnani	(O Travestido em Diva)

ALELUIA

TODOS OS INTÉRPRETES

Assistente de direção coreográfica ..... *Edith Pudelko*

Esta alegoria, cheia de significações simbólicas, foi criada expressamente para o Ballet do IV Centenário

12 DE DEZEMBRO DE 1954

12 DE DEZEMBRO DE 1954

TEATRO MUNICIPAL

PIERRE KLIMOW

APRESENTA

SUAS ALUNAS

12 DE DEZEMBRO DE 1954

MÁRIO CABRAL

1636 PIERRE KLIMOV

PIERRE Klimov, professor dos mais capacitados, em nosso meio, apresentou as alunas de sua academia de ballet, domingo, no Municipal.

Ele já fez parte de conjuntos famosos, como o Original Ballet do Coronel De Basil, e, ultimamente, do Ballets des Champs Elysées, que aqui realizou uma série memorável de apresentações. Uma de suas alunas já integra o conjunto de Janine Charrat. O espetáculo foi iniciado com um "suite en blanc", com música de Chopin, número que foi uma evocação do clássico "Les Silphides"; mas sem o único elemento masculino que integra o ballado tradicional, iniciado pelo conjunto e seguido de solos pelos elementos mais capacitados de sua escola para o ballado clássico, prática indispensável para a formação de um "back-ground" técnico, que deve estruturar a formação de todo verdadeiro bailarino.

Seguiu-se uma série de "divertissements", em que o professor apresentou um grupo de alunas, cada uma revelando, na variedade dos números apresentados, suas tendências e o esbôço de uma personalidade: Myriam Steiner, com música de Tschaikowsky (morte do cisne), número interpretado com sensibilidade e com uma convincente interpretação, sobretudo nos momentos finais; Eliana Doré (valsa de Lenner), com acentuado sentido rítmico; a encantadora Clara Augusta Duarte, que interpretou, com desembaraço e graciosidade, a conhecida valsa de "Copelia" de Delibes; Maria Luiza Noronha, uma revelação de temperamento dramático, também convincente em um número de caráter contrastante, apresentado depois; a "Humoresca", de Tschaikowsky, com Sônia Maria Lacerda, outra vocação que se encaminha de maneira promissora para o ballado clássico.

Outros números de conjunto e, ainda, a "Suite Bergamasque", de Debussy, completariam o programa, tão apreciado e que revelou um grupo de meninas, entre as quais se incluem, ainda, Martha Roia, Inês Pontual, Hilda Figueiredo, Vitória Cavalcanti, Tânia Andrade, Maria Luiza Oliveira, que enfrentaram galhardamente o natural nervosismo da estréia e, pelas reais aptidões reveladas, merecedoras de aplauso e do estímulo de todos os que se interessam pelo ensino da dança no Brasil.

19 DE DEZEMBRO DE 1954

Teatro Municipal

RECITAL DE "BALLET" DE

Sonia Estrêla

(DO "CURSO DE BALLET DE MEUDES")

e Edmundo Carijó

(DO CORPO DE BAILE DO TEATRO MUNICIPAL)



Rio, 19-12-54

Curso de Ballet De Meudes

RUA BARATA RIBEIRO, 559

19 DE DEZEMBRO DE 1954

Teatro Municipal

19 DE DEZEMBRO 1954

ÀS 15 HORAS

Bailados Classicos

Em pról dos Espetáculos Gratuitos do TEATRO DA CRIANÇA

Jubileu Artistico

dos Mestres

Vera Grabinska

Pierre Michailowsky



Pierre Michailowsky

Com o gracioso concurso de suas melhores discipulas



Vera Grabinska

12 DE DEZEMBRO DE 1954

PROGRAMA

Coreografia das Danças: PIERRE KLIMOW

Ao Piano: ELENA VOLKOFF

SUITE EM BLANC

Música de Chopin

NOTURNO	Myriam Steiner, Sonia Maria Ladeira, Maria Luiza Noronha, Martha Rosa, Vilma Guisser, Vitoria Cavalcante, Maria Luiza Oliveira, Eliana Doré, Ines Pontual, Clara Augusta Duarte.
VALSA	Sonia Maria Ladeira
VALSA	Maria Luiza Noronha
MAZURKA	Sonia Maria Ladeira
PRELUDE	Myriam Steiner
VALSA	Maria Luiza Noronha
PRELUDE	Myriam Steiner
VALSA	Martha Rosa
FINAL	Conjunto

INTERVALO

DIVERTISMENT

MORTE DE CISNE Música de P. Tchaikowsky	Myriam Steiner
VALSA DE MEDELEY Música de J. Lenner	Eliana Doré
VALSA DE COPELIA Música de Delibes	Clara Augusta Duarte
RÊVE D'AMOUR Música de F. Liszt	Maria Luiza Noronha
DANCING SPIRITS Música de C. Bohm	Sonia Maria Ladeira
VALSE CHOPIN PAS DE SIX	Eliana Doré, Ines Pontual, Clara Augusta Duarte, Hilda Figueiredo, Vitoria Cavalcante, Tania Andrade.
RONDO CAPRICHOSO Música de S. Sains	Myriam Steiner
HUMORESCA Música de P. Tchaikowsky	Sonia Maria Lacerda Luiza Noronha

INTERVALO

SUITE BERGAMASQUE

Música de Debussy

REVERIE	Myriam Steiner
PASSE PIED	2 cupidões { Eliana Doré / Ines Pontual
SUITE PRELUDE	Maria Luiza Noronha, Sonia Maria Ladeira, Vilma Guisser, Martha Rosa, Vitoria Cavalcante, Maria Luiza Oliveira.
LA PLUIS QUE LENTE	Myriam Steiner
DEUX ARABESQUES	Maria Luiza Noranha
FÊTE	Martha Rosa
BORBOLETA	Sonia Maria Ladeira
CLAIRE DE LUNE	Myriam Steiner
PAS DE TROIS	Myriam Steiner Maria Luiza Noronha Martha Rosa
FINAL	Conjunto



12 DE DEZEMBRO DE 1954

TEATRO MUNICIPAL

19 DE DEZEMBRO DE 1954

Recital de Sonia Estrêla e Edmundo Carijó

(Do Curso de Ballet De Meudes) (Do Corpo de Baile do Teatro Municipal)

Em benefício da Cantina da Criança da CRUZ VERMELHA BRASILEIRA – Teatro Municipal – Rio de Janeiro, 19-12-54

Sonia Estrêla tem, atualmente, 12 anos e desde a mais tenra idade demonstrou forte inclinação para a dança. Iniciou seus primeiros estudos no "*Curso de Ballet De Meudes*", tendo completado, em outubro deste, 3 anos de "ballet". Aluna apaixonada da dança tem procurado corresponder ao esfôrço de sua incansável e notável mestra e amiga, a Professôra De Meudes, a quem dedica profunda estima, confiança e gratidão.

Nós, os pais de Sonia Estrêla, seus avós, sua família, queremos deixar aqui, publicamente, consignada, a expressão do nosso mais profundo e sincero reconhecimento, pelo muito que a Professôra tem feito pela nossa filha, com os seus ensinamentos.

E no coração infantil de Sonia Estrêla, em plena fase da formação de seu caráter e de sua personalidade, procuramos incentivar, desenvolver e solidificar, o sentimento de lealdade e gratidão, os mais belos e mais preciosos predicados da alma humana.

—— () ——

Não podemos, também, deixar de agradecer a sempre preciosa colaboração da pianista amiga, Sra. Gladys Cavalcanti.

SONIA ESTRÊLA

Recitais dados: 19 de Setembro de 1953 na Sociedade Hípica Brasileira; 4 de Abril de 1954 — Recital pela Cultura Artística de Petrópolis, no Teatro Mecanizado do Hotel Quitandinha; 5 de Junho de 1954 — Clube Saldanha da Gama (Campos) em benefício das Obras do Santuário; 6 de Junho de 1954 — Teatro Trianon (Campos), em benefício da mesma Obra; 19 de Dezembro de 1954 — Teatro Municipal em benefício da Cruz Vermelha Brasileira.

OPINIÕES DA CRÍTICA

"Sônia Estrêla, uma pirralha que dança como um anjo, verdadeira vocação, extasiou o público com a sua técnica"...

(*Francis Raimon* "A Carioca" — 18-5-53).

•

"Sônia Estrêla, de grande e inegável futuro é mesmo uma estrêla"...

(*Mercedes Silveira* "Jornal do Brasil" — 17-5-53).

•

"Sônia Estrêla, ainda na fragilidade de seus onze anos, surpreende realmente, com a fôrça de sugestão de sua arte e um dom de sensibilidade, aos que a vêem, a emoção que ela mesma experimenta".

(*O. H.* "Ultima Hora" — 14-10-53).

•

"Não resta dúvida de que Sônia Estrêla tem um talento interpretativo, realmente fora do comum.

(*Claude Vincent* "Tribuna da Imprensa" — 21-12-53).

•

"A desenvoltura com que se apresenta em público a jovem Sônia Estrêla, de par com admirável e surpreendente técnica, torna-a sem nenhuma dúvida, uma promissôra esperança do "ballet" brasileiro nos tempos que correm".

(*"Rio - Ballet"* n.º 5 — Maio, 54).

•

"A graça, o equilíbrio e a técnica desta revelação que é Sônia Estrêla, toca-nos a sensibilidade e só saímos do êxtase para gritar: Bravos. Bravos pequenina Sônia".

(*Singra* — 19 à 25 de Fevereiro, 54)

"Sônia Estrêla, o maior talento infantil do "ballet", é realmente uma verdadeira artista com capacidade técnica e interpretativas, próprias das bailarinas já consagradas. Sônia Estrêla é uma das grandes esperanças do "ballet" brasileiro".

(*A. M.* "Jornal das Moças" — 54).

•

"Embora a jovem bailarina tenha apenas onze anos, é uma vocação manifesta: sente as linhas do movimento. No bailado "O Mêdo", foi realmente soberba a sua interpretação, bailado que proporcionou à Sônia Estrêla, a oportunidade de nos revelar, a multiplicidade dos seus recursos coreográficos".

(*"Segunda-Feira"* — Campos — 14-6-54).

•

"Os seus invulgares pendores para a dança, a sua graça natural, a sua técnica em pleno desenvolvimento, ficaram provados, pela completa aceitação e os delirantes aplausos, do público que lotava "O Saldanha e o Teatro Trianon". Sônia Estrêla é hoje uma pequenina "grande estrêla", e vai subir muito. Quando estiver lá no alto, e brilhando ainda mais, Campos se orgulhará de haver sido uma das etapas de sua rota ascencional".

(*"Monitor Campista"* — Campos 1-7-54).

•

"Constituiu verdadeiro sucesso o recital de "ballet", com que se exibiu à numerosa assistência de sócios e convidados, a menina Sônia Estrêla, do "Curso de Ballet De Meudes". Trata-se, realmente, de uma revelação. Com apenas onze anos, Sônia traz em suspenso tôda uma platéia, quando executa certas danças em que demonstra à saciedade, os seus pendores para a difícil e graciosa arte que a empolga. Na dança "O Mêdo", ao lado de Jorge Livèrt, impôsse como bailarina de grandes recursos e na qual pôde mostrar a plenitude de seus já consideráveis conhecimentos, arrancando calorosos e prolongados aplausos da assistência que lotava os salões. De parabens a Comissão Social por mais essa estupenda realização".

(*Boletim da Sociedade Hipica Brasileira* — Outubro 1953)

PROGRAMA – DIVERTISSEMENTS

COREÓGRAFA E MESTRA DE BALLET: **DE MEUDES**

I PARTE

MUSIC - HALL: (MUS. DE STRAUSS)	Sônia Estrêla e Edmundo Carijó.
VALSA TRISTE: (MUS. DE SIBELIUS)	Sônia Estrêla e Edmundo Carijó. (coreog. Jorge Livèrt)
ADAPTAÇÃO ABSTRATA: (MUS. DE SAINT-SAENS)	Sônia Estrêla e Edmundo Carijó.
TARANTELA: (MUS. DE ROSSINI)	Edmundo Carijó. (coreog. própria)
GRAND PAS DE DEUX: (MUS. DE LAHNER)	Sônia Estrêla e Edmundo Carijó.
1.ª Variação (MUS. DE TCHAIKOWSKY)	Edmundo Carijó (coreog. Petipas)
2.ª Variação (MUS. DE GLADYS CAVALCANTI)	Sônia Estrêla.
Códa (MUS. DE GOUNOT)	Sônia Estrêla e Edmundo Carijó.

II PARTE

O CISNE: (MUS. DE SAINT-SAENS)	Sônia Estrêla.
ROUGE ET BLANC: (MUS. DE WILDMAN)	Sônia Estrêla e Edmundo Carijó. (coreog. Edmundo Carijó)
A MENINA DOS SAPATINHOS VERMELHOS: (MUS. DE GLADYS CAVALCANTI - TCHAIKOWISKY)	Sônia Estrêla.

Juntar dinheiro para a compra de uns sapatinhos vermelhos era o seu desejo ardente... Conseguira. A praga de um feiticeiro fê-la dançar ininterruptamente. Diz a lenda que a jovem não conseguindo livrar-se dos sapatinhos enfeitiçados, desesperada, ex austa, pedira a um soldado que lhe cortasse os pés.

O FEITICEIRO:	Jorge Livèrt.
O SOLDADO:	Edmundo Carijó.
CZARDAS: (MUS. DE MONTI)	Sônia Estrêla.
BREJEIRO: (MUS. DE NAZARETH)	Sônia Estrêla e Edmundo Carijó. coreog. seg. Maryla Grêmo)

ORQUESTRA: MAESTRO MAX. SUPERVISÃO: GLADYS CAVALCANTI. GUARDA ROUPA: IDEALIZAÇÃO E FIGURINOS DA SRA. DE MEUDES. EXECUÇÃO: ATELIER IRMA MOUKARZEL MALHAS, SAPATOS, SAPATILHAS: **"BALLERINA"**, A LOJINHA DO "BALLET"

A Professôra De Meudes comunica que, devido a um lapso involuntário do revisor do programa impresso e distribuido no "Recital do Curso", levado a efeito no dia 4 deste mês, aqui mesmo neste Teatro, deixou de figurar, na "Dança do Cambodge", o nome do autor da coreografia, que é o Sr. Vicente de Paula o que faz agora, pedindo desculpas por essa falta involuntária.

de Debussy, completariam o programa, tão apreciado e que recebia um grupo de meninas, entre as quais se incluem, ainda, Martha Rosa, Inês Pontual, Hilda Figueiredo, Vitória Cavalcanti, Tânia Andrade, Maria Luisa Oliveira, que enfrentaram galhardamente o natural nervosismo da estréia e, pelas reais aptidões reveladas, merecedoras de aplauso e do estímulo de todos os que se interessam pelo ensino da dança no Brasil.

19 DE DEZEMBRO

Teatro Municipal

19 DE DEZEMBRO 1954

ÀS 15 HORAS

Bailados Classicos

Em pról dos Espetáculos Gratuitos do TEATRO DA CRIANÇA

Jubileu Artistico

dos Mestres

Vera Grabinska

Pierre Michailowsky



Com o gracioso concurso de su



Vera Grabinska

TEATRO MUNICIPAL

PIERRE KLIMOW

APRESENTA

SUAS ALUNAS

12 DE DEZEMBRO DE 1954

19 DE DEZEMBRO DE 1954

Teatro Municipal

RECITAL DE "BALLET" DE

Sonia Estêla

(DO "CURSO DE BALLET DE MEUDES")

19 DE DEZEMBRO DE 1954

MÁRIO CABRAL

1636 PIERRE KLIMOV

PIERRE Klimov, professor dos mais capacitados, em nosso meio, apresentou as alunas de sua academia de ballet, domingo, no Municipal.

Ele já fêz parte de conjuntos famosos, como o Original Ballet do Coronel De Basil, e, ultimamente, do Ballets des Champs Elysées, que aqui realizou uma série memorável de apresentações. Uma de suas alunas já integra o conjunto de Janine Charrat. O espetaculo foi iniciado com um "suite en blanc", com música de Chopin, número que foi uma evocação do clássico "Les Silphides". Seguiu-se uma série de "divertissements", em que o professor apresentou um grupo de alunas, cada uma revelando, na variedade dos números apresentados, suas tendências e o esbôço de uma personalidade: Myriam Steiner, com música de Tschaikowsky (morte do cisne), número interpretado com sensibilidade e com uma convincente interpretação, sobretudo nos momentos finais; Eliana Doré (valsa de Lenner), com acentuado sentido rítmico; a encantadora Clara Augusta Duarte, que interpretou, com desembaraço e graciosidade, a conhecida valsa de "Copelia" de Delibes; Maria Luiza Noronha, uma revelação de temperamento dramático, também convincente em um número de caráter contrastante, apresentado depois; a "Humoresca", de Tschaikowsky, com Sônia Maria Lacerda, outra vocação que se encaminha de maneira promissora para o ballado clássico.

Outros números de conjunto e, ainda, a "Suite Bergamasque", de Debussy, completariam o programa, tão apreciado e que recebeu um grupo de meninas, entre as quais se incluem, ainda, Marilha Rosa, Inês Pontual, Hilda Figueiredo, Vitória Cavalcanti, Tânia Andrade, Maria Luisa Oliveira, que enfrentaram galhardamente o natural nervosismo da estréia e, pelas reais aptidões reveladas, merecedoras de aplauso e do estímulo de todos os que se interessam pelo ensino da dança no Brasil.

FINOS PRESENTES PARA O NATAL **Joalheria Universal** OUVIDOR 159 Esq. de Gonçalves Dias TELEFONE: 22-9141
RIO DE JANEIRO — BRASIL PARIS — 9 CITÉ TRÉVISE

Entregas a domicílios para compras superior a Cr$ 100,00 **Drogaria da Lapa Ltda.** Largo da Lapa, 32 Telefone 42-0330
ABERTO ATÉ ÀS 9 HORAS DA NOITE

Bom gôsto Qualidade Mesbla MAGAZINE

PROGRAMA:

Fonte Animada

Ballet de P. Michailowsky sôbre a música de Rossini

A FONTE: Srta. Sandra de Paiva. PEQUENO FAUNO: Srta. Jurema de Almeida Miranda. NINFAS: Srta. Sandra Gonçalves, Ana Maria Braile, Marly A. Rocha, Wanda Tavares, Denise Bravo, Cecília Pinheiro, Myrtó França Salgado, Vânia de Paula, Sheila Parada, Elisabeth Wahl.

PINGOS D'AGUA: Srtas. Ailde Reis, Elisa Fernandes, Aidil Reis, Liamara Lima, Ana Tereza Vale, M. Alice Soares, Avany Coralli, Helena de Oliveira, Edilsa Vieira, Christina Negrão, Ana Maria Trotta, Maria Lúcia Pamphiro, Vera Lúcia Guimarães, Vera Lúcia Magalhães, Vera Lúcia França, Angela Terezinha Moraes, Angela Salazar, Nereida Dourado, Vera e Thais Roque, Moema Araújo, Vera Lúcia de Souza, Gayané Ballardji, Jane Haddad, Sandra Araújo, Vera Lúcia Toledo de Menezes, M. Alice Mansur, M. Inês Haddad Maina, Ana Maria Knoblich, Renée de Barros, Vera Lúcia, Vanda Zeitune, Heloisa Santos, Ana Lúcia A. da Silva, Marlene e Teresa Eberienos, Vania Ramos.

BRINQUEDOS — **Mus Delibes:** Gatinhos: Srtas. Lia Jaramillo, Eloisa Breda Ferreira, Mariza Souza A. Rocha - Cachorrinhos: Srtas. Alaíde Reis, Cláudia Fraenkel, Solange Fischpan.

BAILARICO PORTUGUÊS: **Folclore:** Srtas. Mary Wolfgand e Silvia Tereza Andrade.

DANÇA FIDALGA — **Offenbach:** Srtas. Liliana Mascarenhas Pará e Aida Viana de Paula.

CENA GAUCHA — **Folclore:** Srtas. Helena de Oliveira, Tereza Christina Negrão, Edilsa Souza Aguiar Vieira, Thais e Vera Roque, Angela Moraes, Sandra Araújo, Vera Lúcia Magalhães, Gayané Ballardji, Maria Renée de Barros, Vera Lúcia Bonow, Angela Salazar.

FLORISTA — **Delibes:** Sta. Jurema de Almeida Miranda.

DAMAS E VALETES: **Mozart:** Srtas. Marly Souza Aguiar Rocha e Denise Ribeiro Bravo, Wanda Tavares e Elisabeth Wahl, Myrtó França Salgado e Maria Cecília Pinheiro, Sheila Parada e Vânia Viana de Paula.

MINIATURA — **Offenbach:** Sta. Ana Maria Braile.

VARIAÇÃO CLÁSSICA — **Drigo:** Srta. Sandra Ribeiro Gonçalves.

FANTASIA RUSSA — **Folclore:** Srta. Aidil Reis.

TRIO — **Delibes:** Srtas. Isis Viana de Paula, Terezinha Cavalcanti, Edna de Souza Aguiar Vieira.

FINAL: Todos os intérpretes.

Coreografia original do Maestro PIERRE MICHAILOWSKY.

S. SIMON

LUSTRES de CRISTAL

Av. Presidente Vargas, 529-3.º
Ouvidor 118 - 3.º andar

APOTEOSE À TCHAIKOWSKY

Ballet Clássico de P. Michailowsky sôbre a música de P. Tchaikowsky

Homenagem comemorativa de 60.º aniversário da morte do genial músico.

SIMBOLO DO COMPOSITOR: **Pierre Michailowsky**. **Musa da Dança: Vera Grabinska**.

CENA DO BALLET: **"Lago dos Cisnes"**.

CISNES ENCANTADOS: Rainha: Srta. Elisa Fernandes de Souza. Cisnes: Srtas. Jurema Miranda, Lia Janamillo, Cecília Pinheiro, Myrtó França Salgado, Sandra Gonçalves, Wanda Tavares, Vânia de Paula, Sheila Parada, Marly de Souza Rocha.

CENA DO BALLET **"Bela Adormecida"**.

PRINCEZA: Srta. Ailde Reis. PRINCIPE: Sta. Denise Marques de Almeida. DONZELAS: Srtas. Aidil Reis, Ana Maria Braile, Denise Bravo, Aida Viana de Paula, Liamara Lima, Sandra de Paiva, Edna Aguiar Vieira, Euler Rocha Ramos.

VALSA DAS FLORES DO BALLET **"Quebra Nozes"**.

SOLISTA: Srta. Noemia Edelman, Srtas. Tereza Ribeiro Gonçalves, Angela Maria Ayres Pereira, Léda Guedes Reis, Tereza Gomes, M. Alice Pereira, Isis Viana de Paula, Marilia Pinheiro, Solange de Barros, Terezinha Cavalcanti, Maria Haydée Paes de Oliveira, Elvira Trotta, Inara Felicia Pereira.

CENA DO BALLET **"Vida Patética de Homem"** (Sinfonia Patética) ...E o Homem, afastando-se mais e mais da Natureza, exacerbado de tanta maldade humana, em desespêro quer despedir-se, com o derradeiro abraço da terra desta Humanidade desvairada... Mas dêste contato com a terra êle recebe o novo alento, a Vida envolvendo-o com seu amor e encanto... — P. M.

ADÁGIO: **Pierre Michailowsky — Vera Grabinska**.

APOTEOSE: **Final da Abertura "1812"**.

PRINCESINHAS: Srtas. Tereza Matni, Eliene de Trigo Cecílio, Eny Cecílio, Marlene Rocha Saraiva, Eumer Rocha Ramos, Léa Sales Ramos, Graziela Guimarães Maia, Guiomar Tovar, Lúcia Borges Fortes, Lydia Souza Fernandes, Gladys de Mesquita e todos os intérpretes.

"DIVERTISSEMENTS"

BAIANAS ESTILIZADAS — **Ary Barroso:** Srtas. Maria Alice Pereira, Tereza de Barros Gomes, Léda Guedes Reis.

MAZURKA CLASSICA — **Chopin:** Srta. Elisa Fernandes de Souza.

FANTASIA ESCOCESA — **Folclore:** Srta. Tereza Ribeiro Gonçalves.

PATINADORA — **Delibes:** Srta. Angela Maria Ayres Pereira.

FANTASIA DIABÓLICA — **Liszt:** Srta. Léda Guedes Reis.

PASSARO FANTASTICO — **Delibes:** Srta. Denise Marques de Almeida.

PRIMAVERA — **Grieg:** Srta. Ailde Reis.

CZARDASZ-**Monti** — Srta. Noêmia Edelman.

ORAÇÃO E DANÇA INDIA — **Lorenzo Fernandes:** Srta. Etty Macedo de Oliveira.

"VERTIGE"

Ballet Alegórico de P. Michailowsky sôbre a música de Chopin

VERTIGEM DE AMOR: **Vera Grabinska, Pierre Michailowsky**, Cupido: Eloisa Breda Ferreira FRAGRANCIA VERTIGINOSA: Srta. Noêmia Edelman e todos os intérpretes.

Coreografia original do Maestro PIERRE MICHAILOWSKY.

PHILIPS

O som que acompanha os bailados deste espetaculo é reproduzido com o equipamento eletro-acustico gentilmente cedido pela S. A. PHILIPS DO BRASIL

Bom gôsto Qualidade Mesbla MAGAZINE

Distribuição Interna

Grafica ALMEIDA VEZIERS Ltda. — Rua André Cavalcanti, 104 - Tel. 32-9885

PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL

TEATRO MUNICIPAL

DIREÇÃO DA COMISSÃO ARTISTICA E CULTURAL

A COMISSÃO DO IV CENTENÀRIO DA CIDADE DE SÃO PAULO

apresenta

o

"BALLET IV CENTENÁRIO"

sob a direção artistica de

AURÉLIO M. MILLOSS

Diretor Artistico, «Maitre de Ballet» e autor das coreografias

com a participação da

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

por especial cessão da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura de São Paulo e sob a regência de

NINO STINCO

De 8 a 23 de Dezembro de 1954.



AURELIO M. MILLOSS

DIRIGENTES E ASSISTENTES

AURELIO M. MILLOSS
Diretor Artistico, «Maitre de Ballet» e autor das coreografias

* * *

EDITH PUDELKO — LIA DELL'ARA
Assistentes do «Maitre de Ballet»

* * *

NINO STINCO
Regente da Orquestra

* * *

ALDO CALVO
Diretor dos Ateliers da Cenografia e da Montagem Cênica

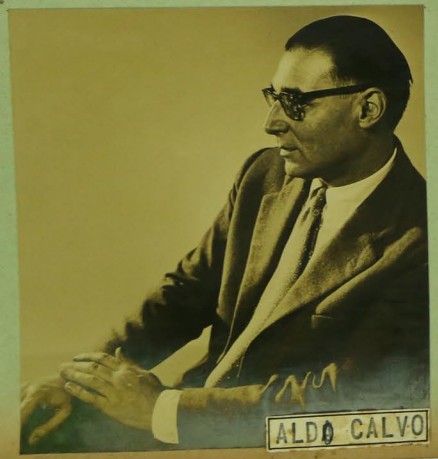
* * *

MARIA FERRARA
Diretora dos Ateliers de Costura

* * *

NAIR MEDEIROS — LUIZ ELLMERICH — OLEG KUZNECOV
Pianistas Ensaiadores

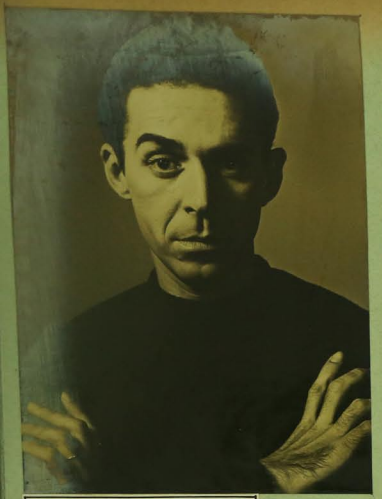
* * *



ALDO CALVO



MARIA FERRARA



EDUARDO SUCENA



JUAN GIULIANO

CONJUNTO COREOGRÁFICO

Ady Addor — Edith Pudelko — Lia Dell'Ara
Lia Marques (convidada) — Raul Severo

Alzira Máttar — Noêmia Wainer
Cristian Uboldi — Eduardo Sucena — Juan Giuliano

Neyde Rossi
Djalma Brasil — Ismael Guiser — Michele Barbano
Norberto Neri — Paulo Leandro — Ricardo Abellan
Victor Aukstin



LIA MARQUES



NOÊMIA WAINER



EDITH PUDELKO



RAUL SEVERO



NEYDE ROSSI



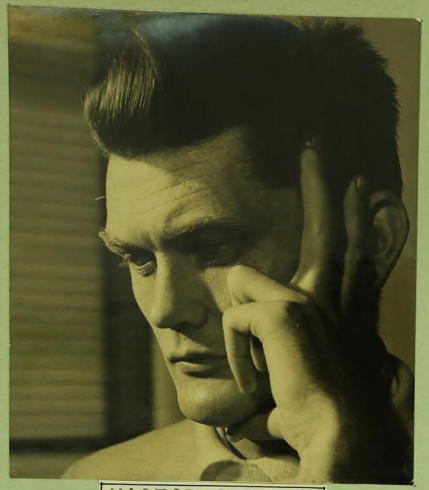
DJALMA BRASIL



LIA DELL'ARA



ISMAEL GUISER



VICTOR AUKSTIN



CRISTIAN UBOLDI



ADY ADDOR



MICHEL BARBANO



ALZIRA MÁTTAR



NORBERTO NERI



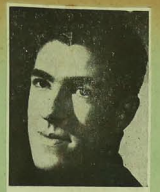
PAULO LEANDRO


Acir Gianniccini


René Chomette

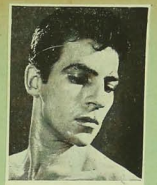

Olympio de Araujo


Francisco Schwartz


Gill Saboya


Luiz Ellmerich

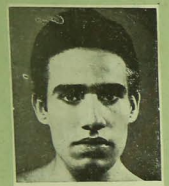

Michel Weber


Mozart Xavier


Walter Cenci


Ruggero Blasi

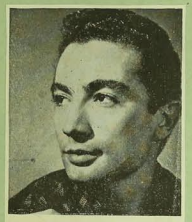

Marcos de Santos

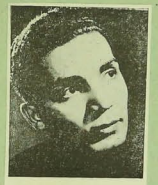

Hamilton Oliveira


Aldo Presciutti


Francisco Gianchieri


Oleg Kuznecon


Franco Rosmine


Alvaro Ribeiro


Alberto Ribeiro


Carlos Villar


Oderacy Magnani

CONJUNTO COREOGRÁFICO


Mârika Gidali


Maria Helena Freire


Marisa Magalhães


Oriete Barros


Aladia Centenaro


Myriam Hirsch


Rachel Wainer


Sioma Fantauzzi


Susanna Faini


Ruth Rachou


Raymond Carneval


Yolanda Verdier


Anette Monteiro


Helena A. Weber


Yara Vizzoni


Yara Von Lindenau


Vera Maia


Evelyne Barée


Elizabeth Sewell


Isabel Fernandes

Lucia Villar

Luisa Splendore

Yoko Okada

Eleonor Orlando

Nair Madeiros

Cecilia Nardelli

Alice Brugnaro

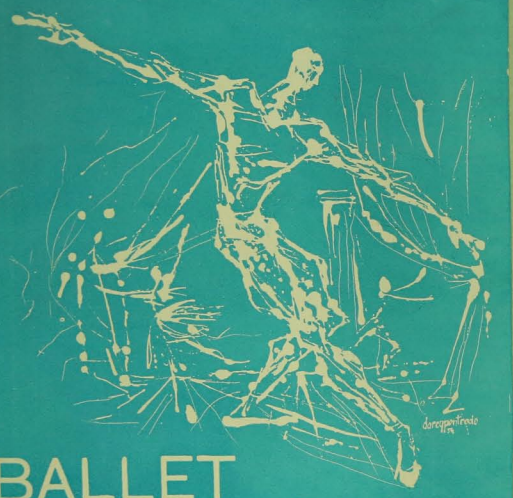
Luciana Petrucelli

Rina Sgobbi

Consuelo Griffiths

Tatiana Iewlewa

TEATRO MUNICIPAL
DO RIO DE JANEIRO



BALLET
IV CENTENARIO

DEZEMBRO -- 1954

COMISSÃO DO IV CENTENARIO DA CIDADE DE SÃO PAULO

PRIMEIRA RÉCITA DE ASSINATURA

8 DE DEZEMBRO DE 1954

Quarta-feira, 8 de Dezembro de 1954, às 21 horas

Primeira Récita de Assinatura

I

"PASSACAGLIA"

II

"PÉTROUCHKA"

III

"INDISCRIÇÕES"

IV

"FANTASIA BRASILEIRA"

Colaboradores do Teatro Municipal do Rio de Janeiro:

Carlos Marchese (Diretor de Cêna)

Mario Conde (Cenotécnico)

José Gonçalves (Chefe Maquinista)

PÉTROUCHKA



I

PASSACAGLIA

Hino coreográfico de Aurélio M. Milloss sôbre a música homônima de Johann Sebastian Bach, instrumentada por Ottorino Respighi
Coreografia de Aurelio M. Milloss
Cenário e trajes de Candido Portinari.

—×—

Grupos dispersos de dançarinos acordam com a luz, seus tormentos lentamente esvaem-se, e são conduzidos a harmonias sempre mais solenes... — Hino à Dança!

—×—

Intérpretes

EDITH PUDELKO
(em branco)

Ady Addor — Alzira Máttar — Maria Helena Freire — Noemia Wainer — Oriete Barros — Susanna Faini
(em amarelo)

Anette Monteiro — Isabel Fernandes — Márika Gidáli — Myriam Hirsch — Sioma Fantauzzi — Yara von Lindenau
(em rosa)

Cecilia Nardelli — Eleonor Orlando — Helena A. Weber — Neyde Rossi — Tatiana Iewlewa — Yoko Okada
(em verde)

Elizabeth Sewell — Eveline Barée — Marisa Magalhães — Raymonde Carnewall — Vera Maia — Yolanda Verdier
(em vermelho)

Acir Giannaccini — Djalma Brasil — Eduardo Sucena — Francisco Schwartz — Juan Giuliano — Michele Barbano — Norberto Neri — Oderagy Magnani — Paulo Leandro — René Chomette — Ricardo Abellan — Victor Aukstin
(em preto)

—×—

Assistente de direção coreográfica: **Lia Dell'Ara.**

—×—

Este ballet foi criado por Aurélio M. Milloss, como simbólica expressão, para a inauguração das manifestações do Ballet do IV Centenário de São Paulo.

II

PÉTROUCHKA

Cenas burlescas em quatro quadros de Igor Strawinsky e Alexandre Benois.
Música de Igor Strawinsky
Versão coreográfica de Aurélio M. Milloss
Canários e trajes de Roberto Burle-Marx

"Também as marionettes têm a sua própria vida e não morrem nunca."

Nenhuma palavra poderia traduzir tão bem o mistério do boneco Pétrouchka, como êste profundo pensamento de Heinrich von Kleist.

—×—

Intérpretes

LIA DELL'ARA
(A bailarina)

PRIMEIRA RÉCITA DE ASSINATURA

TEATRO MUNICIPAL
DO RIO DE JANEIRO



BALLET
IV CENTENARIO

DEZEMBRO -- 1954

COMISSÃO DO IV CENTENARIO DA CIDADE DE SÃO PAULO

JUAN GIULIANO (Petrouchka) — EDUARDO SUCENA (O Mouro)

PAULO LEANDRO
(O Charlatão)
Noemia Wainer — Alzira Máttar
(As Dançarinas Ambulantes)
Márika Gidáli — Cristian Uboldi
(Os Acrobatas)
Raymonde Carnewall — CHRISTIAN UBOLDI — Michele Barbano
(A Ama Imperial) (O Cocheiro Imperial) (O Mercador Rico)
Eleonor Orlando — Maria Helena Freire — Oriette Barros
(As Ciganas)
Cecilia Nardelli — Eveline Barée — Marisa Magalhães — Neyde Rossi — Rachel Wainer — Susanna Faini — Tatiana lewlewa — Yara von Lindenau
(As Amas)
Djalma Brasil — Michel Weber — Norberto Neri — René Chomette — Ricardo Abellan — Victor Aukstin
(Cocheiros)
Todo o Corpo de Baile
(Aquêles que comemoram o Carnaval)
Solista de piano: **Piera Brizzi**

——×——

Assistente de direção coreográfica: **Edith Pudelko**

——×——

A presente versão coreográfica destas «cenas burlescas», cenas que se tornaram famosas no Ballet Russo de Serge De Diaghilev, foi criada por Aurélio M. Milloss em 1933 na Opera Real de Budapest, não em desrespeito à primeira realização coreográfica (obra do grande Michel Fochine em 1911) mas sòmente levado pela vontade de tentar uma forma mais musicalmente ritmada do que teatralmente ilustrativa como foi a obra do grande mestre russo. O próprio Strawinsky em «Crônicas da Minha Vida», reclamava um mais rigoroso entrelacamento entre a coreografia e a música, afim de evitar que a parte mímica do ballet ficasse apenas como ação cênica em vez de ser, como êle mesmo desejava, uma expressão completamente ritmada.
A nova versão de Aurélio M. Milloss foi apresentada também em outros teatros, como nas Operas do Estado de Viena, Berlim e Dresde, na Opera Real de Roma, no Scala de Milão, no Colon de Buenos Aires, etc.
Para a presente reprise no Ballet IV Centenário, Roberto Burle-Marx criou cenários e trajes de concepção essencialmente apropriados a êste novo aspecto do drama das marionettes russas.

III

INDISCRIÇÕES

Pequeno espetáculo coreográfico de Edoardo Anahory e Aurélio M. Milloss — a margem à execução da música "Divertissement" de Jacques Ibert
Coreografia de Aurélio M. Milloss
Cenário e trajes de Edoardo Anahory

——×——

Que resta a fazer se não apagar os lumes, quando se é imbecil?...
— E o marechal verde marcha vitorioso entre as jovens espôsas que sonham com a felicidade, mas que já trazem em si o luto...

——×——

Intérpretes

ADY ADDOR (A noiva em branco) — LIA MARQUES (A noiva em preto)
RAUL SEVERO (O noivo) — CRISTIAN UBOLDI (O marechal)

Ismael Guiser — Norberto Neri
(Os assistentes às lagrimas)



Eveline Barée — Marisa Magalhães — Neyde Rossi — Susanna Faini — Yára Vizzoni — Yolanda Verdier — Djalma Brasil — Francisco Schwartz — Gill Saboya — Paulo Leandro — Ricardo Abellan — Victor Aukstin
(O mundo circular)

——×——

Assistente de direção coreográfica: **Lia Dell'Ara**

——×——

Este ballet irônico foi improvisado expressamente para o repertório do Ballet IV Centenário de São Paulo.

IV

FANTASIA BRASILEIRA

Ballet alegórico em um ato, de Souza Lima e Aurélio M. Milloss
Música de Souza Lima
Coreografia de Aurélio M. Milloss
Cenário e trajes de Noemia Mourão

——×——

A festa do povo. O Bumba meu Boi: morte e lamentação. Retôrno à dança: êxtase e cinzas. — Ressurreição do Boi. Aleluia!

——×——

Intérpretes

RONDÓ

RAÚL SEVERO (Cavalo Marinho) — **JUAN GIULIANO** (Bumba meu Boi) — **Alzira Máttar** (Mulher do Povo) — **Noemia Wainer** (Pastora) — **Cecília Nardelli** (Catarina) — **Helena A. Weber** (Negra) — **Cristian Uboldi** (Mateus) — **Mozart Xavier** (Vaqueiro)
Elizabeth Sewell — Raymonde Carnewall — Ruth Rachou — Vera Maia — Yára Vizzoni — Yolanda Verdier — Djalma Brasil — Hamilton Oliveira — Ismael Guiser — Norberto Neri — Olympio de Araújo — Victor Aukstin
(Mulheres e Homens do Povo)

LAMENTO

Aladia Centenaro — Anette Monteiro — Eleonor Orlando — Isabel Fernandes — Lúcia Villar — Maria Helena Freire — Márika Gidáli — Myriam Hirsch — Oriette Barros — Rachel Wainer — Sioma Fantauzzi — Yoko Okada
Acir Giannaccini — Alvaro Ribeiro — Carlos Villar — Francisco Schwartz — Michele Barbano — Paulo Leandro
(Negras e Negros)

SCHERZO

Ady Addor (Princeza Serena) — **Edith Pudelko** (Mulher dos Pássaros) — **Lia Dell'Ara** (Mulher das Flôres) — **Neyde Rossi** (Princesa Brilhante) — **Eduardo Sucena** (Político Desequilibrado) — **Raúl Severo** (Cavalo Marinho) — **Ricardo Abellan** (Mendigo bem Equilibrado)

SAMBA e FREVO

Marisa Magalhães — Susanna Faini — Tatiana lewlewa — Yara von Lindenau
(Baianas)

ALBERTO RIBEIRO (Dançador de frevo) — ODERAGY MAGNANI (O travestido em Diva)

ALELUIA

Todos os intérpretes

——×——

Assistente de direção coreográfica: **Edith Pudelko**

——×——

Esta alegória, cheia de significações simbólicas, foi criada expressamente para o Ballet IV Centenário.







PÉTROUCHKA







PASSACAGLIA













FANTASIA BRASILEIRA



INDISCRIÇÕES





1636

O BALLET DO IV CENTENÁRIO

Além do espetáculo inaugural da temporada se longa, agora, no Municipal do Rio, um acontecimento de vulto que excede, em riqueza de proporções, todas as iniciativas do mesmo gênero que já se efetivaram entre nós. O grande corpo de baile Fortinari, do eh S. Paulo, para as comemorações do IV Centenário, sob direção do coreógrafo Ataliba, faz aqui a estréia integral do seu repertório, numa estranha falta de teatro impede seja apresentado naquela capital. A cidade, esse assunto foi a corporificação única de todos os artísticos-musicais que alimentaram os planos dos festejos do IV Centenário, mostrando que o Ballet do IV Centenário", se reques amplos elogios, não deixa também de exigir restrições severas. Mas a significação artística do conjunto é de modo geral, tão ponderável, que a unanimidade à negação absoluta determinada por uma das obras que nos apresentou, infelizmente, não chega a ser lamentava, ficou patente à inexistência do menor resquício nacional na obra, pretensamente erguida sôbre motivos brasileiros, dinamizados mais pujantes — Bumba meu Boi, cujo cielo totêmico de morte e ressurreição surgiu sem o menor cabedal fundado por uma coreografia convencional e falsificadora. Nada autêntico, também, o passista de frevo, que surgiu, no final, armado com o clássico guarda-chuva, numa caricatura de mau gosto. Uma decepção, também uma expectativa de confiança e nutrimam. Esses sentimentos vão-se tornando mais precisos à medida que apoiar-se em nenhuma razão definitiva. Uma novidade integral nos visitava.

Com a responsabilidade, que a ausência de manifestações artísticas de maior vulto só fez crescer, de representar artisticamente S. Paulo, o ballet organizado por Aurélio Milloss se encarregou de preencher essa sugestiva lacuna, e grandeza do meio onde se originou. A arte da dança é, em nossa época, uma expressão superior de resultante da vida social, sobre todos os requisitos do seu vasto repertório, a um ponto que se afigura retirar ao empreendimento a visibilidade grandemente comercial, e lhe empresta antes um caráter de dádiva principesca feita ao povo — que, aliás, em S. Paulo, sabe apreciá-la — de sorte que também teve ainda oportunidade de admirá-lo.

Não o estamos fazendo, em uma série numerosa de espetáculos. E o primeiro programa, com quatro obras (coreografias de Milloss), já nos comunicou um sentimento de plenitude de equilíbrio e precaução da existência de uma tríplice unidade, da dança, da música, da cenografia, que deve caracterizar a obra de arte coreográfica. A orquestra veio de S. Paulo, bem ensaiada, sob a regência, que se demonstrou proficiente, do maestro Nino Stinco. E os cenários e trajes são dos nossos melhores artistas plásticos — desde Portinari, cuja nome se inscreveu na obra de abertura do programa, a Santa Rosa, que figurará em programa conclusivo.

O corpo de baile, por sua vez, apoiado em fortes elementos de ordem musical e cênica, se revela excelente, dotado de cessão e disciplina louváveis, e tendo possibilidades que a execução do repertório do conjunto deve, ainda, desenvolver.

Aquela necessária unidade da obra coreográfica, entretanto, embora exista como preocupação evidente dos artistas, nem sempre, em todos os momentos, no espetáculo de estréia. E sob o aspecto de correspondeu ou não a dança aos outros elementos da obra, que se destacou mais o Ballet do IV Centenário", se requer, também, elogios, não deixa também de exigir restrições severas. Mas a significação artística do conjunto é de modo geral, tão ponderável, que a unanimidade à negação absoluta determinada por uma das obras que nos apresentou, infelizmente, não chega a ser lamentava, ficou patente à inexistência do menor resquício nacional na obra, pretensamente erguida sôbre motivos brasileiros, dinamizados mais pujantes — Bumba meu Boi, cujo cielo totêmico de morte e ressurreição surgiu sem o menor cabedal fundado por uma coreografia convencional e falsificadora. Nada autêntico, também, o passista de frevo, que surgiu, no final, armado com o clássico guarda-chuva, numa caricatura de mau gosto. Uma decepção, também uma expectativa de confiança e nutrimam. Esses sentimentos vão-se tornando mais precisos à medida que apoiar-se em nenhuma razão definitiva. Uma novidade integral nos visitava.

Com a responsabilidade, que a ausência de manifestações artísticas de maior vulto só fez crescer, de representar artisticamente S. Paulo, o ballet organizado por Aurélio Milloss se encarregou de preencher essa sugestiva lacuna, e grandeza do meio onde se originou. A arte da dança é, em nossa época, uma expressão superior de resultante da vida social, sobre todos os requisitos do seu vasto repertório, a um ponto que se afigura retirar ao empreendimento a visibilidade grandemente comercial, e lhe empresta antes um caráter de dádiva principesca feita ao povo — que, aliás, em S. Paulo, sabe apreciá-la — de sorte que também teve ainda oportunidade de admirá-lo.

Não o estamos fazendo, em uma série numerosa de espetáculos. E o primeiro programa, com quatro obras (coreografias de Milloss), já nos comunicou um sentimento de plenitude de equilíbrio e precaução da existência de uma tríplice unidade, da dança, da música, da cenografia, que deve caracterizar a obra de arte coreográfica. A orquestra veio de S. Paulo, bem ensaiada, sob a regência, que se demonstrou proficiente, do maestro Nino Stinco. E os cenários e trajes são dos nossos melhores artistas plásticos — desde Portinari, cuja nome se inscreveu na obra de abertura do programa, a Santa Rosa, que figurará em programa conclusivo.

O corpo de baile, por sua vez, apoiado em fortes elementos de ordem musical e cênica, se revela excelente, dotado de cessão e disciplina louváveis, e tendo possibilidades que a execução do repertório do conjunto deve, ainda, desenvolver.

Aquela necessária unidade da obra coreográfica, entretanto, embora exista como preocupação evidente dos artistas, nem sempre, em todos os momentos, no espetáculo de estréia. E sob o aspecto de correspondeu ou não a dança aos outros elementos da obra, que se destacou mais o Ballet do IV Centenário", se requer, também, elogios, não deixa também de exigir restrições severas. Mas a significação artística do conjunto é de modo geral, tão ponderável, que a unanimidade à negação absoluta determinada por uma das obras que nos apresentou, infelizmente, não chega a ser lamentava, ficou patente à inexistência do menor resquício nacional na obra, pretensamente erguida sôbre motivos brasileiros, dinamizados mais pujantes — Bumba meu Boi, cujo cielo totêmico de morte e ressurreição surgiu sem o menor cabedal fundado por uma coreografia convencional e falsificadora. Nada autêntico, também, o passista de frevo, que surgiu, no final, armado com o clássico guarda-chuva, numa caricatura de mau gosto. Uma decepção, também uma expectativa de confiança e nutrimam. Esses sentimentos vão-se tornando mais precisos à medida que apoiar-se em nenhuma razão definitiva. Uma novidade integral nos visitava.

Com a responsabilidade, que a ausência de manifestações artísticas de maior vulto só fez crescer, de representar artisticamente S. Paulo, o ballet organizado por Aurélio Milloss se encarregou de preencher essa sugestiva lacuna, e grandeza do meio onde se originou. A arte da dança é, em nossa época, uma expressão superior de resultante da vida social, sobre todos os requisitos do seu vasto repertório, a um ponto que se afigura retirar ao empreendimento a visibilidade grandemente comercial, e lhe empresta antes um caráter de dádiva principesca feita ao povo — que, aliás, em S. Paulo, sabe apreciá-la — de sorte que também teve ainda oportunidade de admirá-lo.

Não o estamos fazendo, em uma série numerosa de espetáculos. E o primeiro programa, com quatro obras (coreografias de Milloss), já nos comunicou um sentimento de plenitude de equilíbrio e precaução da existência de uma tríplice unidade, da dança, da música, da cenografia, que deve caracterizar a obra de arte coreográfica. A orquestra veio de S. Paulo, bem ensaiada, sob a regência, que se demonstrou proficiente, do maestro Nino Stinco. E os cenários e trajes são dos nossos melhores artistas plásticos — desde Portinari, cuja nome se inscreveu na obra de

abertura do programa, a Santa Rosa, que figurará em programa conclusivo.

O corpo de baile, por sua vez, apoiado em fortes elementos de ordem musical e cênica, se revela excelente, dotado de cessão e disciplina louváveis, e tendo possibilidades que a execução do repertório do conjunto deve, ainda, desenvolver.

1636

MARIO CABRAL

Estréia do Ballet do IV Centenário

O *BALLET do IV Centenário, no espetáculo de estréia, anteontem, no Municipal, revelou o que se esperava dêle: um conjunto cujas características principais são uma excelente disciplina, fruto de longo aprendizado, e a revelação dos principios estéticos de Aurélio Milloss, autor da coreografia dos quatro números apresentados, inclusive de "Petrouchka", no qual se deu nova versão à paródia coreográfica de Fokine, substituindo-se ainda o "décor" tradicional de Alexandre Benois por uma nova e excelente concepção de Roberto Burle Marx.*



trama objetiva, com um ajustamento às intenções mais sutis do poema, numa deformação irônica da dança tradicional, com uma ação cênica intimamente condicionada ao diagrama da música, de que o coreógrafo encontra o clima ideal para a sua estética, para o seu temperamento e, precisemos, no caso do Ballet que atualmente dirige, para o material humano de que dispõe.

A "PASSACAGLIA", de Bach, ! com coreografia de Resphigi e cenários e trajes de Portinari, número que o autor denominou de "hino coreográfico", foi o primeiro número do programa. Trouxe-nos de volta, mais seguia, com uma linha interpretativa mais acentuada, Edith Pudelko, secundada por tôda a companhia, dividida em vários ajuntes, em côres diferentes, contrastantes, abandonando-se tons claros, semicúpidos, que habitualmente predominam nos "ballets" abstratos: ao homem em preto, contrastando com um vermelho dramático, o verde ou o telão de fundo em azul claro.

Grupos que, em cena em todo o decorrer do ballado, evoluíam em têrno da figura principal, em branco, com coesão e um admirável sincronismo, embora a orquestra, que vinha melhorar em números subsequentes, apresentasse algumas intenções no desenvolvimento polifônico, nesse "horreur au vide" specular, particularmente Bach. Ballado, viu-se logo, feito expres para a apresentação, substituindo o "passo-a-dois" tradicional da estréia dos conjuntos.

"Petrouchka", apresentado em seguida, revelou-nos, em sua nova versão coreográfica, material que se ajusta admiràvelmente às tendências criadoras de Milloss, fato que justifica o aconselhamento da criação, sendo aqui como na Europa. E' em ballados dêsse gênero, com uma

Ante essa definição, que melhor material poderia êle encontrar que a história holmaniana, as inumeráveis harmonias imitativas, a variedade rítmica da partitura de Stravsky? Porque essa "trouvaille" genial do autor do "Sacre" não constitui apenas uma partitura dançante, como no repertório tradicional anterior a sua elaboração, com Delibes ou Tchaikowsky, mas uma criação musical que está tão impregnada do espírito do ballado que a sua execução no teatro ainda se sobrepõe a uma execução nas salas de concêrto.

Esperava-se que Milloss tambem interviesse como bailarino, já que criou o protagonista na Europa. Desta vez, distribuiu o papel a Juan Giuliano, que detôda a intensa fôrça dramática so personagem, tendo, nos momentos mais principais, Lia Dell'Ara, na Ballarina, e Eduardo Sucena, no Mouro. Esse trio centrou da história sublinhou com desembaraço e homogeneidade interpretativa a pantomima celebre.

A orquestra, dirigida por Nino Stinco, interveiu com galhardia a partitura difícil, enquanto Piera Brizzi, ao piano, deu à sua execução o equilíbrio e a sonoridade requeridos. A concepção revolucionária, admiravel, de Roberto Burle Mar... os cenários, ajustou-se bem aos figurinos, que mantiveram a linha tradicional dos costumes originais de Alexandre Benois.

AS ARTES ★ Antônio Bento

O BALLET DE S. PAULO



Foi um sucesso, até certo ponto inesperado, o que precedeu a criação do Ballet do IV Centenário de São Paulo, pois não se acreditava que se pudesse organizar no Brasil um conjunto artístico capaz de apresentar bons espetáculos, com obras criadas aqui mesmo, após sòmente pouco mais de um ano de trabalho. Mas, São Paulo, que já nos habituou a confiar em sua extraordinária capacidade de organização, acaba de realizar a proeza de improvisar um ballet dispondo de sessenta figuras. Convidou os pintores e compositores de maior renome no país para colaborar no empreendimento, mostrando assim bom gôsto e largueza de vistas. Deve-se a iniciativa ao sr Francisco Matarazzo Sobrinho, como presidente da Comissão do IV Centenário. O sr. Guilherme de Almeida, que o substituiu no cargo, manteve o coreógrafo Milloss à frente do conjunto de artistas. Como São Paulo está com o seu principal teatro em obras, o Ballet do IV Centenário acaba de fazer no Municipal do Rio praticamente a sua estréia. E esta foi muito bem recebida pela nossa plática, as vêzes fria diante de companhias estrangeiras de cartaz internacional.

MARIO CABRAL

1636

Estréia do Ballet do IV Centenário

"Indiscrições" — "Fantasia Brasileira", com o "passista" Alberto Ribeiro.

O *TERCEIRO número de apresentação do Ballet do IV Centenário foi, ainda, um número de caráter patriótico, uma "guinguolade" que Milloss valorizou com a música adequada de Jacques Ibert e os cenários e trajes de Anahory. Surgiu nesse número o reencontro do público com os "jouettes", apresentados, aliás, com grande e terceira, pelas duas noivas — a de branco (Ady Addor) e a de prêto (Lia Marques), ambas saudadas com entusiasmo pela assistência, enquanto o lado historiônico do ballado foi brilhantemente defendido pelos dois cantores de lágrimas (Ismael Guiser e Norberto Neri, pelo noivo (Raul Severo) e pelo marechal verde (Cristian Uboldi).*

A música de Jacques Ibert, com alusões a Mendelsohn, Strauss, Gounod e Offenbach, ainda mais sublinhou essa atmosfera irônica, que deve predominar na história das duas jovens esposas que sonham com a felicidade, número que assegurou mais essa "reussite" para Milloss e seu disciplinado conjunto.

Terminou o programa com "Fantasia Brasileira", "ballet" alegórico, com música de Souza Lima e belos cenários de Noêmia Mourão. Número que reuniu as mais marcadas expressões do nosso popularo, sambistas, baianas, passistas de frevo e uma evocação dos nossos autos populares tradicionais, como o bumba meu boi, motivo central do ballado, para resultar num final apoteótico, grandioso, que se seguiu ao frevo, dançado esplêndidamente pelo passista Alberto Ribeiro.

Se tudo isso resultou num material talvez excessivo, numa demonstração pletórica, meio desordenada, do nosso acervo coreográfico, vimos ali, com entusiasmo, o caminho certo, o sentido exato que corresponde ao nosso sentimento nacionista para as bases estéticas do verdadeiro ballado brasileiro. Só essa criação justificaria a permanência de Milloss entre nós.

O público, que, logo no início, antecipou as suas opiniões pelo simples exame visual do conjunto, ao levantar do pano, mostrou a sua compreensão e o contágio emocional que essa experiência despertou.

A partida de Souza Lima, que, em sua eruberância, estacionou ao desenvolvimento musical nos momentos de grande beleza, com sua variedade rítmica e com a apresentação de motivos populares, como o "Tico-tico no fubá", uma plangente e o motivo que integrou esse admirável movimento de sua "suite", quando o boi é carregado para o adro da igreja, e um admirável frevo, com seu contagiante caráter dinamogênico, tudo abonou-o, autêntico, brasileiro.

Esperemos as outras criações de Milloss, nesse gênero. Talvez êle não seja de todo comprendido, ante esse obstinado êsse temeroso preconceito em subordinar o nosso bailado à dança acadêmica, tradicional. Mas êle vencerá!

1636 Bila Jaffe

ESTRÉIA DO "BALLET IV CENTENARIO"

Precedido de grande expectativa, na noite de quarta-feira, no Teatro Municipal, o "Ballet IV Centenário" da cidade de São Paulo.

O primeiro número do programa, "Passacaglia", com música de Bach, coreografia de Milloss, cenários e trajes de Portinari, não logrou convencer. Em verdade, malgrado o grande número de elementos em cena, elementos êstes que evidenciariam, em sua maioria, grande dinamismo, e homogeneidade, ao bailado, êste último coreográfico, com o intuito a princípio Milloss. Perdeu-se aparentemente de monotonia so obra de Bach, que em absoluto não se adapta as concepções do coreógrafo, que atendem plenamente aos "Passacaglia" uma coreografia lenta ou evoluções, com caráter semelhante a "Chaconne". Edith Pudelko, por seu turno, dançou de maneira bem fria e impessoal, não denotando mesmo estar tomada de forma, desleixante e nada. Quanto aos cenários de Portinari, embora muito bonitos, adapta-se mais às intenções do coreógrafo do que à partitura de Bach, que não se podendo dizer dos trajes, pouco interessantes e de côres mal escolhidas.

"Petrouchka" — segunda número da noite constituiu-se em uma admirável exibição de conjunto, perfeitamente. Este conhecido bailado com música de Igor Strawinsky, apresentado desta vez com coreografia de Milloss, divertiu a todos como o de Fokine. Os cenários de Roberto Burle-Marx, de orientação cubista, no que diferem dos figurinos, afastam-se dos cenários de Benois, mais adequados ao ambiente de festa popular da obra, que tem caráter nitidamente folclórico.

As marcações de Milloss adaptam-se bem ao vigor rítmico da música de Strawinsky. O corpo de baile preza à vontade na interpretação da obra, merecendo um registro especial o trabalho de Lia Dell'Ara, na Ballarina, assim como Juan Giuliano (Petrouchka) e Eduardo Sucena (o Mouro). Desempenho no mesmo nível dos melhores conjuntos da Europa.

Seguiu-se o bailado "Indiscrições", cujo único preceito além de inadequado, inexpressivo), "pequeno espetáculo coreográfico" de Anahory, sôbre música de Jacques Ibert. A coreografia é bonitinha e de, bailado, sem argumento da obra. Anahory interroga: — Que resta a fazer senão apagar os fumes, quando se é imbecil? Mas não satisfeito com isso, toma ainda outras intenções irônicas e afinal se desenrola num clima supra-realista, inclusive pelo cenário e costumes. E' um bailet da melhor qualidade, que assiste com prazer, pelo seu desenvolvimento meio fantástico meio burlesco. Particularmente, digno de nota o figurino de Noêmia, "secundou" que ela não tem nada a ver com o Bumba popular. O Boi preside a festa e é morto, como no velho auto, para reviver no final. Enquanto isso, são dançadas as danças de um frevo pernambucano, com baianas e tipos populares. Um "político desequilibrado" (vestido de cuecas e casaca) é uma figura direta, de gênero mistificante carnavalesco, a conhecido depoto petebista. O frevo termina com o corpo de baile caindo de exaustão, num desfalecimento sôbre o palco e se justifica, a não ser para preparar a cena derradeira da ressurreição do Boi, que é o "nosso Bumba? Não, é antes o Boi Apis, do Egito, adaptado inadequadamente pelo povo das baimas, pelo Cavalo-Marinho, pelo Vaqueiro e pelos Caboclos, enfim pelo Brasil inteiro.

Muito bons o cenário e os figurinos de Noêmia. A coreografia dêsse último, que nada tem de brasileira, lucrario se fôsse modificada.

Pela sua longa intimidade com a ópera, a dança e o bailado como um jôgo de massas, segundo a tradição italiana. Talvez seja êsse um paro oportuno a fazer-se a suas concepções coreográficas. Mas sua obra em conjunto merece elogios francos, pois o Ballet do IV Centenário de São Paulo é uma realidade. E dá a melhor impressão após o espetáculo de estréia de que também participou a Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo.

Geir Campos

COR. MOVIMENTO E MUSICA

"Ballet" do IV Centenario

O primeiro espetáculo do "ballet" apresentado no Municipal, pelo corpo de baile coreógrafo Aurélio M. Milloss, nome de real valor entre as atrações artísticas da Europa, foi recebido com entusiasmo pelo público que lotou inteiramente o nosso primeiro teatro.

Um sussurro de admiração acompanhou o descerrar do velario, revelando diante de um cenário de Portinari, de indiscutível bom gôsto. Em atitudes estéticas apresentou-se o corpo de baile tendo ao centro a bailarina Edith Pudelko, que se mostrou em plena fórma, em tôda a sua beleza e graça de seus gestos. Ao som da música de Bach, as figuras se movimentaram harmoniosamente, mostrando desde logo esse equilíbrio que só uma perfeita disciplina consegue implantar.

Um dos grandes valores do "Ballet do IV Centenário" é ter conseguido para a cena o toque mágico do pincel de Portinari. Burle-Marx, Noêmia Mourão, autores de cenários e figurinos de bom gôsto, uma alegria para a vista do espectador.

O "Ballet do IV Centenário" nos revelou ainda bailarinos excepcionais que nos deixaram extasiados. O valor de Milloss está justamente em ter disciplinado um punhado de jovens e de jovens-tes extremamente em cena. Sente-se ali a fôrça e a energia de um mestre.

A sua coreografia de "Petrouchka", música de Strawinsky, agradou plenamente como, também, a interpretação confiada a Juan Giuliano, Eduardo Sucena e Lia Dell'ara, uma bailarina que promete muitas qualidades apreciáveis.

Em "Indiscrições", simpático coreográfico brasileiro, de Milloss, com música de Jacques Ibert e cenários e trajes de Edoardo Anahory, ainda vimos Ady Addor, que se revelou uma bailarina do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Seus progressos colocam-na bem no conjunto e o seu norte gentil nos lembra a querida Beatriz Costa, quando ainda não perdera a linha. Lia Marques, de grande técnica foi evidência nela bailarina comentada. Lia Marques, Raul Severo e Cristians Uboldi, houveram-se a contento, o mesmo se podendo dizer dos demais, do que resultou a homogeneidade requerida.

Como último número, foi apresentada "Fantasia Brasileira", "ballet" alegórico de Souza Lima e Milloss, cenários e trajes de Noêmia Mourão. Embora bem dançada, "Fantasia Brasileira" decepcionou pela sua pobreza de colorido local. Bem nouco há nesse ballado que possa justificar seu título, senão que, em alguns momentos, como em "Bumba meu boi", tivemos a impressão de que a adoração do boi é levada ao exagêro. Faltou autenticidade ao "bumba" e ao "frevo" apresentados em edição estilizada, sem a insistência de ritmos, sem brilho. Cenários e trajes inuitamente pouco convincentes.

Orquestra regida sob a direção de Nino Stinco, com a execução de Piera Brizzi ao piano, primeiro "Petrouchka".

1636

ESAÚ DE CARVALHO

Estreou anteontem o Ballet do IV Centenário, afigurando-se um dos mais importantes conjuntos do gênero que já se organizou no Brasil, com um rendimento técnico capaz de se igualar a qualquer dos melhores conjuntos congêneres. A comparação vai aqui muito mais com o espírito de reconhecimento de uma obra de envergadura do que por arroubos colegiais do cronista, como já foi referido.

Procurando realizar uma obra cultural marcante, no seiscentésimo Ballet, determinou a comissão do IV Centenário a organização de um conjunto artístico que pudesse representar ao público espetáculos representativos da evolução internacional dessa arte, bem como criar obras de inspiração tipicamente brasileira. E nesta linha, foi contratado um diretor capaz, Aurélio M. Milloss, húngaro, que conseguiu, auxiliado por duas assistentes de "maitre de ballet", a brasileira Edith Pudelko e a italiana Lia Dell'ara.

O que vimos no espetáculo de estréia do conjunto, no Teatro Municipal, anteontem, foi algo surprendente. Milloss nos parece um diretor de grande altura que poderá impor uma corrente nova do ballet, sem sair da estrutura clássica da dança, conseguindo bailados originais de profunda significação na vida atual.

Estamos em desempôro, e o Municipal, mesmo assim ficou lotado, como prova do prestígio do ballet no rol dos espetáculos musicados. Motivos interpretativos apresentou-nos ver "Passagaglia" e "Petrouchka", ao chegando ao Teatro à hora em que começa o espetáculo. O primeiro reúne coreografica de Edoardo Anadory e Milloss, sôbre a música Jacques Ibert. Devemos destacar, antes, os cenários simples e forte do próprio Anadory e os trajes igualmente fantasticos, também de Anahory, e finalmente a atuação do conjunto. Ady Addor, Lia Marques, Raul Severo e Cristian Uboldi viveram as noivas e o marechal e de prêto e verde, e Ismael Guiser e Norberto Neri, "assistentes às lágrimas", e mais o corpo de baile. Uma gostosa crítica do tema: "Que resta a fazer se não apagar os fumes, quando se é imbecil?

Souza Lima foi o responsável pela música do ballado que encerra o espetáculo — "Fantasia Brasileira". Uma grandiosa festa de costumes nossos, do nosso folclore, uma finalização coreografica arrojada de Milloss. Impressiona como êsse coreografo, com dois anos apenas residente no nosso país conseguiu sentir tão bem a cultura brasileira e dar-lhe, no palco, tal realidade. Os trajes de Noêmia Mourão, são dignos de nota, e os cenários, igualmente, pois o ballet ganha uma sintese do muito que temos, particularmente no Norte do Brasil, no folclore. O traje de boi, perfeito, o da negra baiana — de uma felicidade impressionante, e como realização em traje de ballet.

O bailado segue os movimentos da obra musical: Rondó, Lamento, Scherzo, Samba e Frevo, e Alelua. De grande beleza e o quadro da morte do *Bumba meu boi* e de grande profundidade e o êxtase em que todo o conjunto se encontra, ao final do frevo, vencido pela fadiga. Destaquem-se as grandes bailarinas Edith Pudelko e Lia Dell'Ara, que participaram do Scherzo e da Fantasia Brasileira. Pudelko vive-a, anteontem, também, o primeiro papel do bailado Passacaglia.

SEGUNDA RÉCITA DE ASSINATURA

10 DE DEZEMBRO DE 1954

I

NO VALE DA INOCÊNCIA

Ballet idílico concertante de Aurélio M. Milloss, sôbre a música "Divertimento K. 131", de Wolfgang Amadeus Mozart
Coreografia de Aurélio M. Milloss
Cenário e trajes de Quirino da Silva

——×——

Lá onde as paixões não podem encontrar abrigo, tudo é para elevação!

——×——

Intérpretes

ADY ADOR-RAUL SEVERO
(em azul)

Neyde Rossi — Noemia Wainer
Eleonor Orlando — Elizabeth Sewell — Helena A. Weber — Marisa Magalhães — Susanna Faini — Yára Vizzoni
(em lilás)

Alzira Máttar

Isabel Fernandes — Maria Helena Freire — Märika Gidáli — Oriete Barros — — Sioma Fantauzzi — Tatiana Iewlewa — Yára von Lindenau
(em amarelo)

Eduardo Sucena — Juan Giuliano — Ricardo Abellan
Djalma Brasil — Ismael Guiser — Norberto Neri — René Chomette
Victor Aukstin
(em verde)

——×——

Assistente de direção coreográfica: **Edith Pudelko**

——×——

Este ballet foi criado para o Ballet do IV Centenário.

II

O MANDARIM MARAVILHOSO

Ballet dramático em um ato
Argumento de Menybert Lengyel
Música de Béla Bartók

Sexta-feira, 10 de Dezembro de 1954, às 21 horas

Segunda Récita de Assinatura

I

"NO VALE DA INOCÊNCIA"

II

"O MANDARIM MARAVILHOSO"

III

"LENDA DO AMOR IMPOSSÍVEL"

IV

"LOTERIA VIENENSE"

Colaboradores do Teatro Municipal do Rio de Janeiro:

Carlos Marchese (Diretor de Cêna)

Mario Conde (Cenotécnico)

José Gonçalves (Chefe Maquinista)



NO VALE DA INOCÊNCIA

O MANDARIM MARAVILHOSO



I

NO VALE DA INOCÊNCIA

Ballet idílico concertante de Aurélio M. Milloss, sôbre a música "Divertimento K. 131", de Wolfgang Amadeus Mozart
Coreografia de Aurélio M. Milloss
Cenário e trajes de Quirino da Silva

——×——

Lá onde as paixões não podem encontrar abrigo, tudo é para elevação!

——×——

Intérpretes

ADY ADOR-RAUL SEVERO
(em azul)

Neyde Rossi — Noemia Wainer
Eleonor Orlando — Elizabeth Sewell — Helena A. Weber — Marisa Magalhães — Susanna Faini — Yára Vizzoni
(em lilás)

Alzira Máttar

Isabel Fernandes — Maria Helena Freire — Mârika Gidáli — Oriete Barros — Sioma Fantauzzi — Tatiana Iewlewa — Yára von Lindenau
(em amarelo)

Eduardo Sucena — Juan Giuliano — Ricardo Abellan
Djalma Brasil — Ismael Guiser — Norberto Neri — René Chomette
Victor Aukstin
(em verde)

——×——

Assistente de direção coreográfica: **Edith Pudelko**

——×——

Este ballet foi criado para o Ballet do IV Centenário.

II

O MANDARIM MARAVILHOSO

Ballet dramático em um ato
Argumento de Menybert Lengyel
Música de Béla Bartók

"NO VALE DA IN

II

"O MANDARIM MAR

III

"LENDA DO AMOR I

IV

"LOTERIA VIE

Colaboradores do Teatro Municipa

Carlos Marchese (Dire

Mario Conde (Cenoté

José Gonçalves (Chefe M



ESAÚ DE CARVALHO

et do IV Centenário, afigurando-
conjuntos do gênero que já se
m rendimento técnico capaz de
elhores conjuntos estrangeiros. A
nais com o espírito de reconheci-
gadura do que por arroubos cole-
oi referido.
obra cultural marcante, no se-
comissão do IV Centenário a or-
altura, que pudesse "apresentar
esentativos da evolução interna-
criar obras de inspiração típica-
linha, foi contratado um diretor
úngaro, que conseguiu, auxiliado
tre de ballet", a brasileira Edith
l'ara.
lo de estréia do conjunto, no Tea-
oi algo surpreendente. Milloss nos
capacidade, dominando uma cor-
ir da estrutura clássica da dança-
nais de profunda significação na

o Municipal, mesmo assim ficou
tígio do ballet no rol dos espetá-
uperiores nos impediram de ver
a", só chegando ao Teatro à hora
". Curiosa realização coreográfica
oas, sôbre a música Jacques Ibert.
s cenários simples e forte do pró-
ajes magníficos, também de Ana-
ção do conjunto. Ady Addor, Lia
ristian Uboldi viveram as noivas
o Marechal. Ismael Guiser
mais o corpo
fazer

Coreografia de Aurélio M. Milloss
Cenário e trajes de Lazar Segall

——×——

Usada por malfeitores para atrair suas vítimas, a jovem procura, desesperada, escapar à trágica solidão. Entre as vítimas, encontra-se com o Mandarim que, despertado para a beleza das coisas, torna-se mais forte do que a vida e a morte. Na angustiosa falta de sentido do seu ser, a jovem, vencendo o horror, sacrifica-se, e, ainda dentro do seu desespêro, dá, finalmente, significação à vida e à morte do Mandarim.

——×——

Intérpretes

LIA DELL'ARA
(A jovem)
Paulo Leandro
(O Velho Cavalheiro)

CRISTIAN UBOLDI
(O Mandarim)
Ricardo Abellan
(O Estudante)

Ismael Guiser — Michele Barbano — Victor Aukstin
(Os Malfeitores)

——×——

Assistente de direção coreográfica: **Lia Dell'Ara**

——×——

Esta obra de Lengyel e Bartók foi criada em 1917, e executada até 1942 sòmente em forma de Pantomima.
Em 1942 Aurélio M. Milloss criou, pela primeira vez, uma coreografia para o Scala de Milão, com «reprise» em 1945 em Roma. Para a presente remontagem, Lazar Segall criou novos cenários e trajes.

III

LENDA DO AMOR IMPOSSIVEL

Ballet mítico em um ato
Argumento, cenário e trajes de Emiliano Di Cavalcanti
Coreografia e ambiente sonoro de Aurélio M. Milloss

——×——

Do fundo das águas, a Yara tudo atrai. O desespêro daquele que a espera faz com que ela apareça no meio do lago. Mais forte do que o poder de seus olhos é o amor que lhe inspira aquele que a deseja. Todos morrem, menos êle. Êste amor impossível leva-a novamente para o fundo de seu reino... é o amor que faz morrer à beira do lago.

——×——

Intérpretes

EDITH PUDELKO
(Yara)

RAÚL SEVERO
(O Solitário)

Lucia Villar — Myriam Hirsch — Rachel Wainer — Ruth Rachou — Vera Maia — Yoko Okada
(Seres da floresta)

——×——

Assistente de direção coreográfica: **Edith Pudelko**

——×——

Este ballet foi criado para o Ballet do IV Centenário.

IV

LOTERIA VIENENSE

Ballet satírico em dois quadros
Argumento e coreografia de Aurélio M. Milloss sôbre várias músicas de Johann Strauss, instrumentadas por Cláudio Santoro
Cenário e trajes de Aldo Calvo

——×——

No mundo de opereta da Viena Imperial, as malícias, as frivolidades, os amores, as traições, os ciúmes, tornam-se um verdadeiro jôgo de loteria. A juventude tudo vence e... ao velho Conde, só resta contentar-se com as coqueterias das suas graciosas camareiras.

——×——

Intérpretes

LIA MARQUES
(A Bailarina)

RAÚL SEVERO
(Félix von Pospischil)

EDUARDO SUCENA
(O Conde Arisztid)

Eveline Barée — Paulo Leandro
(A Baroneza e O Barão von Pospischil)

Alzira Máttar — Eleonor Orlando — Marisa Magalhães — Noemia Wainer — Yára Vizzoni — Djalma Brasil — Ismael Guiser — Norberto Neri — René Chomette — Ricardo Abellan
(Os participantes do Pic-nic)

Alzira Máttar — Luiza Splendore — Marisa Magalhães — Neyde Rossi — Tatiana Iewlewa — Yara von Lindenau
(Mocinhas da Sociedade)

Isabel Fernandes — Maria Helena Freire — Mârika Gidáli — Myriam Hirsch — Oriete Barros — Sioma Fantauzzi
(Bailarinas)

Aladia Centenaro — Anette Monteiro — Cecília Nardelli — Consuelo Griffiths Rachel Wainer — Susanna Faini
(Camareiras)

Eleonor Orlando — Elizabeth Sewell — Helena A. Weber — Raymonde Carnewall — Ruth Rachou — Vera Maia — Yára Vizzoni — Yolanda Verdier
Acir Giannaccini — Alvaro Ribeiro — Carlos Villar — Djalma Brasil — Francisco Schwartz — Gill Saboya — Ismael Guiser — Juan Giuliano — Michele Barbano — Norberto Neri — Oderagy Magnani — Olympio de Araujo — Ricardo Abellan — Victor Aukstin
(Damas, Cavalheiros, Oficiais)
Hamilton Oliveira — Alberto Ribeiro — Mozart Xavier
(O Mordomo e seus Lacaios)

——×——

Assitente de direção coreográfica: **Lia Dell'Ara**

——×——

O Ballet do IV Centenário apresenta — com novos cenários e trajes de Aldo Calvo — êste ballet, criado em 1942 em Roma.

LENDA DO AMOR IMPOSSIVEL







LOTERIA VIENENSE





O BALLET DO IV CENTENÁRIO

A exclusividade da criação coreográfica, no "Ballet do IV Centenário", confirma a Aurélio Milloss, terá, inevitàvelmente, de dar ao todo global, conforme o caso, um debilitar o repertório — tornando-o, talvez, a parte menos importante do admirável empreendimento. Mas também induz à admiração o vulto numérico e, já agora, a beleza pelo que nos trouxe de novo o segundo programa, a variedade do trabalho coreográfico. Além de organizador, de "maître de ballet", de diretor artístico da sua companhia, Milloss, a quem se deve essa rápida floração do conjunto paulista, que nasceu sob o signo da excelência com a música e as artes coreográficas, plasma a cambiante e contrastada gama de emoções que nos deve despertar a dança. Cria o seu instrumento, os intérpretes e, ao mesmo tempo, as obras. O serviço é de alta montia. Importa menos a posição que tenhamos de assumir diante de determinada coreografia que nos agrade, ou não, do que verificar, conforme todo o público está fazendo, o ensejo magnífico de espetáculos de acabamento, por vezes, primoroso. De um brasileiro que se orgulham de São Paulo, a começar pelos próprios paulistas.

O segundo ato da valsa de Strauss, animador daquelas "alegrias defuntas" de que nos fala Stefan Zweig, foi Ravel, a propósito da apoteose sinfônica de La Valse, espírito típico de uma sociedade que, já a partir de 1914, gozava, verdadeiramente, a vida: se encerrou em um grupo de adoráveis criaturas que veio vicejar agora entre a graça inquietude melancólica das bonecas de porcelana dos homens do planalto. As valsas de Strauss que nos chegam com as companhias de ballado estrangeiras, sempre dentro de espetáculo, costumam assumir um gesto melancólico de vivacidade postiça. A sua presença coreográfica resulta mais ou menos fanada e bolorenta. Anteontem, porém, que graça e que alegria natural, que juventude cativante, naquelas dancas de delicioso sentimento antigo! Tomem uma dose de valsa, até certo trecho do segundo quadro, e depois fui embora — que é o mais! — levando a visão dos rodopios, pela fragrância de um corpo de bale notàvelmente vestido a caráter, segundo os figurinos de Aldo Calvo, autor, também, dos adequados cenários. A técnica aligera, mas substancial, de Lia Marques, teve aí emprego saliente na sua parte solista.

A essa bem realizada suite de valsas, de autenticidade irresistível, se opôs, ao início do programa, uma irreconhecível, inútil evocação do espírito de Mozart, denominada "No Vale da Inocência", sobre o Divertimento nº 136 de Mozart. Não sei se alguem bem longo, K-136. Os próprios solistas não encontraram ensejo de se mostrar, na obra, apenas correta, mas sem a necessária vibração. E Raul Severo, como dançarino clássico, fazendo, por exemplo, um solo sem dar uma tromba mozartiana bastante inocente, sim, mas pouco atado a certas lições de domínio virtuosístico que as academias proporcionam, com o tempo. E no entanto elemento promissor, suas qualidades despontam. Essas limitações dos solistas explicam muito o interêsse maior do bailet que o corpo de bale, pela harmoniosa disciplina, a riqueza do material humano, e a magnífica valorização dos trajes. Há a tendência, porém, para que ele se empregue com certa sobriedade. O que ainda em Mo-grafia, o concurso de Paulo Leandro, Ricardo Abellam, e dos três malfeitores — Ismael Guisher, Michele Barbano, Victor Aukstin.

O *Mandarim* foi, dir-se-ia, no programa, uma ponte, para atingirmos o alegórico da *Lenda do Amor Impossível*, sem música mas cuja perfeita originalidade se mantém, mesmo em confronto com outras experiências de ballet silencioso, a exemplo do *Tzaro*. Milloss o pensa, de resto, às sugestões sonoras, a gags, sutis, que vão desde sibilos semelhantes a silvenes, com intuito puramente variada e econômica percussão, até a própria voz humana, na participação ou, mesmo, falando palavras soltas. O argumento e de Di Cavalcanti, e se mantém, absolutamente, com a própria atmosfera plástica que êle cria, nos cenários e nos trajes, e de onde a coreografia brota. O verde limoso de Edith Pudelko, que tem uma criação estupidamente magnífica, decorrente dizer que veste a mãe d'água, para caracterizar, a brasileira, o mito universal de Iara, a que o programa se refere. O silêncio cortado daqueles ruídos que Milloss escolheu e de que foram eliminadas as sutilezas, a música, musical na obra, desdobrando-a em profundeza da floresta, propondo a ela uma miríade grotesca e curiosamente vestidos. Edith Pudelko, com o seu talento, com a sua inteligência, um a um, o discreto Raul Severo, e as demais personagens, domina tudo, na obra, depois de *Petruchka*, e o ponto alto do repertório, que até aqui nos apresentou o "Ballet do IV Centenário".

EURICO NOGUEIRA FRANÇA

A segunda fase da temporada a cargo do "Ballet IV Centenário", levada a efeito sexta-feira, no Teatro Municipal, constituiu-se em um admirável demonstração de arte, em um espetáculo digno de figurar nos maiores centros artísticos do mundo. Se com êle não ao programa de estréia desta companhia alguns senões tivemos oportunidade de referir-nos e fizeram necessários, pois forma-se recomeçar a indicar-lhe certos excessos que só atingido no espetáculo de sexta-feira. Em verdade, merece a direção do "Ballet IV Centenário" aplausos irrestritos seja pela escolha do repertório e pela homogeneidade e pleno de novas criações, seja pela disciplina e homogeneidade do conjunto, um dos atributos principais em companhias de bailado, seja pelo cuidado notado em relação aos menores detalhes, do que resultou a grande perfeição geral. De todos êstes fatores resulta a soma o "Ballet IV Centenário", novo conjunto, uma personalidade própria, o que constitui a maior credencial para uma companheira de bailados, sendo verdadeiramente admirável que, em tão pouco tempo de existência, tenham sido alcançados resultados tão surpreendentes.

O primeiro número da noite, "O vale da inocência", ballet idílico concertante de Aurélio Milloss com música de Mozart ("Divertimento nº K 131) constituiu-se bela demonstração de disciplina e homogeneidade do conjunto. Malgrado certa monotonia coreográfica, denunciada principalmente a extensão da partitura musical, agradou plenamente. A nosso ver, a graça e doçura do mestre de Salzburgo, se não mestre de Salzburgo, se não teriam sido aproveitadas, sob regência de Nino Stinco, execução acetinada, interessou, por parte dos intérpretes principais — Aydil Ador e Raul Severo — e dos demais participantes do conjunto, realização primorosa. Ótimo o "pas-de-deux" com Aydil Ador e Raul Severo, que constituiu o ponto alto da noite. A indesejável nota do bailado, não obstante o fato de não ter sido a composição dêste "pas-de-deux", possuir grandes recursos coreográficos. Traiu-se Milloss, não muito convincentes, de gôsto duvidoso e cores mal escolhidas.

"Mandarim Maravilhoso", "ballet" dramático com argumento de Menyhert Lengyel, música de Bela Bartok, coreografia de Milloss, cenários e trajes de Di Cavalcanti, embora de inteligência atitudinente americana, representou algo de novo e de interessante. No papel de jovem usada por malfeitores para atrair suas vítimas para, depois, roubá-las, prouve coreografia e trágica solidão, estêve Lia Marques admirável, tanto nos gestos. Bom também Cristian Uboldi, o "Mandarim". Coreografia que se refere à marcação dos "três malfeitores". Pouco original, porém, mas traçados que se refere à marcação dos "três malfeitores". Pouco original, porém, mas traçados que se refere à morte do "Mandarim", ótimos a coreografia e os trajes de Lazar Segall, embora se adaptem com mais propriedade à cena do que à "ballerine".

"Lenda do amor impossível", "ballet" estreado com arrojados cenários e trajes de Di Cavalcanti, coreografia e ambiente sonoro de Aurélio Milloss marcaria o ponto alto da noite à indesejável beleza do conjunto, verdadeiramente impressionante, os cenários admiráveis de côres, os trajes, as figuras estáticas deram um caráter pitoresco à êste bailado. Ótima também a coreografia. Edith Pudelko estêve magnífica como "ysadora", igualmente convincente Raul Severo vivendo "O artista". Os demais, sêres da floresta, mantendo a unidade requerida.

O último número da noite, "Loteria Vienense", "ballet" satírico com música de Johann Strauss em instrumentação de Claudio Santoro, argumento e coreografia de Milloss, cenário e trajes de Aldo Calvo, representou uma nova no gênero. Sem cair na vulgaridade e aparentemente, conduz a música de Strauss, conseguiu Milloss realizar um bailado agradabilíssimo, de uma graça brilhante e pleno de vida. Com cenários e trajes muito bem concebidos e ótima interpretação por parte das principais figuras — Lia Marques, Raul Severo, Eduardo Sucena, Ingrid Liebl, Aldo Calvo, Ivo Cunha, Ivaldo Vieira, Ruth Rachou, Vera Maia e Yoko Okada.

Além dêsse o programa apresentou mais três bailados. O primeiro, à que não assistimos, "No Vale da Inocência", o segundo, "O Mandarim Maravilhoso" e terceiro, "Loteria Vienense". Nota ótima na apresentação de todos os bailados foi a orquestra, sob regência de Nino Stinco, que executou, com brilho e louvável eficiência os acompanhamentos.

Lia é uma bailarina completa, de amplos recursos, sabendo pela figura: sua dança expressiva, de uma rara evidência clássica, bela e executada, Uboldi, por sua vez, evidenciou méritos excepcionais, dramatizando e dançando com absoluta propriedade a personagem.

Com o mesmo sentido inovador, mas com sentido absolutamente diverso, apresentou Aurélio Milloss, com Lenda do amor impossível: a coreografia mais inspira-se em rumores; e rumores insólitos. Mas que rumores? Os das florestas, pássaros e feras mais estranhos? Não. Os de dançarinos e dançarinas, de fatos há uma lera, a lagos misteriosos, a seres bizarros que habitam recessos ignorados... E o sentido delirante do que é o gênio dêste amor impossível... Curioso a concepção e a coreografia adequada de Milloss. Causa uma estranha impressão que não se pode mensurar, tanto mais que Di Cavalcanti a ambientou e vestiu as personagens com o mesmo espírito, luxo e arte de sempre. A irreprimível sensação de exposições de arte) pretendeu fôsse a excentricidade prova da existência do disco-voador: os marcianos teriam raptado um homem e o levado à estratosfera.

A novidade, confessse-se, agrada: há dentro dela qualquer coisa que surpreende, que suprecende, a graça de uma dança, movimentos que acrdo a alma dos sons. E êsses movimentos, de uma beleza suprema e magnífica Edith Pudelko, arrebatada com brio, por um estilo seu. Raul Severo. Não são menos bailarinos excelentes, são dois excelentes artistas. Merecem a aclamação de todos os seres da floresta — mesmo-asia de bailarinos provectos.

Começou o espetáculo com bailado de linha clássica. No vale da inocência, execução do valor coreográfico de A. Milloss, conjunto, liderança geral de Ady Ador e Raul Severo, e partes de Neyda Rossi e Norma Lopes, Ivo Hild, Aldiro Matte; (amarelo); Eduardo Sucena, Juan Gimpliano e Ricardo Abellan (verde). Sinfonia de Mozart, harmonia perfeita, como o exige a música de Mozart, vazada em linhas puras, como o exige a música de Mozart, vazada em linhas puras, simples e puras. Apesar de apresentar em demasia — a repetição dos passos aumenta a impressão de monotonia, agradou, foi bastante aplaudido, tanto mais que Ady Ador, Neyda Rossi e Raul Severo, já conhecidos do nosso público, como já se acostumaram os demais artistas elogiados, e a disciplina graciosa do conjunto é, um dos títulos de honra do Ballet IV Centenário.

O encerramento Loteria Viennese foi o ótimo feliz: Johann Strauss e suas valsas encantadoras, sempre um encanto, um conforto que já não existe. A instrumentação valorizadora, de Cláudio Santoro. Os cenários dois, ambos de cena bonitos e de Cláudio Santoro. Os cenários dois, ambos de cena bonitos e de Aldo Calvo. Milloss compôs a história amável, comum a duas tradicionais "fins de festa", dançantes, enlevadores. Todos os participantes, pessoas e grupos, aplaudidos com satisfação. Mais uma vez Raul Severo (como êle sabe cansado!) muito bem, como Eduardo Sucena. E Lia Marques, figurinha de sonho, ágil, gracioso. Dançando, aparentemente sem esforço, brilhante, encantadora! — *MARIO NUNES.*

MARIO CABRAL

2.ª Récita do Ballet do IV Centenário

Interpretações: Edith Pudelko (Iara), Mandarim (Ubaldi)

16/36

O SEGUNDO programa do Ballet do IV Centenário, apresentado no Municipal, seria-feira, teve inicio pouco auspicioso, com um bailado que se intitulou, arbitrariamente, de "No Vale da Inocência" com música de Mozart. Não nos pareceu adequada essa simbiose da musica de Mozart com o espírito de um bailado em tutus, com o brilho e o caráter romântico que essa indumentária forçosamente sugere

De resto, o conjunto embora mostre inariavelmente uma admirável disciplina seja pelo material humano de que dispõe, seja pelas características de Aurélio Milloss como coreógrafo, já reveladas na noite de estréia, ("Petruchka", "Indiscrições"), não nos apresentou, até agora, trabalho satisfatório, em matéria de bailado clássico.

Essa incongeniedade é discutida na no "ensemble" da companhia iria repetir-se no número conclusivo do programa, uma longa "suite" de valsas de Strauss, apresentada com belos efeitos de conjunto, mas pletórico, inútente, cansativo, final, com esta brilhação excessiva, já observada também no espetáculo de estréia, com "Fantasia Brasileira".

O segundo número do programa, constituindo-se um entrecho "pré-determinado e à partitura de Bela Bartok, deu-nos o conjunto numa das suas mais eficazes "réussites", com belos cenários de Lasar Segall e uma admirável interpretação dos seus principais personagens, Lia dell'Ara e Cristian Uboldi, e ainda com a eficiente colaboração de Paulo Leandro, Ricardo Abellam e dos três malfeitores, vividos por Ismael Guiser, Michele Barbano e Victor Aukstin.

Sucesso maior, ainda, obteria o bailado seguinte, com entrecho e música de Di Cavalcanti, "Lenda do Amor Impossivel", Trata-se de um bailado sem música, como no "Tzaro" de Serge Lifar. Mas, se, neste, o material de percussão se restringe a uma decorrência com o rufar cadenciado das asas do personagem mitológico, no "ballet" de Di Cavalcanti o ambiente sonoro soube criar uma impressionante ormuleira de sentos sibilantes, de pritos, da articulação de palavras em tugo-guarani que o autor tirou da "Rondônia" de Roquete Pinto), para ilustrar a história da lenda a nde d'água, vivida por Edith Pudelko, escultural, fascinante, que, depois de atrair a ultima vitima impossivel, fulmina a todos e volta para o fundo das aguas.

Milloss fez a êste bailado um tratamento direto, escorreito, despojado de tudo que não fôsse essencial para o desenvolvimento da história. "Lenda do Amor Impossivel" "Petrouchka", "Indiscrições" e "Mandarim Maravilhoso" constituirum, até agora, a melhor contribuição para essa tão discutida temporada do Ballet do IV Centenário, no Rio.

2.ª Récita do Ballet do Centenário

O Ballet do IV Centenário realisou, no Municipal, a sua segunda apresentação, e tocante a casa ea chuva torrencial de sexta-feira não houvesse isolado tôda uma zona da cidade segundo noticiaram os jornais. Dos bailados apresentados na noite passada, dois eram de Di Cavalcanti, figurinista (cenário e trajes), em boa coreografia de Milloss. A bela Yara, Edith Pudelko, cuia, sonhna, a atração do ballet, mãe d'água a grandiosidade dos cenários de Di Cavalcanti, dentro perfeitamente do argumento e do ambiente, em que o Solitário, Raul Severo, soube um trabalho direto de interpretação. Demorando a cooperação da orquestra. Di conseguiu efeitos reais do ambiente da Floresta, com os seus duendes e suas mariposas. Os seres da floresta foram: Maria Yara, Ruth Rachou, Hirsch, Rachel Waimer, Ruth Rachou, Vera Maia e Yoko Okada.

Além dêsse o programa apresentou mais três bailados. O primeiro, à que não assistimos, "No Vale da Inocência", o segundo, "O Mandarim Maravilhoso" e terceiro, "Loteria Vienense". Nota ótima na apresentação de todos os bailados foi a orquestra, sob regência de Nino Stinco, que executou, com brilho e louvável eficiência os acompanhamentos.

Lia é uma bailarina completa, de amplos recursos, sabendo pela figura: sua dança expressiva, de uma rara evidência clássica, bela e executada, Uboldi, por sua vez, evidenciou méritos excepcionais, dramatizando e dançando com absoluta propriedade a personagem.

Com o mesmo sentido inovador, mas com sentido absolutamente diverso, apresentou Aurélio Milloss, com Lenda do amor impossivel: a coreografia mais inspira-se em rumores; e rumores insólitos. Mas que rumores? Os das florestas, pássaros e feras mais estranhos? Não. Os de dançarinos e dançarinas, de fatos há uma lera, a lagos misteriosos, a seres bizarros que habitam recessos ignorados... E o sentido delirante do que é o gênio dêste amor impossivel... Curioso a concepção e a coreografia adequada de Milloss. Causa uma estranha impressão que não se pode mensurar, tanto mais que Di Cavalcanti a ambientou e vestiu as personagens com o mesmo espírito, luxo e arte de sempre. A irreprimível sensação de exposições de arte) pretendeu fôsse a excentricidade prova da existência do disco-voador: os marcianos teriam raptado um homem e o levado à estratosfera.

A novidade, confessse-se, agrada: há dentro dela qualquer coisa que surpreende, que suprecende, a graça de uma dança, movimentos que acrdo a alma dos sons. E êsses movimentos, de uma beleza suprema e magnífica Edith Pudelko, arrebatada com brio, por um estilo seu. Raul Severo. Não são menos bailarinos excelentes, são dois excelentes artistas. Merecem a aclamação de todos os seres da floresta — mesmo-asia de bailarinos provectos.

Começou o espetáculo com bailado de linha clássica. No vale da inocência, execução do valor coreográfico de A. Milloss, conjunto, liderança geral de Ady Ador e Raul Severo, e partes de Neyda Rossi e Norma Lopes, Ivo Hild, Aldiro Matte; (amarelo); Eduardo Sucena, Juan Gimpliano e Ricardo Abellan (verde). Sinfonia de Mozart, harmonia perfeita, como o exige a música de Mozart, vazada em linhas puras, simples e puras. Apesar de apresentar em demasia — a repetição dos passos aumenta a impressão de monotonia, agradou, foi bastante aplaudido, tanto mais que Ady Ador, Neyda Rossi e Raul Severo, já conhecidos do nosso público, como já se acostumaram os demais artistas elogiados, e a disciplina graciosa do conjunto é, um dos títulos de honra do Ballet IV Centenário.

O encerramento Loteria Viennese foi o ótimo feliz: Johann Strauss e suas valsas encantadoras, sempre um encanto, um conforto que já não existe. A instrumentação valorizadora, de Cláudio Santoro. Os cenários dois, ambos de cena bonitos e de Aldo Calvo. Milloss compôs a história amável, comum a duas tradicionais "fins de festa", dançantes, enlevadores. Todos os participantes, pessoas e grupos, aplaudidos com satisfação. Mais uma vez Raul Severo (como êle sabe cansado!) muito bem, como Eduardo Sucena. E Lia Marques, figurinha de sonho, ágil, gracioso. Dançando, aparentemente sem esforço, brilhante, encantadora! — *MARIO NUNES.*

MUNICIPAL — 36

BALLET IV CENTENARIO — NO VALE DA INOCENCIA — MANDARIM MARAVILHOSO — LENDA DO AMOR IMPOSSIVEL — LOTERIA VIENENSE

A hora de começar o espetáculo os assuntos especiadores que haviam elegantes e admiradores, comentavam — Que assunto! Que assunto! Era 21 horas (em chegando, e apupados, decepcionados — Que encheute!

Desabou sobre a cidade, a partir das 20,30, tremendo temporal! O Rio é assim: ou água de menos ou água de mais... Pôr isso a segunda soirée do Ballet IV Centenário começou tarde e terminou aos 45 minutos de sábado e que pôs em evidencia as proporções do segundo programa, como o primeiro longo demais.

A melhor coisa, desse segundo programa, foi O Mandarim Maravilhoso, drama coreográfico composto por Milloss sobre música de Bela Bartok e argumento de Menyhert Lengyel, tendo interpretes principais Lia Della Ara e Cristian Uboldi.

Ajusta-se a dança ao sentido musical (?) da partitura, a expressão desordenada, imputou que se entrecruzam, estranhos, disonantes... Para os leigos, como nós, imperfeitamente iniciados nos mistérios da inarmonia musica e jazz, sentimos precisamente sua falta. Parece-nos que não há anayo, remontamos, isso sim, da origem, de eras cadticas em que numeros estranhos eram a afinação de germens poderosos, que tentavam se realizar. E assim, a amplos e elasticas sonoridades misturavam-se os gritos de desespero, os brados dos angustiados, os alaridos de dor, ao mesmo tempo que não se consumava! A coreografia de Milloss, vivendo o drama como parte de uma realidade que o depredava e que (ele) recebeu estupefatos explorum, trauiscede, é toda de alta beleza, complementa a musica, dá-lhe um sentido humanoso. O Velho e os Estudantes, as mimas vulgares; a Mandarim, porém, encarna o instinto, fôrça que uma vez despertada, nada mais poderá conter, resistindo até o impacto e próprio morte. Contou Milloss com colaboradores magnificos que é perfeição técnica de sua dança juntaram a vigorosa expressão das emoções sentidas, exteriorisadas com sinceridade, na execução sobretudo do artista verdadeiro. Referimo-nos, é claro, ao primeiro plano, dirigido, a Lia Dell'Ara e Cristian Uboldi, e em seguida, a Paulo Leandro, Ricardo Abellan, Ismael Guiser, Michele Barbano e Victor Aukstin que com brilho e louvavel eficiencia os acompanharam.

Lia é uma bailarina completa, de amplos recursos, sabendo pela figura: sua dança expressiva, de uma rara evidencia clássica, bela e executada, Uboldi, por sua vez, evidenciou méritos excepcionais, dramatizando e dançando com absoluta propriedade a personagem.

Com o mesmo sentido inovador, mas com sentido absolutamente diverso, apresentou Aurélio Milloss, com Lenda do amor impossivel: a coreografia mais inspira-se em rumores; e rumores insólitos. Mas que rumores? Os das florestas, pássaros e feras mais estranhos? Não. Os de dançarinos e dançarinas, de fatos há uma lera, a lagos misteriosos, a seres bizarros que habitam recessos ignorados... E o sentido delirante do que é o gênio dêste amor impossivel... Curioso a concepção e a coreografia adequada de Milloss. Causa uma estranha impressão que não se pode mensurar, tanto mais que Di Cavalcanti a ambientou e vestiu as personagens com o mesmo espírito, luxo e arte de sempre. A irreprimível sensação de exposições de arte) pretendeu fôsse a excentricidade prova da existência do disco-voador: os marcianos teriam raptado um homem e o levado à estratosfera.

A novidade, confessse-se, agrada: há dentro dela qualquer coisa que surpreende, que suprecende, a graça de uma dança, movimentos que acrdo a alma dos sons. E êsses movimentos, de uma beleza suprema e magnífica Edith Pudelko, arrebatada com brio, por um estilo seu. Raul Severo. Não são menos bailarinos excelentes, são dois excelentes artistas. Merecem a aclamação de todos os seres da floresta — mesmo-asia de bailarinos provectos.

Começou o espetáculo com bailado de linha clássica. No vale da inocência, execução do valor coreográfico de A. Milloss, conjunto, liderança geral de Ady Ador e Raul Severo, e partes de Neyda Rossi e Norma Lopes, Ivo Hild, Aldiro Matte; (amarelo); Eduardo Sucena, Juan Gimpliano e Ricardo Abellan (verde). Sinfonia de Mozart, harmonia perfeita, como o exige a música de Mozart, vazada em linhas puras, simples e puras. Apesar de apresentar em demasia — a repetição dos passos aumenta a impressão de monotonia, agradou, foi bastante aplaudido, tanto mais que Ady Ador, Neyda Rossi e Raul Severo, já conhecidos do nosso público, como já se acostumaram os demais artistas elogiados, e a disciplina graciosa do conjunto é, um dos títulos de honra do Ballet IV Centenário.

O encerramento Loteria Viennese foi o ótimo feliz: Johann Strauss e suas valsas encantadoras, sempre um encanto, um conforto que já não existe. A instrumentação valorizadora, de Cláudio Santoro. Os cenários dois, ambos de cena bonitos e de Aldo Calvo. Milloss compôs a história amável, comum a duas tradicionais "fins de festa", dançantes, enlevadores. Todos os participantes, pessoas e grupos, aplaudidos com satisfação. Mais uma vez Raul Severo (como êle sabe cansado!) muito bem, como Eduardo Sucena. E Lia Marques, figurinha de sonho, ágil, gracioso. Dançando, aparentemente sem esforço, brilhante, encantadora! — MARIO NUNES.

TERCEIRA RÉCITA DE ASSINATURA

15 DE DEZEMBRO DE 1954

Quarta-feira, 15 de Dezembro de 1954, às 21 horas

Terceira Récita de Assinatura

I

"AS QUATRO ESTAÇÕES"

II

"UIRAPURÚ"

III

"O GUARDA-CHUVA"

IV

"BOLERO"

Colaboradores do Teatro Municipal do Rio de Janeiro:

Carlos Marchese (Diretor de Cêna)

Mario Conde (Cenotécnico)

José Gonçalves (Chefe Maquinista)



BOLERO

AS QUATRO ESTAÇÕES

"Divertimento" coreográfico da ópera "I Vespri Siciliani" de Giuseppe Verdi
Versão coreográfica de Aurélio M. Milloss
Cenário e trajes de Irene Ruchti

Algumas vêzes é mais justo admitir maior volubilidade aos passos de dança do que aos caprichos das estações.

——×——

Intérpretes

EDITH PUDELKO
(A Rainha das Estações)
RAUL SEVERO
(O Príncipe do Amor)

ADY ADDOR
(A Flora nas Estações)
CRISTIAN UBOLDI
(O Fauno do Outôno)

Aladia Centenaro — Anette Monteiro — Elizabeth Sewell — Eveline Barée — Isabel Fernandes — Lúcia Viller — Maria Helena Freire — Myriam Hirsch — Raymonde Carnewall — Siomo Fantauzzi — Vera Maia — Yolanda Verdier
(Os Espíritos do Inverno)

Alzira Máttar
Djalma Brasil — Ismael Guiser — Norberto Neri — Victor Aukstin

Eleonor Orlando — Marisa Magalhães — Neyde Rossi — Noemia Wainer — Oriete Barros — Tatiana Iewlewa — Yara von Lindenau

Eduardo Sucena — Michel Weber — René Chomette — Ricardo Abellan
(As Pastoras e Os Pastores da Primavera)

Acir Giannaccini — Alberto Ribeiro — Álvaro Ribeiro — Francisco Schwartz — Michele Barbano — Paulo Leandro
(Os Camponeses do Verão)

Cecília Nordelli — Helena A. Weber — Luiza Splendore — Maria Helena Freire — Mârika Girláli — Yoko Okada
(Os Espíritos do Outôno)

——×——

Assistente de direção coreográfica: **Edith Pudelko**

——×——

Depois de várias apresentações em outras capitais, esta coreografia reaparece com cenários e trajes idealizados para o Ballet do IV Centenário.

UIRAPURU'

Poema coreográfico em um ato
Argumento e música de Heitor Villa-Lobos
Coreografia de Aurélio M. Milloss
Cenário e trajes de Clóvis Graciano



O GUARDA - CHUVA



TERCEIRA RÉCITA DE ASSINATURA

15 DE DEZEMBRO DE 1954

Quarta-feira, 15 de Dezembro de 1954, às 21 horas

Terceira Récita de Assinatura

uma floresta calma e silenciosa, o "índio feio" anseia pelo amor e imita o
nto do Uirapurú — deus do amor transformado em pássaro.
s Índias, atraídas pelo canto, enfurecem-se ao constatar o engano. Pouco a
ouco, porém, o canto do verdadeiro Uirapurú sobressai por entre os sons da
ata e a mais bela índia dispara a sua flecha, tentando obter o seu amor.
Uirapurú transforma-se no índio bonito" e as índias entregam-se, com êle,
s danças do amor.
) "índio feio" vinga-se, ferindo-o, e transformado novamente em pássaro, o
irapurú desaparece na mata imensa.
ara aquêles que sonhavam com o amôr, só resta novamente a solidão da mata.

——×——

Intérpretes

JUAN GIULIANO
(O Uirapurú)

LIA MARQUES
(A índia bonita)

EDUARDO SUCENA
(O índio feio)

**leonor Orlando — Isabel Fernandes — Maria Helena Freire — Mârika Gidáli
— Oriete Barros — Sioma Fantauzzi — Tatiana Iewlewa — Yara von Lindenau**
(As Indias)

——×——

Assistente de direção coreográfica: **Lia Dell'Ara**

——×——

sta obra de Villa-Lobos aparece pela primeira vez no Ballet do IV Centenário em nova
ersão coreográfica de Aurélio M. Milloss, com cenários e trajes de Clóvis Graciano.

——×——

O GUARDA-CHUVA

**Comédia coreográfica em um ato
Argumento de Oswald de Andrade Filho
Música de Francisco Mignone
Coreografia de Aurélio M. Milloss
Cenário e trajes de Heitor dos Prazeres**

——×——

moça... a beleza e a fôrça de seu guarda-chuva que desmancha castelos
o ar e faz com que as côres percam o seu sentido.

——×——

Intérpretes

NOEMIA WAINER
(A Moça)

RAÚL SEVERO
(O moço)

YOKO OKADA
(A japonezinha)

NORBERTO NERI
(O negro)

Cristian Uboldi — Michele Barbano — Paulo Leandro
(Bêbados)

Cecília Nardelli — Consuelo Griffiths — Helena A. Weber — Rachel Wainer — Ruth Rachou — Susana Faini — Vera Maia — Yára Vizzoni — Alberto Ribeiro — Álvaro Ribeiro — Carlos Villar — Djalma Brasil — Gill Saboya Olympio de Araujo — Ricardo Abellan
(Gente do povo)

——×——

Assistente de direção coreográfica: **Edith Pudelko**

——×——

Esta comédia coreográfica foi criada para o Ballet do IV Centenário de São Paulo.

BOLERO

**Alucinação coreográfica de Aurélio M. Milloss sôbre a música homônima de Maurice Ravel
Coreografia de Aurélio M. Milloss
Cenário e trajes de Oswald de Andrade Filho**

——×——

Desencadeiam-se os sentidos no demoníaco pulsar do tempo. Exasperam-se as estranhas melodias dos corpos invadidos. O paroxismo tudo desfaz, e o tempo finalmente pára.

——×——

LIA DELL'ARA
(A mulher endemoniada)

DJALMA BRASIL
(O demônio)

Ady Addor — Noemia Wainer
(As mulheres em verde)

Ismael Guiser — Juan Giuliano
(Os homens em marron)

Alzira Máttar — Maria Helena Freire — Mârika Gidáli — Oriete Barros — Sioma Fantauzzi — Yara von Lindenau
(As mulheres em azul)

Cecília Nardelli — Eleonor Orlando — Elizabeth Sewell — Helena A. Weber — Marisa Magalhães — Neyde Rossi — Tatiana Iewlewa — Yára Vizzoni
(As mulheres em amarelo)

Acir Giannaccini — Eduardo Sucena — Francisco Schwartz — Michele Barbano — Norberto Neri — Paulo Leandro — Ricardo Abellan — Victor Aukstin
(Os homens em preto e vermelho)

Aladia Centenáro — Eveline Barée — Rachel Wainer — Raymonde Carnewall — Susana Faini — Yoko Okada — Yolanda Verdier

Anette Monteiro — Isabel Fernandes — Lúcia Villar — Myriam Hirsch
(As mulheres em rosa)

Alberto Ribeiro — Álvaro Ribeiro — Oderagy Magnani
(Os homens em azul)

Assistente de direção coreográfica: **Lia Dell'Ara**

Aurélio M. Milloss representou esta sua obra pela primeira vez em 1943 na Ópera de Roma. Em seguida foi apresentada no Scala de Milão, no Teatro Liceu de Barcelona, no **Teatro Colón de Buenos Aires**, e em outros teatros de Madrid, Florença, Genôva, Bologna, Torino, etc. O ballet reaparece agora com novo cenário e trajes.





O GUARDA - CHUVA





1636

RECITA

MAIS uma vez, o Ballet IV Centenário com a apresentação de um ato inteiro criado.

Não diremos que o programa nos interessou, tolo êle, da mesma maneira que os demais. "As quatro estações", por exemplo, "divertimento" coreográfico com maisquinha insignificante de Verdi, conquanto haja dado uma oportunidade de exibição a um ou outro elemento eficiente, a todo o conjunto e aos principais bailarinos solistas, nos pareceu um pouco vazio como concepção, valendo, tão sòmente, como amostra de técnica acadêmica, bizarrona, aliás, nas exigências do classicismo.

Edite Puzzillo, Raul Severo e Addy Addor, esta, principalmente, se mostraram à altura da responsabilidade, nos lances cheios de dificuldades que lhes couberam vencer, dentro do um cenário, como sempre, cheio de cor e luz.

Seguiu-se "Uirapuru", poema coreográfico, com argumento e música de Villa-Lobos.

Aurélio Milloss, alma e corpo do Ballet IV Centenário, tem feito questão, por motivo que só êle explicará, de apresentar coreografias exclusivamente suas. Essa página de Villa-Lobos, de expressiva beleza descritiva, não fugiu à regra. Deu-lhe Milloss nova roupagem, novo aspecto, com cenários e trajes inéditos.

Possìvelmente não valorizou, com isso, o trabalho primitivo. No entanto, ganhou o mesmo um cárater vivo, pela qualidade da apresentação, destacando-se Juan Giuliano no papel principal, mercê de seu físico adequado e a virilidade das suas poses.

Fredricka Mignone colaborou no programa, com, "O Guarda-chuva", com argumento de Oswaldo de Andrade Filho, precisando em exibir coisas agradáveis aos olhos, o que deu lugar a um cenário de belo efeito, trabalho de Heitor dos Prazeres.

A música é de bulìçosa, atrevida, com o arrôjo moderno, porém faltou-lhe elementos folclóricos necessários à exposição das características do ambiente.

Mereceu menção certos efeitos coreográficos, como a bailarinas em equilíbrio sôbre as espáduas de outras "equilibristas". Foi uma invocação que retratou, de maneira convincente, o Rio de ontem, de hoje, de sempre.

O ponto alto, ultíssimo, do programa, foi "Bolero", sôbre a conhecida página que Ravel escreveu para a célebre bailarina Ida Rubinstein.

Coreografia também de Milloss, ela se firma no mesmo motivo que inspirou a criação musical, isto é, os ritmos repetidos, embrionàriamente concebido que vai num crescendo paulatino, mais seguro e contagiante, entrando aos poucos os elementos que deram a coordenação e ordem ao todo, para a conquista da vitória.

Ao primeiro dançarino se vêm um segundo, um terceiro, um quarto e assim por diante, até atingir todo o conjunto, que se despenca, numa demonstração frenética e alucinada de pontas e cambrés.

O palco, dividido em cinco ou seis planos, emoldurado pelo cenário magnífico de uma gruta luminosa e colorida, dá a impressão de um gigantesco caleidoscópio em constante movimento, que se avoluman ante a série de movimentos plásticos, desenvolvendo-se em dessa e inquestionável espírito.

Assistindo, comovidíssimo, o espetáculo, do qual, bem se refletindo em jorros multicores, empresta mais beleza.

A música monótona e sempre igual de Ravel, encontrou em dança de Milloss a adequada interpretação da sua forma fatídica, encolvente.

Yolanda del Ara e Djalma Brasil, valores principais em "Bolero", conduziram com entusiasmo as partes que lhes foram atribuídas. E todo o elenco, unido, quatro vêzes, mereceu aplausos de entusiasmo e lasciva exaltação, contribuindo para o êxito incalgar desse número, o que o público aparentemente, ao fim, ficou inteiro e satisfeito.

Pena é que a orquestra não haja estado na mesma altura. Seu desempenho, sem ressalvas de ordem técnica, não foi muito controlado. Não chegou, todavia, a empanar o brilho dêsse bailado, o maior sucesso, até aqui, do Ballet IV Centenário.

D'OR

MUNICIPAL — 1636

BALLET IV CENTENARIO — AS QUATRO ESTAÇÕES — UIRAPURU — O GUARDA-CHUVA — BOLERO

Ainda uma vez de glória para Milloss e o conjunto coreográfico do Ballet IV Centenário. Graça, harmonia e plasticidade criaram com o concurso de uma orquestra de primeira ordem, sob a competente batuta do maestro Nino Stinco, um espetáculo de real valor artístico. O terceiro espetáculo do Ballet IV Centenário atraiu assistência maior que a dos dois anteriores, efeito dos justos encomiásticos (justos) expendidos por todos nós, especialmente.

Prólogo em aplausos, de início, transformou-os o público em ovação no final, após a apresentação do Bolero, alucinação coreográfica como qualificou o autor sua obra, concepção pictorial e música de Ravel, obedecendo que se manifesta, persiste, vai em um crescendo e é loucura quando chega ao clímax. É interessante notar como os extremos se tocam: a dança frenética dos negros nas macumbas tem êste caráter, e, como magistralmente Ida Dell'Ara a conduziu — magnificamente apoiada por Djalma Brasil no primeiro plano e por todo o conjunto em um mesmo ritmo impressionante — uma dança de possessos.

Admirável o labor de Milloss: compôs com lucida segurança de propósitos não só as duas figuras principais como de todas as outras: as que individualmente se destacam como frase musical embora a mesma sempre diferindo apenas a tonalidade; e as automatas, o acompanhamento musical tradução coreográficamente. As quarenta e duas figuras distribuem-se pela ordem da importancia quadrada quase assim, em sete planos que crescem fantàsticamente e que fazem de diversos tons e intensidades do vêdo. Espendida a impressão produzida. E como a execução nada deixou a desejar, liderada por essa extraordinária Ida Dell'Ara, coleante, elástica, impetuosa, foi enorme o sucesso, os chamados à cena, todos reiterados, exigida a presença de Milloss.

No mesmo programa dois bailados, música e temas brasileiros. Dizem a interpretação e coreografia de Milloss. A música de Villas Lobos Uirapuru, inspirada em motivos nossos tem já sentido universal: oferece largo campo dentro de situações coreográficas: a de Francisco Mignone, O Guarda-Chuva, acentuadamente regional, as vêzes da proporções de um relato.

Há que considerar todavia essencial restrição relativamente a Uirapuru: trata-se de lenda poética criada pelo canto espontâneo do pássaro das nossas selvas que inspirou compositor. Milloss, utilisando embora passos, maneiras e atitudes dos nossos silvícolas, procurou ao passo do compositor, tentou universalizar-lhes o sentido coreográfico mas não o conseguiu: a influência da Grecia heróica e helenica se patenteou em Orfeu dando à bela e concepção e Juan Giuliano, Lia Marques e Eduardo Sucena com brilho deram-lhe realce. E" também essa a brasilidade do cenário de Clovis Graciano.

Já O Guarda-Chuva dá-nos a medida da força de absorção de motivos populares para dêr estética do talento coreográfico de Milloss e uma composição expressiva a que não falta senso humorístico gracioso — interpretou-a trocou de papéis com Fredricka Mignone, a interpretou a trocou de papéis com a bailarina Ida Rubinstein, a quem o bailado foi dedicado com intensa vibração. Muito se destacou Raul Severo que já não surpreende o público com a sua agilidade, seus tours, seus saltos e boa compreensão do caráter da dança. Tese por parceiros Norma Wainer, figurinha de graça, um encanto, de grande sensibilidade, corretas as suas poses: Yoko Okada, a japonezinha, levezinha e galante; e Norberto Neri, em uma estilização de danças negras e em especial do trêco, extraordinário de agilidade e ritmo.

Muito concorre para o êxito o concurso individual de cenários e trajes, especialmente de Cristian Ubaldi, Michele Barbone e Paulo Leandro, três bêbedos. Deveras interessantes o cenário e trajes, cavados e numerosos de Heitor dos Prazeres, especialmente os desenhos infantis.

As quatro estações, Verdi (I Vespri Siciliani) traduzem nas côres e nos movimentos os sentimentos, a volubilidade dos estados de alma, com expontanea simplicidade, feito para o ouvido e para os sentidos de cunho popular. Sob aprêço e imediato e completo. Pôde Ady Addor patentear sua virtuosidade técnica e plasticidade, num conjunto, alegria, estonteante, lançando-se a dança jovial em contínuo, exuberante. Num pequeno acidente desequilíbrio à 15ª primeira evidencia a propriedade e segurança da bailarina que logo se vêre tempo de espírito, e vigorosa dá impressão de segurança e com maior ímpeto rodopiou em seguida. O público aplaudiu com calorosos aplausos muito merecidos. Edith Pudellio manifestou, como sempre acontece, com a perfeição atlética de sempre. Ida Dell'Ara e Djalma Brasil, valores principais em sua dança e harmonia de sua figura de linhas esbeltas. Raul Severo superou-se, se possível nos tours en l'air vertiginosos. E Cristian Ubaldi manteve-se no mesmo nível, emprestando-lhes ao personagem estranha e exótica. Preciosa a colaboração de todos os demais elementos, agrada, enfim, em todos os passos e conjuntos. O mesmo senso festivo estampou-se nos vestuários e côres variegadas e cenário de Heitor dos Prazeres.

Na parte do sucesso do espetáculo deve-se ao excelente comportamento da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo, sob a batuta do maestro Nino Stinco proficientemente dirige, realizando-lhe os méritos. Adquire cada instante maior personalidade, de conotidade expressiva que cria a imagem e a põe em movimento.

MARIO NUNES

BALLET DO IV CENTENÁRIO

1636

Na variedade programática do Ballet do IV Centenário", criado, ao que parece, para dar ensejo a flexibilidade rítmica inteligente, pelo seu admirável organizador, Aurélio Milloss, e que, de vez em quando, é mero pretexto de contemplação, com a mesma, sem conteúdo além de perpassar de imagens que tende até a tornar-se monótono — duas obras, do terceiro e penúltimo programa, antecedem à noite, apresentam-se com ligeira diferença, um ponto significativo de contacto: "Uirapuru", com música de Villa Lobos, e "O Guarda-Chuva, com música de Fredricka Mignone, ambos ràpidamente, em um mesmo ritmo impressionante — uma dança de possessos.

Admirável o labor de Milloss: compôs com lucida segurança de propósitos não só as duas figuras principais como de todas as outras: as que individualmente se destacam como frase musical embora a mesma sempre diferindo apenas a tonalidade; e as automatas, o acompanhamento musical tradução coreográficamente. As quarenta e duas figuras distribuem-se pela ordem da importancia quadrada quase assim, em sete planos que crescem fantàsticamente e que fazem de diversos tons e intensidades do vêdo. Espendida a impressão produzida. E como a execução nada deixou a desejar, liderada por essa extraordinária Ida Dell'Ara, coleante, elástica, impetuosa, foi enorme o sucesso, os chamados à cena, todos reiterados, exigida a presença de Milloss.

No mesmo programa dois bailados, música e temas brasileiros. Dizem a interpretação e coreografia de Milloss. A música de Villas Lobos Uirapuru, inspirada em motivos nossos tem já sentido universal: oferece largo campo dentro de situações coreográficas: a de Francisco Mignone, O Guarda-Chuva, acentuadamente regional, as vêzes da proporções de um relato.

Há que considerar todavia essencial restrição relativamente a Uirapuru: trata-se de lenda poética criada pelo canto espontâneo do pássaro das nossas selvas que inspirou compositor. Milloss, utilisando embora passos, maneiras e atitudes dos nossos silvícolas, procurou ao passo do compositor, tentou universalizar-lhes o sentido coreográfico mas não o conseguiu: a influência da Grecia heróica e helenica se patenteou em Orfeu dando à bela e concepção e Juan Giuliano, Lia Marques e Eduardo Sucena com brilho deram-lhe realce. E" também essa a brasilidade do cenário de Clovis Graciano.

Já O Guarda-Chuva dá-nos a medida da força de absorção de motivos populares para dêr estética do talento coreográfico de Milloss e uma composição expressiva a que não falta senso humorístico gracioso — interpretou-a trocou de papéis com Fredricka Mignone, a interpretou a trocou de papéis com a bailarina Ida Rubinstein, a quem o bailado foi dedicado com intensa vibração. Muito se destacou Raul Severo que já não surpreende o público com a sua agilidade, seus tours, seus saltos e boa compreensão do caráter da dança. Tese por parceiros Norma Wainer, figurinha de graça, um encanto, de grande sensibilidade, corretas as suas poses: Yoko Okada, a japonezinha, levezinha e galante; e Norberto Neri, em uma estilização de danças negras e em especial do trêco, extraordinário de agilidade e ritmo.

Muito concorre para o êxito o concurso individual de cenários e trajes, especialmente de Cristian Ubaldi, Michele Barbone e Paulo Leandro, três bêbedos. Deveras interessantes o cenário e trajes, cavados e numerosos de Heitor dos Prazeres, especialmente os desenhos infantis.

As quatro estações, Verdi (I Vespri Siciliani) traduzem nas côres e nos movimentos os sentimentos, a volubilidade dos estados de alma, com expontanea simplicidade, feito para o ouvido e para os sentidos de cunho popular. Sob aprêço e imediato e completo. Pôde Ady Addor patentear sua virtuosidade técnica e plasticidade, num conjunto, alegria, estonteante, lançando-se a dança jovial em contínuo, exuberante. Num pequeno acidente desequilíbrio à 15ª primeira evidencia a propriedade e segurança da bailarina que logo se vêre tempo de espírito, e vigorosa dá impressão de segurança e com maior ímpeto rodopiou em seguida. O público aplaudiu com calorosos aplausos muito merecidos. Edith Pudellio manifestou, como sempre acontece, com a perfeição atlética de sempre. Ida Dell'Ara e Djalma Brasil, valores principais em sua dança e harmonia de sua figura de linhas esbeltas. Raul Severo superou-se, se possível nos tours en l'air vertiginosos. E Cristian Ubaldi manteve-se no mesmo nível, emprestando-lhes ao personagem estranha e exótica. Preciosa a colaboração de todos os demais elementos, agrada, enfim, em todos os passos e conjuntos. O mesmo senso festivo estampou-se nos vestuários e côres variegadas e cenário de Heitor dos Prazeres.

Na parte do sucesso do espetáculo deve-se ao excelente comportamento da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo, sob a batuta do maestro Nino Stinco proficientemente dirige, realizando-lhe os méritos. Adquire cada instante maior personalidade, de conotidade expressiva que cria a imagem e a põe em movimento.

MARIO NUNES

"BALLET" IV CENTENARIO

A 3ª noite de assinatura do conjunto de "ballet" que tomou a si, ao findar-se, encerrar nossa temporada no Municipal, terá programa de qualificado sucesso, também. A orquestra, eficiente, salvo algumas restrições ligeiras de gosto pessoal do crítico, terá a seu cargo como, aliás, tem sido regra, longo programa com grande parte de classe precedo de "Quatro Estações", com música de "I Vespri Siciliani", onde como sempre, poderá ser apreciada, pelo menos, a vivacidade e disciplina do corpo, de baile, com cenários e trajes de efeito, "Uirapurú", música e argumento de Villa Lobos, letra e coreografia de Milloss, um tanto pesada, pelo não aproveitamento de certas passagens que poderiam ser tido mais sugestivas, servindo-se com isso espetacularmente errado e flautas tem de boas entre de tempo. Detalhes, enfim. "O Guarda-Chuva", coreografia de Oswaldo de Andrade Filho e música de Mignone, foi de efeito pelo lado dos os pontos de vista. "Bolero", de Ravel com coreografia de Oswaldo de Andrade Filho, foi mesmo atualmente de maior interesse ininterrupta, dando o Ida Dell'Ara uma marcante e exacta visão. Nesse número, o mais, provar resistencia quem tivesse ficado, mesmo encerrado e estendido no chão assistir. Mas, o efeito foi admirável. Edith Pudellio, Ady Addor, Lia Marques, Norma Wainer, Yok Okada e seus "partenaires" brilharam, em meio do conjunto a alinhadissimo, como previsto e disciplinado das massas.

O. SEVILACQUA

BALLET IV CENTENÁRIO

O 3º programa organizado pelo Ballet IV Centenário assumiu particular significação devido a apresentação de dois bailados criados por Aurélio de Milloss para uma partitura de autores brasileiros, Villa-Lobos e Francisco Mignone.

Iniciou o espetaculo (dia 15 do corrente) o bailado "As Quatro Estações", divertimento coreográfico de ópera "I Vespri Siciliani", de Verdi. O cenário e os trajes de Irene Ruchti são delicadamente austeros. Sobriedade de côres e de linhas, que não chegam a ser monótonas, dado o seu feitio rigoroso, e adquadissimo, por que ornamental como toda a pintura abstrata. Já a música, marcando ritmos vulgares por isso mesmo, não se coaduna com os mesmos, perfeitamente anacrônica em tal ambiente de modernidade. A dança, — longa, longa, repetida —, evidenciou os recursos do corpo de baile, sobressaindo Edith Rudelico, como a rainha das Estações, heráltica e elegante e Ady Addor, muito graciosa e ágil, como a Flora.

Seguiu-se "Uirapuru", coreografia de Milloss para o bailado de Villa-Lobos. Já conhecemos, creio, a coreografia para "Uirapuru". Ainda obras de expontaneidade e poesia, de Eros Volusia, dias de autenticidade folclórica rigorosa, de Vaslav Veltchek, uma para o Conjunto Coreográfico Brasileiro, das "Operas de Jesus", e outra para o Corpo de Baile do Teatro Municipal. A coreografia de Milloss é a mais idealizada, aquela, em que as danças indígenas, ainda descaracterizadas, são atenuadas por um ar de requinte, selvatico. O cenário de Clovis Graciano é tambem o menos plástico e o menos sugestivo de cuantos o Ballet IV Centenário apresentou, o que me parece ao linha de quem realizou tão finas inspirações para o vigoroso e vivaz "O Atenéu", de Pompeia, em edição recente. A música é de uma riqueza extraordinária e o papel da India Bonita, sinteticamente encarnado, é de uma grande beleza. Recendo amplamente os aplausos recebidos. De grande sensibilidade caracterização e movimentação agrada, enfim, o papel de Uirapuru. Eduardo Sucena foi o Indio Feio. Pena a falta de técnica moderna no "Uirapuru", o mundialmente célebre e famoso bailado.

O terceiro argumento — foi aplaudido já ao levantar do pano. Isso por motivo de ser um bailado de um só ato, apresentando-se com a sparição, mais tarde dos mais bonitos do Carnaval, uma atmosfera extremamente simplicio de arrebalde de mórres cariocas. O compositor taz respirar a cada passo, internacionalmente, acentos e ritmos típicos, de nossa gente e festiva variedade, todo repousando sobre um contraste sábio entre o maleorroso samba carioca e o agitado, frenético frevo pernambucano. A partitura que evoca a atmosfera carnavalesca, em especial característico, em evoca a instrumentação popular de banda urbana, sempre com o desgovernado brilhante e alegre.

Nesse ultimo gênero, aliás descaracterizadas, são atenuadas por um ar de requinte, selvatico. O cenário de Clovis Graciano é tambem o menos plástico e o menos sugestivo de cuantos o Ballet IV Centenário apresentou, o que me parece ao linha de quem realizou tão finas inspirações para o vigoroso e vivaz "O Atenéu", de Pompeia, em edição recente. A música é de uma riqueza extraordinária e o papel da India Bonita, sinteticamente encarnado, é de uma grande beleza. Recendo amplamente os aplausos recebidos. De grande sensibilidade caracterização e movimentação agrada, enfim, o papel de Uirapuru. Eduardo Sucena foi o Indio Feio. Pena a falta de técnica moderna no "Uirapuru", o mundialmente célebre e famoso bailado.

O terceiro argumento — foi aplaudido já ao levantar do pano. Isso por motivo de ser um bailado de um só ato, apresentando-se com a sparição, mais tarde dos mais bonitos do Carnaval, uma atmosfera extremamente simplicio de arrebalde de mórres cariocas. O compositor taz respirar a cada passo, internacionalmente, acentos e ritmos típicos, de nossa gente e festiva variedade, todo repousando sobre um contraste sábio entre o maleorroso samba carioca e o agitado, frenético frevo pernambucano. A partitura que evoca a atmosfera carnavalesca, em especial característico, em evoca a instrumentação popular de banda urbana, sempre com o desgovernado brilhante e alegre.

Nesse ultimo gênero, aliás descaracterizadas, são atenuadas

BALLET DO IV CENTENÁRIO

1636

Na variedade programática do Ballet do IV Centenário", criado, ao que parece, para dar ensejo a flexibilidade rítmica inteligente, pelo seu admirável organizador, Aurélio Milloss, e que, de vez em quando, é mero pretexto de contemplação, com a mesma, sem conteúdo além de perpassar de imagens que tende até a tornar-se monótono — duas obras, do terceiro e penúltimo programa, antecedem à noite, apresentam-se com ligeira diferença, um ponto significativo de contacto: "Uirapuru", com música de Villa Lobos, e "O Guarda-Chuva, com música de Fredricka Mignone, ambos ràpidamente, em um mesmo ritmo impressionante — uma dança de possessos.

Admirável o labor de Milloss: compôs com lucida segurança de propósitos não só as duas figuras principais como de todas as outras: as que individualmente se destacam como frase musical embora a mesma sempre diferindo apenas a tonalidade; e as automatas, o acompanhamento musical tradução coreográficamente. As quarenta e duas figuras distribuem-se pela ordem da importancia quadrada quase assim, em sete planos que crescem fantàsticamente e que fazem de diversos tons e intensidades do vêdo. Espendida a impressão produzida. E como a execução nada deixou a desejar, liderada por essa extraordinária Ida Dell'Ara, coleante, elástica, impetuosa, foi enorme o sucesso, os chamados à cena, todos reiterados, exigida a presença de Milloss.

No mesmo programa dois bailados, música e temas brasileiros. Dizem a interpretação e coreografia de Milloss. A música de Villas Lobos Uirapuru, inspirada em motivos nossos tem já sentido universal: oferece largo campo dentro de situações coreográficas: a de Francisco Mignone, O Guarda-Chuva, acentuadamente regional, as vêzes da proporções de um relato.

Há que considerar todavia essencial restrição relativamente a Uirapuru: trata-se de lenda poética criada pelo canto espontâneo do pássaro das nossas selvas que inspirou compositor. Milloss, utilisando embora passos, maneiras e atitudes dos nossos silvícolas, procurou ao passo do compositor, tentou universalizar-lhes o sentido coreográfico mas não o conseguiu: a influência da Grecia heróica e helenica se patenteou em Orfeu dando à bela e concepção e Juan Giuliano, Lia Marques e Eduardo Sucena com brilho deram-lhe realce. E" também essa a brasilidade do cenário de Clovis Graciano.

Já O Guarda-Chuva dá-nos a medida da força de absorção de motivos populares para dêr estética do talento coreográfico de Milloss e uma composição expressiva a que não falta senso humorístico gracioso — interpretou-a trocou de papéis com Fredricka Mignone, a interpretou a trocou de papéis com a bailarina Ida Rubinstein, a quem o bailado foi dedicado com intensa vibração. Muito se destacou Raul Severo que já não surpreende o público com a sua agilidade, seus tours, seus saltos e boa compreensão do caráter da dança. Tese por parceiros Norma Wainer, figurinha de graça, um encanto, de grande sensibilidade, corretas as suas poses: Yoko Okada, a japonezinha, levezinha e galante; e Norberto Neri, em uma estilização de danças negras e em especial do trêco, extraordinário de agilidade e ritmo.

Muito concorre para o êxito o concurso individual de cenários e trajes, especialmente de Cristian Ubaldi, Michele Barbone e Paulo Leandro, três bêbedos. Deveras interessantes o cenário e trajes, cavados e numerosos de Heitor dos Prazeres, especialmente os desenhos infantis.

As quatro estações, Verdi (I Vespri Siciliani) traduzem nas côres e nos movimentos os sentimentos, a volubilidade dos estados de alma, com expontanea simplicidade, feito para o ouvido e para os sentidos de cunho popular. Sob aprêço e imediato e completo. Pôde Ady Addor patentear sua virtuosidade técnica e plasticidade, num conjunto, alegria, estonteante, lançando-se a dança jovial em contínuo, exuberante. Num pequeno acidente desequilíbrio à 15ª primeira evidencia a propriedade e segurança da bailarina que logo se vêre tempo de espírito, e vigorosa dá impressão de segurança e com maior ímpeto rodopiou em seguida. O público aplaudiu com calorosos aplausos muito merecidos. Edith Pudellio manifestou, como sempre acontece, com a perfeição atlética de sempre. Ida Dell'Ara e Djalma Brasil, valores principais em sua dança e harmonia de sua figura de linhas esbeltas. Raul Severo superou-se, se possível nos tours en l'air vertiginosos. E Cristian Ubaldi manteve-se no mesmo nível, emprestando-lhes ao personagem estranha e exótica. Preciosa a colaboração de todos os demais elementos, agrada, enfim, em todos os passos e conjuntos. O mesmo senso festivo estampou-se nos vestuários e côres variegadas e cenário de Heitor dos Prazeres.

Na parte do sucesso do espetáculo deve-se ao excelente comportamento da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo, sob a batuta do maestro Nino Stinco proficientemente dirige, realizando-lhe os méritos. Adquire cada instante maior personalidade, de conotidade expressiva que cria a imagem e a põe em movimento.

MARIO NUNES

BALLET DO IV CENTENÁRIO

Na variedade programática do Ballet do IV Centenário", criado, ao que parece, para dar ensejo a flexibilidade rítmica inteligente, pelo seu admirável organizador, Aurélio Milloss, e que, de vez em quando, é mero pretexto de contemplação, com a mesma, sem conteúdo além de perpassar de imagens que tende até a tornar-se monótono — duas obras, do terceiro e penúltimo programa, antecedem à noite, apresentam-se com ligeira diferença, um ponto significativo de contacto: "Uirapuru", com música de Villa Lobos, e "O Guarda-Chuva, com música de Fredricka Mignone, ambos ràpidamente, em um mesmo ritmo impressionante — uma dança de possessos.

Admirável o labor de Milloss: compôs com lucida segurança de propósitos não só as duas figuras principais como de todas as outras: as que individualmente se destacam como frase musical embora a mesma sempre diferindo apenas a tonalidade; e as automatas, o acompanhamento musical tradução coreográficamente. As quarenta e duas figuras distribuem-se pela ordem da importancia quadrada quase assim, em sete planos que crescem fantàsticamente e que fazem de diversos tons e intensidades do vêdo. Espendida a impressão produzida. E como a execução nada deixou a desejar, liderada por essa extraordinária Ida Dell'Ara, coleante, elástica, impetuosa, foi enorme o sucesso, os chamados à cena, todos reiterados, exigida a presença de Milloss.

No mesmo programa dois bailados, música e temas brasileiros. Dizem a interpretação e coreografia de Milloss. A música de Villas Lobos Uirapuru, inspirada em motivos nossos tem já sentido universal: oferece largo campo dentro de situações coreográficas: a de Francisco Mignone, O Guarda-Chuva, acentuadamente regional, as vêzes da proporções de um relato.

Há que considerar todavia essencial restrição relativamente a Uirapuru: trata-se de lenda poética criada pelo canto espontâneo do pássaro das nossas selvas que inspirou compositor. Milloss, utilisando embora passos, maneiras e atitudes dos nossos silvícolas, procurou ao passo do compositor, tentou universalizar-lhes o sentido coreográfico mas não o conseguiu: a influência da Grecia heróica e helenica se patenteou em Orfeu dando à bela e concepção e Juan Giuliano, Lia Marques e Eduardo Sucena com brilho deram-lhe realce. E" também essa a brasilidade do cenário de Clovis Graciano.

Já O Guarda-Chuva dá-nos a medida da força de absorção de motivos populares para dêr estética do talento coreográfico de Milloss e uma composição expressiva a que não falta senso humorístico gracioso — interpretou-a trocou de papéis com Fredricka Mignone, a interpretou a trocou de papéis com a bailarina Ida Rubinstein, a quem o bailado foi dedicado com intensa vibração. Muito se destacou Raul Severo que já não surpreende o público com a sua agilidade, seus tours, seus saltos e boa compreensão do caráter da dança. Tese por parceiros Norma Wainer, figurinha de graça, um encanto, de grande sensibilidade, corretas as suas poses: Yoko Okada, a japonezinha, levezinha e galante; e Norberto Neri, em uma estilização de danças negras e em especial do trêco, extraordinário de agilidade e ritmo.

Muito concorre para o êxito o concurso individual de cenários e trajes, especialmente de Cristian Ubaldi, Michele Barbone e Paulo Leandro, três bêbedos. Deveras interessantes o cenário e trajes, cavados e numerosos de Heitor dos Prazeres, especialmente os desenhos infantis.

As quatro estações, Verdi (I Vespri Siciliani) traduzem nas côres e nos movimentos os sentimentos, a volubilidade dos estados de alma, com expontanea simplicidade, feito para o ouvido e para os sentidos de cunho popular. Sob aprêço e imediato e completo. Pôde Ady Addor patentear sua virtuosidade técnica e plasticidade, num conjunto, alegria, estonteante, lançando-se a dança jovial em contínuo, exuberante. Num pequeno acidente desequilíbrio à 15ª primeira evidencia a propriedade e segurança da bailarina que logo se vêre tempo de espírito, e vigorosa dá impressão de segurança e com maior ímpeto rodopiou em seguida. O público aplaudiu com calorosos aplausos muito merecidos. Edith Pudellio manifestou, como sempre acontece, com a perfeição atlética de sempre. Ida Dell'Ara e Djalma Brasil, valores principais em sua dança e harmonia de sua figura de linhas esbeltas. Raul Severo superou-se, se possível nos tours en l'air vertiginosos. E Cristian Ubaldi manteve-se no mesmo nível, emprestando-lhes ao personagem estranha e exótica. Preciosa a colaboração de todos os demais elementos, agrada, enfim, em todos os passos e conjuntos. O mesmo senso festivo estampou-se nos vestuários e côres variegadas e cenário de Heitor dos Prazeres.

Na parte do sucesso do espetáculo deve-se ao excelente comportamento da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo, sob a batuta do maestro Nino Stinco proficientemente dirige, realizando-lhe os méritos. Adquire cada instante maior personalidade, de conotidade expressiva que cria a imagem e a põe em movimento.

MARIO NUNES

BALLET DO IV CENTENÁRIO

1636

Na variedade programática do Ballet do IV Centenário", criado, ao que parece, para dar ensejo a flexibilidade rítmica inteligente, pelo seu admirável organizador, Aurélio Milloss, e que, de vez em quando, é mero pretexto de contemplação, com a mesma, sem conteúdo além de perpassar de imagens que tende até a tornar-se monótono — duas obras, do terceiro e penúltimo programa, antecedem à noite, apresentam-se com ligeira diferença, um ponto significativo de contacto: "Uirapuru", com música de Villa Lobos, e "O Guarda-Chuva, com música de Fredricka Mignone, ambos ràpidamente, em um mesmo ritmo impressionante — uma dança de possessos.

Admirável o labor de Milloss: compôs com lucida segurança de propósitos não só as duas figuras principais como de todas as outras: as que individualmente se destacam como frase musical embora a mesma sempre diferindo apenas a tonalidade; e as automatas, o acompanhamento musical tradução coreográficamente. As quarenta e duas figuras distribuem-se pela ordem da importancia quadrada quase assim, em sete planos que crescem fantàsticamente e que fazem de diversos tons e intensidades do vêdo. Espendida a impressão produzida. E como a execução nada deixou a desejar, liderada por essa extraordinária Ida Dell'Ara, coleante, elástica, impetuosa, foi enorme o sucesso, os chamados à cena, todos reiterados, exigida a presença de Milloss.

No mesmo programa dois bailados, música e temas brasileiros. Dizem a interpretação e coreografia de Milloss. A música de Villas Lobos Uirapuru, inspirada em motivos nossos tem já sentido universal: oferece largo campo dentro de situações coreográficas: a de Francisco Mignone, O Guarda-Chuva, acentuadamente regional, as vêzes da proporções de um relato.

Há que considerar todavia essencial restrição relativamente a Uirapuru: trata-se de lenda poética criada pelo canto espontâneo do pássaro das nossas selvas que inspirou compositor. Milloss, utilisando embora passos, maneiras e atitudes dos nossos silvícolas, procurou ao passo do compositor, tentou universalizar-lhes o sentido coreográfico mas não o conseguiu: a influência da Grecia heróica e helenica se patenteou em Orfeu dando à bela e concepção e Juan Giuliano, Lia Marques e Eduardo Sucena com brilho deram-lhe realce. E" também essa a brasilidade do cenário de Clovis Graciano.

Já O Guarda-Chuva dá-nos a medida da força de absorção de motivos populares para dêr estética do talento coreográfico de Milloss e uma composição expressiva a que não falta senso humorístico gracioso — interpretou-a trocou de papéis com Fredricka Mignone, a interpretou a trocou de papéis com a bailarina Ida Rubinstein, a quem o bailado foi dedicado com intensa vibração. Muito se destacou Raul Severo que já não surpreende o público com a sua agilidade, seus tours, seus saltos e boa compreensão do caráter da dança. Tese por parceiros Norma Wainer, figurinha de graça, um encanto, de grande sensibilidade, corretas as suas poses: Yoko Okada, a japonezinha, levezinha e galante; e Norberto Neri, em uma estilização de danças negras e em especial do trêco, extraordinário de agilidade e ritmo.

Muito concorre para o êxito o concurso individual de cenários e trajes, especialmente de Cristian Ubaldi, Michele Barbone e Paulo Leandro, três bêbedos. Deveras interessantes o cenário e trajes, cavados e numerosos de Heitor dos Prazeres, especialmente os desenhos infantis.

As quatro estações, Verdi (I Vespri Siciliani) traduzem nas côres e nos movimentos os sentimentos, a volubilidade dos estados de alma, com expontanea simplicidade, feito para o ouvido e para os sentidos de cunho popular. Sob aprêço e imediato e completo. Pôde Ady Addor patentear sua virtuosidade técnica e plasticidade, num conjunto, alegria, estonteante, lançando-se a dança jovial em contínuo, exuberante. Num pequeno acidente desequilíbrio à 15ª primeira evidencia a propriedade e segurança da bailarina que logo se vêre tempo de espírito, e vigorosa dá impressão de segurança e com maior ímpeto rodopiou em seguida. O público aplaudiu com calorosos aplausos muito merecidos. Edith Pudellio manifestou, como sempre acontece, com a perfeição atlética de sempre. Ida Dell'Ara e Djalma Brasil, valores principais em sua dança e harmonia de sua figura de linhas esbeltas. Raul Severo superou-se, se possível nos tours en l'air vertiginosos. E Cristian Ubaldi manteve-se no mesmo nível, emprestando-lhes ao personagem estranha e exótica. Preciosa a colaboração de todos os demais elementos, agrada, enfim, em todos os passos e conjuntos. O mesmo senso festivo estampou-se nos vestuários e côres variegadas e cenário de Heitor dos Prazeres.

Na parte do sucesso do espetáculo deve-se ao excelente comportamento da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo, sob a batuta do maestro Nino Stinco proficientemente dirige, realizando-lhe os méritos. Adquire cada instante maior personalidade, de conotidade expressiva que cria a imagem e a põe em movimento.

MARIO NUNES

BALLET DO IV CENTENÁRIO

1636

Na variedade programática do Ballet do IV Centenário", criado, ao que parece, para dar ensejo a flexibilidade rítmica inteligente, pelo seu admirável organizador, Aurélio Milloss, e que, de vez em quando, é mero pretexto de contemplação, com a mesma, sem conteúdo além de perpassar de imagens que tende até a tornar-se monótono — duas obras, do terceiro e penúltimo programa, antecedem à noite, apresentam-se com ligeira diferença, um ponto significativo de contacto: "Uirapuru", com música de Villa Lobos, e "O Guarda-Chuva, com música de Fredricka Mignone, ambos ràpidamente, em um mesmo ritmo impressionante — uma dança de possessos.

Admirável o labor de Milloss: compôs com lucida segurança de propósitos não só as duas figuras principais como de todas as outras: as que individualmente se destacam como frase musical embora a mesma sempre diferindo apenas a tonalidade; e as automatas, o acompanhamento musical tradução coreográficamente. As quarenta e duas figuras distribuem-se pela ordem da importancia quadrada quase assim, em sete planos que crescem fantàsticamente e que fazem de diversos tons e intensidades do vêdo. Espendida a impressão produzida. E como a execução nada deixou a desejar, liderada por essa extraordinária Ida Dell'Ara, coleante, elástica, impetuosa, foi enorme o sucesso, os chamados à cena, todos reiterados, exigida a presença de Milloss.

No mesmo programa dois bailados, música e temas brasileiros. Dizem a interpretação e coreografia de Milloss. A música de Villas Lobos Uirapuru, inspirada em motivos nossos tem já sentido universal: oferece largo campo dentro de situações coreográficas: a de Francisco Mignone, O Guarda-Chuva, acentuadamente regional, as vêzes da proporções de um relato.

Há que considerar todavia essencial restrição relativamente a Uirapuru: trata-se de lenda poética criada pelo canto espontâneo do pássaro das nossas selvas que inspirou compositor. Milloss, utilisando embora passos, maneiras e atitudes dos nossos silvícolas, procurou ao passo do compositor, tentou universalizar-lhes o sentido coreográfico mas não o conseguiu: a influência da Grecia heróica e helenica se patenteou em Orfeu dando à bela e concepção e Juan Giuliano, Lia Marques e Eduardo Sucena com brilho deram-lhe realce. E" também essa a brasilidade do cenário de Clovis Graciano.

Já O Guarda-Chuva dá-nos a medida da força de absorção de motivos populares para dêr estética do talento coreográfico de Milloss e uma composição expressiva a que não falta senso humorístico gracioso — interpretou-a trocou de papéis com Fredricka Mignone, a interpretou a trocou de papéis com a bailarina Ida Rubinstein, a quem o bailado foi dedicado com intensa vibração. Muito se destacou Raul Severo que já não surpreende o público com a sua agilidade, seus tours, seus saltos e boa compreensão do caráter da dança. Tese por parceiros Norma Wainer, figurinha de graça, um encanto, de grande sensibilidade, corretas

QUARTA RÉCITA DE ASSINATURA

17 DE DEZEMBRO DE 1954

Sexta-feira, 17 de Dezembro de 1954, às 21 horas

Quarta Récita de Assinatura

I

"DELICIAE POPULI"

II

"SONATA DE ANGUSTIA"

III

"CAPRICHOS"

IV

"CANGACEIRA"

Colaboradores do Teatro Municipal do Rio de Janeiro:

Carlos Marchese (Diretor de Cêna)

Mario Conde (Cenotécnico)

José Gonçalves (Chefe Maquinista)

ULTIMO PROGRAMA DO BALLET DO CENTENARIO

O "Ballet IV Centenário" apresentou, a um grande público, no Municipal, em quatro récitas de assinatura noturna, dezesseis bailados, todos com coreografia de Milloss, organizador e ensaiador do conjunto. Anteontem à noite concluiu-se a série, cujo fécho fazia firmar-se definitivamente a convicção de que se trata de um empreendimento inédito e notável, no Brasil, pelo entrelaçamento qualitativo da dança, da cenografia e da música. Mas do mesmo passo se verifica a condição paradoxal de que a dança surge antes como virtualidade de um já poderoso instrumento, do que como realização criadora. E' que falta organicidade à maioria das coreografias a que assistimos. No balanço dos programas, afirma, na sucessão dos cinco quadros coreográficos, uma presença de atuante: largos planejamentos, de cênes mais repousantes ou severas do que vivas, empanderadas, ou claro, naturalmente, sôbre dois grandes cavaletes, de cada lado da cena, cujo fundo é uma cortina negra.

Deliciae Populi tem música de Casella, baseada nas geniais Sonatas para piano de Scarlatti. A partitura conserva uma parte publicista importante que Piera Brizzi traduziu com muito esmêro. E ao ser interpretada coreográficamente nos dá mais um exemplo de um predicado raro de Milloss — a capacidade de projetar a dança em uma atmosfera análoga da música, porque, de fato, a vexge as listas, ao piano, o maestro Souza Lima e a pianista Piera Brizzi, e destacados interpretes, no palco, Lia Dell'Ara, Edith Pudelko, Cristian Uboldi, Eduardo Sucena, Ismael Guiser, ao lado de outros.

Humoristico, o ballet **Caprichos**, sôbre "Dias pequenas suites", de Strawinsky, fêz rir a parte do público mais facilmente predisposta ao que aplaudiu com entusiasmo o solo, aliás curioso e ágil, de Juan Giuliano, levando-o a bis. Lia Dell'Ara, Juan Giuliano, Raul Severo e numerosos outros, dançaram, esmeradamente. Ase ballet caricatural, cujos cenário e trajes, de bastante caráter, e original e apropriada, são de Toti Scialoja.

Por fim, a **Cangaceira**, sôbre a

DELICIAE POPULI

Concêrto mímico em cinco movimentos de Aurélio M. Milloss sôbre a música "Scarlattiana" de Alfredo Casella
Coreografia de Aurélio M. Milloss
Cenários e trajes de Tomás Santa Rosa

São as figuras da Comedia Dell'Arte com seus "imbrogli" que ilustram as melodias de Domenico Scarlatti? — Ou já são cordiais conversações entre Casella e Milloss dando nova moral a êstes fantasmas do passado napolitano?!

Intérpretes

ADY ADDOR (Rosetta) — ALZIRA MATTAR (Isabella) — NOEMIA WAINER (Pastorella)
CRISTIAN UBOLDI (Arlecchino) — JUAN GIULIANO (Pulcinella) — RAUL SEVERO (Pastorello)
Helena A. Weber (Governante de Rosetta) — Ismael Guiser (Pantalone) — Alberto Ribeiro (Cinzio)
Victor Aukstin (Brighella) — Paulo Leandro (Capetano) — Michelle Barbano (Brigante)
Sioma Fantauzzi — Yara von Lindenau (Damigelle)
Neyde Rossi — Susana Faini — Yara Vizzoni — Yolanda Verdier (Popolane)
Djalma Brasil (Tartaglia) — Francisco Schwartz (Florindo)

Solista de piano: **Piera Brizzi**

Assistente de direção coreográfica: **Edith Pudelko**

Desde 1943 que êste ballet vem sendo apresentado em cidades como Paris, Roma, Florença, Estocolmo, Buenos Aires.
Para a presente remontagem foram criados novos cenários e trajes.

SONATA DE ANGUSTIA

Ballet misterio em três tempos de Aurélio M. Milloss, para ser executado simultâneamente com a música "Sonata" para dois pianos e instrumentos a percussão de Bela Bartók
Coreografia de Aurélio M. Milloss
Cenário e trajes de Darcy Penteado

Sob o signo do Ignoto, nem a fantasia pode salvar a poesia, se não se aceitar, também, a angústia como musa.

Intérpretes

LIA DELL'ARA (A Angústia) — EDITH PUDELKO (A Rainha do Ignoto)
CRISTIAN UBOLDI (A Fantasia) — EDUARDO SUCENA (O Poeta)

ISMAEL GUISER (O Espectro da Perdição)

Alzira Máttar — Ricardo Abellan (A Miséria: mendigos)
Marisa Magalhães — Djalma Brasil — Paulo Leandro (A Traição: noiva perdida, soldado ferido, louco)
Eleonor Orlando — Victor Aukstin (A Corrupção: prostituta, especulador)

SOLISTAS DE PIANO

Sylla Jaffe
1636

"BALLET IV CENTENÁRIO"

Ultima récita)

A quarta e última récita de assinatura noturna da temporada do "Ballet IV Centenário", que teve lugar sexta-feira última, no Teatro Municipal, constituiu-se em um espetáculo sumamente agradável, em que ficou mais uma vez evidenciado o alto nivel atingido pelo conjunto paulista, em especial no que se refere à disciplina e homogeneidade do corpo de baile.

Como primeiro número do programa tivemos "Deliciae Populi", concêrto mímico em cinco movimentos, de Aurélio Milloss, sôbre a música "Scarlattiana", de Alfredo Casella, com coreografia de Milloss, cenários e trajes de Santa Rosa.

Apresentando sucessivamente alguns dos famosos mascarados da Commedia dell'Arte (erroneamente apontados no programa como "fantasmas do passado napolitano"), oferece "Deliciae Populi" momentos de grande interêsse pela variedade de tipos e o imprevisto das situações. Este bailado pa medida do que possa ser absorvido por um estudo de gravuras, peças e objetos da época representa não um mero decalque, mas o próprio espírito da Commedia dell'Arte. Os belos e adequados trajes de Santa Rosa, de côres vivas e agradáveis, em muito contribuiram para o êxito de "Deliciae Populi", o mesmo se podendo dizer do admirável partitura musical que é "Scarlattiana" de Casella.

O vibrante e impetuoso "Arlecchino" foi interpretado com muita propriedade por Cristian Uboldi. Ady Addor, com a graça e leveza que lhe são peculiares, foi uma encantadora "Rosetta"; Juan Giuliano, vivendo o famoso valentão "Pulcinella" (êste sim, napolitano), soube transmitir ao público tôda a ingenuidade e a pueza encerradas. Alzira Mattar, foi uma brilhante "Isabella". Raul Severo foi um convincente "Pastorello", sendo Noemia Wainer uma "Pastorella" romântica, sensível e de comovente fragilidade. Dentre os mais, destacou-se Ismael Guiser, o "Pantalone", mascara veneziana. Conjunto disciplinado, mantendo o devido equilibrio. Regular a Orquestra Municipal de São Paulo, tendo à frente Nino Stinco.

Nos difíceis solos de piano, atuou com muita proficiência a pianista Piera Brizzi.

"Sonata de Angústia", "ballet" misterio de Milloss, com música de Bela Bartok (Sonata para dois pianos e instrumentos de percussão), cenário e trajes de Darcy Penteado, foi o segundo número da noite. Interessante em sua concepção, revela a absoluta fidelidade com que Milloss trata a música, a ela submetendo inteiramente a coreografia, não apenas no que se refere ao ritmo, mas em sua estrutura profunda: arquitetura formal como sentimento. Além disso, Milloss procura dar às suas figurações plásticas um toque de sensibilidade e emoção romântica. Muito dançado, desenvolvido em animação continua segundo o fluxo constantemente renovado da música, de grande beleza, é "Sonata de Angústia" um bailado abstrato sem ser mecânico, filosófico sem ser psicológico. A admirável bailarina que é Lia Dell'Ara, com sua inteligência impressionante e sua marcante personalidade, serviu-se ficou de maneira perfeita "A Angústia". Majestosa e imponente, embora um pouco fria, esteve Edith Pudelko como a "Rainha do Ignoto".

Muito convincentes também Cristian Uboldi ("A Fantasia"), Eduardo Sucena ("O Poeta") e Ismael Guiser ("O Espectro da Perdição"). Bons os demais. Ótima a participação pianistica de Souza Lima e Piera Brizzi, respectivamente.

"Caprichos", sarcasmos tragicômicos de Milloss sôbre música de Strawinsky, com cenário e trajes de Toti Scialoja, constituiu-se em um divertido e agradável espetáculo, logrando alcançar grande sucesso. Lia dell'Ara, muito bem caracterizada, esteve admirável como a "Maitresse". Juan Giuliano, insuperável como o "boneco-regente", dando belas demonstrações de tecnica e virtuosismo. Bons também Raul Severo e os demais, destacando-se o "grupo russo" (Ady Ador, Actr Giannacini e Francisco Schwartz). Cenário simples e interessante a que não faltou uma nota de humor qual seja a inclusão da caricatura do compositor Igor Strawinsky, e trajes adequados. Uma nota destoante neste "ballet" foi porém o emprêgo da palavra, que corresponde a uma negação do poder da mimica.

Com belos trajes e cenários de Flávio de Carvalho e música de Camargo Guarnieri, foi "A Cangaceira" o último número da noite. Segundo reza o programa, êste "ballet", retrato coreográfico de Milloss, Flávio de Carvalho e Camargo Guarnieri, não representa a história de uma cangaceira, mas é o quadro do seu destino. De concepção interessante, pecou porém por uma certa monotonia, resultando também bastante sombrio. Interpretação excelente, brilhando como "A Cangaceira" Edith Pudelko. Ótimo, ao piano, Lydia Simões, grande intérprete de Camargo Guarnieri.

De modo geral, malgrado alguns senões já assinalados em nossas precedentes críticas, representa o "Ballet IV Centenário" uma realização de grande envergadura, digna dos melhores aplausos e que deve absolutamente continuar, a bem da arte brasileira.

1636

BALLET DO IV CENTENARIO

O último programa da série de assinatura deste magnífico conjunto paulista foi um digno fecho para a mesma. Pode-se louvar como impressão geral das atuações deste corpo de baile, não só o nível elevado dos primeiros, virtualmente solistas, já se vê, mas a disciplina, a precisão e boa composição dos movimentos, embora a responsabilidade constante das coreografias pesando sobre os ombros de Milloss deixasse sentir certa monotonia nas evoluções coreográficas, tanto mais que neste corpo de baile não se teme o exotismo de desenvolvimentos que redundariam, às vezes, em simples repetições de evolução de "ballet" clássico, nem sempre bem elemento, aliás, para compor teatro com sim. Bastaria lembrar o que só a leitura muito atenta do programa teria certo tempo, mal dissimula os cortes de música de Camargo Guarnieri que se desenvolvia mais variado, nas suas oito variações. Diga-se, entretanto, e louve-se, a cordialidade com que sempre foram aceitadas as partituras; sem culpa alguma, elas, de, às vezes, serem um pouco longas demais para dança. A parte musical teve colaboradores do nível de Souza Lima, Lydia Simões, Piera Brizzi e outros, de elevada categoria. No último programa "Caprichos" conseguiu justificado interesse com a brilhante realização coreográfica das "Sinfonias" de Strawinsky, alegre, de significação clara, sugestiva. Juan Giubiano foi um bonco-regente espetacular. A "Sonata de Angustia", criada para ilustrar a música da "Sonata para dois pianos e instrumentos de percussão" de Bela Bartók, foi dos que apresentaram de apelos às indicações do programa. Difícil manter, coreograficamente, a nível de intensidade da peça Bartók, em toda a sua extensão. Souza Lima e Piera Brizzi arcaram com as responsabilidades da execução com a proficiência já exigida. "Delicia Populi", se não foi além de uma simplista

Lydia Simões, Piera Brizzi e apresentação de ballet clássico, como coreografia, teve o valor-lhe a Scarlattiana de Casella, na beleza, de quase sempre, dos cenários e indumentárias do conjunto paulista e a profusão de dotes de Ady Addor, A. Mattar, N. Wiser, amparadas por C. Uboldi, Giubiano, R. Severo e demais solistas e elementos do conjunto; impossível de evitar, por tão numerosos, neste último programa, não poderem deixar de ser citados também — Lia Dell'Ara, Edith Pudelko, Ed. Sucena, Ismael Guiseri. Todos, enfim, que se movimentaram ao som da boa orquestra, sob a direção de N. Stinco e aos ricos e impressionantes cenários de Santa Rosa, P. Penteado, T. Scialoja e Flavio de Carvalho.

O. BEVILACQUA

I

"DELICIAE POPULI"

II

"SONATA DE ANGUSTIA"

III

"CAPRICHOS"

IV

"CANGACEIRA"

Colaboradores do Teatro Municipal do Rio de Janeiro:

Carlos Marchese (Diretor de Cêna)

Mario Conde (Cenotécnico)

José Gonçalves (Chefe Maquinista)

ULTIMO PROGRAMA DO BALLET DO CENTENARIO

O "Ballet IV Centenário" apresentou, a um grande público, no Municipal, em quatro récitas de assinatura noturna, dezesseis bailados, todos com coreografia de Milloss, organizador e ensaiador do conjunto. Anteontem à noite encerrou-se a série, cujo fécho faz firmar-se definitivamente a convicção de que se trata de um empreendimento inédito e notável, no Brasil, pelo entrelaçamento qualitativo da dança, da cenografia e da música. Mas do mesmo passo se verifica a condição paradoxal de que a dança surge antes como virtualidade de um já poderoso instrumento, do que como realização criadora. E que falta organicidade à maioria das coreografias a que assistimos. No balanço dos três espetáculos anteriores, entretanto, cumpre reter três ballets brasileiros, o que não deixa de constituir uma safra considerável: o lan musical ballet silencioso de Di Cavalcanti, povoado de ruidosa alegria de sugestão plástica— **Lenda de amor impossível**; o **Uirapuru**, onde a música de Villa Lobos domina a muito vitalmente uma coreia realização cênica; e **O guarda-chuva**, com música de Francisco Mignone, em que a coreografia de Milloss entra como um fator de delicado equilíbrio alcançado pelos diversos elementos que o constituem: a partitura, o argumento de Oswald de Andrade Filho, a cenografia, a contribuição cenográfica de Heitor dos Prazeres.

A musica, muitas vêzes, preciosista, ao se formar o repertório do "Ballet IV Centenário", e por isso o seu quase sempre ótimo emprêgo — escolha e execução, sob a referência do maestro Nino Stinco — se deveu a um senso esclarecido de organização artística que nunca será demais louvar. Os cenários e indumentárias, porém, resgretam uma tarefa integral de criação, que guarda identidade de origem com o próprio ballet de Milloss, o faz, a êsse título, assumir a fôrça de um movimento impressionante de congregação de alguns dos nossos maiores artistas plásticos, que só terá precedentes, não ao Brasil mas no mundo, na grande época de Diaghilev, na grande época de Diaghilev, com Chanam-de Portinari, Di Cavalcanti, Lazar Segall, Santa Rosa, Noemia, Roberto Burle-Marx, Flávio de Carvalho, Aldo Calvo (diretor da cenografia e minitagem cênica), Heitor dos Prazeres, Clovis Graciano, Irene Ruchti, Quirino da Silva, Oswald de Andrade Filho, Anahory, os responsáveis por êsse relêvo cênico dos espetáculos.

Ainda na última récita, que completou a exibição das dezesseis obras do repertório, a primeira estreiada, **Delicia Populi**, foi encenada, com interêsse marcante, por Santa Rosa. Sem nenhum sacrifício a modelos tradicionais, mas dentro do estilo próprio, os trajes desenhados pelo famoso pintor, destacam numerosas personagens grassas da "Comédia Dell'Arte" na sua essencialidade, o cenário

afirma, na sucessão dos cinco quadros coreográficos, uma presença atuante; largos planejamentos, de cores mais repousantes ou severas do que vivas, embandeirados, ou caindo, naturalmente, sôbre dois grandes cavaletes, de cada lado da cena, cujo fundo é uma cortina negra.

Deliciae Populi tem música de Casella, baseada nas geniais Sonatas para piano de Scarlatti. A sua partitura conserva uma parte pianística importante, que Piera Brizzi traduziu com muito esmêro. E ao ser interpretada coreográficamente nos dá mais um exemplo de um predicado raro de Milloss — a capacidade de projetar a dança em uma atmosfera análoga da música, porque, de fato, a verve, as efusões, ao que Mário de Andrade chama de pererequice napolitana da música de Scarlatti, pode corresponder, com bastante adequação, os sentimentos que animam o saudável cambiante coreógio. Milloss porém, suscita aí a ambiência, sem que a obra, por assim dizer, crie corpo. Restam detalhes saborosos a destacar da ronda graciosa de Ady Addor, Alzira Máttar, Noemia Wainer, Cristian Uboldi, Juan Giuliano, Raul Severo, e numerosos outros. De resto, mesmo no capítulo das relações da música com a coreografia, cumpre salientar que a deliciosa Sonata correspondente ao segundo quadro do ballet tem um irresistível caráter marcial que não permitte o amolentamento observado. Há maravilhosas Sonatas lentas de Scarlatti, mas prôpriamente para o adágio, na dança segunda a partitura de Casella, aliás, da exemplo. Aquela é das que mais sugerem, entretanto, vivacidade pitoresca, um indivíduo "elan", feito de impulso vital e de transbordamento de espírito.

Se essa obra revelou uma intenção ou um significado cultórico, a segunda, sôbre a Sonata para dois pianos e instrumentos de percussão de Béla Bartók, era um ensaio quase de pesadelo, que a constante tensão emocional da música alimenta. No palco, a rubra luz do cenário de Darcy Penteado, silenciou também dos vestiários tão significativos, envolve uma espécie de campo de concentração onde se amontoa tôda a casta de infelizes, encalçada por uma figura demoníaca e por uma outra figura negro e esfarrapado mantendo um morcêgo. A escritura de Béla Bartók, nos dois pianos, é inteiramente cerrada, de profunda interêsse musical, e produz um efeito quase sempre sombrio, que a percussão acentua, e só se eleva, a certo trecho, com a ajuda relá, a maior de sinfonie. Chama-se **Sonata de Angustia**, êsse ballet, e o nome está bem aplicado. No final atinge a uma tragicidade desamparada e quase sórdida. Sem embargo, falta variedade à sua forma coreográfica, e o efeito geral não logra, por isso, a uma certa monotonia. Foram excelentes as-

listas, ao piano, o maestro Souza Lima e a pianista Piera Brizzi; e destacados intérpretes, no palco, Lia Dell'Ara, Edith Pudelko, Cristian Uboldi, Eduardo Sucena, Ismael Guiser, ao lado de outros.

Humorístico, o ballet **Caprichos**, sôbre "Duas pequenas suites", de Strawinsky, fêz rir a parte do público mais fàcilmente predisposta a que aplaudiu com entusiasmo a graça, aliás curiosa e ágil, de Juan Giuliano, levando-o a bis. Lia Dell'Ara, Juan Giuliano, Raul Severo, numerosos outros, dançaram, esmeradamente, êsse ballet caricatural, cujos cenários e trajes, de bastante caráter, é a originalidade apropriada, são de Toti Scialoja.

Por fim, a **Cangaceira**, sôbre a música — Temas com dez variações, para piano e orquestra — de Camargo Guarnieri. Aqui, como em **Uirapuru**, de Villa Lobos, porém, ao contrário dêste, quebrando o equilíbrio de conjunto da obra, assume a música uma preponderância que absorve todo o interêsse do espectador. O cenário e os trajes de Flávio de Carvalho compõem agradavelmente o quadro. E a obra principia bem, mergulhada a cena em obscuridade, quando o tema das Variações, dolente e nostálgico, sôa na orquestra. Ao entrar, vivaz, o piano o palco se ilumina, mas dir-se-ia que o fêz quase em vão, anteontem porque a obra, coreográficamente, não consegue impor-se, ou ser aceita pelo público, dadas suas características amorfas, ou descaracterizadas. E' possível que as condições aqui descritas se modifiquem em circunstâncias diversas. Informam-me de que ocorreram alterações de última hora no que se refere ao andamento da música, responsáveis, embora musicalmente certas, pela maior limitação da coreografia. O que teria defraudado o rendimento, no ensaio geral, obtido anteontem, no mérito das criações plásticas de Flávio de Carvalho. O público, de resto, surpreendeu a fadiga de mais um espetáculo excessivamente longo. Por mim, prefiro-me na música de Camargo Guarnieri que é das mais belas e vigorosas do mestre paulista e em cuja execução sobressaiu, ao piano, o reconhecido talento de Lúcia Simões. Música onde há linhas melódicas que se desdobram, interminas, e a virtuosismo sempre presente, de uma invenção fecunda.

Não concluirei as apreciações que fazes quatro espetáculos despertam sem acentuar o mérito que reverte a Milloss de seleção, organização e treinamento do seu corpo homogêneo, e disciplinado corpo de baile. Tem em mãos elementos preciosos para uma obra que deve prosseguir sendo as mutações que a atual experiência vejo aconselhar, mas sempre sob o mesmo signo de disciplina com o que houver de melhor em música e artes plásticas.

EURICO NOGUEIRA FRANÇA

DELICIAE POPULI

Concêrto mímico em cinco movimentos de Aurélio M. Milloss sôbre a música "Scarlattiana" de Alfredo Casella
Coreografia de Aurélio M. Milloss
Cenários e trajes de Tomás Santa Rosa

São as figuras da Comedia Dell'Arte com seus "imbrogli" que ilustram as melodias de Domenico Scarlotti? — Ou já são cordiais conversações entre Casella e Milloss dando novo moral a êstes fantasmas do passado napolitano?!

Intérpretes

ADY ADDOR (Rosetta)
ALZIRA MÁTTAR (Isabella)
NOEMIA WAINER (Pastorella)
CRISTIAN UBOLDI (Arlecchino)
JUAN GIULIANO (Pulcinella)
RAUL SEVERO (Pastorello)
Helena A. Weber (Governante de Rosetta)
Ismael Guiser (Pontalone)
Alberto Ribeiro (Cinzio)
Victor Aukstin (Brighella)
Paulo Leandro (Capetano)
Michelle Barbano (Brigante)
Sioma Fantauzzi — Yara von Lindenau (Damigelle)
Neyde Rossi — Susana Faini — Yara Vizzoni — Yolanda Verdier (Popolane)
Djalma Brasil (Tartaglia)
Francisco Schwartz (Florindo)

Solista de piano: **Piera Brizzi**

Assistente de direção coreográfica: **Edith Pudelko**

Desde 1943 que êste ballet vem sendo apresentado em cidades como Paris, Roma, Florença, Estocolmo, Buenos Aires.
Para a presente remontagem foram criados novos cenários e trajes.

SONATA DE ANGUSTIA

Ballet mistério em três tempos de Aurélio M. Milloss, para ser executado simultâneamente com a música "Sonata" para dois pianos e instrumentos a percussão de Béla Bartók
Coreografia de Aurélio M. Milloss
Cenário e trajes de Tarcy Penteado

Sob o signo do Ignoto, nem o fantasia pode salvar a poesia, se não se aceitar, também, a angústia como musa.

Intérpretes

LIA DELL'ARA (A Angústia)
EDITH PUDELKO (A Rainha do Ignoto)
CRISTIAN UBOLDI (A Fantasia)
EDUARDO SUCENA (O Poeta)
ISMAEL GUISER (O Espectro da Perdição)
Alzira Máttar — Ricardo Abellan (A Misória: mendigos)
Marisa Magalhães — Djalma Brasil — Paulo Leandro (A Traição: noiva perdida, soldado ferido, louco)
Eleonor Orlando — Victor Aukstin (A Corrupção: prostituta, especulador)
SOLISTAS DE PIANO

1636

O último conjunto paulista a lançar-se ao mesmo só o nível já se vê, mas também, também pesando sobre [illegible] nas exi

de baile não se teme o exceso de desenvolvimentos que redundavam, às vezes, em simples repetição de módulo de "ballet" clássico, nem sempre bem elementos, aliás, para compor teatro com sinfonismo que só a leitura musical atenta do programa leva a bem articular. Foi, por exemplo, o de que sofreu "Cangaceira", onde a rica mentagem cenográfica, no fim de certo tempo, mal desviava as atenções da música de Camargo Guarnieri que é, aliás, sempre variada, nas suas oito variações. Diga-se, entretanto, e lisonjeiro, é o embrulhade com que sempre foram acolhidas as partituras, sem culpa alguma, elas, de, as vezes, serem um pouco longas demais para dança. A parte musical teve colaboradores do nível de Souza Lima,

QUARTA RÉCITA DE ASSINATURA

17 DE DEZEMBRO DE 1954

Sexta-feira, 17 de Dezembro de 1954, às 21 horas

Quarta Récita de Assinatura

1º piano — SOUZA LIMA

2º piano — PIERA BRIZZI

TIMPANO
Ernesto de Lucca

XILOFON
Antonio Torchia

PERCUSSÃO
Vicente Gino Gentil

Assistente de direção coreográfica: Edith Pudelko

Este ballet foi criado para o Ballet do IV Centenário.

CAPRICHOS

Sarcasmos tragicômicos de Aurélio M. Milloss em fórma das músicas de "Deux petits Suites", de Igor Strawinsky

Coreografia de Aurélio M. Milloss

Cenário e trajes de Toti Scialoja

Não é de se admirar a amargura destas comédias, se vãs são as lágrimas da "Maitrasse" ao ver seu boneco-regente morrer de "Mal-de-pança"!

Intérpretes

LIA DELL'ARA (A Maîtresse) — JUAN GIULIANO (O Regente)

RAUL SEVERO
(O Bailarino com a trombeta preta)

Ady Addor — Acir Giannaccini — Francisco Schwartz
(O Grupo Russo)

Raymonde Carnewall — Norberto Neri
(O Duo Napolitano)

Helena A. Weber — Ismael Guiser
(A Espanhola louca) — (O Oficial que valsa)

Maria Helena Freire — Márika Gidáli — Tatiana Iewlewa
(As Dancarinas de Polka)

Assistente de direção coreográfica: **Lia Dell'Ara**

Este ballet foi representado pela primeira vez em Roma em 1943.

CANGACEIRA

Retrato coreográfico de Camargo Guarnieri, Flávio de Carvalho e Aurélio M. Milloss,, em forma de "tema com 8 variações"

Música de Camargo Guarnieri

Coreografia de Aurélio M. Milloss

Cenários e trajes de Flávio de Carvalho

Este ballet não representa a história de uma cangaceira, mas é o quadro do seu destino com a visão do presente — as recordações da infância — o defloramento — a entrada no cangaço pela magia da superstição — a vida desencadeada — a tentação com o homem santo — a crise religiosa — a reação vendálica e solidão.

Intérpretes

EDITH PUDELKO
(A Cangaceira)

Cristian Uboldi — Djalma Brasil — Francisco Schwartz — Ismael Guiser — Juan Giuliano — Victor Aukstin
(Os Cangaceiros)

Norberto Neri — Olympio de Araujo
(Os Políticos)

Alvaro Ribeiro — Paulo Leandro
(Os Homens Santos)

Neyde Rossi — Noemia Wainer (A Louca)
Helena A Weber — Tatiana Iewlewa (A Feiticeira)

Susanna Faini — Yara von Lindenau (A Burguesa)
René Chomette — Ricardo Abellan (O Recém-Casado)

Aladia Centenaro — Yoko Okada (A Professôra)
Acir Giannaccini — Gill Saboya (O Farmacêutico)

Carlos Villar — Michele Barbano (O Caipira)
Alberto Ribeiro — Mozart Xavier (O Trabalhador)

Cecilia Nardelli — Rachel Wainer (A Mãe)

Consuelo Griffiths — Lucio Villar (A Mulher do Povo)
Márika Gidali — Sioma Fantauzzi (A Mulher com moringa)

Marisa Magalhães — Vera Maia (O Fantasma da horta)
Yára Vizzoni — Yolanda Verdier (O Ser vegetal)

Alzira Mattar — Anette Monteiro — Isabel Fernandes — Maria Helena Freire — Myriam Hirsch — Oriete Barros
(As Primeiras comungantes)

Eveline Barée — Elizabeth Sewell — Raymonde Carnewall — Ruth Rachou — Michel Weber — Oderagy Magnani
(As Estátuas míticas)

Solista de piano: **Lydia Simões**

Assistente de direção coreográfica: **Lia Dell'Ara**

Criação absoluta para o Ballet do IV Centenário de São Paulo.

Sala São Paulo
1636

"BALLET IV CENTENÁRIO"

Ultima récita

A quarta e última récita de assinatura noturna da temporada do "Ballet IV Centenário", que teve lugar sexta-feira última, no Teatro Municipal, constituiu-se em um espetáculo sumamente agradável, em que ficou mais uma vez evidenciado o alto nível atingido pelo conjunto paulista, em especial no que se refere à disciplina e homogeneidade do corpo de baile.

Como primeiro número do programa tivemos "Deliciae Populi", concêrto mímico em cinco movimentos, de Aurélio Milloss, sôbre a música "Scarlattiana", de Alfredo Casella, com coreografia de Milloss, cenários e trajes de Santa Rosa.

Apresentando sucessivamente alguns dos famosos máscaras da Commedia dell'Arte (erroneamente apontados no programa como "fantasmas do passado napolitano"), oferece "Deliciae Populi" momentos de grande interêsse pela variedade de tipos e de imprevisto das situações. Este bailado, na medida do que possa ser absorvido por um estudo de gravuras, peças e objetos da época, representa não um mero decalque, mas o próprio espírito da Commedia dell'Arte. Os belos e adequados trajes de Santa Rosa, de côres vivas e agradáveis, em muito contribuiram para o êxito de "Deliciae Populi", o mesmo se podendo dizer da admirável partitura musical que é "Scarlattiana" de Casella.

O vibrante e impetuoso "Arlecchino" foi interpretado com muita propriedade por Cristian Uboldi. Ady Addor, com a graça e leveza que lhe são peculiares, fôi uma encantadora "Rosetta". Juan Giuliano, vestendo a famosa máscara "Pulcinella" (êste sim, napolitano), soube transmitir ao público tôda a ingenuidade e a poesia necessárias. Alzira Mattar, fui uma brilhante "Isabella". Raul Severo fôi um convincente "Pastorello", sendo Noemia Wainer uma "Pastorella" romântica, sensível e de convincente fragilidade. Dentre os muito, destacou-se Ismael Guiser, o "Pantalone", máscara veneziana. Conjunto disciplinado, mantendo o devido equilíbrio. Regular a Orquestra Municipal de São Paulo, tendo a frente Nino Stinco.

Nos difíceis sólos de piano, atuou com muita proficiência a pianista Piera Brizzi.

"Sonata de Angustia", "ballet" mistério de Milloss, com música de Bela Bartok (Sonata para dois pianos e instrumentos de percussão), cenário e trajes de Darcy Penteado, foi o segundo número da noite. Interessante em sua concepção, revela a absoluta fidelidade com que Milloss trata a música, a ela submetendo inteiramente a coreografia, não apenas no que se refere ao ritmo, mas em sua estrutura profunda: arquitetura formal como sentimento. Além disso, Milloss procura dar às suas figuras plásticas um tague de sensibilidade e emoção românticas. Muito dançado, desenvolvido em animação contínua seguindo o ritmo constantemente renovado da música, de grande beleza, a "Sonata de Angústia" um bailado abstrato sem ser mecânico, filosófico sem ser psicológico. A admirável bailarina que é Lia Dell'Ara, com sua plástica impressionante e sua marcante personalidade, personificou de maneira perfeita "A Angústia". Majestoso e imponente, embora um pouco frio, esteve Edith Pudelko como a "Rainha da Ignota".

Muito convincentes também Cristian Uboldi ("A Fantasia"), Eduardo Sucena ("O Poeta") e Ismael Guiser ("O Espectro da Perdição"). Bons os demais. Ótima a participação pianística de Souza Lima e Piera Brizzi, respectivamente pianos primeiro e segundo piano. Muito sugestivos os trajes e cenário de Darcy Penteado.

"Caprichos", sarcasmo tragicômico de Milloss sôbre música de Strawinsky, com cenário e trajes de Toti Scialoja, constituiu-se em um divertido e agradável espetáculo, logrando alcançar grande sucesso. Lia dell'Ara, muito bem caracterizada, esteve admirável como a "Maitresse". Juan Giuliano, insuperável como o "boneco-regente", dando belas demonstrações de técnica e virtuosismo. Bons também Raul Severo e os demais, destacando-se o "grupo russo" (Ady Ador, Acir Giannaccini e Francisco Schwartz). Cenário simples e interessante o que não fallou uma nota de humor qual seja a inclusão da caricatura do compositor Igor Strawinsky, e trajes adequados. Uma nota destoante neste "ballet" foi porém o emprêgo da paura, que corresponde a uma negação do poder da mímica.

Com belos trajes e cenários de Flávio de Carvalho e música de Camargo Guarnieri, foi "A Cangaceira" o último número da noite. Segunda peça a programa, êste "ballet" retrata coreográfico de Milloss, Flávio de Carvalho e Camargo Guarnieri, não representa a história de uma cangaceira, mas é o quadro do seu destino. De concepção interessante, pecou porém por uma certa monotonia, resultando também bastante sombrio. Interpretação excelente, brilhando como "A Cangaceira" Edith Pudelko, ótima, ao piano, Lydia Simões, grande intérprete Camargo Guarnieri.

De modo geral, malgrado alguns senões já assinalados em nossas precedentes críticas, representa o "Ballet IV Centenário" uma realização de grande envergadura, digna dos melhores aplausos e que deve absolutamente continuar, a bem da arte brasileira.

O "Ballet IV Centenário" foi inaugurado em 1953 e, desde então, vem realizando uma série de espetáculos de assinatura, que se tornaram uma tradição em nossa vida artística. Todos os anos, o Teatro Municipal de São Paulo, abre as suas portas para uma temporada de bailados, sempre com novidades, com novos cenários e novos trajes, com novas coreografias, com novos bailarinos, com novos maestros, com novos solistas, com novos regentes, com novos tudo, enfim, que possa significar um progresso, um aperfeiçoamento, uma melhoria, uma ampliação, uma renovação, uma evolução, uma transformação, uma modificação, uma mudança, uma alteração, uma variação, uma diferença, uma inovação, uma novidade, uma originalidade, uma criação, uma invenção, uma descoberta, uma surpresa